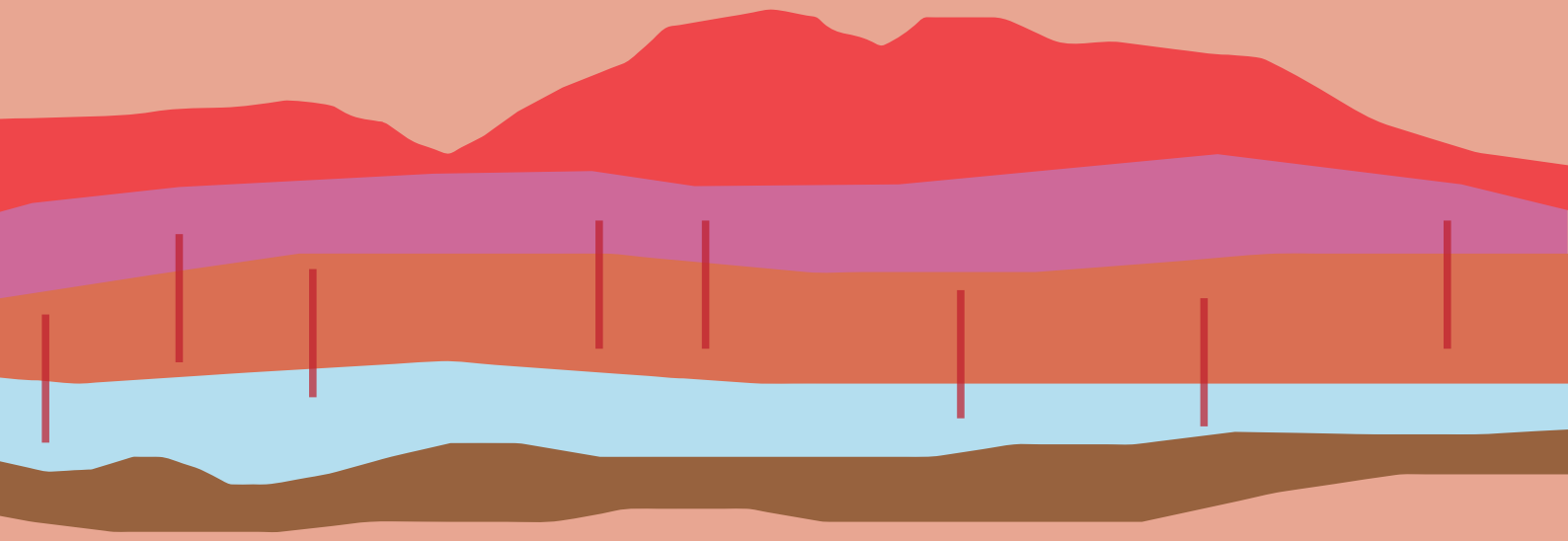
Percursos da cultura paisagística:

uma proposta para continuidades espaciais e temporais no entorno do **Sítio Roberto Burle Marx**

Fernanda Vieira Mello de Oliveira
Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Maya Monteiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO (FAU)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA PAISAGÍSTICA

Percursos da cultura paisagística:

uma proposta para continuidades espaciais e temporais no entorno do **Sítio Roberto Burle Marx**

Fernanda Vieira Mello de Oliveira
Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Maya Monteiro

Rio de Janeiro, 2022

Fernanda Vieira Mello de Oliveira

Percursos da cultura paisagística:
uma proposta para continuidades espaciais e temporais no entorno do Sítio Roberto Burle Marx

Dissertação de Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Paisagística da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Arquitetura Paisagística.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Maya Monteiro

Rio de Janeiro, 2022.

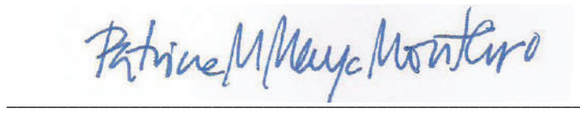
Banca examinadora

PERCURSOS DA CULTURA PAISAGÍSTICA: UMA PROPOSTA PARA CONTINUIDADES ESPACIAIS E TEMPORAIS NO ENTORNO DO SÍTIO ROBERTO BURLE MARX

FERNANDA VIEIRA MELLO DE OLIVEIRA

Dissertação de Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Paisagística da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Arquitetura Paisagística.

Aprovado por:



Prof(a). Dr(a). PATRÍCIA MENEZES MAYA MONTEIRO
Orientadora
(FAU/PROURB/UFRJ)

Prof(a). Dr(a). ANA RITA SÁ CARNEIRO RIBEIRO
Examinadora externa
(Laboratório da PaisagemMDU/UFPE)

Prof(a). Dr(a). MARIA ALTAGRACIA VILLALOBOS HERNÁNDEZ
Examinadora externa
(IIT College of Architecture)

Prof(a). Dr(a). LÚCIA MARIA SÁ ANTUNES COSTA
Examinadora interna
(MPAP/PROURB/FAU/UFRJ)

CIP - Catalogação na Publicação

M658p

Mello-Oliveira, Fernanda Vieira
Percursos da Cultura Paisagística: uma proposta para continuidades espaciais e temporais no entorno do Sítio Roberto Burle Marx / Fernanda Vieira Mello Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2022.
109 f.

Orientador: Patrícia Menezes Maya-Monteiro.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística, 2022.

1. arquitetura paisagística. 2. paisagem cultural. 3. entornos de patrimônio cultural. 4. Sítio Roberto Burle Marx. I. Maya-Monteiro, Patrícia Menezes, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às pessoas que estiveram presentes no processo de elaboração desta dissertação, direta ou indiretamente.

À minha mãe, Marianne, meu pai, Moisés, meu irmão, Rômulo e minha avó Maria Ely, por sempre me incentivarem em minha trajetória de formação profissional e pessoal.

À minha orientadora, Patrícia Maya, pela dedicação e pelo envolvimento na condução deste trabalho.

Às professoras membras da banca, Lúcia Costa, Ana Rita Sá Carneiro e Maria Villalobos, por serem referências acadêmicas e por trazerem suas contribuições na finalização do trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB) da UFRJ, e ao corpo docente do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística, por todo o conhecimento transmitido com exímia qualidade.

À equipe do Sítio Roberto Burle Marx (SRBM/IPHAN), por torná-lo um local de aprendizados cotidianos, que me desperta cada vez mais entusiasmo pela criação com a paisagem. Um agradecimento especial à equipe de jardineiros, pela inspiração na relação afetiva que demostram ter com as plantas; ao Marlon Souza, ao Carlos Moreira, e à Cláudia Storino, por terem concedido entrevistas e compartilhado seus conhecimentos sobre o Sítio, tornando-se fontes de informação para este trabalho.

Aos demais entrevistados, Maurício Reis, Cláudia Leandro, Bruna Leandro e Marisa Valente, pela disponibilidade em contribuírem ao trabalho com suas percepções e conhecimentos.

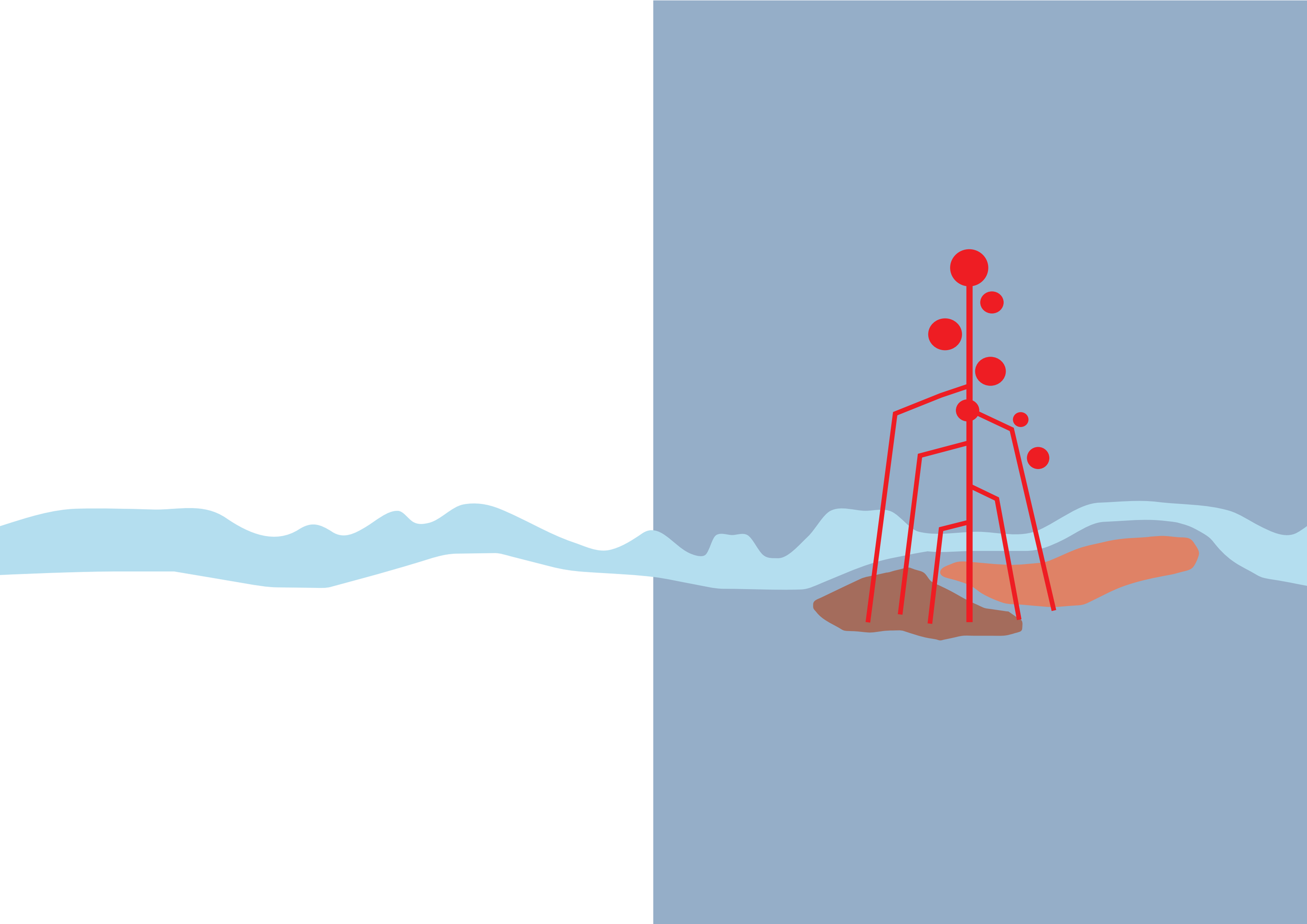
Aos também colegas do SRBM e amigos, Júlia e Caetano, pelo apoio no processo deste trabalho; à Júlia, em especial, que além de parceira profissional e acadêmica, é uma verdadeira irmã no Rio de Janeiro.

Às colegas do Mestrado, Narjara, Jane, Eduarda, Gisela, Diogo e Nara, pelas trocas estabelecidas nas aulas; à Narjara pela constante presença até os intensos momentos finais.

À Andrea, pela parceiria cotidiana e pela ajuda na composição visual e textual do trabalho.

Aos amigos de Florianópolis, por terem sido ilhas de carinho e pausas, em meio a este processo; às "neides" - Cami, Duda, Joice, Gabriel e Carol - e ao Dudu, pelas presenças mesmo na distância; à Cami, por tantas vezes me receber, e à Mari, pela contribuição no texto do projeto de pesquisa. Ao Roque, pela ajuda nas incessantes leituras do texto, pelo afeto e pelo apoio na etapa final.

E à todos os amigos e colegas, pessoas queridas de Florianópolis, Salvador ou Rio de Janeiro, que estiveram ao meu lado nos anos deste processo de trabalho em meio ao isolamento social, pelas significativas trocas virtuais ou presenciais.



Paths of landscape culture:
a proposal for space and time continuities in the surroundings of Sítio Roberto Burle Marx

ABSTRACT

This project consists in a landscape architecture intervention that produces “paths” in the surrounding area of Sítio Roberto Burle Marx (SRBM). It intends to contributes for a debate on other possible narratives for means of valuation and conservation of this cultural heritage, and on the connection it stablishes with the territory and inhabitants of its locality. Projects of spatial operation in the context of cultural properties are fostered by a multidimentional landscape perception, through a wide perspective of socio-cultural relations between heritage and territory. The SRBM is a declared heritage that evokes the memory of the tropical modern landscape, and it is listed as cultural landscape on UNESCO World Heritage List. Its territorial context is defined by the neighborhoods of Barra de Guaratiba and Ilha de Guaratiba, in West Zone of Rio de Janeiro. Through research about the relation between SRBM and the local history, forms of appropriation of this heritage in the local identity are conceived as a “landscape culture”, manifested in regional knowledge and ways of living. This intervention proposal seeks to reinforce the existing identity connections, and provides a symbolic aproppriation of this property by inhabitants and visitors of the locality. This work presents a reflection on the possible spatial and temporal continuities in the SRBM buffer zone area, by the dialogue about its landscape planning and the proposition of a system of leisure spaces. The designs for these spaces compose paths that represent other possibilities for landscape apprehension, emphasizing its natural and cultural singularities.

Keywords: landscape architecture; cultural landscape; surroundings of cultural heritage; Sítio Roberto Burle Marx.

Percursos da cultura paisagística:
uma proposta para continuidades espaciais e temporais no entorno do Sítio Roberto Burle Marx

RESUMO

A concepção de uma intervenção paisagística que conforme “percursos” na paisagem de entorno do Sítio Roberto Burle Marx (SRBM), visa contribuir para a reflexão sobre outras narrativas possíveis nas medidas de valorização e conservação deste patrimônio cultural, e sobre o vínculo que ele estabelece com o território e a população da localidade onde está inserido. Os projetos de atuação espacial no contexto de bens culturais são fomentados por uma percepção multidimensional da paisagem, a partir de um olhar amplo sobre as relações socioculturais existentes entre o bem e seu território. O SRBM é um patrimônio tombado que remete a memória do paisagismo modernista tropical, inscrito como paisagem cultural na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. Seu contexto territorial é delimitado pelos bairros de Barra de Guaratiba e Ilha de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Através do estudo sobre a relação entre as trajetórias do SRBM e da região, identificam-se formas de apropriação desse patrimônio na identidade local, que configuram uma “cultura paisagística”, expressa em saberes e formas de vida. Esta proposta de intervenção busca, então, reforçar os elos de identidade cultural existentes e propiciar uma apropriação simbólica deste bem pelos habitantes e visitantes dos bairros. Se estabelece uma reflexão sobre as potenciais continuidades espaciais e temporais no recorte da Zona de Amortecimento do SRBM, a partir da discussão sobre seu planejamento paisagístico e proposição de uma rede de espaços de lazer. Os desenhos destes espaços conformam percursos que representam outras possibilidades de percepção da paisagem, ressaltando suas singularidades naturais e culturais.

Palavras-chave: arquitetura paisagística; paisagem cultural; entornos de patrimônio cultural; Sítio Roberto Burle Marx.

Lista de abreviações

APAC	Área de Proteção do Ambiente Cultural
AP-5	Área de Planejamento 5
BRT	Bus Rapid Transport
ICOMOS	International Council of Monuments and Sites
IFLA	International Federation of Landscape Architects
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
INEA	Instituto Estadual do Ambiente – Estado do Rio de Janeiro
INEPAC	Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – Estado do Rio de Janeiro
PEPB	Parque Estadual da Pedra Branca
PEU	Plano de Expansão Urbana
RA	Região Administrativa
RBG	Reserva Biológica de Guaratiba
SRBM	Sítio Roberto Burle Marx
UC	Unidade de Conservação
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
ZA-SRBM	Zona de Amortecimento do Sítio Roberto Burle Marx (se coloca sigla criada?)

Lista de tabelas e gráficos

Tab. 01	Principais conceitos estudados e referenciais bibliográficos.
Tab. 02	Algumas espécies citadas nos Planos de Manejo das Unidades de Conservação existentes no recorte da ZA-SRBM.
Tab. 03	Fatores determinantes ao planejamento da ZA-SRBM.
Tab. 04	Valores intrínsecos e extrínsecos referentes a relação do SRBM com a paisagem de entorno.
Graf. 01	Crescimento populacional das RAs da AP-5 entre 1991 e 2010.

Lista de figuras

Fig. 01	Vista a partir do Sítio Roberto Burle Marx. Fotografia de Alair Gomes, 1970.
Fig. 02	Localização da bacia hidrográfica e da ZA-SRBM no Rio de Janeiro.
Fig. 03	Estrada Roberto Burle Marx na bacia hidrográfica e ZA-SRBM.
Fig. 04	Percursos da Paisagem em relação a estrada principal.
Fig. 05	Vista a partir do Sítio Roberto Burle Marx. Fotografia de Alair Gomes, 1970.
Fig. 06	Vista atual a partir do Sítio Roberto Burle Marx.
Fig. 07	Colagens manuais elaborados no processo de análise do território.
Fig. 08 - 13	Desenhos manuais elaborados no processo de concepção paisagística.
Fig. 14	APACs sobrepostas ao zoneamento urbanístico no Centro do Rio de Janeiro.
Fig. 15	Mapa corográfico na Galleria delle carte geografiche do Vaticano, por Ignazio Danti.
Fig. 16 - 22	Percursos e eixos visuais no Sítio Roberto Burle Marx.
Fig. 23 - 24	Praça da Casa Forte, em Recife, PE.
Fig. 25	Praça Euclides da Cunha, em Recife, PE.
Fig. 26	Parque do Barreiro, em Araxá, MG.
Fig. 27	Croquis do Parque do Barreiro, em Araxá, MG.
Fig. 28	Projeto para os jardins da residência Odette Monteiro .
Fig. 29	Painel em guache da proposta para os jardins da residência Odette Monteiro .
Fig. 30	Vista dos jardins da residência Odette Monteiro .
Fig. 31	Vista dos jardins da residência Odette Monteiro .
Fig. 32	Escultura no jardim da residência de Edmundo Cavanelas.
Fig. 33-34	Jardim do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ).
Fig. 35	Croquis de Burle Marx de jardim no Parque del Este, em Caracas, na Venezuela.
Fig. 36 - 39	Equipamentos urbanos em Copacabana.
Fig. 40	Roberto Burle Marx no Sítio Santo Antônio da Bica, 1961.
Fig. 41-42	Vistas da paisagem a partir do Sítio Roberto Burle Marx em 1970.
Fig. 43-44	Vistas aéreas da paisagem a partir do Sítio Roberto Burle Marx.
Fig. 45-47	Ripados e Jardim da Casa Principal, espaços no SRBM.
Fig. 48	Cozinha de Pedra, no SRBM.
Fig. 49-50	Jardim dos Lagos no SRBM.

Fig. 51 Ateliê, no SRBM.

Fig. 52 Fachada do Ateliê em construção.

Fig. 53 Planta baixa do terreno do SRBM.

Fig. 54 Esquema dos espaços do SRBM, com destaque ao circuito principal de visitação

Fig. 55 Visitação no SRBM.

Fig. 56 Eventos no SRBM, Jornadinha de Pintura.

Fig. 57 Mapa dos limites da Zona de Amortecimento do SRBM (ZA-SRBM).

Fig. 58-59 Roberto Burle Marx e auxiliares na pintura de telas.

Fig. 60 Roberto Burle Marx e toalha de mesa pintada por ele.

Fig. 61-67 Organização e realização da Festa de Santo Antônio no Sítio Santo Antônio da Bica, 1961.

Fig. 68 Localização da bacia hidrográfica dos Rios Portinho e Piracão na cidade do Rio de Janeiro.

Fig. 69 Localização da bacia hidrográfica dos Rios Portinho e Piracão, dos bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba, e da ZA-ZRBM.

Fig. 70 Localização da AP-5 e da R.A. de Guaratiba no Rio de Janeiro.

Fig. 71 Bairros da Região Administrativa de Guaratiba.

Fig. 72 Ilustração de Magalhães Corrêa representando guarás no manguezal.

Fig. 73 Igreja Matriz - Paróquia São Salvador do Mundo, em Ilha de Guaratiba.

Fig. 74 Capela de Nossa Senhora da Saúde, em Barra de Guaratiba.

Fig. 75-77 Mapas Zonas Agrícolas do Rio de Janeiro da década de 1950.

Fig. 78 Mapa com trajeto do bonde de Campo Grande, ativo até a década de 1960.

Fig. 79 Bonde Ilha de Guaratiba.

Fig. 80-81 Trajeto a caminho do SRBM na década de 1960

Fig. 82 Mapa com Unidades de Conservação e macrobacias na cidade do Rio de Janeiro.

Fig. 83 Mapa da bacia hidrográfica e áreas de proteção ambiental no território. .

Fig. 84 Ponte Gaspar Dutra no acesso para a restinga da Marambaia.

Fig. 85 Trecho da bacia hidrográfica sobre o recorte da ZA-SRBM.

Fig. 86 Uso do solo na R.A. de Guaratiba, sobreposiçao de áreas urbanizadas, áreas protegidas, e áreas de atividade agrícola ou de ocupação rarefeita.

Fig. 87 Antiga estrada da Serra da Grota Funda, anterior a Av. das Américas.

Fig. 88-90 Obra de abertura do Túnel José Alencar (Túnel da Grota Funda).

Fig. 91 Macrozoneamento Plano Diretor 2011, Lei Complementar 111/2011.

Fig. 92 Lei de Uso e Ocupação do Solo da AP-5 proposta em 2018.

Fig. 93 Programas em discussão no PEU Guaratiba, turismo sustentável e agroflorestas.

Fig. 94-95 Cultivo de plantas ornamentais do produtor Antônio Jóia.

Fig. 96-98 Cultivo de plantas ornamentais do produtor Hermínio Simões.

Fig. 99-100 Fernando Pereira e Sinval Pereira, jardineiros do SRBM.

Fig. 101-102 Primeira versão do projeto do Mercado Público de Plantas Ornamentais

Fig. 103-104 Versão mais recente do Centro de Referência dos Produtores de Plantas Ornamentais.

Fig. 105-106 Jardineiro trabalhando no Sítio Santo Antônio da Bica, 1961.

Fig. 107 Recortes das áreas analisadas: o território da bacia hidrográfica e a ZA-SRBM.

Fig. 108 Esquema com seções do mostrando topografia e tipos de solo.

Fig. 109 Tipos de cobertura dos solos mapeados.

Fig. 110 Cartografia dos aspectos biofísicos.

Fig. 111 Esquema da configuração viária e conexão com bairros próximos.

Fig. 112 Cartografia dos aspectos urbanos.

Fig. 113 Cartografia da trajetória sociocultural.

Fig. 114 Localização esquemática do cultivo e do comércio de plantas ornamentais e do SRBM.

Fig. 115 Imagem ilustrativa das características identificadas no território.

Fig. 116 Delimitação da ZA-SRBM definida no Dossiê de Candidatura.

Fig. 117 Delimitação da ZA-SRBM sugerida, com acréscimo de áreas na porção norte e sul.

Fig. 118 Mapa de cobertura do solo e vegetação na ZA-SRBM.

Fig. 119-120 Imagem e espécies citadas nas áreas de vegetação arbórea.

Fig. 121-124 Imagens representativas e espécie citada da área de brejo.

Fig. 125-126 Imagens representativas e espécies citadas da área de manguezal.

Fig. 127 Imagem representativa da área de vegetação herbácea.

Fig. 128 Imagem representativa das áreas de cultivo agrícola.

Fig. 129 Imagem representativa das áreas ajardinadas.

Fig. 130 Colagem de seção esquemática com espécies relevantes da fauna e flora local.

Fig. 131 Mapa da presença da água na ZA-SRBM.

Fig. 132-135 Locais de alagamento nas estradas.

Fig. 136 Saída de curso d'água em frente ao SRBM.

Fig. 137 Imagem ilustrativa da presença das águas no recorte.

Fig. 138 Mapa de uso do solo e sistema viário na ZA-SRBM.

Fig. 139 Mapa com principais estradas do eixo de conexão central dos bairros.

Fig. 140 Antiga Estrada da Serra da Grota Funda, anterior a Av. das Américas.

Fig. 141 Imagens satélite do eixo central de cruzamento viário entre os bairros, antes e depois da abertura do túnel da Grota Funda.

Fig. 142 Imagens do eixo central de cruzamento viário entre os bairros, antes e depois da abertura do túnel da Grota Funda.

Fig. 143-144 Estação de BRT Ilha de Guaratiba, vista para a Estrada Roberto Burle Marx.

Fig. 145 Vista do local onde hoje está a Av. D. João VI, em 2010, anteriormente à sua implantação.

Fig. 146-148 Estrada Estrela da Tarde antes, durante e depois da construção do túnel da Grota Funda.

Fig. 149-150 Estação de BRT e túnel para travessia de pedestres na Av. das Américas, Barra da Tijuca.

Fig. 151 Túnel para travessia de pedestres na Av. D. João VI.

Fig. 152 Mapa dos locais socioculturais e espaços livres na ZA-SRBM.

Fig. 153-154 Mirante em desuso na Av. das Américas e ruína de hotel abandonado próximo ao posto de gasolina.

Fig. 155 Imagem esquemática dos espaços livres 1, 2, 3 e 4.

Fig. 156 Localização das seções esquemáticas no mapa da ZA-SRBM.

Fig. 157 Seções esquemáticas transversais ao percurso da ZA-SRBM.

Fig. 158 Imagens fotográficas nos trechos do percurso pela ZA-SRBM.

Fig. 159 Esquemas ilustrativos das diretrizes ambientais.

Fig. 160 Esquemas ilustrativos das diretrizes culturais.

Fig. 161 Recorte da paisagem de intervenção, a ZA-SRBM somada a áreas adjacentes.

Fig. 162 ZA-SRBM e áreas adjacentes propostas para inclusão.

Fig. 163 Vista aérea da paisagem a partir do SRBM.

Fig. 164 Colagem fotográfica do jardim da fachada do SRBM.

Fig. 165 Planta baixa do jardim da fachada do SRBM.

Fig. 166 Macrozoneamanto da PLC 44/2021, em discussão para o Plano Diretor do Rio de Janeiro.

Fig. 167-169 Propostas de Legislação Urbanística do recorte da bacia hidrográfica e da ZA-SRBM.

Fig. 170 Polos cariocas presentes na ZA-SRBM.

Fig. 171 Sobreposição do zoneamento urbano em discussão no P.D. 2021 e dos Polos Cariocas definidos no recorte.

Fig. 172 Proposta de setorização da APAC Ilha-Barra Guaratiba.

Fig. 173 Destaque para os Percursos da Paisagem propostos no Eixo cultural.

Fig. 174 Indicação do Percurso Ilha e do Percurso Barra na perspectiva aérea da ZA-SRBM.

Fig. 175 Localização dos Percursos da Paisagem no mapa da ZA-SRBM.

Fig. 176 Localização do Percurso Ilha na ZA-SRBM.

Fig. 177 Configuração atual das vias no cruzamento central.

Fig. 178 Configuração proposta para as vias no cruzamento central.

Fig. 179 Indicação dos espaços livres no Percurso Ilha.

Fig. 180 Localização do Caminho das Plantas Ornamentais no Percurso Ilha. Indicação do ângulo da imagem em perspectiva.

Fig. 181 Encontro da alça de acesso com a Est. Roberto Burle Marx. Imagem base da perspectiva do Caminho das Plantas Ornamentais.

Fig. 182 Perspectiva do Caminho das Plantas Ornamentais.

Fig. 183 Localização do Caminho das Plantas Ornamentais no Percurso Ilha.

Fig. 184 Croquis do projeto.

Fig. 185 Ilustrações esquemáticas da proposta para o Caminho das Plantas Ornamentais.

Fig. 186 Planta baixa do Caminho das Plantas Ornamentais.

Fig. 187 Corte AA' do Caminho das Plantas Ornamentais.

Fig. 188 Localização do Parque das Américas no Percurso Ilha.

Fig. 189 Alça de retorno da bifurcação da Av. das Américas. Imagem base da perspectiva.

Fig. 190 Perspectiva do Parque das Américas.

Fig. 191 Localização do Parque das Américas no Percurso Ilha.

Fig. 192 Croquis de trecho da proposta.

Fig. 193 Ilustrações esquemáticas da proposta espacial para o Parque das Américas.

Fig. 194 Planta baixa do Parque das Américas

Fig. 195 Corte AA' do Parque das Américas.

Fig. 196 Localização do Percurso Barra na ZA-SRBM.

Fig. 197 Percurso Barra e espaços da proposta.

Fig. 198 Localização do Passeio Burle Marx no Percurso Barra.

Fig. 199 Portão de acesso do SRBM. Imagem base da perspectiva do Passeio Burle Marx.

Fig. 200 Perspectiva 1 do Passeio Burle Marx.

Fig. 201 Estrada em frente ao SRBM. Imagem base da perspectiva do Passeio Burle Marx.

Fig. 202 Localização do Passeio Burle Marx no Percurso Barra.

Fig. 203 Perspectiva 2 do Passeio Burle Marx.

Fig. 204 Localização do Passeio Burle Marx no Percurso Barra.

Fig. 205 Ordem das Zingiberales, representantes do cultivo de plantas de corte no SRBM.

Fig. 206 Ilustrações esquemáticas da proposta para o Passeio Burle Marx.

Fig. 207 Planta baixa 1 do Passeio Burle Marx.

Fig. 208 Planta baixa 2 do Passeio Burle Marx.

Fig. 209 Corte AA’ do Passeio Burle Marx.

Fig. 210 Localização do Caminho do Mangue no Percurso Barra.

Fig. 211 Vista da Serra Geral da Barra de Guaratiba. Imagem base da perspectiva.

Fig. 212 Perspectiva do Caminho do Mangue.

Fig. 213 Localização do Caminho do Mangue no Percurso Barra.

Fig. 214 Ilustrações esquemáticas da proposta espacial para o Caminho do Mangue.

Fig. 215 Planta baixa do Caminho do Mangue.

Fig. 216 Corte AA’ do Caminho do Mangue.

Fig. 217 Croquis de estudo da proposta de intervenção paisagística sobre os espaços que compõem os Percursos Ilha e Barra.

Fig. 218 Desenhos esquemáticos dos totens ao longo dos percursos.

Fig. 219 Frames da coreografia “The Season March”, de Pina Bausch.

Fig. 220 Croquis dos totens.

SUMÁRIO

1. Introdução PÁG. 22

1.1. Justificativa pág. 30
1.2. Objetivos pág. 31
1.3. Materiais e Métodos pág. 32
1.4. Estrutura pág. 35

2. Os tempos na paisagem: PÁG. 36
memória e continuidade no entorno de bens culturais

2.1. A paisagem no tempo: cultura, símbolos e memória pág. 40
2.2. Os instrumentos de salvaguarda: patrimônio paisagístico e entorno de bens culturais pág. 42
2.3. O desenho da paisagem: elo da continuidade do tempo pág. 48
2.4. A inspiração atemporal: arte e ecologia na obra de Roberto Burle Marx pág. 52

3. Entorno do Sítio Roberto Burle Marx: PÁG. 62
entre montanhas, mangues e mar

3.1. Sítio Roberto Burle Marx pág. 66
2.1.1. História, valor cultural e processo de tombamento *pág. 67*
2.1.2. Patrimônio Mundial e Zona de Amortecimento *pág. 72*
2.1.3. Relação com a região de entorno *pág. 76*
3.2. Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba: montanhas, mangues e mar pág. 80
2.2.1. Bairros, delimitação e características ocupacionais *pág. 82*
2.2.2. Trajetória de ocupação *pág. 84*
2.2.3. Características ambientais *pág. 88*
2.2.4. Características urbanas, pressões socioespaciais *pág. 92*
2.2.5. Panorama da lesgislação de planejamento territorial *pág. 96*
3.3. Cultura paisagística: saberes, práticas e modos de vida pág. 100

4. Representações e análise territorial PÁG. 108

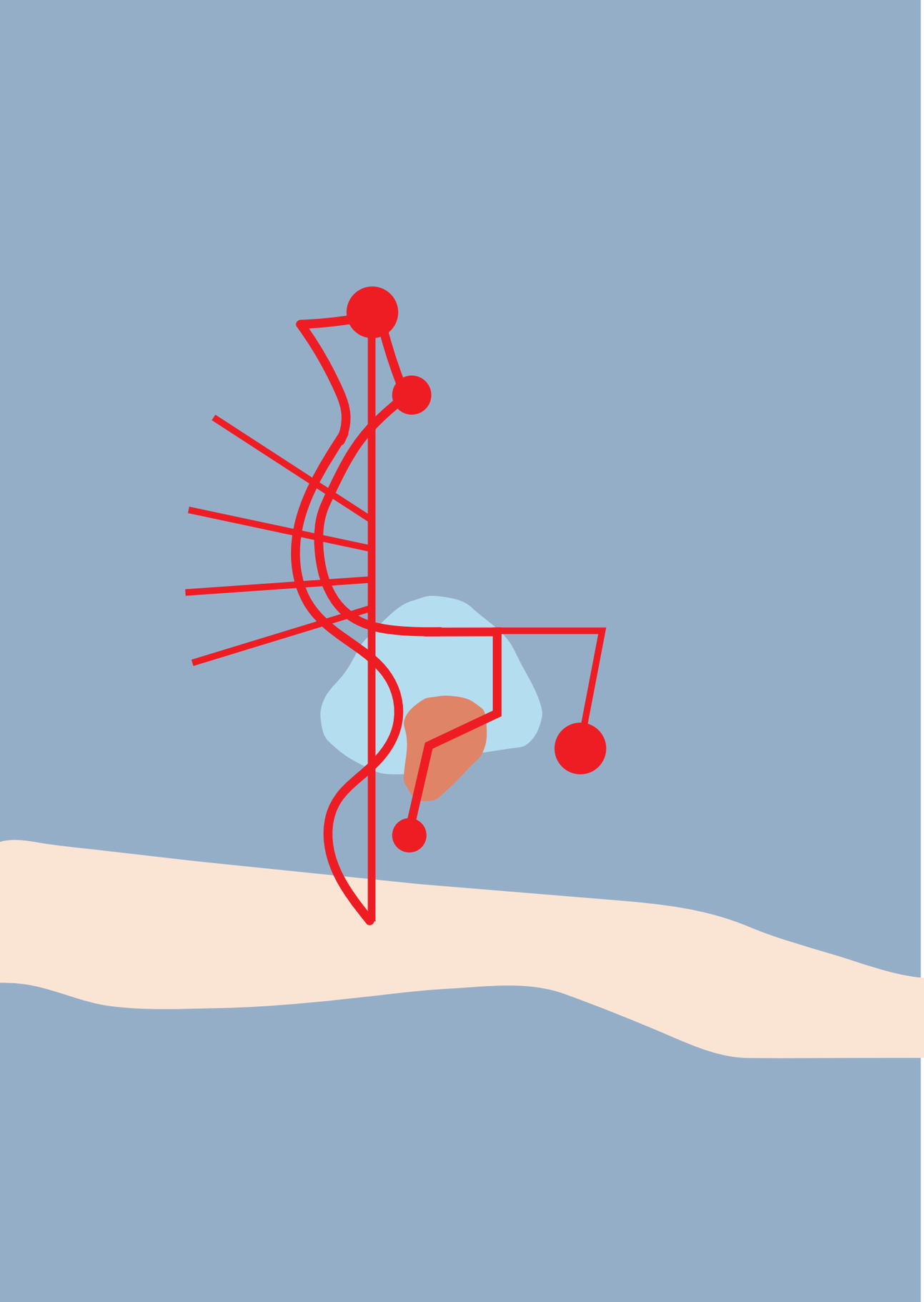
4.1. Território-recorte: bacia hidrográfica pág.112
4.2. Zona de Amortecimento SRBM pág. 120
4.1. Sínteses espaciais pág. 144

5. Intervenção: percursos da paisagem PÁG. 146

5.1. Planejamento paisagístico para ZA-SRBM ampliada pág. 150
4.1.1. ZA-SRBM *pág. 150*
4.1.2. Planos atuais *pág. 155*
4.1.3. Sobreposições: APAC Ilha-Barra de Guaratiba *pág. 158*
5.2. Desenhos: Percurso Ilha e Percurso Barra pág. 160
4.2.1. Percurso Ilha *pág. 162*
4.2.2. Percurso Barra *pág. 182*
4.2.3. Totens temporais *pág. 206*

6. Considerações finais PÁG.208

Referências bibliográficas PÁG. 212



1. Introdução

O trabalho aqui desenvolvido se propõe a conceber uma proposta preliminar de intervenção paisagística na área de entorno de um patrimônio cultural que possui imenso valor para a memória do paisagismo modernista carioca, brasileiro e mundial: o Sítio Roberto Burle Marx (SRBM, ou apenas Sítio). A complexidade que envolve a narrativa deste bem, do território onde está localizado e das discussões acerca do patrimônio cultural paisagístico, conduziu a um exercício de pesquisas, reflexões e análises investigativas, que dessem subsídios à elaboração desta proposta de intervenção. Assim, esta dissertação aborda a temática da memória na paisagem, os debates em torno da salvaguarda do patrimônio paisagístico, a trajetória da obra de Roberto Burle Marx e do Sítio, e as atuações contemporâneas da arquitetura da paisagem associada a bens culturais. Além disso, se desenvolve extensa investigação sobre o território onde está localizado o SRBM (Figura 01), em sua espacialidade física, em sua trajetória sociocultural, seus ecossistemas e questões urbanísticas do seu entorno. Percebe-se, assim, que o processo dessa concepção paisagística envolve uma diversidade temática, tal qual é diverso o próprio conceito de paisagem, que tem por essência a multiplicidade de perspectivas na sua interpretação (BESSE, 2006; COSGROVE; CORNER, 1999).

Busca-se neste desenvolvimento reforçar especialmente o viés da trajetória cultural e da memória que o SRBM estabelece em seu contexto espacial. Este trabalho aborda, portanto, o tempo na paisagem: discute as possibilidades futuras, com atenção aos processos do passado que produzem suas memórias, e às permanências no presente que estabelecem narrativas (LOWENTHAL, 1965; MAROT; CORNER, 1999). O tempo forma um constante elo de continuidade na paisagem; "é um tecido no qual presente, passado e futuro se entrelaçam" (DELPHIM, 2021). Esse entrelace se revela através de elementos que se mantém na sucessão da vida, sejam eles objetos físicos, espaços, práticas, saberes, elementos que definem o próprio caráter da paisagem. A proteção destes elementos como patrimônios coletivos que resguardam memórias e valores culturais de uma sociedade, se diferem conforme as especificidades destes. O patrimônio paisagístico apresenta desafios específicos em suas medidas de proteção, que por sua condição multidimensional, envolve uma sobreposição de valores culturais de aspectos tangíveis e intangíveis. Reconhecer as memórias que se manifestam em uma paisagem passa por identificar as condições singulares de relações entre as estruturas socioculturais humanas e o meio natural (RIBEIRO, 2016). E intervir sobre a paisagem, conforme orienta a Carta da Paisagem das Américas (2018) passa por considerar o palimpsesto espacial e temporal dos territórios, situando suas pré-existências e suas continuidades.

O patrimônio paisagístico aqui apresentado, o Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx, é uma unidade especial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artísitico Nacional (IPHAN), que fica localizada em Barra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A propriedade - que foi residência e laboratório de experimentação paisagística de Roberto Burle Marx - é atualmente um bem tombado nas esferas federal, estadual e municipal, além de ter recebido no ano de 2021 a chancela da UNESCO (União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como Patrimônio da Humanidade, na categoria paisagem cultural. A partir do processo de concessão desta chancela, novos debates se abrem sobre sua presença no território em que está inserido. Para Ribeiro (2019), os benefícios centrais da inscrição de bens culturais na Lista do Patrimônio Mundial estão



Figura 01: Vista a partir do Sítio Roberto Burle Marx. Fotografia de Alair Gomes, de 1970.
Fonte: IPHAN, 2019.

nas possibilidades de articulação política entre instituições gestoras para sua valorização e salvaguarda. Este fator soma-se ao apoio da comunidade internacional na proteção do bem e à visibilidade turística proporcionada, que tende a atrair olhares e investimentos para a área de inserção das propriedades inscritas. Como medida que contribui para as possibilidades de influência do SRBM sobre seu entorno espacial está a delimitação de uma Zona de Amortecimento (ou *buffer zone*) - aqui também referida pela sigla ZA-SRBM - determinada no Dossiê de Candidatura enviado à UNESCO, em 2019. A ZA-SRBM estabelece um recorte territorial com potencial de reforçar elos culturais entre Sítio, sua paisagem de entorno e a população que nela habita (IPHAN, 2019).

Este recorte está inserido na porção central entre os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba, que estão situados na mesma bacia hidrográfica (Figura 02) e apresentam condições geográficas - entre uma cadeia montanhosa e uma porção de terras alagadiças - que ocasionaram uma lenta e tardia urbanização de seus territórios (HERZOG, 2008). Com isso, a ocupação do solo na região é marcada pela predominância de unidades de conservação ambiental - como a Reserva Biológica de Guaratiba (RBG) e parte do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) - e por uma ainda presente característica rural, com baixa densidade construtiva e significativa parcela de áreas voltadas ao cultivo agrícola. Dentre os cultivos locais, o atualmente mais expressivo é o de plantas ornamentais, tornando a localidade um polo municipal neste setor (SMU-Rio, 2013). A atividade teve início na região após a chegada dos

irmãos Roberto e Siegfried Burle Marx na década de 1950, que contrataram moradores dos bairros do entorno para trabalhar na coleção de plantas tropicais para uso em paisagismo que ali formavam. Foi a partir do contato com Burle Marx que os habitantes locais passaram a perceber as potencialidades econômicas na produção de plantas ornamentais, passando a cultivá-las nos quintais e abrindo hortos comerciais, que logo se propagaram pela região. Estes eram chamados pelos Burle Marx de "satélites" do Sítio (IPHAN, 2019). Atualmente, percebe-se a peculiaridade desta produção por sua relação histórica associada à trajetória do paisagista brasileiro de maior referência no século XX. Pode-se perceber, assim, uma forma de projeção do SRBM na paisagem do entorno, que configura uma "cultura paisagística". Ela se manifesta na simbiose entre o SRBM, os hortos, as áreas produtivas e a paisagem local com ecossistemas preservados, conduzindo a uma dinâmica sociocultural associada a práticas e saberes em torno da botânica, do paisagismo, da horticultura e da jardinagem.

Através da pesquisa e análise sobre o recorte da ZA-SRBM e seu território de inserção, pode-se então conduzir a uma proposição de intervenção paisagística. Para isto, faz-se uso da representação cartográfica sobreposta, visando uma interpretação múltipla da paisagem (COSGROVE; CORNER, 1999). Salienta-se nessas representações os aspectos biofísicos, socioculturais e urbanísticos do território, buscando uma identificação dos espaços livres estratégicos, e das potencialidades e problemáticas que gerem diretrizes de atuação (TARDIN, 2008). Estas análises auxiliam na busca por medidas que integrem as questões determinantes sobre a paisagem, de viés ambiental, cultural, social e associados às infraestruturas urbanas, tendo como eixo condutor sua relação com o SRBM. Segundo Schlee (2017), as Zonas de Amortecimento dos patrimônios da humanidade são espaços voltados ao auxílio para conservação, valorização e difusão cultural das propriedades inscritas, e têm a potencialidade de contribuir para a articulação dos bens culturais com o tecido urbano, a comunidade local e a paisagem.

A elaboração da proposta de intervenção se conduz, então, sobre duas escalas de atuação: a da ZA-SRBM (Figura 03) e a dos percursos de lazer propostos no entorno do SRBM (Figura 04). Na primeira, a contribuição se dá no campo do planejamento da paisagem, em que se discute a influência da proteção ao patrimônio cultural nos projetos de urbanização, e se sustenta pela investigação dos instrumentos institucionais existentes (MOTTA; THOMPSON, 2010). Já no segundo, aproxima-se nos espaços livres identificados dentro do recorte da ZA-SRBM e áreas adjacentes, para concepção de projetos preliminares de paisagismo. Os locais sugeridos para intervenção estão dispostos ao longo da Estrada Roberto Burle Marx, caminho principal em que se percorre o bairro - que tem disposição linear da estrutura urbana, devido à sua configuração geográfica e características rurais. Com isso, os espaços propostos conformam desvios sutis a este eixo, formando percursos alternativos na forma de experienciar a paisagem. Os Percursos da Paisagem conformam, assim, uma contribuição a outras possíveis narrativas sobre a cultura paisagística existente no local, ressaltando-a e entendendo-a como potência de continuidade da relação entre o Sítio e sua paisagem (Figura 05 e 06).

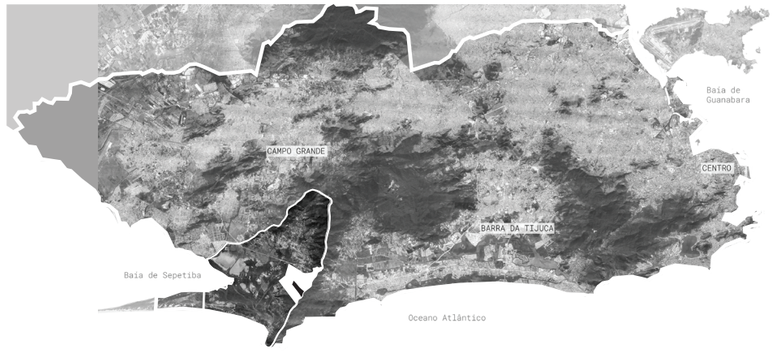


Figura 02: Localização da bacia hidrográfica e da ZA-SRBM no Rio de Janeiro.
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Google Earth 2020.

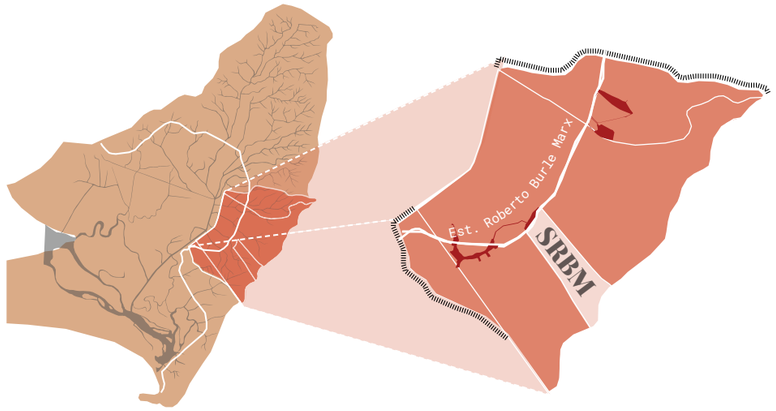


Figura 03: Estrada Roberto Burle Marx na bacia hidrográfica e ZA-SRBM.
Fonte: Elaborada pela autora.

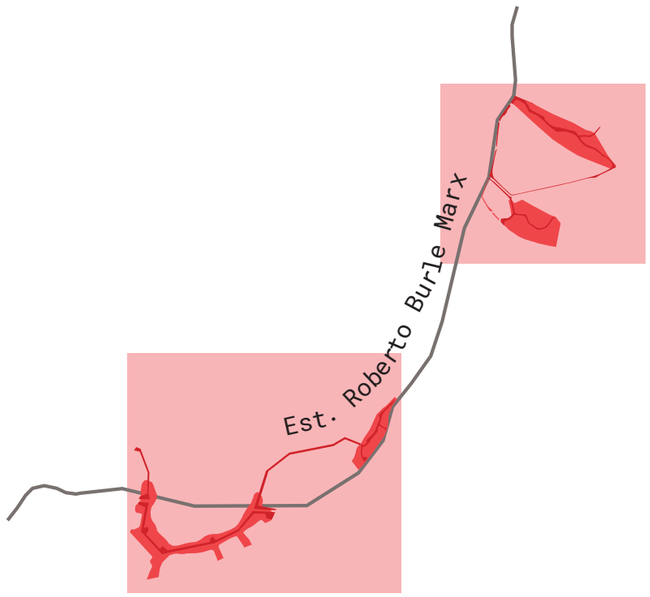


Figura 04: Percursos da Paisagem em relação a estrada principal.
Fonte: Elaborada pela autora.



Figura 05: Vista a partir do Sítio Roberto Burle Marx. Fotografia de Alair Gomes, de 1970.
Fonte: IPHAN, 2019.



Figura 06: Vista atual a partir do Sítio Roberto Burle Marx.
Fonte: A autora, 2021.

1.1. Justificativa

O desenvolvimento desta proposta de intervenção associa-se ao contexto de inscrição do Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, no ano de 2021, fator que fomenta uma maior necessidade de discussão sobre a relação deste bem cultural no seu contexto territorial de inserção. A inscrição na Lista gera compromissos a serem respondidos pelo Estado-parte (a representação institucional da propriedade inscrita) para as Comissões do Patrimônio Mundial, que reportem progressos na garantia das condições de salvaguarda do bem cultural. O Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), organização associada à UNESCO que avalia e submete recomendações para os bens inscritos, em seu relatório sobre as propriedades nomeadas em 2021, expõe preocupações centrais a serem abordadas na salvaguarda do SRBM. Aponta-se no documento extensa preocupação com fatores externos, como a pressão vinda da expansão urbana, e sugere-se uma maior articulação do bem com a paisagem, o tecido urbano e a comunidade local (ICOMOS, 2021).

Foi a partir do processo de candidatura do SRBM para esta inscrição que se demarcou uma Zona de Amortecimento no entorno da propriedade, possibilitando novas perspectivas para atuação da instituição na região em que se localiza. O Dossiê de Candidatura do SRBM aponta, então, como um dos princípios para definição da sua Zona de Amortecimento a "configuração de um ambiente propício para conservação, percepção e usufruto dos atributos de seu Valor Universal Excepcional" (p. 448, IPHAN, 2019).

Desta forma, a importância da proposta se justifica pela situação de transição na configuração urbana do território, que passa por transformações aceleradas nos anos recentes, em decorrência do processo de expansão urbana pelo qual passa. Este fator ocasiona o aumento populacional da localidade e, com isso, a densificação ocupacional do solo, levando à conflitos ambientais e socioespaciais, que afetam a proteção das Unidades de Conservação, o estilo de vida, a permanência da atividade agrícola, e assim, a constituição desta paisagem. Essas mudanças representam também ameaças à conservação do SRBM, onde já se percebe transformações visuais do seu entorno e as pressões sobre os ecossistemas influenciando a proteção de seu acervo vivo.

Soma-se a justificativa para concepção deste trabalho uma motivação de viés pessoal, visto que a autora compõe a Divisão Técnica da equipe do SRBM desde de 2019, possuindo proximidade com o bem cultural e com a localidade. Com isso, ressalta-se o desejo de ampliar o debate sobre a potencialidade de atuação cultural do Sítio nos bairros de seu entorno, e de associar este legado de Roberto Burle Marx às formas contemporâneas de atuação paisagística.

1.2. Objetivos

1.2.1. Gerais:

Este trabalho tem por principal fim o desenvolvimento de uma proposta de intervenção paisagística no recorte da Zona de Amortecimento do Sítio Roberto Burle Marx (ZA-SRBM) e áreas adjacentes acrescentadas a ela. Aborda-se uma discussão sobre o planejamento e o projeto preliminar paisagístico, tendo como base a valorização da *cultura paisagística* observada no local de estudo, entendida como um aspecto cultural que conecta o SRBM com a paisagem e a população de entorno.

1.2.2. Específicos:

- Ampliar o debate sobre atuação espacial no entorno de patrimônios culturais, se aprofundando nos temas sobre paisagem cultural e zonas de amortecimento de Patrimônios da Humanidade;
- Conceber uma discussão que envolva a memória e os símbolos culturais na paisagem, associando-a a atuação contemporânea da arquitetura paisagística;
- Pesquisar a trajetória histórica do Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) e sua relação com a paisagem e a população do local onde está localizado;
- Inspirar-se nos estudos e relatos sobre os conceitos e formas de criação empregadas por Roberto Burle Marx;
- Fazer um levantamento de informações diversas sobre o território que compreende os bairros de Barra de Guaratiba e Ilha de Guaratiba;
- Realizar uma investigação, especialmente a partir de entrevistas, sobre a relação entre Sítio, a produção agrícola de plantas ornamentais, e os saberes locais que configuram uma cultura paisagística no território delimitado;
- Elaborar representações dessa paisagem, por cartografias e outras formas de imagem, a fim de conceber uma interpretação ilustrativa e que componha uma sobreposição de informações de distintas naturezas;
- Estruturar diretrizes de intervenção espacial, de modo que sejam contempladas nas propostas de desenho dos espaços;
- Conceber um debate sobre a Zona de Amortecimento do SRBM (ZA-SRBM), seus limites espaciais e os instrumentos de planejamento da paisagem existentes neste recorte;
- Designar locais estratégicos no recorte da ZA-SRBM para propor desenhos de espaços de lazer que sejam ativadores culturais aos bairros onde se localiza;
- Adotar um processo criativo para intervenção baseado nas diretrizes desenvolvidas pela pesquisas realizadas, e também pela subjetivação da forma, dos conceitos e da apreensão da paisagem.

1.3. Materiais e métodos

Para elaboração desta dissertação, adotou-se uma sequência diversa de meios que pudessem dar suporte à concepção dos objetivos desejados.

Para o aporte teórico, desenvolveu-se uma revisão bibliográfica em torno das temáticas da paisagem, cultura e memória; dos instrumentos patrimoniais; da representação e análise da paisagem; do desenho paisagístico contemporâneo, associado aos espaços culturais, ao tempo, e às infraestruturas urbanas; e dos conceitos na obra de Roberto Burle Marx.

Realizou-se uma investigação sobre o território de atuação, a partir de materiais diversos como publicações sobre a região e documentos envolvendo as instituições envolvidas - o Sítio Roberto Burle Marx sob gestão do IPHAN, as Unidades de Conservação, RBG (Reserva Biológica de Guaratiba) e PEPB (Parque Estadual da Pedra Branca), sob gestão do INEA e a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Além destes, a análise territorial fez intenso uso de mapas, imagens fotográficas, e imagens aéreas de satélite.

A partir dos materiais analisados, elaborou-se um trabalho de representação da paisagem através de ilustrações digitais. Buscou-se sobrepôr informações diversas nestas imagens, concebendo uma leitura cartográfica, visual e sensorial da paisagem (Figura 07). As informações foram estruturadas com a análise dos aspectos biofísicos, socioculturais e urbanísticos do território.

Conduziu-se visitas a campo, a partir da ida rotineira da autora para a região, como frequentadora não-residente. No entanto, a elaboração deste trabalho se deu em sua totalidade no contexto da pandemia global do Covid-19, em que se orientaram medidas públicas de isolamento social. As visitações ao local dependeram, assim, das diferentes medidas adotadas em distintos períodos, sendo em alguns momentos mais ocasionais, e em outros, diárias. A presença no local possibilitou uma observação de suas características e dinâmicas de uso. Nesses momentos, pôde-se realizar anotações, croquis, e registros fotográficos. Vale salientar que a autora tem contato recente com os bairros e com a cidade do Rio de Janeiro, ocasionando uma perspectiva externa do local, que se contrapõe ao atual contato cotidiano que possui.

Como forma de levantamento e investigação de informações sobre os bairros e a relação com o SRBM, realizou-se também entrevistas com representações institucionais e técnicas das entidades envolvidas no tema, e profissionais conhecedores da região. Em 2021, foram feitas seis entrevistas em formato semi-estruturado, com elaboração prévia de um roteiro temático dos assuntos a serem abordados com cada entrevistado. Foram esses, em sequência cronológica de realização das entrevistas: 1) ***Marlon da Costa Souza*** é chefe da Divisão Técnica do SRBM, morador e nativo de Ilha de Guaratiba, e tem relação próxima com a história do Sítio, visto que seu tio, Evanir Souza, foi encarregado de confiança de Burle Marx, e junto ao seu irmão e pai de Marlon, um dos precursores no cultivo de plantas ornamentais no bairro; 2) ***Maurício Reis*** é arquiteto e foi gestor da Reserva Biológica de Guaratiba (RBG/INEA) até o ano de 2021; 3) ***Cláudia Leandro da Silva e Bruna Leandro da Silva*** são empresárias fundadoras do Plantação Local Guaratiba, projeto que facilita o contato entre produtores de plantas de Ilha de Guaratiba e compradores, visando valorizar a região como Polo de Planta Ornamentais da cidade; 4) ***Cláudia Maria Pinheiro Storino*** é a atual diretora do SRBM/IPHAN, e atuou no processo de inscrição do bem na Lista do Patrimônio Mundial; 5) ***Marisa Valente*** é técnica da Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro (SMU-Rio), e foi gerente de Planejamento Local da AP-5 (Área de Planejamento 5, onde está a R.A. de Guaratiba), no período de elaboração do Plano de Expansão Urbana (PEU) em 2018 e no contexto da delimitação da Zona de Amortecimento do SRBM em 2019, no qual auxiliou nas discussões; e 6) ***Carlos Alberto Moreira da Silva*** é atual coordenador da equipe de jardinagem do SRBM, morador e nativo de Barra de Guaratiba, possuindo longa relação com o Sítio, visto que trabalhou junto a Burle Marx, assim como seu pai, Manoelino Moreira, que foi um estimado jardineiro da equipe, e seu irmão Tobson Luiz Moreira. O contato com os entrevistados incluiu também uma visita junto à Bruna Leandro, ao cultivo de dois produtores locais de plantas ornamentais, Antônio Crisostomo (seu Antônio Jóia) e Hermínio Campos Simões, em que se conduziu uma breve conversa com eles.

O processo de elaboração da proposta de intervenção paisagística foi desenvolvido como uma análise-desenho, em que o levantamento das características do local de atuação foi condutor das diretrizes de projeto. Para a discussão sobre o planejamento paisagístico da ZA-SRBM, realizou-se um estudo sobre as propostas do Plano Diretor Municipal dentro do recorte, aprovadas ou em discussão, além de outras determinações legais relevantes para a espacialidade cultural desta paisagem.

Já para a concepção projetual nos espaços designados para locais de lazer, adotou-se instrumentos diversos de criação a partir de croquis manuais, desenhos livres, colagens manuais e digitais. Buscou-se inspirar no processo criativo de Burle Marx, adotando os desenhos com tinta acrílica sobre a planta baixa, para adotar uma plasticidade sensitiva na estruturação geral dos espaços (Figuras 08 a 13). Além disso, realizou-se uma constante pesquisa sobre as espécies vegetais relevantes para a localidade e com relevância no uso em projeto paisagístico. As imagens finais, com desenhos paisagísticos, ilustrações e colagens, foram realizadas por *softwares* de criação digital.



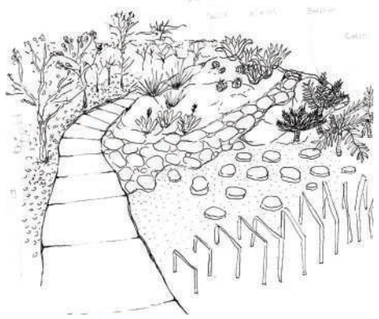
Figura 07: **Colagens manuais elaborados no processo de análise do território.**
Fonte: A autora, 2021.

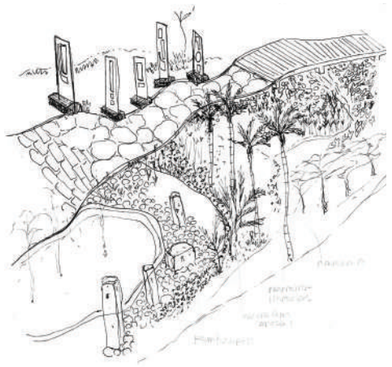












Figuras 08, 09, 10, 11, 12 e 13: **Desenhos manuais elaborados no processo de concepção paisagística.**
Fonte: A autora, 2021.

1.4. Estrutura

Este trabalho está estruturado em seis capítulos:

No primeiro capítulo, a introdução, é feita a apresentação geral sobre as temáticas envolvidas e uma exposição de justificativas, objetivos, materiais e métodos e estrutura do trabalho.

O segundo capítulo disserta sobre a abordagem conceitual envolvendo o tempo na paisagem e está organizado em quatro seções. A primeira discorre sobre questões mais amplas envolvendo a paisagem, sua dimensão cultural, simbólica e as memórias; a segunda trata dos instrumentos de salvaguarda da paisagem enquanto patrimônio cultural; a terceira, do projeto paisagístico contemporâneo como ativador cultural; e a quarta, expõe um breve estudo sobre a obra de Roberto Burle Marx, sob o viés artístico e ecológico de sua atuação.

O terceiro capítulo apresenta o objeto de estudo, o Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) e sua paisagem de entorno. Ele está organizado em três partes. A primeira trata do SRBM, expondo dados históricos e valores culturais, seu processo de inscrição como Patrimônio Mundial, delimitação da Zona de Amortecimento, e sua relação histórica e atual com os bairros do entorno. A segunda, apresenta o território delimitado pelos bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba, abordando informações sobre suas inserções na cidade e delimitações administrativas, suas trajetórias históricas de ocupação, características ambientais, urbanísticas e um panorama sobre seu planejamento territorial. A terceira parte discorre sobre o que aqui se chama de cultura paisagística, sendo um termo adotado para explicar as manifestações culturais da região associadas à produção de paisagens e jardins, que envolvem saberes, práticas e modos de vida.

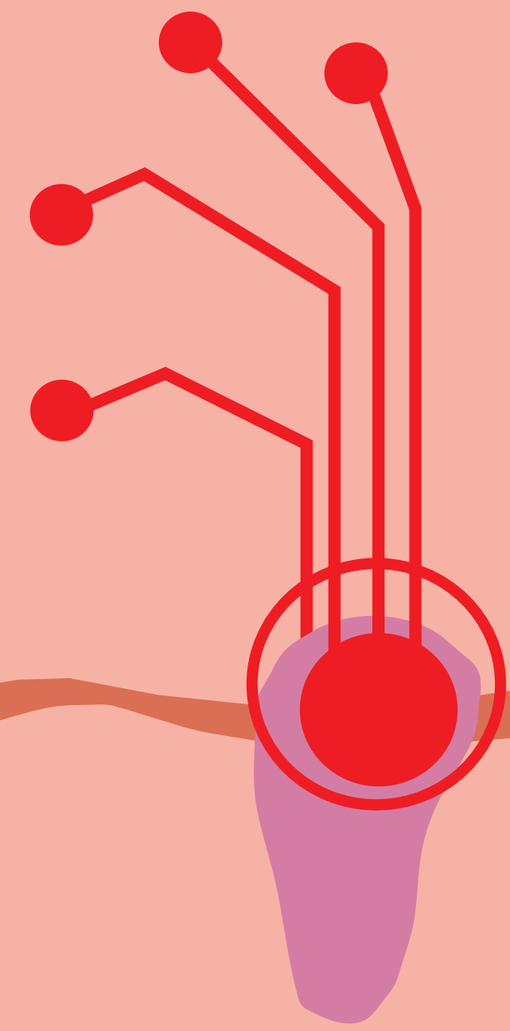
O quarto capítulo traz as representações imagéticas elaboradas pela autora para análise territorial, por cartografias e ilustrações. O capítulo se divide em três seções: a primeira compreende o território delimitado pela bacia hidrográfica onde estão os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba; a segunda, aproxima-se na escala do recorte da Zona de Amortecimento do Sítio Roberto Burle Marx (ZA-SRBM) e áreas adjacentes que foram incorporadas neste trabalho; e a terceira, apresenta as sínteses espaciais sobre o recorte da ZA-SRBM, que conduziram as diretrizes da proposta.

O quinto capítulo expõe a proposta de intervenção paisagística elaborada. Ele se organiza em duas sessões: na primeira se discorre sobre o planejamento paisagístico da ZA-SRBM e áreas adjacentes, apresentando as questões que envolvem o recorte enquanto *buffer zone* do SRBM, os planos atuais existentes sobre ele e uma proposta de sobreposição com uma Área de Proteção ao Ambiente Cultural (APAC) na sua área urbanizada. A segunda seção demonstra os projetos preliminares de paisagismo concebidos, setorizados em dois "percursos da paisagem", o Percurso Ilha e o Percurso Barra. Conclui-se a exposição dos projetos dos percursos com a explicação sobre os totens escultóricos distribuídos ao longo dos espaços desenhados na proposta.

Por fim, nas considerações finais do trabalho, há reflexões sobre seu processo de elaboração, seus desdobramentos e possíveis contribuições.

2. Os tempos na paisagem:

memórias e continuidades
no entorno de bens culturais



O debate que envolve a atuação sobre a paisagem de entorno de patrimônios culturais mostra-se ainda recente e pouco consolidado (MOTTA; THOMPSON, 2010). O desenvolvimento dos estudos sobre patrimônios culturais foi de olhares mais pontuais – onde prevalecia o entendimento dos bens como monumentos isolados – a uma percepção cada vez mais ampla e complexa da memória – onde é possível perceber um entrelace entre os objetos simbólicos materiais, os conjuntos urbanos onde estão inseridos, seu contexto social, fatores intangíveis e sua paisagem. Assim, o percurso do entendimento sobre o entorno dos monumentos incorpora diversas perspectivas, desde o olhar sobre as 'ambiências', o 'espírito do lugar', ou a 'paisagem cultural', até os instrumentos legais e a conexão com planos urbanísticos (MOTTA; THOMPSON, 2010). Na trajetória desta discussão é possível identificar parâmetros para estratégias de atuação nos entornos de bens tombados, especialmente em termos de planejamento e desenho paisagístico.

Este trabalho é permeado pelo olhar do tempo na paisagem, pelos relatos, modificações e projeções futuras: *suas memórias e suas continuidades*.

Deste modo, as contribuições dos autores que são bases para o aporte teórico-metodológico se organizam entre as temáticas (ver Tabela 01): 1) ***da paisagem na perspectiva cultural e de memória*** em Denis Cosgrove (1999), Jean-Marc Besse (1965) e David Lowenthal (1975) e no Manual do INRC do IPHAN (2000), que aborda as referências culturais[1], incluindo a perspectiva dos saberes locais discutida por Milton Santos (1999); 2) ***das orientações sobre atuação na paisagem associadas à salvaguarda patrimonial***, em documentos como a Carta da Paisagem das Américas organizada pelo IFLA-Américas (2018); cartas patrimoniais[2]; e nas publicações organizadas pelo IPHAN – como o material sobre entorno de bens tombados organizado por Lia Motta e Analucia Thompson (2010). Nesta mesma linha, de viés patrimonial, inclui-se noções sobre a Lista do Patrimônio Mundial, em especial na categoria Paisagem Cultural, com Rafael Ribeiro (2006; 2019); assim como debates sobre a atuação em Zonas de Amortecimento dos bens inscritos em relatórios das Convenções para Proteção do Patrimônio Mundial, do ICOMOS e na análise de Mônica Schlee (2017) a partir do caso da paisagem do Rio de Janeiro; 3) ***da atuação paisagística contemporânea***, em sua associação com as infraestruturas das superfícies urbanas e seu papel de intersecção e ativação sociocultural em James Corner (1999), Sebastián Marot (1999) e Alex Wall (1999); assim como no papel da representação da paisagem como análise de sua multiplicidade, em Corner, Cosgrove e Besse; e da investigação territorial sistêmica e rede de espaços livres trazida por Raquel Tardin; e por fim, 4) do estudo sobre o ***processo criativo e o olhar sobre a paisagem de Roberto Burle Marx***, proferidos em seus discursos e documentados pela organização de José Tabacow (1987) e Gareth Doherty (2018), ou analisados por estudiosos de sua obra, como Ana Rosa Oliveira (2015), Ana Rita Sá Carneiro (2018) César Floriano (2007).

1 Referências culturais envolvem as diferentes formas de identificação e assimilação de valores sobre os bens culturais, considerando a subjetividade de significados a partir da diversidade dos grupos sociais. O termo é relevante para a compreensão de outras formas de expressão, especialmente as de aspecto intangível, como os ofícios ou outras manifestações de identidade e cultura (IPHAN, 2000).

2 As cartas patrimoniais são os documentos orientadores das políticas e estratégias de salvaguarda do patrimônio cultural, sendo elaboradas por entidades internacionais ou nacionais.

	Temáticas do aporte conceitual	*Principais referências*
1)	*Paisagem, cultura e memória*	Denis Cosgrove, Jean-Marc Besse, David Lowenthal, Milton Santos e INRC/IPHAN;
2)	*Patrimônio cultural paisagístico e sua salvaguarda*	Rafael Winter Ribeiro, Lia Motta e Analucia Thompson, Mônica Schlee; Cartas patrimoniais, relatórios ICOMOS e UNESCO; Carta da Paisagem das Américas/IFLA-Américas;
3)	*Intervenção paisagística contemporânea, análise e projeto*	James Corner, Sebatián Marot, Alex Wall; D. Cosgrove, J. Besse e Raquel Tardin;
4)	*Arte e ecologia na obra de Roberto Burle Marx*	Roberto Burle Marx, José W. Tabacow, Gareth Doherty; Ana Rosa Oliveira, Ana Rita Sá Carneiro, César Floriano dos Santos.

Tabela 01: **Principais conceitos estudados e referenciais bibliográficos**.
Fonte: Elaborada pela autora.

2.1. A paisagem simbólica: cultura, tempo e memória

O entendimento da paisagem é intensamente atrelado às condições naturais de um território vinculados a seu sentido cultural: a forma que os grupos humanos dialogam, percebem e se integram a sua natureza e que valores se manifestam nesta relação (BESSE, 2002; BERQUE, 1998). A definição de paisagem descrita na Carta da Paisagem das Américas (IFLA, 2016) é entendida como:

> "recorte de um território ***apreendido pela experiência sensível e inteligível da percepção, individual e coletiva, que se revela num continuum de sistemas vivos, naturais e culturais interdependentes***, como uma totalidade sintética, no espaço e no tempo." (p. 9, grifos nossos)

Na própria concepção do que entende-se pelo termo 'paisagem' percebe-se que há uma dinâmica recíproca entre processos humanos e meio ambiente: a paisagem é vista como marca e como matriz (BERQUE, 1998). Esta compreensão passa pelas discussões do campo da geografia cultural, em que o estudo da paisagem tem grande destaque por tratar dessa particular interação entre a sociedade e seu meio físico (RIBEIRO, 2016). A paisagem é reflexo cultural, bem como político, econômico ou social, à medida que as mudanças na forma como o ser humano se organiza para sua produção material são afetadas e ao mesmo tempo afetam seu ambiente físico (COSGROVE apud. RIBEIRO, 2016).

Percebe-se a paisagem como multidimensional e, em sua sobreposição de características, a perspectiva sociocultural é inerente. Besse (2006), em sua organização do que chamou das cinco portas da paisagem, nos apresenta seu viés como representação cultural e como experiência fenomenológica, dentre seus outros aspectos. Estas perspectivas corroboram com a noção de paisagem a partir da apreensão humana, em que o território dialoga com os significados e valores de quem a experiencia. Assim, como representação cultural, se entende a paisagem como manifestação das visões e valores humanos mais do que manifestação do mundo exterior – seja em sua imagem pictórica, *in visu*, seja em sua percepção no local, *in situ*. Já como experiência, a paisagem se consolidaria como elo sensorial entre o corpo e o que está 'fora', uma percepção da realidade externa para além de sua compreensão científica, mas um contato que afeta as emoções e determina uma maneira de estar no mundo (BESSE, 2006).

Como a ideia de interpretação se atrela à subjetividade, a leitura da paisagem é variável conforme os símbolos próprios dos grupos sociais. Deste modo, a análise dos aspectos simbólicos está atrelada à sua inserção na história e às relações sociais de produção entre pessoas e o mundo em que habitam (COSGROVE apud. RIBEIRO, 2016). As apreensões são determinadas pela bagagem de valores, conhecimentos, ou inserção social de cada sujeito. Para Milton Santos (1999), há distinção entre a leitura territorial do habitante local e a do visitante que vem de fora. O saber local, em oposição ao saber global, fala da dimensão cotidiana da paisagem, de uma percepção que respira o lugar em si; enquanto o de fora vem como um sopro externo, um fole que atiça a brasa (SANTOS, 1999). Um conjunto de distintos símbolos e saberes envolvem, portanto, a percepção e interferência sobre o meio físico.

A perspectiva simbólica da paisagem envolve também o olhar sobre seus tempos: as narrativas do seu passado e dos elementos entendidos como de valor para sua memória afetam a interpretação do presente. Para David Lowenthal (1975) os lugares de memória na paisagem são produtos "tanto do interesse do presente quanto da história do passado" (p. 24, tradução pessoal). Desta forma entende-se que a apreensão total do passado jamais seria possível, mas o que conhecemos de outros tempos são seus resíduos existentes no tempo atual. Este processo é constante e atrelado a passagem do tempo. Há um contínuo acréscimo do passado tangível juntamente a sua contínua perda física e simbólica. Nesta abordagem, a noção da paisagem, como manifestação de valores e símbolos sociais humanos, passa pela visão da memória como uma construção narrativa. Sua interpretação não é única, mas múltipla e subjetiva; e sua memória não é engessada, mas é um processo contínuo em que o tempo continua a agir sobre sua materialidade. Assim, a paisagem que reflete sua memória não precisa ser um simulacro moderno de sua história, mas manifestar seus elementos simbólicos como elo cultural entre os tempos (LOWENTHAL, 1975).

2.2. Os instrumentos de salvaguarda: patrimônio paisagístico e entorno de bens culturais

A paisagem como patrimônio tem particularidades em relação às medidas de salvaguarda e aos instrumentos de gestão e conservação, por mostrar características distintas de outros bens materiais, como os monumentos edificados ou outros objetos físicos. A paisagem, é constituída de elementos diversos que se relacionam entre si – tanto tangíveis, a matéria viva, como a vegetação e o solo, quanto intangíveis como as trocas simbólicas com a natureza. E portanto demanda olhares amplos sobre sua multiplicidade. É também aspecto de atenção a grande variedade de escalas do patrimônio paisagístico, que vai desde jardins históricos, praças e parques até extensas áreas geográficas e/ou assentamentos humanos.

Para os jardins históricos, que são um dos tipos de patrimônio paisagístico, ressalta-se na Carta de Florença[3] (1981) a condição renovável do jardim como característica a ser considerada no processo de salvaguarda. A Carta define a materialidade do jardim como resultado do "perpétuo equilíbrio entre movimento cíclico das estações, do desenvolvimento e do definhamento da natureza, e da vontade de arte e artifício que tende a perenizar o seu estado" (IPHAN, 2004). Já a Carta de Juiz de Fora[4] (2010), que aborda os jardins históricos com enfoque no contexto brasileiro, acrescenta a necessidade de conectar a proteção e conservação destes espaços com os "planos de desenvolvimento locais e regionais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das populações urbanas". Esta destaca também sua unidade estética ligada ao espírito do lugar, em que o monumento está atrelado a seu contexto urbano e cultural (IPHAN, 2004). Para Delphim (1999), a intervenção sobre jardins históricos deve considerar conceitos básicos da teoria da conservação, que tem como meta a salvaguarda de seus valores. Ele apresenta os valores de um bem cultural como um conjunto de aspectos, que podem ser intrínsecos – referentes à dimensão física como o entorno, o material, a localização – ou extrínsecos – que são os valores associados ao bem, como seu valor de identidade, social, econômico ou educativo (DELPHIN, 1999).

No desenvolvimento das discussões sobre a paisagem e o patrimônio cultural, observa-se uma ampliação na percepção dos elementos de valor ligados à sua memória e às suas estratégias de salvaguarda. Neste percurso, os estudos sobre o conceito de paisagem na geografia cultural têm como importante reflexo a inclusão da categoria "paisagem cultural" pelo Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO a partir de 1992 . Anteriormente, a divisão de critérios era somente entre bens culturais ou naturais. Esta visão antagônica entre cultura e natureza foi aos poucos tornando-se anacrônica, por não suprir as discussões em avanço nas disciplinas da ecologia política ou na noção de desenvolvimento sustentável, que trazem a complexidade nas relações entre ser humano e meio ambiente (RIBEIRO, 2007). Com a categoria paisagem cultural, entende-se a "própria paisagem como um bem, valorizando todas as inter-relações que ali coexistem" (RIBEIRO, 2007, p. 40). Se fortalece, assim, uma perspectiva multidimensional da paisagem enquanto lugar de interação cultural com o meio ambiente, a partir de seus fatores intangíveis como os modos de vida, as noções estéticas e os saberes que a compõem.

Como subcategorias da paisagem cultural estão: (i) as paisagens claramente definidas; (ii) a paisagem evoluída organicamente; e (iii) a paisagem cultural associativa[5]. Destas, a primeira, 'paisagens claramente definidas', representa as desenhadas e criadas intencionalmente, como os parques e jardins; enquanto a segunda, as "paisagens evoluídas organicamente" trata das paisagens que resultam de processos sociais, econômicos, administrativos e/ou religiosos que determinam sua forma através da associação com o meio físico. Por último, a 'paisagem cultural associativa' são as que não necessariamente tenham vestígios materiais humanos, mas seu valor cultural é estabelecido pela associação simbólica por fatores artísticos, religiosos ou culturais. Dentre as paisagens evoluídas organicamente, há as paisagens contínuas, que ainda detém um papel na sociedade contemporânea, e a paisagem relíquia ou fóssil, cujo processo de evolução terminou, restando vestígios materiais de seu passado (RIBEIRO, 2007). Para as paisagens contínuas, é desejável que esta permaneça tendo um papel ativo na sociedade contemporânea, devendo-se conservar seus valores a partir do entendimento claro de quais aspectos devem ser mantidos e quais partes devem seguir evoluindo ao longo do tempo (ICOMOS, 2021).

3 Carta sobre a salvaguarda dos jardins históricos, ICOMOS, FLorença, 21 de maio de 1981.

4 Carta dos jardins históricos brasileiros, realizada no I Encontro Nacional de Gestores de Jardins Históricos.

5 'Orientações para a aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial', Centro do Patrimônio Mundial UNESCO.

2.2.1. Entorno de bens culturais e Zonas de Amortecimento

As concepções do entendimento sobre o patrimônio paisagístico que contribuem para o desenvolvimento de seus instrumentos de proteção, dialogam também com o percurso sobre o entorno dos monumentos culturais. Nesta trajetória evolutiva, Motta e Thompson (2010) identificam como marco no apontamento sobre as áreas de entorno de bens tombados a Carta de Veneza (1964), que faz menção ao contexto espacial quando considera o "monumento ser inseparável da história de que é testemunho e do meio em que se situa" (apud. MOTTA; THOMPSON, 2010, p. 19). Já na década de 70, a Carta de Nairóbi (1976) passa-se a entender a "ambiência" dos conjuntos históricos como determinantes para a sua percepção, com os quais se vincula por laços sociais, econômicos ou culturais. A noção sobre as áreas que envolvem os bens tombados vai aos poucos incluindo novos panoramas, como na Declaração de Xi'An (2005) que incorpora a noção de espírito do lugar e aborda a importância do elo entre aspectos materiais e imaterias (MOTTA; THOMPSON, 2010; IPHAN, 2019). Salienta-se, assim, a importância da contextualização dos monumentos na história e nas características culturais e ambientais dos territórios de inserção.

Portanto, ganha espaço uma visão das estratégias de atuação nos entornos ligadas às políticas urbanas e ao planejamento territorial, bem como uma necessidade de participação social e inclusão de diversidade de interpretações sobre os bens. A partir da década de 70 no cenário brasileiro é fortalecida a noção de 'referência cultural', que parte da compreensão de que a forma de assimilação cultural é construída a partir de sujeitos sociais, e portanto, diversa. Esta concepção consolida os fatores imateriais como formas de atribuição de valor e identidade, manifestada nos saberes, ofícios, celebrações ou formas de expressão (IPHAN, 2000). Assim, a inter-relação entre os aspectos morfológicos do entorno e as práticas sociais se desenvolve como fonte de informação e suporte na condição de autenticidade e integridade dos bens. Desta perspectiva, se estabelece a gestão urbana como instrumento, possibilitando parcerias entre as instituições de preservação cultural e as vinculadas ao planejamento territorial (MOTTA; THOMPSOM, 2010).

Há exemplos desta visão em centros urbanos, nos quais bens tombados exerceram influência sobre medidas urbanísticas em seu contexto espacial, em ações pontuais ou determinações na política urbana. É o caso da implementação da APAC (Área de Proteção do Ambiente Cultural) como precursor de instrumento urbanístico na legislação carioca para preservação do patrimônio. O zoneamento começou a aparecer no Plano Diretor Decenal da Cidade a partir de 1992, focando na proteção de áreas urbanas e ambiências (CARLOS, 2008). Anteriormente, em meados da década de 1980, já se consolidava um conjunto de APAs (Áreas de Preservação do Ambiente) na região central da cidade – determinação que posteriormente se vincularia mais a proteção do ambiente natural, enquanto as APACs voltariam-se aos ambientes culturais. É neste contexto que decreta-se a criação da Zona Especial do Corredor Cultural, em 1984, visando a "preservação paisagística e ambiental do Centro da Cidade do Rio de Janeiro"[6] (Figura 14). A partir destas determinações, o conjunto urbano central do Rio passa a ter determinações urbanísticas também orientadas a partir da condução e da preservação do viés cultural desta área, gerando necessidade de intermediação entre diferentes esferas administrativas.

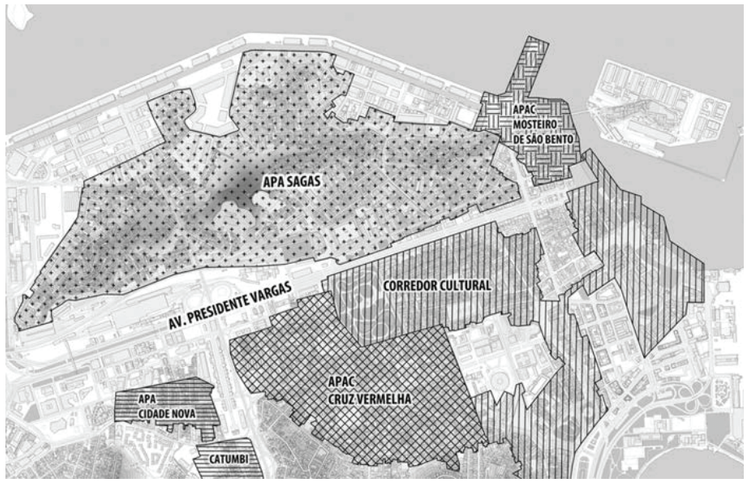


Figura 14: APACs (Áreas de Proteção do Ambiente Cultural) sobrepostas ao zoneamento urbanístico no Centro do Rio de Janeiro.
Fonte: OLIVEIRA, 2016.

Para Ribeiro (2019), a articulação institucional e influência nas políticas públicas para desenvolvimento territorial seria o principal fator de importância na inscrição dos bens culturais na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. O relatório da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972[7], evento que marca a instituição da chancela dos patrimônios da humanidade pela Unesco, institui, no primeiro item do artigo 5º, que trata das medidas asseguradas pelos Estados-parte[8], que se deve: "a) Adoptar uma política geral que vise determinar uma função ao património cultural e natural na vida colectiva e integrar a protecção do referido património nos programas de planificação geral". A partir disto, é demandado aos Estados-parte uma delimitação de área no entorno dos bens inscritos na Lista, para que se configure uma zona de amortecimento (*buffer zone*), assegurando uma atuação na gestão territorial associada à sua salvaguarda.

6 Lei n. 506 de 17 de janeiro de 1984, sancionada a partir do Decreto n. 4.141, de 14 de julho de 1983.

7 A primeira Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural foi realizada entre os dias 17 de outubro e 21 de novembro de 1972, em Paris, na França.

8 Os Estados-parte se tratam dos Estados que aderem à Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO, e tornam-se responsáveis pela identificação, delimitação dos patrimônios naturais e culturais situados em seu território; tomada de medidas jurídicas, científicas, técnicas, administrativas e financeiras adequadas à proteção do patrimônio; apresentação dos bens suscetíveis a serem inscritos na Lista do Patrimônio Mundial ao Comitê do Patrimônio Mundial; e fornecimento de informações sobre o estado de conservação desses bens (LINS, 2015).

Segundo Mônica Schlee (2017), as zonas de amortecimento têm potencial de conexão entre planejamento urbano, gestão do patrimônio cultural e desenvolvimento sustentável. A autora observa uma atual abordagem sobre estas áreas de entorno que se redireciona de soluções baseadas no objeto para soluções baseadas na paisagem, sendo assim concebidas com estratégias adaptadas a realidade local. Assim, estas áreas devem ser planejadas para valorizar e contribuir na proteção dos bens culturais, devendo ter, para isso, uma definição clara de seus objetivos e funções (TURNER, 2009 apud. SCHLEE, 2017). Para a autora, as principais vantagens no uso das *buffer zones* são: a articulação espacial; a articulação no desenvolvimento e conservação do patrimônio urbano; a articulação institucional; o envolvimento comunitário; e a integração de políticas culturais e naturais (SCHLEE, 2017). Ou seja, as áreas para amortecimento dos patrimônios mundiais são locais de articulação entre a conservação do bem em diálogo com a população, com a paisagem e as políticas de planejamento do seu entorno.

As zonas de amortecimento tem papel cada vez mais presentes nas discussões sobre a conservação das propriedades inscritas como patrimônio mundial, para onde busca-se uma compreensão de como suas condições e especificidades contribuem para preservação e valorização do bem. Para isto deve-se analisar: o papel e a relação desta *buffer zone* com o Valor Excepcional Universal[9] do bem estabelecido; sua relação com seu território amplo, e com outros áreas ou bens a serem protegidos; e o funcionamento da gestão e proteção territorial (ICOMOS, 2021).

Em análise sobre diferentes formas de aplicação das zonas de amortecimento, a partir de comparativos entre exemplos de patrimônio da humanidade de diferentes categorias, Schlee (2017) elenca alguns casos-exemplo, relacionando suas escalas, aplicações legais, impactos, preocupações e diretrizes. O que se pode perceber é que há questões semelhantes nas problemáticas envolvendo a proteção da paisagem-entorno de diferentes patrimônios, como pressão urbana, especulação do solo, crescimento do turismo e desastres associados às mudanças climáticas. Por outro lado, as formas de abordá-las são diversas em termos de delimitação e estrutura, a partir das condições particulares de cada situação. Assim, há *buffer zones* em escalas urbanas, regionais ou transnacionais; delimitações em uma unidade territorial ou separada em áreas múltiplas; bem como distintas aplicações legais, como uso de níveis de gradações com hierarquias de proteção.

Diante disso, constata-se a complexidade existente na atuação dos entornos patrimoniais, por sua condição em geral de sobreposição à extensões territoriais com questões próprias, conflitos de interesse e envolvendo variadas entidades atuantes em sua gestão. Para o planejamento paisagístico destes espaços é fundamental uma leitura de suas características em seus múltiplos aspectos, entendendo seu contexto espacial e histórico, e em diálogo com as políticas urbanas. As propostas voltadas à valorização cultural não visam congelamento, mas uma perspectiva de desenvolvimento sustentável e gentil às narrativas da memória. Se estabelece, portanto, um debate sobre a conexão entre os tempos.

9 Valor Excepcional Universal significa “uma importância cultural e/ou natural tão excepcional que transcende as fronteiras nacionais e se reveste do mesmo caráter inestimável para as gerações actuais e futuras de toda a humanidade”, conforme descrito em “Orientações para a elaboração de Declarações de valor universal excepcional para bens do Património Mundial”, Julho de 2010.

2.3. O desenho da paisagem: elo da continuidade do tempo

Há um desafio estabelecido aos projetos paisagísticos contemporâneos associados aos contextos patrimoniais em não se cair numa lógica puramente nostálgica, mas sim de se relacionar os símbolos culturais da paisagem às questões atuais que a envolvem. Segundo James Corner (1999), há um declínio do paisagismo do século XX do contexto europeu, se comparado à produção dos séculos XVIII e XIX, quando as intervenções paisagísticas tiveram atuações de impacto na formação das cidades. Ao longo do último século, para o autor, o desenho da paisagem teria caído numa ideia saudosista e romantizada da intervenção projetual, em que se passa a entender a paisagem como uma antítese da vida urbana e do desenvolvimento tecnológico (CORNER, 1999). Assim, ele percebe que há uma perspectiva paradoxal gerando um efeito de "*atrofia cultural*, onde o que se espera para o futuro é uma substituição das realizações do passado" (CORNER, 1999, p. 9, tradução nossa). Com isso, busca-se entender o papel do paisagismo como instrumento ativo na atual formação cultural do território e não simplesmente como reflexo da cultura de outros tempos (ibid, 1999).

Sebastián Marot em sua proposta de quatro princípios para o projeto paisagístico (1999), define o primeiro e o segundo princípio abordando os elos entre os tempos existentes na intervenção. O primeiro, o da '*anamnesis*', seria o estabelecimento de uma conversa com as preexistências, a partir da metáfora da continuidade: só se pode participar de uma conversa escutando o que já foi dito. Se ressalta dessa forma a observação dos processos passados da paisagem para estabelecer um diálogo com as novas narrativas. Já o segundo princípio, o da 'preparação', se refere a imprevisibilidade do tempo futuro no paisagismo, visto que sua projeção não concebe um produto finalizado, mas um processo. A intervenção na paisagem futura considera sua incompletude e indeterminação do fim, e também uma visualização de seus estágios no tempo (MAROT; CORNER, 1999). O terceiro ponto, 'sequenciamento tridimensional' envolve o papel da representação da paisagem, que demanda uma visão complexa de suas camadas, dada a multidimensionalidade de sua configuração espacial. No último ponto, 'estrutura relacional', atenta-se para o papel intersticial dos projetos paisagísticos, especialmente nas fronteiras de crescimento urbano, objeto de sua análise. Ele evidencia a capacidade relacional dos espaços exteriores e das áreas de expansão urbana, os subúrbios, onde as fronteiras são menos rígidas e as tradições rurais e urbanas se sobrepõem. Nesse contexto, os locais intersticiais, como resquícios viários ou áreas não produtivas, representam uma possibilidade integradora no território (MAROT, 1999).

Na superfície da atual metrópole a complexidade na sobreposição de usos no tecido urbano é ponto chave do desenvolvimento sustentável das cidades. Há inclusive uma noção do papel cívico dos elementos de infraestrutura e ecológicos nas cidades contemporâneas. Segundo Wall (1999), as redes ligadas aos tecidos urbanos cumprem um papel sociocultural, e o desafio atual do desenho urbano é "aceitar que as infraestruturas são tão importantes para a vitalidade e experiência da cidade contemporânea quanto a prefeitura ou as praças foram um

dia" (1999, p. 246, tradução pessoal). O olhar sobreposto das superfícies urbanas conduzem a uma representação múltipla de seus fatores espaciais, configurando ferramentas de análise e desenho paisagístico.

Na visão relacional da paisagem, sinaliza-se a importância de atuar sobre seus diferentes aspectos, sejam sociais, ecológicos ou urbanísticos, sendo fundamental uma análise de seus múltiplos fatores por uma representação visual de suas características. Para Corner "paisagem e imagem são inseparáveis" (1999, p. 153, tradução pessoal), entendendo a percepção imagética como definidora das intenções de intervenção sobre o território. Ele adota o termo representação 'eidética'[10] por abordar, para além de uma caracterização visual e formal da paisagem, sua concepção tátil, cognitiva ou intuitiva (ibid.). Besse (2006) endossa a importância da representação imagética da paisagem no processo de sua concepção, quando aponta que no paisagismo a interpretação é também criação; o processo de criar no desenho da paisagem seria o de ressaltar sua composição estética existente e evidenciar seus elementos marcantes.

Neste contexto Cosgrove (1999) compara a representação múltipla contemporânea à corografia[11] no período renascentista – que se diferenciava da representação geográfica por ilustrar os territórios junto a outras informações, como marcação de rotas, eventos históricos e outras percepções figurativas da paisagem (Figura 15). A visão contemporânea da corografia como uma sobreposição da interpretação territorial seria, para o autor, comparável à filosofia do 'pensar global, agir local' ('*think global, act local*'): um olhar amplo sobre o conteúdo da paisagem visando atuações sobre suas especificidades. Para Cosgrove, uma visão globalista do mundo só foi possível após as primeiras fotografias do globo terrestre, que afetaram a perspectiva essencialmente cartográfica e geometricamente ordenada para uma percepção única do planeta. Os mapas geográficos se vincularam à lógica da colonização, da conquista de territórios a partir da geometrização da paisagem; o olhar ao todo sugere a dissolução das fronteiras. Assim, o papel atual da representação deve tentar integrar informações entendendo a totalidade complexa e diversa da paisagem (COSGROVE, 1999).

A análise espacial da paisagem envolve então um viés interpretativo e propositivo. Para identificação de características a partir de categorias do espaço, Tardin (2019) propõe a análise cartográfica dos aspectos biofísicos, socioculturais e urbanos, visando uma ordenação sistêmica da paisagem. Com estas análises,

10 Eidético significa 'imagem mental', que pode ser ilustrativo das características visuais, auditivas, táteis ou mesmo imaginadas (CORNER, 1999). Eidética [do grego eidetikós]; pertencente à essência abstrata das coisas, dos sentidos idealizados (dicio.com.br).

11 A corografia, juntamente a cosmografia e a geografia, forma uma estrutura em três níveis de conhecimento e representação da ordem natural, descrita nos textos ptolomaicos. Na corografia, a visão é relativa e subjetiva, deixando espaço para o caráter imaginativo (COSGROVE, 1999).

o projeto territorial se configura a partir da caracterização de suas potencialidades e problemáticas, e da identificação de estratégias para um sistema de espaços livres (TARDIN, 2008). Essa interpretação sobrepõe dados de sua espacialidade, relacionando seus ecossistemas, seu uso social e cultural e sua infraestrutura urbanística. Com isto em mente, entende-se que a integração destes aspectos configura uma estratégia para um ensaio de planejamento paisagístico no entorno de um bem cultural que não só aborde sua narrativa histórica, mas potencialize seu desenvolvimento sustentável contínuo.



Figura 15: Mapa corográfico na Galleria delle carte geografiche do Vaticano, por Ignazio Danti.
Fonte: Website da ICA Comission on Map Design.
Disponível em: <https://mapdesign.icaci.org/2014/11/mapcarte-319365-the-gallery-of-maps-by-ignazio-danti-1550-1583/>

2.4. A inspiração atemporal:
arte e ecologia no desenho paisagístico de Roberto Burle Marx

> "(...) *no jardim há momentos de maior intensidade e momentos de calma e descanso*. Pierre Boulez diz que (...) 'uma das verdadeiras dificuldades na música é evidenciar não apenas a arte do som, mas a definição do contraponto entre som e silêncio'. Da mesma forma no jardim, como em qualquer forma de composição, a arte usa o contraste e a analogia numa síntese de sua própria linguagem."
>
> (BURLE MARX apud. DOHERTY, 2018, p. 202)[12] [tradução e grifos nossos]

Abordar a memória na paisagem é pensar em seus tempos. No patrimônio, em especial quando se fala dos jardins históricos, percebe-se a relevância de entender seus ciclos de vida, sua constituição nas dimensões espacial e temporal (DELPHIN, 1999; TITO ROJO; PORCEL, 1999). Falar da perspectiva do tempo na paisagem também se dá enquanto poética. Roberto Burle Marx, em seus discursos, algumas vezes mencionou a semelhança entre o gesto de criar jardins e a composição musical, pela espacialização de conceitos temporais nos ritmos, pausas ou repetições. Os estudiosos de sua obra mencionam seus métodos compositivos ligados à experiência do percurso no espaço, onde diferentes cenários se conformam ao longo do movimento. A paisagem é concebida como mutável, ligada aos ciclos naturais e às relações ecológicas, e este fator se evidencia no legado paisagístico de Burle Marx. Assim, tratar de um espaço de memória ligado à sua trajetória de criação coloca a importância de uma inspiração nos seus conceitos e métodos.

Nesta reflexão sobre o tempo em sua obra paisagística, observou-se a possibilidade de o discutir em duas perspectivas presentes em seu processo: nos campos da arte e da ecologia. A evolução conjunta dessas temáticas são frequentemente associadas à singularidade da composição de Burle Marx, que contribuiu a novos panoramas no paisagismo modernista tropical. Como aponta César Floriano (2007), sua visão se inseriu no contexto do modernismo brasileiro uma vez que ao buscar valorizar e conhecer as espécies da flora nacional, seus projetos demarcariam, junto às composições geométricas e sinuosas, um fortalecimento da estética da tropicalidade, numa associação entre arte e conhecimento científico.

No viés da poética e da fenomenologia dos espaços, Floriano (2007) nos conduz à percepção de seus jardins através da lógica sensorial na experiência e no percurso, em que a composição estética reforça ritmos e pontos de pausa. Nesta interpretação a partir de um *gestalt* perceptivo, observa-se o uso de elementos diversos para estruturação espacial, como nas estratégias de repetição visual com indivíduos vegetais, continuidades cênicas e locais marcados com elementos icônicos. Estes mecanismos aparecem na "concentração de plantas com características plásticas análogas", ou no "destaque de indivíduos isolados e com grande apelo visual" (OLIVEIRA, 2015, p. 62). Nestes pontos de pausa, a marcação visual se dá ou pelo uso de elemento vegetal exuberante ou de obras de arte, como esculturas, totens ou painéis. Estas disposições podem ser observadas no Sítio Roberto Burle Marx, onde a lógica da composição por cenários é muito presente, levando em conta ser este um espaço que foi concebido em escala 1:1 (Figuras 16 - 22).

12 Conferência 'The Problem of Garden Lighting', estimada de 1960.















Figuras 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22: Percursos e eixos visuais no Sítio Roberto Burle Marx.
Fontes: Fig. xx, foto de Oscar Liberal. Acervo SRBM; Figs. xx, xx e xx, fotos de Marina Bokyo, disponível em: < https://sad.ukr.bio/ru/articles/9061/>; Figs xx e xx, acervo pessoal, 2021.





Figuras 23 e 24: **Praça da Casa Forte, em Recife, PE.**
Fonte: Acervo Fundação Joaquim Nabuco. MARQUES DA SILVA et.al., 2019.

Figura 25: **Praça Euclides da Cunha, em Recife, PE.**
Fonte: Foto de Alexandre Bérzin, Acervo Fundação Joaquim Nabuco. NORDENSON, 2018.

> "Meus conceitos surgiram e minhas experiências procederam dos anos de trabalho na compreensão e interpretação das associações naturais; (...) Toda a policromia está disposta num cenário onde formas, ritmos e cores estão em harmonia, evidenciando em cada estação do ano as características das florações. ***Nada era isolado, era uma orquestra de cores***; os amarelos ligados aos azuis, os azuis aos violetas, os violetas aos rosas. (...) ***Esta instabilidade é precisamente um dos grandes segredos da natureza***, que nunca nos entedia e constantemente se renova pelo efeito da luz, da chuva e das sombras, que compõe novas formas."
>
> (BURLE MARX apud. DOHERTY, 2018, p.139)[13] [tradução e grifos nossos]

Burle Marx reforça em suas falas a inspiração compositiva a partir do aprendizado com os espaços naturais. A abordagem análoga nas artes musicais e seus movimentos aparecem, portanto, nos momentos de criação mas também nos de observação. Os relatos de quem frequentava as expedições a locais de natureza preservada junto a ele apontam seu hábito do canto de ópera ainda mais presente nos momentos de contato e imersão na natureza.

Percebe-se o trabalho de Burle Marx fortemente associado ao surgimento dos movimentos ecológicos e conservacionistas do século XX[14]. A noção de ecologia tem reflexos nas práticas do paisagismo que até então se associavam ao "embelezamento" das cidades e passam a compreender uma relação de vínculo entre as dinâmicas naturais e humanas. No contexto do

13 Conferência 'Gardens and Ecology', de junho de 1967. O relato aborda observações feitas sobre a flora da Caatinga em expedição.

14 O termo 'Ecologia' é definido por Eugéne Odum como uma ciência que estuda os seres vivos e suas interações com o meio ambiente onde vivem. Seu estudo emergiu no século XX "das raízes nas ciências biológicas para se tornar uma nova disciplina integrada que liga as ciências naturais e sociais" (FERREIRA, 2018, p. 144).



Figura 26: **Parque do Barreiro, em Araxá, MG.**
Fonte: Foto de Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles.

Figura 27: **Croquis do Parque do Barreiro, em Araxá, MG.**
Fonte: NORDENSON, 2018.



movimento moderno brasileiro a inclusão destas pautas é impulsionada nas novas concepções espaciais, conduzidas por nomes como Lúcio Costa e manifestadas nos projetos paisagísticos de Roberto Burle Marx (FERREIRA, 2018). Nesta concepção é possível observar um amadurecimento ao longo da trajetória profissional de Burle Marx, que tem reflexos nas formas de uso das espécies em seus projetos nos diferentes períodos de atuação. Muito se deve à busca por um trabalho em conjunto com especialistas botânicos de diferentes áreas, como Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, Luiz Emygdio de Mello Filho, Nanuza Luiza Menezes e Graziela Barroso. Sua aproximação com estes cientistas se dava pela troca de conhecimentos, tanto nas pesquisas botânicas como nas criações paisagísticas.

Em análise dos métodos e processos de composição da obra de Burle Marx, nota-se estratégias que se repetem, mas também caracterizações distintas conforme o período e a natureza do trabalho. No início de sua carreira, nos primeiros projetos em áreas públicas na cidade de Recife da década de 1930, o ensejo pelo uso das espécies nativas brasileiras tem viés de valorização nacional através da estética tropical, com aplicação de plantas em diferentes biomas do país. O uso de espécies amazônicas na Praça da Casa Forte e de espécies da Caatinga na Praça Euclides da Cunha marcam novas concepções do plantio urbano e uso da flora brasileira, mesmo que situadas numa região de bioma Mata Atlântica (Figuras 23 - 25). Estes exemplos, marcam um papel educacional do jardim através da vegetação (CARNEIRO et al., 2003). Burle Marx relata seu grande aprendizado em trabalhar com parques públicos a partir da associação com Mello Barreto na década de 1940, no projeto do Parque do Barreiro, em Araxá, Minas Gerais (Figuras 26 e 27). Este encontro marcou novas experiências, em que eles juntos visitaram e analisaram diversas associações botânicas e formações geológicas das serras mineiras, fator que determinou suas intenções de projeto (BURLE MARX apud. TABACOW, 1987).

A lógica da continuidade e integração com o

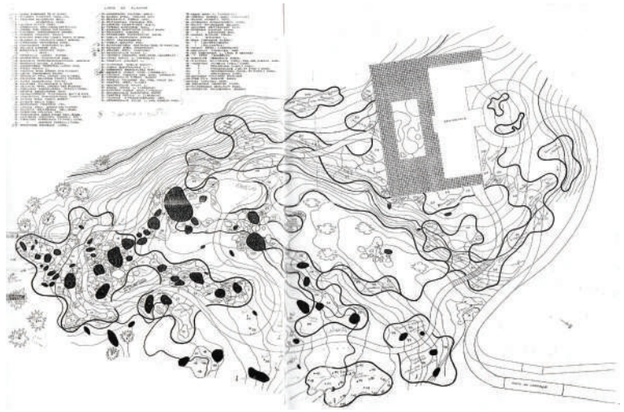


Figura 28: **Projeto para os jardins da residência Odette Monteiro .**
Fonte: Acervo Instituto Burle Marx. OLIVEIRA, 2015..

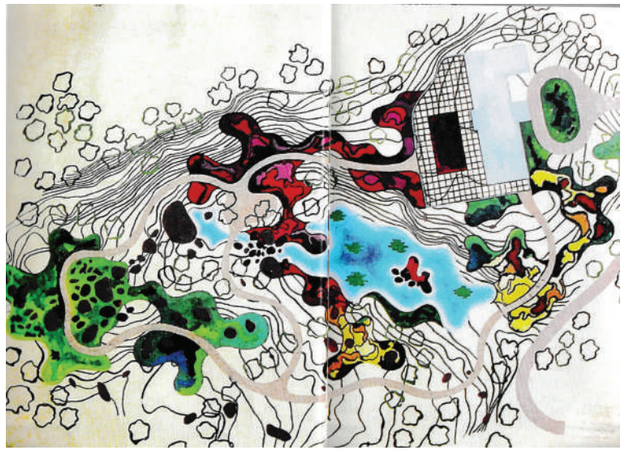


Figura 29: **Painel em guache da proposta para os jardins da residência Odette Monteiro .**
Fonte: Acervo Instituto Burle Marx. OLIVEIRA, 2015..

meio é também percebida em seu trabalho pelos enquadramentos e composição visual com a paisagem de entorno, em especial nos contextos de cenários marcantes. Algumas de suas obras notáveis entre as décadas de 1940 e 1960 são de residências particulares com grandes áreas externas, em contextos semi-rurais, como nas serras do Rio de Janeiro e São Paulo (Figuras 28 - 32). Nos jardins da residência de Odette Monteiro e da Fazenda Vargem Grande, Oliveira (2015) analisa a intenção de concepção do jardim como intermediador com o ambiente natural do entorno. Para isso, os artifícios desta interação gradual aparecem na disposição dos caminhos associados às vistas das montanhas e à disposição da vegetação se mesclando aos poucos com a vegetação nativa. O uso dos elementos minerais, água e pedra, são centrais na dinamicidade dos espaços e entendidos por Burle Marx como "indispensáveis para um jardim" (OLIVEIRA, 2015, p. 186). É adotado como estratégia compositiva nestes projetos o uso de circuitos de caminhos com diferentes hierarquias, indicando diferentes formas de percorrer e experenciar os jardins. No caso do jardim da residência de Odette Monteiro, o caminho principal é pavimentado com solo-cimento e tem forma sinuosa, e uma



Figura 30: **Vista dos jardins da residência Odette Monteiro .**
Fonte: Foto de Marcel Gautherot. Acervo Biblioteca do MASP. OLIVEIRA, 2015..

Figura 31: **Vista dos jardins da residência Odette Monteiro .**
Fonte: Foto de Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles.

Figura 32: **Escultura no jardim da residência de Edmundo Cavanelas.**
Fonte: Foto de Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles.









Figuras 33 e 34: **Jardim do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ).**
Fonte: Foto de Marcel Gautherot. IPHAN, 2019.

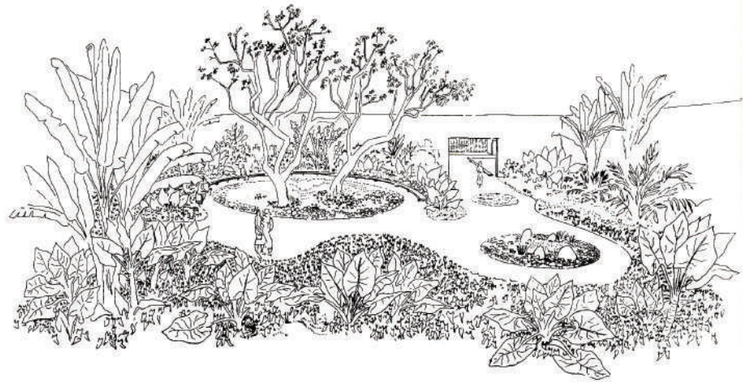


Figura 35: **Croquis de Burle Marx de jardim no Parque del Este, em Caracas, na Venezuela.**
Fonte: Acervo Instituto Burle Marx. NORDENSON, 2018.









Figuras 36, 37, 38 e 39: **Equipamentos urbanos em Copacabana.**
Fonte: Fotos de Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles.

rede de caminhos secundários são pavimentados com pedras e conduzem ao interior do jardim (OLIVEIRA, 2015).

Nas décadas de 1960 e 1970 são significativos os projetos de parques públicos urbanos em grandes áreas como o Parque do Aterro do Flamengo e a Orla de Copacabana no Rio de Janeiro, o Jardim Botânico de São Paulo ou o Parque del Este em Caracas, na Venezuela (Figuras 33 - 39). Há nestas obras influências de seus processos e experiências anteriores, mas também outras demandas, desafios e oportunidades de novas expressões de ideias. Roberto menciona que os projetos de grande escala de áreas recreativas públicas necessitam de decisões iniciais em termos de significados e intenções, para então identificar considerações principais e estabelecer prioridades. Para ele, o paisagista deve se familiarizar com as inúmeras questões a serem resolvidas, buscando soluções que combinem funcionalidade e estética (BURLE MARX apud. TABACOW, 1987)[15]. Nos projetos de parques urbanos, como no Flamengo e em Copacabana, observa-se composições mais voltadas ao uso de espécies arbóreas, com exploração de suas potencialidades ao uso recreativo a partir das diferentes formas de copas, alturas, sombreamentos, florações ou frutificações, e plasticidade dos galhos. Os plantios agrupados de indivíduos da mesma espécie geram potentes impactos visuais e marcam o efeito da possibilidade de uso desejada, como nos grupos de algodoeiro-da-praia (*Hibiscus tiliaceus* L.) que configuram grandes *playgrounds* de galhos retorcidos (FARAH, 1997). Nos projetos urbanos de grandes dimensões é também notável as icônicas paginações de piso, como o grande painel de chão da orla de Copacabana, e o uso de equipamentos urbanos como elementos escultóricos.

Nos períodos mais avançados da sua carreira é cada vez mais incorporado aos seus discursos o viés ambientalista, abordando as complexidades das relações ecológicas e a importância de compreensão dos ecossistemas locais. Com isso, Burle Marx afirma que "quando entendemos uma região ecologicamente, podemos empregar um vasto número de plantas ainda não usadas anteriormente" (DOHERTY, 2018, p. 174). É comumente ressaltado por Burle Marx, no entanto, a não tentativa de reprodução da natureza, mas a consciência de que o jardim sempre denota uma alteração da lógica natural, como espaços concebidos e usufruídos para e pelos seres humanos (BURLE MARX apud. TABACOW, 1987; IPHAN, 2019). A contribuição do desenho da paisagem na conservação ambiental estaria então no seu papel didático, de diálogo com os habitantes das cidades. Neste contexto, Burle Marx reforça o aspecto educacional dos jardins urbanos para conhecimento dos ecossistemas e sua importância ao estímulo pelo engajamento para proteção da biodiversidade. Assim, entende-se os espaços verdes públicos da cidade como locais em que os cidadãos se conectam com os tempos da natureza e podem compreender melhor e dar significado simbólico à sua configuração.

15 Conferência 'Projetos de Paisagismo de Grandes Áreas', de 1962.

> "Estou convencido que os jardins comunitários, praças ou parques terão uma crescente importância em nossas vidas, em nossa busca por equilíbrio na instabilidade da atual civilização. (....) ***O jardim terá papel social assim como educacional e científico***, onde as funções são determinadas pelas aspirações de um período, ligado a valores estéticos e éticos"
>
> (BURLE MARX apud. DOHERTY, 2018, p. 172)[16] [tradução e grifos nossos]

Ao longo dessa trajetória de criações de paisagens desenhadas com intenções artísticas e ecológicas, é fundamental ao desenvolvimento da obra de Burle Marx a aquisição do Sítio Santo Antônio da Bica, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A propriedade adquirida a partir de 1949 passa a ser um local de abrigo de uma coleção de flora tropical, com muitas espécies ainda não utilizadas em paisagismo, onde a experimentação botânica e compositiva possibilitou novos vocabulários aos jardins de Roberto – que mais tarde se estenderiam aos jardins do Brasil e do mundo. O desenvolvimento de sua perspectiva profissional, que culmina em um olhar cada vez mais ambientalista, reflete no gesto da doação de seu Sítio ao governo federal brasileiro, percebendo o valor científico da coleção que havia formado neste local. Nesta medida de oferecer sua propriedade para constituir um patrimônio público nacional está uma aspiração para que este se torne um bem que contribuísse ao direito coletivo ao conhecimento sobre a flora tropical, e que siga inspirando a prática da criação paisagística. O Sítio, como laboratório experimental estético e botânico possibilitou uma interação constante de Roberto com sua equipe de funcionários, colaboradores, amigos, e a relação de todos estes com as plantas. É neste cenário do Sítio Santo Antônio da Bica que muitas concepções dos jardins da Burle Marx & Cia se consolidam, a partir do acompanhamento das espécies no tempo, suas adaptações, efeitos estéticos gerados e relações entre os grupos vegetais (IPHAN, 2019).

A partir desse entendimento, fica evidente o valor do Sítio Roberto Burle Marx para a memória do paisagismo brasileiro (Figura 40). Este reconhecimento de sua importância enquanto relato ao contexto acadêmico, aos estudiosos da arte, da botânica, da arquitetura paisagística e muitas outras áreas é uma das assimilações de identidade que o constitui. Entretanto, outras percepções e vínculos também o compõem, como os associados à sua relação com a localidade onde está situado. A região de seu entorno manifesta uma forma particular de apreensão e reprodução de seu valor, com uma simbiose histórica nas trajetórias de vida, na formação dos espaços ou na influência sobre sua caracterização sociocultural. Deste modo, salienta-se a relevância da abordagem sobre seu papel como relato para fora dos limites de seus muros, na forma como o Sítio afetou e foi afetado pela própria paisagem onde está inserido.

16 Conferência 'The Function of the Garden', sem data. Transcrita e traduzida pro inglês em 1970.



Figura 40: **Roberto Burle Marx no Sítio Santo Antônio da Bica, 1961.**
Fonte: Foto de Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles.

3. Paisagens de entorno do Sítio Roberto Burle Marx:

entre montanhas, mangues e mar





Figuras 41 e 42: **Vistas da paisagem a partir do Sítio Roberto Burle Marx em 1970.**
Fonte: Fotos de Alair Gomes. IPHAN, 2019.

Figuras 43 e 44: **Vistas aéreas da paisagem a partir do Sítio Roberto Burle Marx.**
Fonte: Acervo SRBM.





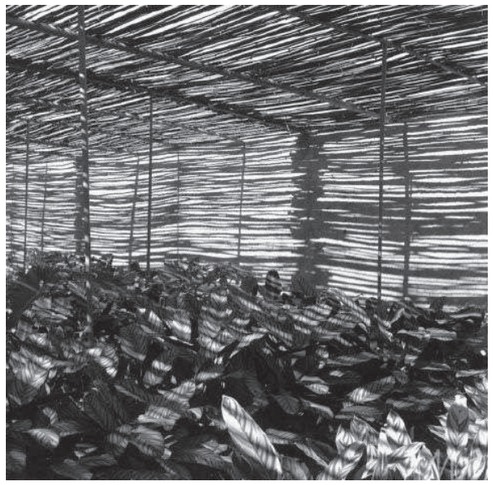
Há uma relação de trajetórias entrelaçadas entre o Sítio Roberto Burle Marx e as paisagens em seu contexto territorial. A influência mútua entre a propriedade e seu lugar de inserção – os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba, na cidade do Rio de Janeiro – se dá por diversos elementos e trocas culturais. Logo na escolha do paisagista Roberto Burle Marx de um local para aquisição de um terreno, as características naturais e geográficas da região de Guaratiba foram decisivas, já que a diversidade de feições permitiriam grandes possibilidades de experimentação compositiva e abrigo de espécies variadas. A configuração existente no local no momento dessa aquisição era resultado de sua sucessão histórica de eventos, que conduziam à características ainda rurais, com predomínio da atividade agrícola e pesqueira. A instalação do Sítio, por sua vez, trouxe grande impacto sociocultural para a localidade. A condição da propriedade, com significativo prestígio na atividade paisagística nacional e internacional, influenciaram numa mobilização de outras práticas socioeconômicas e culturais. Os ofícios ligados ao paisagismo, ao cultivo de plantas ornamentais, à botânica ou à jardinagem tornam-se uma potencial forma de vida em diálogo com as atividades e saberes previamente ali estabelecidos.

Ainda hoje, o Sítio Roberto Burle Marx – que é um unidade especial do IPHAN, entendido como Centro Cultural – tem importância representativa na região onde está inserido, notadamente num contexto de poucos investimentos no setor da cultura. Aí reside a importância do fortalecimento da relação local com este patrimônio, em sua identificação e valorização pela população, e na integração com outros elementos simbólicos dessa paisagem. Este patrimônio cultural, tombado nas esferas federal, estadual e municipal, teve recente chancela concedida pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, na categoria paisagem cultural. Esta indicação estabelece uma dimensão de sua importância não apenas como monumento isolado, mas como uma paisagem de singular interação intrínseca entre ser humano e natureza. Esta perspectiva diz respeito às criações de Burle Marx, mas se amplia a todo um contexto sociocultural que conduz à um conjunto de relações simbólicas que se estabelece nessa paisagem. É possível inclusive identificar um elo entre a inscrição do Sítio e a inscrição da cidade do Rio de Janeiro como Patrimônio Mundial, também na categoria paisagem cultural, com a candidatura intitulada: 'Rio de Janeiro, paisagens cariocas entre montanhas e mar'[17]. A singularidade percebida na paisagem carioca dialoga com as características naturais e culturais no contexto do Sítio, havendo certa conexão entre seus "valores excepcionais universais". Assim, entender a dimensão cultural ampla do Sítio em sua trajetória histórica ligada a sua inserção territorial auxilia na compreensão de que projeções podem ser colocadas à localidade que não só abriga este bem, mas manifesta características socioculturais provenientes das trocas com ele estabelecidas (Figuras 41 - 44).

17 A inscrição da cidade do Rio de janeiro como paisagem cultural na Lista do Patrimônio Mundial se deu no ano 2016, sendo a primeira paisagem urbana do mundo a receber esta menção pela UNESCO.













Figuras 45, 46 e 47: **Ripados e Jardim da Casa Principal, espaços no SRBM.**
Fonte: Fotos de Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles;

Figura 48: **Cozinha de Pedra, no SRBM.**
Fonte: Foto de Oscar Liberal. Acervo SRBM.

3.1. Sítio Roberto Burle Marx

3.1.1. Trajetória histórica, valor cultural e tombamento

Na época conhecido como Sítio Santo Antônio da Bica, a propriedade que hoje é o SRBM teve a primeira parcela de sua aquisição efetivada em 1949, pelos irmãos Roberto e Guilherme Siegfried Burle Marx. No local encontraram a diversidade de feições naturais desejadas, num terreno em aclive, com cursos d'água e afloramentos rochosos. A região de entorno tinha atividade predominantemente agrícola, sendo o terreno até então uma fazenda para cultivo de bananas. O início da formação dos espaços pelos Burle Marx se deu nos primeiros anos após a compra, na década de 1950, envolvendo o arruamento com estradas de pedra e construção dos primeiros viveiros – chamados de ripados, pois eram cobertos com ripas de bambu – para abrigar a coleção de plantas que estava em formação (Figuras 45 e 46). No terreno já haviam uma casa colonial e uma capela do século XVII (Figura 47), que estavam em estado de ruínas, e foram restauradas (IPHAN, 2019). Outras instalações, assim como as expansões dos jardins, foram aos poucos sendo executadas, num desenvolvimento gradual dos espaços, sem projetos na prancheta, mas pensados em escala um pra um. Para uma estruturação da evolução dos espaços, algumas datas marcam fases das dinâmicas internas do Sítio: a primeira, a partir de 1949, é de conformação dos principais espaços após a aquisição; a segunda, após 1973, é quando Roberto passa a residir no Sítio; a terceira, em 1985, é o ano da doação da propriedade à União; e a quarta, em 1994, é o ano do falecimento de Roberto, consolidando o local como instituição pública (MONTEIRO; MELLO, 2021).

Assim, nos primeiros anos após 1949, Roberto ainda residia no Leme e as visitas ao Sítio eram mais eventuais, aos finais de semana. A administração do espaço ficava a cargo de Guilherme Siegfried – o Seu Sieg, como era conhecido no Sítio[18]. Neste momento o terreno se ampliou com novas compras de áreas por faixas, e mais espaços foram sendo concebidos. Próximo ao conjunto casa-capela os jardins foram constantemente se estruturando, e novos espaços sendo agregados, como a Cozinha de Pedra[19] na década de 1960, que é um pavilhão para função de salão de festas, com áreas ajardinadas em seu entorno (Figura 48). Na década de 1970 começou a ser concebido o Jardim dos Lagos, numa parte baixa e alagadiça do terreno, onde se concentrava cursos d'água e formações rochosas, compondo assim um jardim com plantas condizentes com estas características (Figuras 49-50). A partir de 1973, Roberto passa a residir no Sítio, onde fica até sua morte, intensificando-se neste período sua relação experimental com as espécies vegetais, pela possiblidade de seu acompanhamento mais cotidiano (IPHAN, 2019).

A doação do terreno no ano de 1985 para o en-

18 Informação do Acervo de História Oral do Sítio Roberto Burle Marx - IPHAN, no prelo.

19 O pavilhão da Cozinha de Pedra foi projetado pelos arquitetos Rubem Breitman e Francisco Haroldo Beltrão. O projeto foi premiado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB).

tão pró-Memória (atual IPHAN) caracterizaria uma nova perspectiva ao Sítio, de viés público e institucional. Na escritura de cessão da propriedade, algumas cláusulas marcam exigências por parte de Burle Marx ao governo federal. Dentre elas estão: o local passar a se chamar Sítio Roberto Burle Marx (SRBM); tornar-se um centro de estudos e pesquisa em paisagismo e conservação da natureza; atribuir a Burle Marx o cargo de primeiro diretor, e autorizar sua permanência no Sítio como local de residência; e incorporar seus funcionários como servidores públicos, garantindo a integridade do acervo pelas proximidades e conhecimentos já existentes no local (Processo 1131-T-84). O gesto da doação da propriedade mostrava a preocupação em não deixar se perder uma coleção de tamanha riqueza, que se considerava ter importância, dentre outras questões, para a preservação de ecossistemas, visto a diversidade de espécies que continha, inclusive com espécies de plantas ameaçadas de extinção. Neste contexto, as adaptações do espaço do Sítio se davam para seus novos usos de viés institucional. Seguiu-se ampliando as áreas dos viveiros, que passaram a se chamar 'Sombrais', pela mudança das coberturas de ripas de bambu para telas de sombrite; e constrói-se o prédio da Administração – com biblioteca, salas de trabalho e auditório – e o Ateliê, pensado para acomodar cursos, eventos ou exposições (IPHAN, 2019).

Roberto Burle Marx acompanha o desenvolvimento das obras do Ateliê, mas morre no ano de 1994, pouco antes de sua conclusão





Figuras 49 e 50: **Jardim dos Lagos no SRBM.**
Fonte: Acervo SRBM.

(Figuras 51-52). O momento de sua morte marca a oficialização da condição do Sítio enquanto patrimônio público, quando a dinâmica de residência pessoal se encerra, a casa é fechada e o acervo começa a ser catalogado, consolidando o espaço como lugar de memória (MONTEIRO; MELLO, 2021). O processo de tombamento no nível federal, iniciado no período da doação, é somente concluído em 2003 (IPHAN, 2019). Este processo reforça a importância do acervo de espécies vegetais, que é defendido por alguns botânicos que atestam a potencialidade de configurar este espaço como um local de conhecimento e pesquisas científicas (Processo 1131-T-84). Além disso, seu vínculo à uma instituição de memória e cultura reitera seu valor histórico e artístico, pela sua importância à trajetória do paisagismo nacional, em especial do movimento estético modernista. Assim, Ítalo Campofiorito aponta, na reunião do Conselho Consultivo do IPHAN para o tombamento do SRBM, que conservá-lo "é proteger um extraordinário depósito científico e preservar incontáveis jardins do futuro" (IPHAN apud. DIAS, 2008; Processo 1131-T-84).

Atualmente, o terreno com área de 40,53 hectares (405.300 m2), possui uma coleção estimada de 3500 espécies de plantas da flora tropical, além de vasta coleção de obras de arte – tanto de produção de Roberto como de outros artistas –, livros, fotografias, conchas, e objetos pessoais. O espaço aberto dos jardins é permeado por construções de diferentes tipologias, como a Casa de Roberto, a Capela de Santo Antônio, o Ateliê ou os Sombrais (Figuras





Figura 51: **Ateliê, no SRBM.**
Fonte: Foto de Oscar Liberal. Acervo SRBM.

Figura 52: **Fachada do Ateliê em construção.**
Fonte: IPHAN, 2019.

53-54). Configura-se assim um verdadeiro museu a céu aberto com acervos variados, que manifestam uma integração entre arte e natureza, e uma multidimensionalidade que reflete a essência plural na produção de Burle Marx e a complexidade da própria atividade paisagística. O local recebe visitas mediadas, com viés museológico e de educação ambiental, e oferece atividades culturais esporádicas, como oficinas e eventos, sobre artes, paisagismo, botânica e ecologia (IPHAN, 2019) (Figuras 55-56).



Figura 53: **Planta baixa do terreno do SRBM.**
Fonte: Acervo SRBM. IPHAN, 2019.

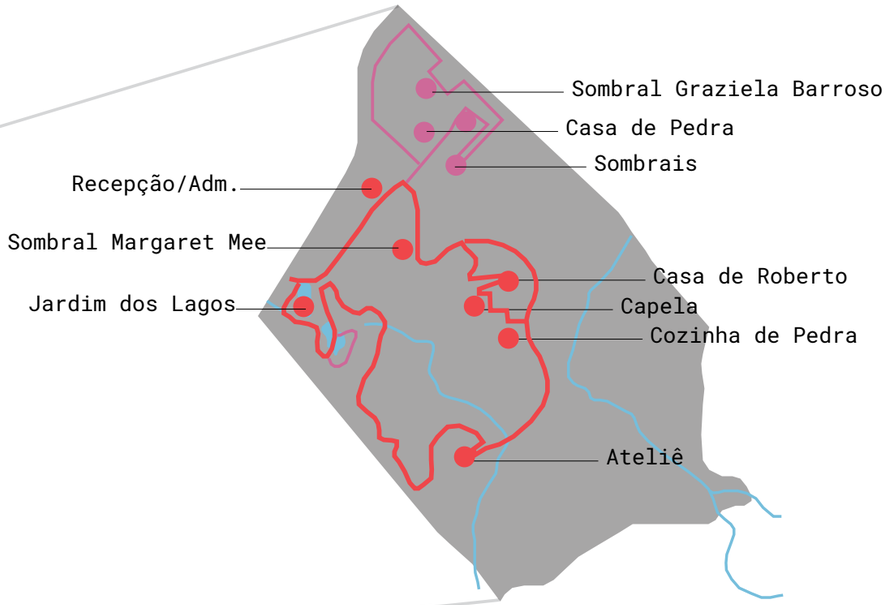


Figura 54: **Esquema dos espaços do SRBM, com destaque ao circuito principal de visitação (em vermelho).**
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 55: **Visitação no SRBM.**
Fonte: Página do Instagram do SRBM. Disponível em: .
< https://www.instagram.com/sitiorobertoburlemarx/>.



Figura 56: **Eventos no SRBM, Jornadinha de Pintura.**
Fonte: Página do Instagram do SRBM. Disponível em: .
< https://www.instagram.com/sitiorobertoburlemarx/>.



3.1.2. Patrimônio Mundial e Zona de Amortecimento

O processo de inscrição do Sítio para compor a Lista do Patrimônio Mundial da Unesco se oficializou na 44ª sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, ocorrida em julho de 2021, sediada em Fuzhou na China e transmitida em formato *online*. A chancela atesta sua importância como berço do jardim modernista tropical, em que seu Valor Universal Excepcional (VUE) é reconhecido por seus atributos como um laboratório experimental paisagístico que possibilitou novas concepções estéticas em jardins, tendo influência mundial. Assim, a propriedade entra na categoria Paisagem Cultural, a partir dos critérios (ii) e (iv), que envolvem:

> "Critério (ii): ser testemunho de um intercâmbio de influências consideráveis, durante um dado período ou numa determinada área cultural, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, planeamento urbano ou a criação de paisagens;
>
> Critério (iv): representar um exemplo eminente de um tipo de construção ou de um conjunto arquitetónico ou tecnológico ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativo da história humana;" [20]

O enquadramento nesses critérios e os atributos de seu VUE são confirmados em relatório pelo ICOMOS, órgão que avalia o processo de inscrição e auxilia os Estados-parte com recomendações para a proteção e difusão dos patrimônios culturais inscritos[21] . No relatório sobre os bens inscritos em 2021, é reportado sobre os principais fatores externos que afetam o Sítio Roberto Burle Marx como riscos de incêndio, falta de abastecimento de água, expansão urbana e a especulação imobiliária. Quanto aos dois últimos fatores atenta-se para sua interferência na integridade visual do bem, e ressalta-se a urgência em regulamentar o crescimento urbano na Zona de Amortecimento, e trabalhar junto aos planos urbanísticos, de modo a levar em conta as diretrizes que considerem os atributos e valores do bem cultural (ICOMOS, 2021). A área delimitada para configurar a Zona de Amortecimento (*buffer zone*) do SRBM (ZA-SRBM) mostra assim potencial de auxiliar na proteção da integridade do acervo da propriedade, bem como de fomentar o desenvolvimento cultural, turístico e econômico que esta inscrição traz para a região.

A indicação para configuração ZA-SRBM foi feita pelo Estado-parte, indicada no Dossiê de Candidatura da propriedade. O Dossiê do SRBM foi elaborado por técnicos do IPHAN em conjunto com especialistas e outros agentes de relevância para este bem, como técnicos de outros órgãos ou pessoas da sociedade civil. No caso da discussão em torno da Zona de Amortecimento do SRBM, as decisões foram tomadas pela equipe interna do Sítio em conjunto com alguns técnicos do Instituto Estadual do Ambiente, o INEA, e da Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU) da Prefeitura do Rio de Janeiro – conforme relatado por Storino e Souza (2021). Assim, foi delimitada uma área de 575 hectares (5,75 km2) circunscrita ao terreno do Sítio, com seus limites definidos por características geográficas e urbanísticas da região do entorno (Figura 57). Os princípios para delimitação da ZA-SRBM foram, segundo o Dossiê de Candidatura para UNESCO:

> "(1) garantir um espaço de apoio à propriedade, assegurando condições ambientais e urbanas favoráveis a preservação da coleção botânica e dos jardins, e (2), configurar um ambiente propício a conservação, apreensão e usufruto dos atributos que conferem o valor universal excepcional do bem"
> (IPHAN, 2019, p. 448, tradução pessoal).

As bases conceituais que determinaram a discussão sobre o recorte vieram das recomendações e cartas patrimoniais internacionais que abordam os entornos dos bens, ressaltando a preservação do "espírito do lugar" a partir das relações de aspectos materiais e imateriais. Cita-se no Dossiê alguns pontos da Declaração de Xi'an sobre a Conservação de Entornos, Sítios, e Áreas do Patrimônio Cultural (2005), que:

> "declara que "a definição dos entornos deve ser cuidadosamente articulada com os valores do conjunto e sua relação com o objeto patrimonial", e indica entre seus princípios e recomendações de que deve-se "reconhecer a contribuição da delimitação ao significado dos monumentos, sítios e áreas patrimoniais"".
> (IPHAN, 2019, p. 449, tradução pessoal)

Considera-se então determinante para esta discussão os aspectos marcantes da região de Guaratiba em seu contexto municipal, com características rurais de ocupação, baixos índices construtivos, presença de cultivo agrícola e áreas de preservação ambiental. Estes fatores condicionam a um presente debate no planejamento local voltado ao incentivo para composição de uma rede de unidades de conservação (IPHAN, 2019). As preocupações sobre os fatores externos que afetam a integridade do Sítio, como as voltadas aos riscos de incêndio e abastecimento de água, dependem fortemente da gestão ambiental destas unidades (STORINO, 2021). A coleção viva do Sítio tem vínculo simbiótico com os ecossistemas locais pela ligação entre as espécies da flora e fauna, solos e cursos d'água. Quanto aos fatores ligados à expansão urbana e especulação do solo, as restrições construtivas são as principais estratégias abordadas, que já tem limitações determinadas no planejamento urbano, mas que podem ser sobrepostas a outros instrumentos. No caso de sobreposições legais, sempre prevalece a medida mais restritiva (IPHAN, 2019).

O recorte territorial determinado para *buffer zone* considerou, então, a viabilidade de implementações futuras de medidas de monitoramento e controle das transformações espaciais, assim como a intenção de propiciar uma coerente unidade espacial, pelas perspectivas topográficas e visuais. Vale salientar que cerca de 70% da área da ZA-SRBM está sobreposta à Unidades de Conservação existentes na região, e em torno de 30% corresponde à uma área urbanizada, com baixa taxa de ocupação do solo. Esta sobreposição já favorece um alto nível de proteção das paisagens de entorno (IPHAN, 2019). É, no entanto, apontado por Storino (2021), a dificuldade em se ter um controle total das vistas das paisagens a partir do

20 'Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial', UNESCO, Centro do Patrimônio Mundial, 10 de julho de 2019. Edição em português, Lisboa, setembro de 2020.

21 'Evaluations of Nominations of Cultural and Mixed Properties', ICOMOS report for the World Heritage Committee, 2021.

Sítio, que tem grande alcance visual, inclusive de bairros em processos já avançados de urbanização. Assim, as medidas de controle viáveis a partir dos instrumentos legais, se dão a partir de um entorno mais imediato, em que o IPHAN possa interferir nas medidas de restrição ocupacional (STORINO, 2021).

Diante disso, as linhas limites que determinaram o recorte espacial da ZA-SRBM foram: à oeste o Canal do Portinho; à leste o cume da montanha da Serra de Santo Antônio; ao norte a Av. das Américas, no seu encontro com a Serra da Grota Funda e o encontro do Caminho do Abreu com a Estrada Roberto Burle Marx; e ao sul uma linha reta conecta os pontos leste-oeste na altura do Morro do Xavier, com extensão visual ao morro do Itapuca (IPHAN, 2019). A escolha do contorno ao norte em não acompanhar a extensão da Av. das Américas, mas em seguir o Caminho do Abreu após o encontro com a Estrada Roberto Burle Marx "foi motivada pela decisão de excluir da *buffer zone* um trecho com ocupação urbana desordenada, densa e já bastante consolidada" (IPHAN, 2019, P. 449) – que fica entre a rua adotada para o limite e a Av. das Américas.

Os indicativos do Dossiê estabelecem as argumentações para delimitação da ZA-SRBM e as intenções gerais sobre esta área, mas as formas de atuação sobre ela ainda não possuem diretrizes específicas. A avaliação do ICOMOS sobre a inscrição do Sítio Roberto Burle Marx traz apontamentos sobre sua relação com o entorno e sobre medidas pertinentes na atuação sobre a *buffer zone*, que dão indícios de considerações a serem feitas. Reforça-se a importância do entendimento do valor cultural da propriedade no local, considerando também sua relação com o tecido urbano e a estrada de acesso[22]. O documento também aborda o envolvimento comunitário como medida de conservação e valorização do bem, salientando a conexão com a produção e comércio locais de plantas ornamentais na região[23] (ICOMOS, 2021). Amplia-se, assim, a discussão em torno das possibilidades de atuação sobre a Zona de Amortecimento, e seu papel como articuladora cultural entre o Sítio e seu contexto territorial.

22 "Understanding of the cultural value of the property should be improved, and a shared vision that underpins the conervation and protection of the property should be developed. This hould also address the access road and urban fabric in the vicinity" (ICOMOS, 2021, p. 178).

23 "One aspect of community involvement is the strong connection between the property and nursery businesses in the vicinity" (ICOMOS, 2021, p. 184).

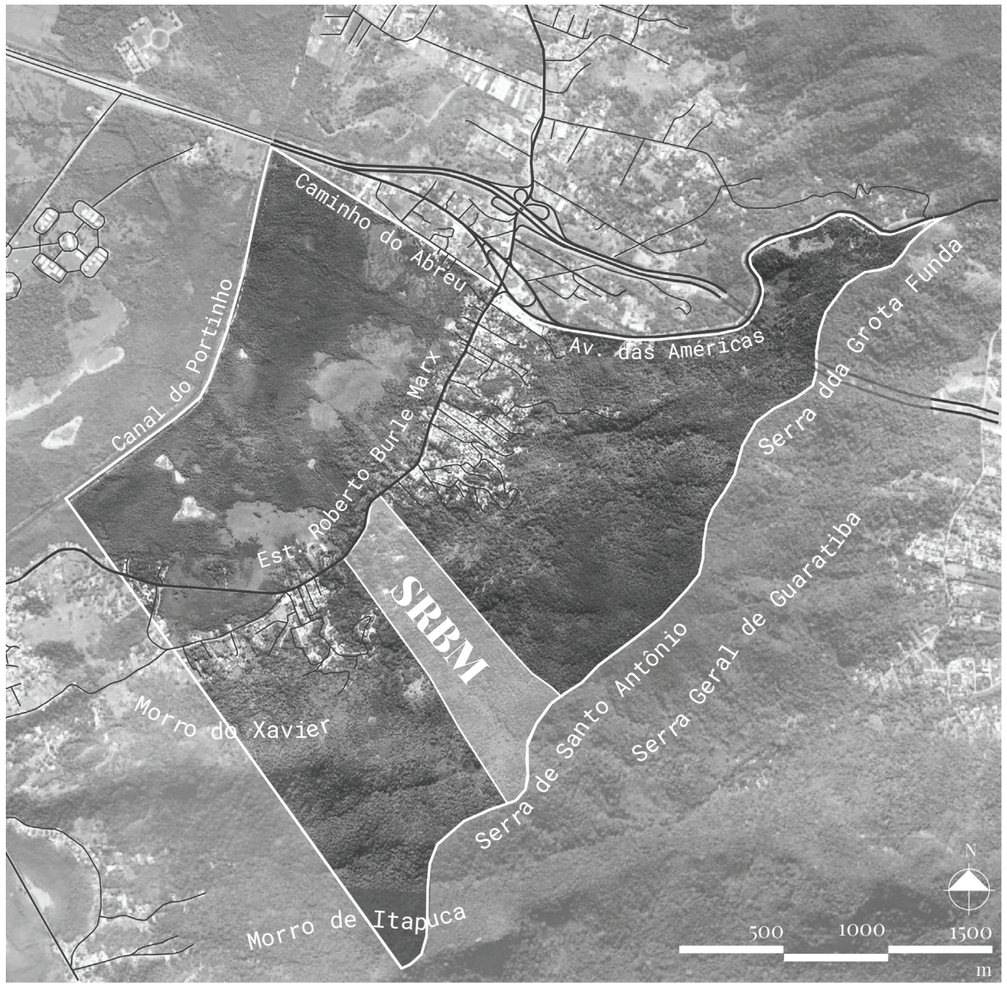


Figura 57: **Mapa dos limites da Zona de Amortecimento do SRBM (ZA-SRBM).**
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Google Earth 2020.

3.1.3.Relação sociocultural com os bairros de entorno

Desde sua chegada a região, o Sítio mantém estreita ligação com o território e a população local, dada a amplitude do projeto que ali surgia. Nessa época, logo mobilizou-se, conduzida por Siegfried Burle Marx, a contratação de funcionários, pela considerável necessidade de mão-de-obra em razão do tamanho extenso da propriedade e das tantas atividades necessárias para dar forma ao espaço e manter a coleção de espécies que chegava. A contratação foi em sua maioria de habitantes do bairro, dos quais muitos já trabalhavam na atividade agrícola em roças de cultivo (IPHAN, 2019). Os trabalhadores eram então habituados à terra, com conhecimentos prévios sobre plantio, manejo e cuidados com plantas. Roberto Burle Marx os introduziu, no entanto, outro olhar às espécies vegetais, apresentando seu papel estético e contemplativo. Um dos jardineiros do Sítio, Elias Verdan, manifesta que até ir trabalhar no Sítio com o "Seu Roberto" considerava as plantas não comestíveis como "mato", e após este encontro passou a perceber o valor da beleza nas plantas[24].

Esta introdução da perspectiva estética sobre o mundo vegetal acaba por impactar o perfil da região. A percepção de uma possibilidade econômica no cultivo de plantas ornamentais surge a partir de trabalhadores do Sítio. Um dos precursores na atividade foi Evanir Souza, encarregado dos Burle Marx por muitos anos. Marlon Souza (2021), seu sobrinho e atual chefe da Divisão Técnica do SRBM, lembra do início da prática de plantio para comercialização, por seu tio e seu pai, num momento embrionário da atividade na região. As primeiras produções foram das arecas (*Dypsis lutescens*), por seu fácil cultivo, rápido crescimento e bom escoamento nas vendas (SOUZA, 2021). Logo, a prática vai sendo incorporada por outros moradores da região. Arides Pereira, empresário no setor de plantas que também foi funcionário de Roberto e Siegfried, afirma que o setor cresceu na região através do Burle Marx:

> "Porque além de ele dar emprego só ao pessoal do local, vamos dizer trinta, quarenta pessoas, esse pessoal aprenderam [sic] a trabalhar com plantas. Então até os fundos de quintais começou a preparar planta [sic]. E foi se transformando em chácaras, de forma que Guaratiba hoje não tem mais banana, bananais tem muito pouco. É plantas ornamentais em toda casa (...)"[25].

O desenvolvimento da atividade na região nesta época acaba por ser positivo para os Burle Marx, já que sua produção passa a ser complementada pelos outros produtores locais. Desta forma Siegfried – que era responsável pela administração do Sítio e da execução de jardins, enquanto Roberto se encarregava mais do escritório – estabelecia intenso contato com os produtores que ali surgiam (SOUZA, 2021). Assim, as chácaras e hortos do bairro eram vistas pelos irmãos como "satélites" do Sítio (IPHAN, 2019).

A mobilização que o Sítio trouxe aos bairros se deu também em outros campos, como social e artístico. Souza (2021) recorda do hábito de Burle Marx em chamar crianças e jovens da região para executar trabalhos simples, como a retirada de erva-de-passarinho (*Struthanthus flexicaulis*) das árvores, evitando a necessidade de podá-las. Conheceu muitos que fizeram esses trabalhos, inclusive seu pai quando jovem. O entrevistado também relata a respeito das atividades artísticas junto às crianças e jovens do bairro, que eram convidados nos períodos de férias para auxiliar com as pinturas das obras de arte, ajudando nas misturas de tintas (Figuras 58-59). Roberto Burle Marx, em seu hábito de pintar diversos objetos para além das telas, como utensílios de casa, toalhas, ou lençóis (Figura 60), pintava também camisetas, as quais frequentemente presenteava aos funcionários e seus familiares. Assim, muitos na região tinham vestimentas pintadas por Burle Marx (SOUZA, 2021).

Outro fator de atividade social notável no Sítio está na presença da Capela de Santo Antônio da Bica dentro das instalações do terreno. Após sua reforma, conduzida pelos arquitetos Lúcio Costa e Carlos Leão, seu uso foi concedido para a comunidade, para realização das missas aos domingos, além de celebrações de casamentos, batizados, etc., sendo estes eventos que acontecem até os dias de hoje. A festividade com maior mobilização social, contudo, é a comemoração de Santo Antônio, em 13 de junho, dia do padroeiro da capela e da região (Figuras 61-67). A procissão, que também permanece até os dias atuais, se inicia no portão de entrada do Sítio, e sobe o caminho até a capela. Para o dia do evento, há uma organização por parte da gestão do Sítio, com decoração do espaço e preparação de arranjos de plantas, sendo um dia de socialização entre a comunidade. Estas atividades ligadas às celebrações religiosas no SRBM são entendidas como um aspecto imaterial deste patrimônio, associadas a uma forma de identificação e reconhecimento do valor do Sítio pela população (IPHAN, 2019).

Nota-se, portanto, a relação profunda que se estabeleceu entre o Sítio e a região do entorno. A presença de Burle Marx e seu legado é transformadora ao bairro e considerada "um orgulho em Guaratiba"[26]. A troca simbólica de Roberto com os bairros, especialmente após tornar-se local de sua residência nos últimos vinte anos de sua vida, culminou em seu pedido para ser enterrado após o falecimento no cemitério da Ilha de Guaratiba (IPHAN, 2019). Ele foi sepultado junto a sua babá, Ana Piasec, que viveu

24 Em entrevista ao programa "Um pé de que", transmitido pelo Canal Futura. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Kdfi9aSsvGY>

25 Relato de Arides Pereira ao documentário "Memória Amiga: Roberto Burle Marx e a comunidade de Guaratiba", 2009, de produção do IPHAN, com direção de Guillermo Planel.

26 Relato de Arides Pereira ao documentário "Memória Amiga: Roberto Burle Marx e a comunidade de Guaratiba", 2009, de produção do IPHAN, com direção de Guillermo Planel.





Figuras 58 e 59: **Roberto Burle Marx e auxiliares na pintura de telas.**
Fonte: Fotos de Marcel Gautherot. Acervo IMS;

Figura 60: **Roberto Burle Marx e toalha de mesa pintada por ele.**
Fonte: Acervo IMS;









Figuras 61, 62, 63, 64, 65, 66 e 67: **Organização e realização da Festa de Santo Antônio no Sítio Santo Antônio da Bica, 1961.**
Fonte: Fotos de Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles;

com ele no Sítio e seu túmulo foi projetado por Haruyoshi Ono[27], seu sócio na Burle Marx & Cia. O cemitério da Ilha fica ao lado e forma um conjunto com a Igreja Matriz, do século XVII, que é um marco do período colonial na região. A Igreja é o único outro bem tombado na esfera federal, além do Sítio Roberto Burle Marx, nos bairros do recorte aqui estabelecido. São estes assim dois locais simbólicos na trajetória cultural desta localidade. Desta forma, é fundamental estabelecer uma contextualização deste recorte e seus outros elementos de constituição, culturais e ambientais, para um estudo da interação deste patrimônio com seu entorno.

27 Informação do Acervo de História Oral do Sítio Roberto Burle Marx, no prelo.

3.2. Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba: as montanhas, os mangues e o mar

O recorte delimitado para análise do território de entorno do Sítio Roberto Burle Marx é a bacia hidrográfica que compreende os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba (Figuras 68-69). A escolha da delimitação com os dois bairros se dá pela configuração geográfica que confere semelhanças em suas disposições urbanísticas, e pela interação na narrativa cultural que estabelecem com o Sítio. Eles estão inseridos na bacia hidrográfica dos Rios Portinho e Piracão, entre uma cadeia montanhosa que se estende até a costa do mar e uma porção de terras alagadiças que conformam uma floresta de manguezal. Esta disposição entre montanhas, mangues e mar configura um território com dificuldade de acesso e ocupação do solo, fator que conduziu às suas características urbanas, sociais e morfológicas. Assim, os bairros se caracterizam por um lento e tardio processo de urbanização, com uma atual ocupação de baixa densidade. A área de ocupação urbana configura uma faixa alongada, com tecido de disposição linear estruturado por uma via principal que percorre os bairros e se estende até a orla. A ocupação urbana é permeada por áreas de cultivo agrícola, e espaços livres não construídos. Margeando a faixa ocupada, em ambos os lados e próximo ao mar, se conformam áreas de proteção ambiental com representações das três fisionomias de Mata Atlântica: as florestas de encosta, o manguezal e a restinga (INEA, 2013).

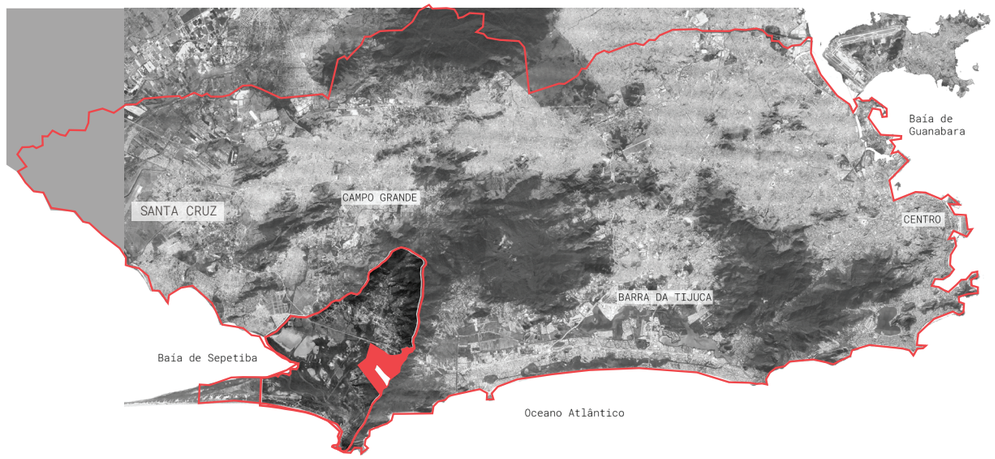


Figura 68: **Localização da bacia hidrográfica dos Rios Portinho e Piracão na cidade do Rio de Janeiro.**
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Google Earth 2020.

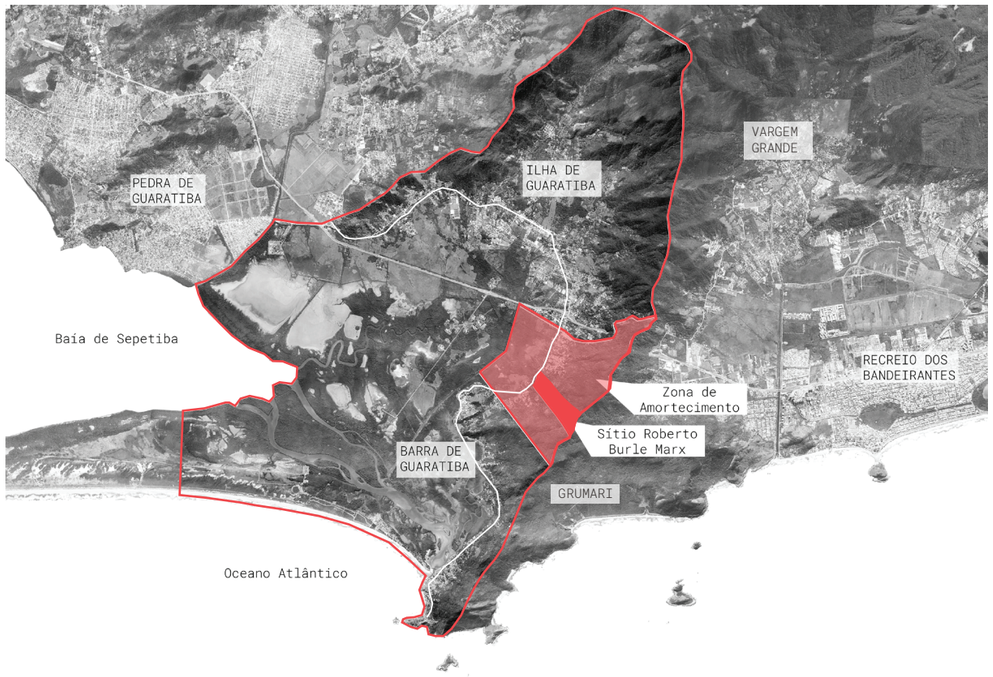


Figura 69: **Localização do território delimitado pela bacia hidrográfica dos Rios Portinho e Piracão, onde estão os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba e da ZA-ZRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Google Earth 2020.

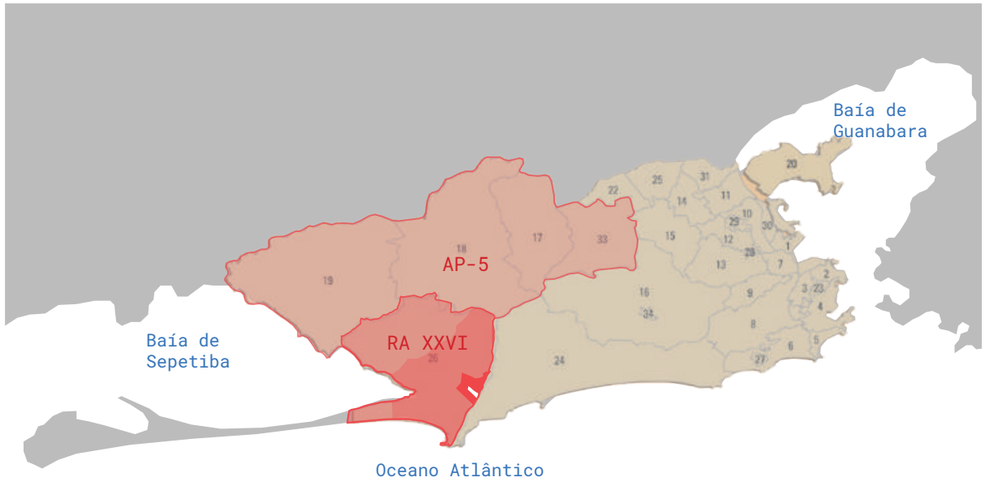
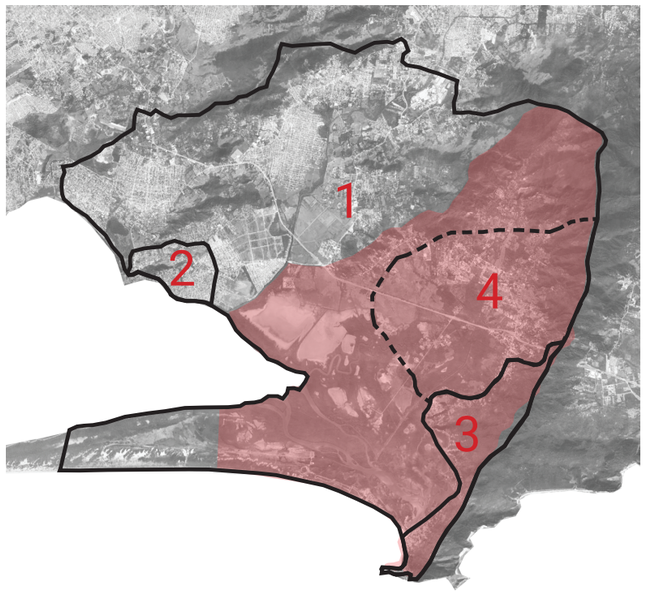


Figura 70: **Localização da Área de Planejamento 5 e da Região Administrativa de Guaratiba na cidade do Rio de Janeiro.**
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Portal Geo Rio, disponível em: < https://portalgeo.rio.rj.gov.br/>.



1 Guaratiba
2 Pedra de Guaratiba
3 Barra de Guaratiba
4 Ilha de Guaratiba

Figura 71: **Bairros da Região Administrativa de Guaratiba.**
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Google Earth, 2021.

3.2.1. Bairros e delimitação administrativa

Os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba fazem parte da XXVI Região Administrativa (R.A.) da cidade do Rio de Janeiro, a R.A. de Guaratiba, na Zona Oeste do município (Figura 70). A R.A. é dividida oficialmente entre os bairros Guaratiba, Pedra de Guaratiba e Barra de Guaratiba (SMU-RIO, 2019), sendo a subdivisão de Ilha de Guaratiba informal, mas bastante consolidada entre os moradores da região (Figura 71). Isto se manifesta nos equipamentos urbanos que levam seu nome, como a estação de BRT Ilha de Guaratiba, a Estrada da Ilha ou o Largo da Ilha. Esta localidade demanda emancipação político-administrativa, havendo tentativa de oficialização enquanto bairro (HERZOG, 2009). Esta solicitação apresenta motivos pertinentes, já que suas características e necessidades se diferem bastante das do bairro de Guaratiba, ao qual está atualmente vinculado. Nota-se assim uma evidente distinção ocupacional entre o recorte de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba, e o conjunto Guaratiba e Pedra de Guaratiba, nos quais o último mostra expressiva aceleração no processo de urbanização, em sua maioria constituída de assentamentos informais.

Embora existam diferenças em suas subdivisões internas, a RA de Guaratiba é uma região que tem grandes singularidades no contexto municipal. Sua área representa 13,5% do território do Rio de Janeiro (com 165,49 Km2), enquanto sua população equivale a 2,9% dos habitantes da cidade (com 179.689 hab.). Com isso, é a RA de menor densidade demográfica do município, com 1085 hab./km2. A região compõe a Área de Planejamento 5 (AP-5) na estruturação urbanística do município, junto às RAs de Bangu, Realengo, Campo Grande e Santa Cruz, sendo Guaratiba a menos urbanizada destas. As centralidades municipais e metropolitanas às quais a região está vinculada são as dos bairros de Santa Cruz, Campo Grande e Recreio dos Bandeirantes, locais que dão acesso às facilidades que não estão abastecidas em Guaratiba (SMU-RIO, 2019). Além dos locais citados, o recorte faz fronteira com os bairros de Vargem Grande e Grumari, também marcados pela baixa densidade ocupacional e presença de áreas ambientalmente preservadas.

O nome do bairro de Ilha de Guaratiba desperta curiosidade por não se tratar de uma ilha. Há duas teorias para a origem deste nome: uma delas refere-se à sua disposição gerográfica entre áreas alagadiças, tornando a localidade uma porção de terra "ilhada". A outra remete a um antigo proprietário de terras e produtor de laranja da região, um inglês chamado S. Willian. Esta história conta que a pronúncia dos moradores gerou a expressão "Seu Ilha", que aos poucos passou aforma de se denominar a localidade (HERZOG, 2008).

3.2.2. Trajetória da ocupação histórica

Os primeiros registros de ocupação humana nesta região datam de três mil anos atrás. A região era ocupada por grupos de coletores-caçadores, que viviam principalmente da pesca e da coleta de moluscos (KNEIP, 1987 apud. INEA, 2013). Dos anos 1100 a 1500, os territórios do litoral fluminense eram ocupados por populações indígenas Tupi, seminômades, praticantes de agricultura "coivara"[28], que mesmo sendo uma técnica de impacto no ambiente, não representava grandes transformações na paisagem (INEA, 2013). A região de Guaratiba era então habitada por índios Tupi-guarani até 1579, quando se deu a chegada do português Manoel Velloso Espinha, que havia recebido da coroa portuguesa uma sesmaria à norte da restinga da Marambaia, onde passou a administrar engenhos para produção de açúcar e aguardente (PINTO apud. INEA, 2013). Alguns nomes de localidades na região remontam à prévia presença dos povos Tupi, como o próprio termo Guaratiba (*agwa'rá tyba*) que significa "ajuntamento de guarás, em referência a ave guará-vermelho (*Eudocimus ruber*) (Figura 72); 'grumari' é o nome indígena dado a uma espécie arbórea presente nas restingas locais, a *Esenbeckia gradiflora*, da família Rutaceae; ou 'marambaia', do termo tupi *'kamarambaîa*', que se refere à espécie *Ludwigia octovalvis* da família Onagraceae.

Os engenhos de açúcar se propagaram na região, propiciados pela fertilidade do solo e presença de mananciais de água que eram força motriz para seu mecanismo de produção (MOTTA, 2009 apud. INEA, 2013). Os engenhos coexistiam com pequenas lavouras de subsistência, praticadas pelos próprios moradores das fazendas de açúcar. Mesmo havendo incentivo para a ocupação dessas terras, este processo foi bastante lento até o século XVIII. A primeira capela erigida na época seria a Paróquia de São Salvador do Mundo, de 1676, sendo a Igreja Matriz do local (Figura 73). Esta sede teria sido transferida mais tarde para a Igreja da Nossa Senhora da Saúde, edificada em 1722 no morro da espia na Barra de Guaratiba (Figura 74). As igrejas neste período também tinham função de defesa, sendo estas construídas em locais elevados e voltadas para o mar (IPHAN, 2019). No caso da Paróquia São Salvador do Mundo, esta condição seria a razão ligada a seu posicionamento dando as costas para a Estrada da Matriz. A vontade de povoamento da região por parte das autoridades se reforçou após a tentativa de invasão da cidade do Rio de Janeiro pelos franceses no século XVII, que aportaram em Guaratiba e utilizaram a Baixada de Jacarepaguá como passagem (SIQUEIRA, 2004 apud. INEA, 2013). Esta necessidade foi fator de estímulo para abertura do Caminho da Grota Funda, atravessando o Maciço da Pedra Branca, se tornando uma das principais conexões para a região na época (COSTA, 2002 apud. INEA, 2013).

As expansões e o aumento populacional urbano no Rio de Janeiro no século XVII começavam a trazer pressões aos recursos naturais. Com a vinda da família real à cidade, em 1808,

28 "A agricultura de "coivara" é uma forma de agricultura itinerante muito comum em áreas cobertas por florestas tropicais, em todo o mundo, e que se utiliza do fogo para abrir novas áreas e manejar as áreas de cultivo já existentes" (DRUMMOND, 1997 apud. INEA, 2013).



Figura 72: **Ilustração de Magalhães Corrêa representando guarás no manguezal.**
Fonte: MAGALHÃES CORRÊA, 1936.

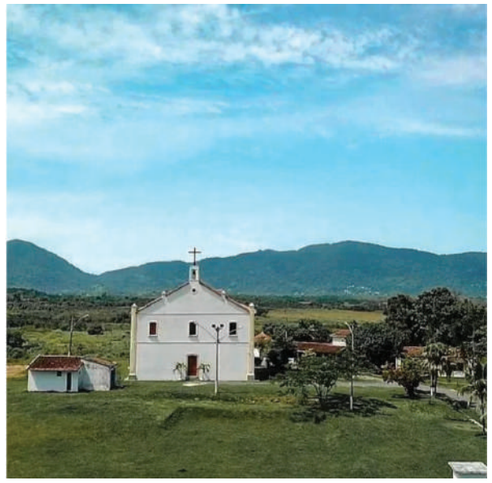
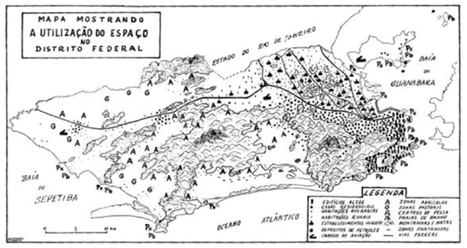


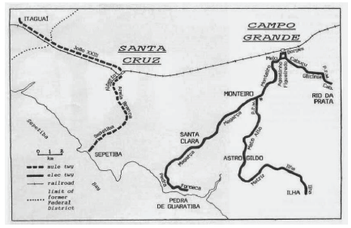
Figura 73: **Igreja Matriz - Paróquia São Salvador do Mundo, em Ilha de Guaratiba.**
Fonte: Website Patrimônio Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.patrimoniohistoricoa rqrio.org/patrimoniohistoricoarqrio.org/>.



Figura 74: **Capela de Nossa Senhora da Saúde, em Barra de Guaratiba.**
Fonte: Website Literatura Rio de Janeiro. Disponível em: < http://literaturaeriodejaneiro.blogspot.com/2017/05/barra-de-guaratiba.html>.

as zonas rurais do município voltaram-se à demanda crescente de abastecimento a partir dos desenvolvimentos urbanos trazidos pela corte. A monocultura do café passa a ter destaque nos séculos XVIII e XIX nas regiões montanhosas da cidade, que sofrem processo acelerado de desmatamento para plantio nas terras altas (DRUMMOND, 1997 apud. INEA, 2013). Esta condição conduz a futuras crises hídricas na zona urbana do Rio de Janeiro que levaram a posteriores medidas de desapropriações para reflorestamento das encostas, no início do século XIX. O processo foi iniciado no Maciço da Tijuca, se estendendo posteriormente aos demais maciços da cidade (COSTA, 2002 apud. INEA, 2013). A crise do café no final do século XIX e início do XX tornam as propriedades menos autossuficientes, ocasionando fracionamentos para substituição por uma agricultura mais variada e criação de animais. No Maciço da Pedra Branca, bem como em sua porção voltada à gleba de Guaratiba, houve a









Figuras 75, 76 e 77: **Mapas Zonas Agrícolas do Rio de Janeiro da década de 1950.** Fig. 1, G: Zonas Pastoris e A: Zonas Agrícolas; Fig. 2: Loalização de cultura da laranja; Fig. 3: Localização de cultura da banana.
Fonte: ABREU, 1957 apud. INEA, 2013.

Figura 78: **Mapa com trajeto do bonde de Campo Grande, com ponto final no Largo da Ilha, ativo até a década de 1950.**
Fonte: Website Saiba História, disponível em: <https://saibahistoria.blogspot.com/>.





Figura 79: **Bonde Ilha de Guaratiba.**
Fonte: Website Memórias de Campo Grande, disponível em: <http://memoriascampogrande.blogspot.com/2016/01/trens-e-bondes-em-campo-grande.html>.



Figuras 80 e 81: **Trajeto a caminho do SRBM na década de 1960**
Fonte: Fotografias de Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles.

substituição do café pelo cultivo de laranja nas terras baixas e bananais nas encostas – dos quais estes últimos perduram até hoje (COSTA, 2002 apud. INEA, 2013) (Figuras 75-77). Estas produções evidenciam o "perfil essencialmente agrícola da Região de Guaratiba até meados da década de 1950" (INEA, 2013, p. 23).

É nesse contexto que os irmãos Burle Marx adquirem o Sítio Santo Antônio da Bica, um terreno em meio à esta localidade. A aptidão agrícola dos guaratibanos passa a partir disto a voltar-se cada vez mais à produção da floricultura, com a abertura de chácaras e hortos iniciados por antigos aprendizes de Roberto Burle Marx, que logo influenciariam outros produtores da região (IPHAN, 2019). Neste mesmo período, construções ligadas às Forças Armadas também aí se instalam, como o Polígono de Tiro da Marambaia e a construção da Ponte Eurico Gaspar Dutra na década de 1940, obras movidas pela intenção de ocupação e proteção da costa brasileira na época da II Guerra Mundial. Logo outros centros tecnológicos militares foram criados, como o CTEx na década de 1980 (INEA, 2013). Entre as décadas de 1960 e 1970 havia acesso à região por bonde, vindo de Campo Grande, com ponto final na Ilha de Guaratiba (Figuras 78 e 79). Por estrada se acessava pela Av. Brasil, também vindo de Campo Grande, ou pela Av. das Américas, ainda como uma estrada inabitada entre a restinga (Figuras 80 e 81). Além destas transformações, na década de 1970 mudanças politico-territoriais conduzem a criação de um distrito industrial na recém intitulada "Zona Oeste" da cidade, nos bairros de Campo Grande, Paciência, Palmares e Santa Cruz. Em Guaratiba instalam-se na década de 1980 a indústria francesa Michelin e a norte-americana Tupperware (INEA, 2013). Estas modificações passam a afetar significativamente a paisagem da região, influenciando na expressiva redução das áreas rurais.

Nesta conjuntura, em associação às crescentes pautas voltadas a conservação ambiental deste momento, criam-se a partir de decretos, a delimitação de áreas para proteção dos ecossistemas locais. Inicialmente o Parque Estadual da Pedra Branca e a Reserva Biológica de Guaratiba, ambos criados em 1974 (Lei Estadual no 2.377/74; e Decreto Estadual INEA "E" no 7.549/74). Mais tarde outras demarcações são criadas, como a proteção de áreas litorâneas que abrange a área da restinga da Marambaia; a criação do Parque Natural Municipal de Grumari em 1986 (Lei Municipal 944/1986); e a extensão do tombamento da Praia de Grumari pelo INEPAC, envolvendo a paisagem da Ilha do Frade, Ponta do Picão e Saco dos Meros, no ano de 1987 (SMU-RIO, 2019). Além das delimitações para proteção ambiental, despontam-se medidas de proteção do patrimônio cultural, como dos Sítios Arqueológicos na Reserva Biológica de Guaratiba, e o tombamento do Sítio Roberto Burle Marx concluído em 2003 (Processo no 13/85/SPHAN/IPHAN). O tombamento da Igreja São Salvador do Mundo se deu anos antes, em 1938, sendo uma das primeiras 40 obras do país tombadas pelo IPHAN (Processo no 039-T-38 IPHAN).

Estas medidas consolidam uma visão sobre estas paisagens com potencialidade de cumprir papel de remanescentes ambientais preservados, voltados ao conhecimento científico e ao usufruto da relação humana com os ecossistemas. Este papel é bastante simbólico especialmente por sua localização dentro de uma grande metrópole do país, configurando uma importância singular nas perspectivas da relação entre as cidades e seus ambientes naturais.
As condicionantes que marcaram o processo

3.2.3. Características ambientais, áreas de conservação

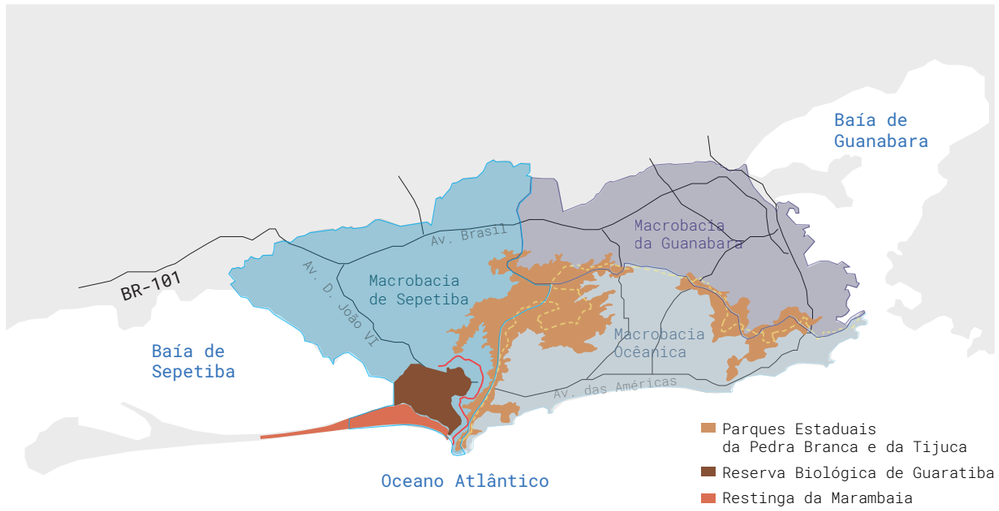
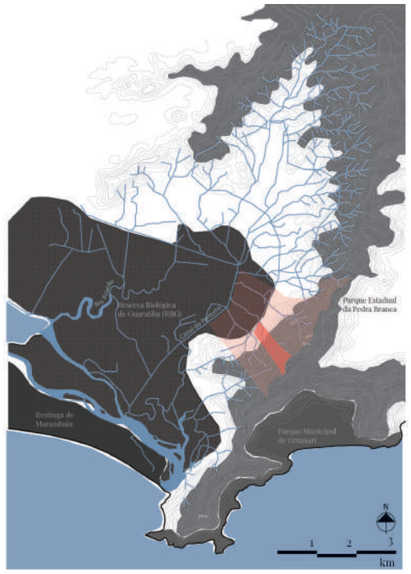


Figura 82: **Mapa com Unidades de Conservação, macrobacias e ecossistemas preservados relevantes na cidade do Rio de Janeiro.**
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 83: **Mapa da bacia hidrográfica e áreas de proteção ambiental no território. .**
Fonte: Elaborado pela autora.



ocupacional mais lento e tardio nos bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba, conferem uma atual presença de significativos remanescentes ambientais em suas áreas. Na delimitação aqui estabelecida pelas bacias hidrográficas dos Rios Portinho e Piracão, configura-se um conjunto de fisionomias do bioma Mata Atlântica, parte delas protegidas por Unidades de Conservação (UCs) presentes neste trecho (Figura 83 e 85).

As bacias hidrográficas referidas são parte da Macrorregião de Drenagem da Baía de Sepetiba, no contexto municipal – que junto às Macrorregiões da Baía de Guanabara e Oceânica, formam os três corpos hídricos receptores da cidade (Figura 82). Destas, a macro-bacia de Sepetiba é a menos populosa, e é composta por sete sub-bacias, dentre as quais estão as dos Rios Portinho e Piracão. O rio Piracão possui aproximadamente 6,6 km de extensão e deságua na Baía de Sepetiba; o Rio Portinho percorre em torno de 7,6 km até seu deságue no Canal do Pedrinho (ou Canal do Bacalhau), onde encontra-se diretamente com o Oceano Atlântico (PDMAP, 2012). Uma porção do Portinho foi retificada e canalizada, notadamente no trecho que cruza a floresta de manguezal de Guaratiba. Este possui muitos afluentes ao longo de seu curso, todos contribuintes na margem esquerda, como os rios Pedra Branca, Domingos Ferro, e Santo Antônio. A ocupação populacional em seu percurso é ainda considerada de impacto irrisório aos fluxos centrais dos rios, e é marcante a presença do Centro Tecnológico do Exército, situado no limite entre as duas bacias (PDMAP, 2012).

Em conjunto aos fluxos hídricos que configuram as bacias aqui destacadas, estão as fisionomias ecológicas que compõem esta constituição natural. A montante dos afluentes está a cadeia montanhosa que constitui o Maciço da Pedra Branca; e a jusante as águas concentram-se no manguezal de Guaratiba, desmembrando-se em canais que se direcionam ou para a Baía de Sepetiba, ou diretamente no oceano. A baía e as águas marinhas são separadas por uma extensão de faixa arenosa que forma a restinga da Marambaia, se prolongando para os munícipios vizinhos, além dos limites do Rio de Janeiro (IPHAN, 2019). Os três ecossistemas compõem o domínio tropical atlântico, que compreende as florestas tropicais úmidas no eixo longitudinal da faixa litorânea brasileira, de marcante biodiversidade e compartimentação topográfica complexa (AB'SABER, 2003). O domínio da Mata Atlântica é considerado como um dos 34 *hotspots* de biodiversidade do mundo – que são áreas reconhecidas por já terem perdido "ao menos 70% de sua cobertura vegetal, mas que juntas abrigam mais de 60% de todas as espécies terrestres do planeta" (GALINDO-LEAL e CÂMARA, 2005 apud. INEA, 2013). Além disso, a Mata Atlântica foi a primeira Reserva da Biosfera a ser reconhecida pela UNESCO em 1991 (INEA, 2013).

Assim, no contexto do Rio de Janeiro o conjunto de unidades de conservação da cidade que compõem o Mosaico Carioca[29] mostra grande concentração de área de proteção no entorno da região de Guaratiba. Destas, destaca-se o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) e a Reserva Biológica de Guaratiba (RBG), ambas sob gestão do INEA-RJ, que sobrepõem-se à Zona de Amortecimento do Sítio Roberto Burle Marx. Fora da área do recorte estabelecido pela bacia hidrográfica, mas próximo à região e compondo com estes ecossistemas está o Parque Natural Municipal (PNM) de Grumari, com formação de restinga e praias. Além destes, ressalta-se também o ecossistema da restinga da Marambaia, que não configura uma UC mas tem determinação como Área de Proteção Permanente (APP) pelo Código Florestal (Lei 4775/65).

Introduzindo, então, a composição destas áreas, o Maciço que compõe a Floresta da Pedra Branca representa uma significativa área da cidade, ocupando cerca de 10% do território do Rio de Janeiro (SMA, 2009 apud INEA, 2013). Junto à Floresta da Tijuca, conforma-se um corredor verde que atravessa a extensão municipal, sendo o conjunto uma referência de áreas florestadas em espaços metropolitanos. Toda a área do maciço acima da cota de 100 metros tem proteção estadual, a partir da criação do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) pela Lei Estadual no 2.377 de 28 de junho de 1974.

29 Criado pela pela Portaria nº 245, de 11 de julho de 2011, do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

O PEPB é uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral que segundo seu Plano de Manejo:

> "destina-se à preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico." (INEA, 2013).

Sua cobertura vegetal é de estágio secundário, formada pela fisionomia de Floresta Ombrófila Densa, Montana e Submontana. O Parque possui três núcleos sedes e dois postos de fiscalização, sendo o Núcleo Pau-da-Fome em Jacarepaguá, um dos principais eixos de atividades e recepção de visitantes. A porção do Parque próxima a Guaratiba, em especial a que compõe o recorte territorial aqui abordado, é marcada pela presença das trilhas e mirantes, configurando pontos de seus atrativos de visitação. As trilhas existentes são o Caminho do Morgado, em Ilha de Guaratiba; e as travessias Piabas x Grumari, Grumari x Itapuca, Morro de Guaratiba x Grumari, além dos circuitos das Praia Selvagens, em Barra de Guaratiba (INEA, 2013). Estas são visitadas para fins recreativos e educacionais ao longo de todo o ano.

A área de manguezal junto a sítios arqueológicos dessa região é protegida pela criação da Reserva Biológica de Guaratiba (RBG) – cuja denominação inicial era a de Reserva Biológica e Arqueológica de Guaratiba – pelo Decreto Estadual de 20 de novembro de 1974. A RBG tem sua vegetação formada por florestas de mangue e áreas de planícies hipersalinas (apicuns). Este remanescente é o mais ecologicamente significativo e conservado no município do Rio de Janeiro (SOARES, 2008 apud. HERZOG, 2008). É uma UC de proteção integral que segundo o SNUC:

> "destina-se à preservação integral da biota e demais atributos naturais existentes em seus limites, sem interferência humana direta ou modificações ambientais, executando-se as medidas de recuperação de seus ecossistemas alterados e as ações de manejo necessárias para recuperar e preservar o equilíbrio natural, a diversidade biológica e os processos ecológicos naturais" (INEA, 2013).

Desta forma, pode-se perceber a distinção entre atribuições e usos permitidos nos Parque e nas Reservas. Conforme explica Reis (2021), dentre as Unidades de Conservação, os Parques tem mais abertura ao uso recreativo, geralmente com acesso aberto para visitantes; já as Reservas Biológicas tem uso exclusivo para pesquisa e educação ambiental, e acesso mais restrito, com necessidade de acompanhamento por guias. A relevância da proteção da RBG está então associada ao valor ambiental, econômico e social do ecossistema por sua diversidade biológica; seu papel como ponto de repouso e alimentação para aves migratórias; prevenção de inundações; fonte de subsistência e alimento para comunidades litorâneas; além de seu papel cênico e estético. Ressalta-se ainda seu papel como estabilizador de processos erosivos e como filtro de resíduos, reduzindo a contaminação dos ambientes costeiros (INEA, 2013).

A RBG é cercada em seu perímetro que margeia as áreas urbanizadas, e possui dentro de seus limites a ocupação de área militar do Centro Tecnológico do Exército (CTEx), que fica dentro da área de manguezal. Para Herzog (2008) algumas atividades realizadas pelas forças armadas podem oferecer risco à fauna e flora local, contudo há contribuições por parte da instituição com pesquisas sobre o ecossistema e auxílio na preservação da área. A autora aponta que para alguns moradores, a presença militar na Reserva serve de desestímulo a invasões no perímetro protegido.

Além das duas UCs citadas, é marcante na região a faixa de restinga que separa a Baía de Sepetiba da orla marítima. A Restinga da Marambaia possui 42 quilômetros de extensão, se iniciando no Canal do Bacalhau em Barra de Guaratiba, e estendendo-se aos municípios de Itaguaí e Mangaratiba. A área pertence às forças armadas, sendo utilizada pela Marinha do Brasil para exercícios militares, especialmente pelos Fuzileiros Navais. Lá encontra-se a Escola de Aprendizes-Marinheiros, e outras instalações militares. O acesso é restrito, se dando pela Ponte Gaspar Dutra, sobre o canal da barra, que configura um monumento visual indicando à chegada a orla da Barra de Guaratiba (Figura 84).

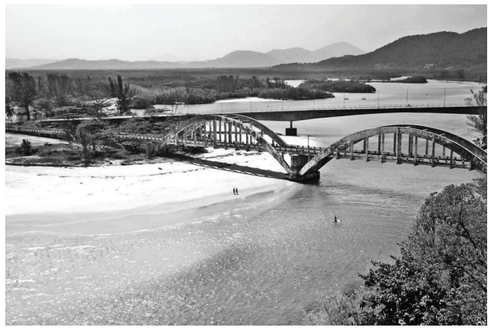
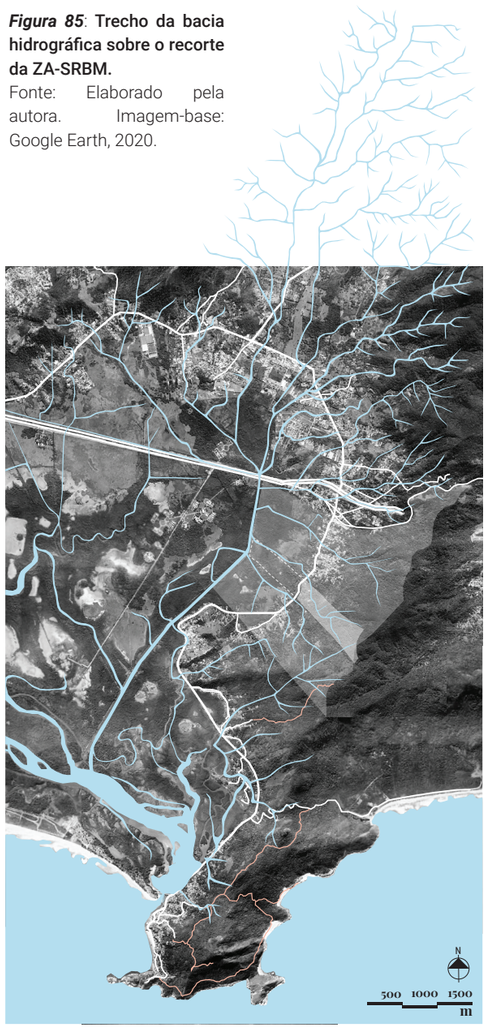


Figura 84: **Ponte Gaspar Dutra no acesso para a restinga da Marambaia.**
Fonte: Website Mill Off Adventure.

Figura 85: **Trecho da bacia hidrográfica sobre o recorte da ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborado pela autora. Imagem-base: Google Earth, 2020.

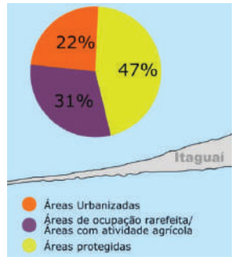
Próximo ao recorte está o Parque de Grumari, localizado para além da área da bacia hidrográfica, no outro lado da serra do Maciço da Pedra Branca. A área é construída por uma planície de restinga em meio às montanhas, configurando um anfiteatro natural de frente ao mar (IPHAN, 2019). É o bairro menos povoado da cidade, sendo um resquício ambiental, reconhecido por suas praias pouco urbanizadas e trilhas. A paisagem de Grumari possui tombamento pelo INEPAC (Processo E-18/85), que inclui o conjunto paisagístico dos morros de São João da Mantiqueira, de Guaratiba, praia Pequena, praia Funda, saco dos Meros, Ponta do Picão, praia da Barra de Guaratiba, ilha do Frade e suas ilhotas adjacentes.



3.2.4. Características urbanas, pressões socioespaciais

As determinantes ambientais, geográficas e históricas do recorte espacial estabelecem as características urbanísticas dos bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba (Figura 86). O processo tardio de urbanização contribuiu para uma chegada recente de infraestruturas, revelando um momento vigente de transição em sua expansão urbana. Desta forma, os bairros mostram uma carência em estruturas e equipamentos urbanos, evidenciada na precariedade de alguns sistemas, tais quais: as redes viárias, com pouca sinalização, e a quase ausência de espaços para pedestres e transportes não motorizados; a drenagem de águas pluviais, que é insuficiente, sendo frequente as inundações de trechos dos bairros ao longo das vias principais; e as áreas e os equipamentos de lazer, que são escassos, e com isso, das principais demandas dos moradores – que contam apenas com os espaços do Largo da Ilha e da orla da praia da Barra de Guaratiba para este fim (HERZOG, 2008). A baixa urbanização dos bairros se manifesta também em suas características de "subúrbio semi-rural", expressa na presença de grandes lotes, gabaritos baixos das construções, e áreas de cultivo agrícola. Caracteriza também sua atmosfera de interior, o comércio informal de produtos agrícolas ao longo da estrada e a não rara presença de cavalos ou cabras nos quintais.

Estas características associam-se a dados populacionais, que apresentam baixos índices de escolaridade e IDH (Índice se Desenvolvimento Humano), frente aos números do município. A RA de Guaratiba apresenta junto a RA de Santa Cruz os índices de marcadores sociais mais modestos da AP5 e de todo o município – as duas regiões com 0,75 de IDH no ano de 2000 (IBGE apud. SMU-RIO, 2019). A taxa de analfabetismo da RA de Guaratiba (5,76%) é comparativamente uma das mais elevadas tanto em relação ao município (2,85%), quanto em relação a AP-5 (3,56%) (SMU-RIO, 2019). Junto a isso, o recente crescimento populacional e de áreas urbanizadas na RA de Guaratiba é marcado por assentamentos irregulares. Estes se dão tanto nos processos de favelização, quanto por condomínios e ocupações informais vinculadas à poderes paralelos, que afetam geralmente áreas de proteção ambiental. Deste modo, a expansão urbana vem sendo um grande fator de pressão sobre o território, em um processo que vem se dando em três vetores principais de crescimento: dos bairros de Santa Cruz, Campo Grande e Recreio dos Bandeirantes (HERZOG, 2008; MOREIRA, 2018). A região mostra expressivas variações populacionais, com crescimento de 66,53% em número de habitantes entre o período de 1991-2000 – enquanto a variação do município no mesmo período foi de 6,88%. Já entre 2000 e 2010, seu crescimento foi de 21,65% frente a 7,9% como variação total da cidade do Rio de Janeiro. Diante disso, a RA de Guaratiba apresentou variação superior a 100% no número de habitantes num período de 20 anos, destacando-se entre as RAs de sua Área de Planejamento (SMU-RIO, 2019) (ver Gráfico 01).



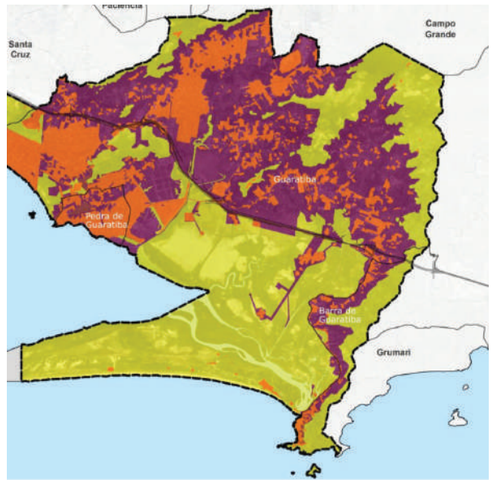


Figura 86: **Uso do solo na R.A. de Guaratiba, sobreposiçao de áreas urbanizadas, áreas protegidas, e áreas de atividade agrícola ou de ocupação rarefeita.**
Fonte: Base cadastral PCRJ/IPP, 2015 apud. SMU-Rio, 2019.

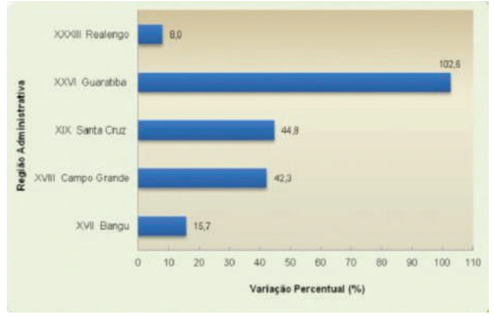


Gráfico 01: **Crescimento populacional das RAs da AP-5 entre 1991 e 2010. Guaratiba com crscimento superior a 100%.**
Fonte: Censo IBGE 2010 apud. SMU-Rio, 2019.

A pressão sobre o solo se dá continuamente ao longo dos últimos anos, em um processo desordenado de expansão urbana e com impactos socioambientais à região. Nota-se uma urbanização mais acelerada e em estágio mais avançado sobre os bairros de Guaratiba e Pedra de Guaratiba. Já o conjunto de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba se depara mais recentemente com este processo, intensificado a partir das obras pelas quais passou a cidade do Rio de Janeiro na ocasião das Olimpíadas de 2016. Com isso veio a implantação das linhas de BRT (*Bus Rapid Transit*) que demandaria ampliação viária para faixas exclusivas do sistema e configuração de um anel viário municipal associado a outros modais de transporte. Para o trecho que conecta a Zona Oeste da cidade, o BRT TransOeste, a ligação entre a baixada da Barra da Tijuca e Recreio com a região de Santa Cruz foi facilitada pela abertura em 2012 do Túnel José Alencar (ou Túnel da Grota Funda), que corta a Serra da Grota Funda. Essa abertura facilita o acesso aos bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba, localizados em meio a esta travessia, sendo fator de mudanças na perspectiva urbanística sobre a localidade (IPHAN, 2019).

Percebe-se que a pressão de crescimento existente em ambos os lados acabou por culminar numa explosão simbólica dessa ligação, tal qual as explosões presenciadas pelos moradores na obra de abertura do túnel[30] (Figuras 88-90). Esta ligação, que antes se dava somente pela Estrada da Serra da Grota Funda - extensão da Avenida das Américas, via principal que atravessa a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes - passa a aproximar o bairro da região central cidade. Com esta mudança, a conectividade dos moradores às outras regiões da cidade é facilitada, trazendo benefícios em termos de acesso à serviços. No entanto, é gerada também uma grande pressão imobiliária sobre o território, que afeta a forma de ocupação e o valor do solo. A especulação que afeta no aumento do IPTU urbano, e as modificações no planejamento regional que passa a configurar outros parâmetros ocupacionais contribuem a uma impossibilidade de sustentação do modelo com grandes lotes, o que afeta especialmente na prática agrícola local.

Desta forma, o planejamento do território se depara com desafios voltados a uma inserção de infraestruturas urbanas com atenção a permanência de seus valores marcantes, como os ambientes naturais preservados e sua relação com a atividade agrícola, em especial ligada a produção de plantas ornamentais e ao paisagismo.

30 Analogia entre as explosões da obra e das mudanças de acesso na região usada por Marlon Souza em entrevista concedida à autora.



Figura 87: **Antiga Estrada da Serra da Grota Funda, anterior a Av. das Américas.** Fonte: Website Foi um Rio que passou, disponível em: < https://rioquepassou.com.br/2018/06/19/estrada-da-grota-funda-ultimos-dias-do-tracado-colonial/ >.





Figuras 88, 89 e 90: **Obra de abertura do Túnel José Alencar (Túnel da Grota Funda).** Fonte: Rio Cidade Olímpica, frames do minidocumentário "Obra do Túnel da Grota Funda passo a passo", disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=MuCSAm9Gy4k>.

3.2.5. Panorama da legislação de planejamento territorial

O instrumento atual que regulamenta o território municipal do Rio de Janeiro é o Plano Diretor de 2011 (Lei Complementar nº 111/2011). A RA de Guaratiba (XXVI) é parte da Área de Planejamento 5 (AP5), e está inserida na Macrozona de Ocupação Urbana Condicionada, junto a baixada da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá, num grupo territorial com limitantes ambientais de ocupação (Figura 91). Assim, para esta Macrozona, o adensamento populacional, as construções e as instalações de atividades econômicas são restringidos pela "capacidade das redes de infraestrutura e subordinados a proteção ambiental e paisagística" (Lei 111/2011). Dentre as diretrizes gerais previstas nesse Plano está a promoção de melhores condições de mobilidade e acessibilidade em Guaratiba. Como medidas para isso, aponta- se a implantação do túnel da Grota Funda, alargamento das estradas em Barra de Guaratiba e Pedra de Guaratiba e implantação de rede cicloviária em toda a região. Além disso, na subseção IV da Lei Complementar que trata dos Sítios de Relevante Interesse Paisagístico e Ambiental, dos dezessete locais apontados, três ficam em Guaratiba: a restinga de Marambaia, a Reserva Biológica de Guaratiba e o Sítio Roberto Burle Marx. São também incluídas áreas presentes ou próximas da região como toda a orla marítima da cidade; os maciços, incluindo o da Pedra Branca, bem como a delimitação do PEPB; e o bairro de Grumari.

Esse plano está em processo de revisão a partir do Projeto de Lei Complementar no 44 de 2021, que foi recentemente encaminhado a Câmara dos Vereadores e ainda passará por algumas discussões e sugestões de emenda até sua aprovação. A proposta para o novo plano no contexto da AP-5 e da RA de Guaratiba vem tendo por base alguns debates que estavam em andamento nos anos anteriores, como o da elaboração do Projeto de Estruturação Urbana (PEU) ou do Plano de Ocupação de Guaratiba (Figura 92). Estes últimos passaram por um processo de elaboração, envolvendo discussão com outros órgãos e membros da sociedade civil, mas acabaram sendo interrompidos e não saindo do papel por mudanças de governo que aconteceram nesse período (VALENTE, 2021). Ainda assim, a concepção da proposta serve de base para a reestruturação do atual Plano Diretor e legislação de Uso e Ocupação do Solo. No recorte aqui analisado, poucas alterações de zoneamento são sugeridas. A perspectiva do Plano de 2011 para a RA de Guaratiba, no entanto, parece ter intenções gerais mais voltadas a sua configuração viária e estímulo ao acesso à região, e o debate recente da revisão do Plano em 2021 parece estimular sua consolidação como local turístico e de preservação.

Segundo explica Valente (2021), as principais questões na elaboração do Projeto de Expansão Urbana - PEU Guaratiba, debatidas em 2018, envolviam as limitações ambientais, conduzindo a um caráter restritivo da ocupação. Outra questão bastante presente, segundo a entrevistada, era a do estímulo às atividades que gerassem economia em torno do que o bairro produz, como a gastronomia, o cultivo agrícola de plantas ornamentais, os patrimônios culturais, além do turismo ambiental e de praia. Assim, os principais programas do PEU para área voltaram-se ao incentivo ao turismo

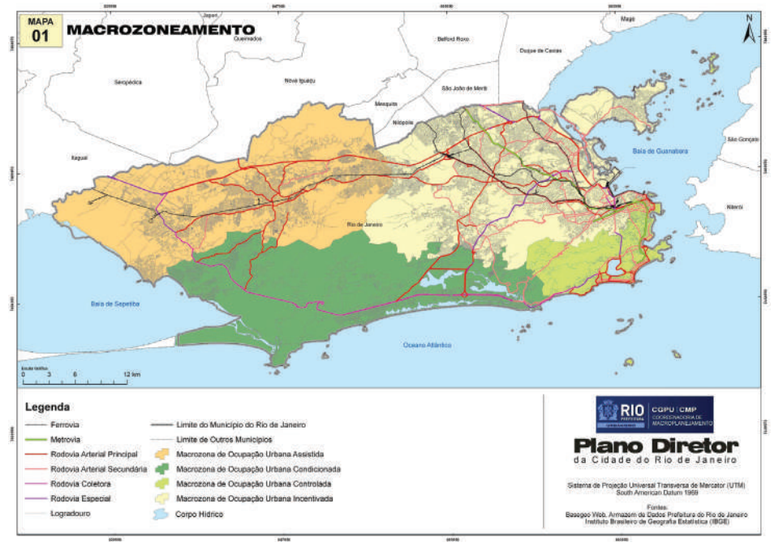


Figura 91: **Macrozoneamento Plano Diretor 2011, Lei Complementar 111/2011.**
Fonte: SMU-Rio, 2011.

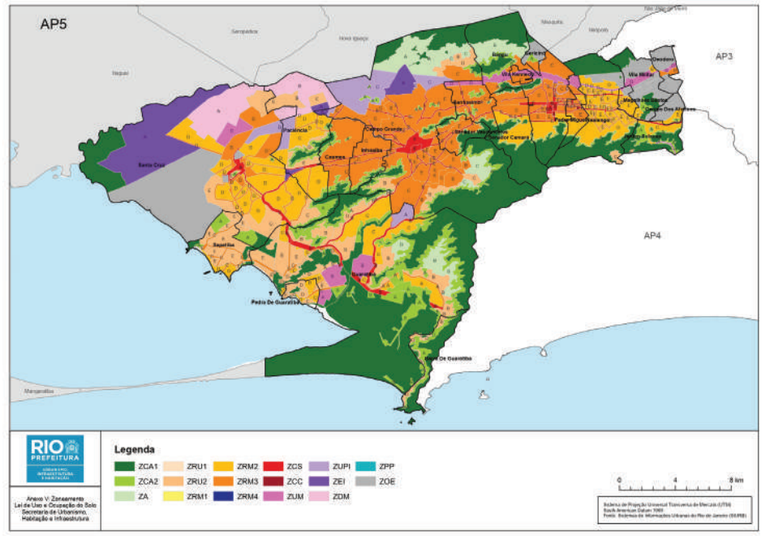


Figura 92: **Lei de Uso e Ocupação do Solo da AP-5 proposta em 2018, Projeto de Lei Complementar 57/2018.**
Fonte: SMU-Rio, 2019.

sustentável e incentivo a criação de agroflorestas, buscando integração entre as propostas. Na questão turística definiu-se centralidades para visitação, associando turismo agrícola, valorização da história e conhecimentos locais, destacando os patrimônios ambientais, arqueológicos e históricos (VALENTE, 2021). No programa voltado às agroflorestas buscou-se elaborar um sistema que garantisse o valor da terra, isentando de IPTU aos produtores comprovados. O Plano incluía um projeto de ampliação da rede de ciclovias e um projeto de sinalização para ser incluído como mobiliário urbano (SMU-RIO, 2019) (Figura 93).

Sobre as intenções de planejamento voltadas a abordagem cultural, Valente (2021) compara a situação do contexto de Guaratiba com a reflexão feita sobre o Ecomuseu de Santa Cruz[31], do qual a depoente participou da implantação. A questão central nesta época era a de como estimular a relação de identidade com os novos moradores, num bairro que estava passando por acelerado crescimento populacional. Para isso, é necessário uma identificação dos símbolos locais e uma formação de rede associando agentes diversos, como professores, museólogos ou comunicadores sociais. Aponta-se o contato com a Secretaria de Educação e a Secretaria de Cultura como primordiais na construção do projeto (VALENTE, 2021). No caso do PEU Guaratiba, há a percepção de que houve falta de contato com a Secretaria Municipal de Turismo, para consolidar uma proposta de turismo rural, que ressaltasse e integrasse as atividades culturais presentes no local. Assim, Valente (2021) cita os roteiros possíveis identificados no bairro incluindo a visita ao SRBM, à praia, almoço nos restaurantes, visita ao alambique MaxiCana, e parada em hortos botânicos para compra de plantas. Ou ainda, buscar estímulo para as rotas menos conhecidas como as que tenham início em algum sítio local que ofereça café da manhã, visita a Igreja Matriz tombada, que poucos conhecem, e ida a Capela Magdalena, propriedade do músico cravista e maestro Roberto de Regina, que abre seu espaço para recitais e visitação do público. Esta valorização dos locais de menos visibilidade é importante para um reconhecimento da própria população, que muitas vezes desconhecem os elementos culturais marcantes de sua paisagem. Para Valente (2021), são poucos os cariocas que sequer sabem da existência da restinga de Marambaia, por exemplo. Alerta-se, no entanto, aos cuidados que devem ser tomados no estímulo ao turismo num local de ecossistemas sensíveis, devendo estar associado à medidas de informação sobre preservação ambiental (VALENTE, 2021).

Observa-se, então, a configuração sociocultural e ambiental dos bairros do recorte de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba, dentro da RA de Guaratiba, como marcadores das intenções vinculadas a seu planejamento urbanístico. Dentre sua diversidade de características simbólicas que conformam sua predisposição ao uso turístico está a ligação cultural com o Sítio Roberto Burle Marx, que apresenta atualmente novos instrumentos de influência sobre o território – com a delimitação da Zona de Amortecimento estabelecida em seu entorno. Para entender a possibilidade de atuação sobre esta área associada aos instrumentos legais existentes é importante entender o vínculo cultural estabelecido com a paisagem local. Assim, a percepção da existência de uma 'cultura paisagística', que compreenda os elementos intangíveis desta paisagem que refletem os valores do Sítio, traz um panorama sobre a contribuição viável neste território a partir deste bem cultural.

31 O Ecomuseu do Quarteirão do Matadouro de Santa Cruz é um Museu de Território criado em 1995, inserido na Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, visando a preservação e valorização do patrimônio cultural e natural do bairro de Santa Cruz, na Zona Oeste da cidade.



Figura 93: **Programas em discussão no PEU Guaratiba, de incentivo ao turismo sustentável e à criação de agroflorestas.**
Fonte: SMU-Rio, 2019.

3.3. Cultura paisagística:
o cultivo de plantas ornamentais e os saberes de botânica, jardinagem e paisagismo

A expressão aqui estabelecida como 'cultura paisagística' está associada à percepção de como os elementos socioculturais voltados à produção estética da paisagem se estabeleceram como atividade presente na vida da população dos bairros no territ'ório analisado. É marcante na região a predominância da atividade agrícola voltada à produção de plantas ornamentais[32], bem como a forte presença dos hortos comerciais, mais concentrados em Ilha de Guaratiba que em Barra de Guaratiba. O setor se tornou uma das principais atividades da região, juntamente com os setores gastronômico (voltados aos frutos-do-mar) e turístico. Estes campos produtivos são, assim, definidores dos planos urbanísticos da região, juntamente com a inclinação do local para conservação ambiental. Isso se evidencia, por exemplo, na designação dos Polos de Plantas Ornamentais e Gastronômicos dentro deste recorte, que serão explicados adiante. Assim, a produção e o comércio de plantas ornamentais envolvem um conjunto de saberes sobre botânica, jardinagem e paisagismo, que constituem uma dinâmica cultural bastante presente no contexto de Guaratiba.

Entende-se que esta manifestação está intensamente vinculada à memória da presença de Roberto Burle Marx e seu Sítio na localidade, representando uma forma de assimilação singular deste bem na identidade local (IPHAN, 2019). Como tratado no primeiro capítulo, o termo 'referência cultural' aborda as formas de apreensão dos bens culturais por grupos sociais diversos. Percebe-se assim que a referência estabelecida entre Sítio e a população de Guaratiba mostra dimensões simbólicas distintas das relações com visitantes de outras partes da cidade, do país ou do mundo. Pode-se, então, observar que a manifestação de uma cultura paisagística na dinâmica que envolve o setor econômico do cultivo ornamental na região e os saberes que o movimentam, representam um valor de identidade que conecta culturalmente o Sítio Roberto Burle Marx à sua paisagem ao redor.

Para estabelecer os elementos desta relação, é importante entender as particularidades desta atividade na região. Diante dos poucos estudos existentes sobre este tema em específico, sobre o cultivo de plantas ornamentais nos bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba e seu elo cultural com o Sítio Roberto Burle Marx, estas percepções foram aqui construídas sobretudo a partir de relatos de pessoas ligadas a este contexto e de observações pessoais.

Conforme apontado por Bruna Leandro (2021), observa-se que as áreas de produção agrícola de ornamentais na região são bastante heterogêneas, com tamanhos, condições e estruturas variadas. Cláudia Leandro (2021) acredita ser

32 'Plantas ornamentais' são as espécies vegetais cultivadas com finalidade de comercialização para uso estético, configurando um segmento do setor agrícola (SEBRAE, 2015). Na prática paisagística, no entanto, entende-se que toda espécie de planta é potencialmente de uso ornamental.





Figura 94 e 95: **Cultivo de plantas ornamentais do produtor Antônio Jóia.**
Fonte: A autora.

extremamente difícil traçar um mapeamento e quantificação com exatidão dessas áreas produtivas, tendo em vista o caráter informal das plantações. Essa informalidade pode inclusive ser entendida como uma característica singular do cultivo local de plantas ornamentais. Bruna Leandro (2021) observa que quando comparado a outras produções agrícolas ornamentais, como as de Holambra em São Paulo, é perceptível uma característica mais espontânea na dinâmica dos produtores guaratibanos. Esta espontaneidade se manifesta em alguns aspectos, dentre eles na variedade de espécies cultivadas em conjunto, sem grandes sistematizações dos plantios.

Com essa diversidade de espécies vegetais presentes nos plantios locais, a entrevistada ressalta que é perceptível o sentimento de orgulho dos produtores em relação às espécies mais raras, demonstrando um olhar colecionador a estas produções. Em visita ao cultivo de seu Hermínio Campos Simões[33], um dos produtores locais, avista-se exemplares de samambaias gigantes (*Angioteris evecta*), *Heliconia velleligera*, e outras espécies menos encontradas usualmente para comercialização (Figuras 96-98). Há inclusive, segundo Bruna, certa abordagem competitiva entre os produtores, enaltecendo suas espécies exclusivas que outros não tenham ou espécies que vieram de alguma matriz do SRBM no passado. Este viés parece trazer indicativos da lógica produtiva que se criou na região, relacionada com a produção de Burle Marx no Sítio, que configurava sobretudo um olhar colecionador, com interesse na diversidade no número de espécies. Esta variedade também pode acontecer pela presença de espécies nas produções com matrizes vindas do SRBM, já que muitas saíram de lá, concedidas por Roberto ou mesmo furtadas. É, por exemplo, o caso da Palmeira-laca (*Cyrtostachys renda*), uma das espécies que se conta ter sido retirada do Sítio (SOUZA, 2021).

Souza (2021) reforça a percepção de que há

33 Em visita ao seu local de produção em 27 de julho de 2021.

um olhar colecionador e de introdução de espécies na característica da produção de Guaratiba, e concorda perceber esta origem atrelada a coleção do Sítio. O entrevistado exemplifica a situação pelas produções de palmeiras na região, que são, segundo ele, bastante representativas do local na incorporação no paisagismo do Rio de Janeiro. É citado, nesse contexto, o interesse dos produtores locais no incentivo ao uso de espécies que acabaram não se consolidando tanto nos jardins, como a *Bismarckia nobilis*, a *Corypha umbraculifera*, a *Lytocaryum Weddellianum*, a Palmeira-Laca ou a *Licuala sp*. Estas têm grande potencial ornamental, mas conforme relata Souza (2021), não foram tão absorvidas pelo mercado das plantas ornamentais para além da utilização por Burle Marx. As dificuldades de implantação podem ter se dado pela falta de uma produção organizada na região ou pela pouca cultura de absorção de novas espécies pelos paisagistas. Ainda assim, o interesse em influenciar o mercado do paisagismo e não apenas reproduzir pelas demandas existentes, dão indicativos da caracterização destas produções locais.

É interessante observar que essa cultura foi se formando localmente, através das trocas e aprendizados entre os habitantes da região. Antônio "Jóia"[34], outro produtor local (Figuras 94-95), conta que mesmo nunca tendo visitado o Sítio – pois não gosta de conhecer coleções de outras pessoas – iniciou no ramo por influência de Evanir Souza, com quem chegou a trabalhar e aprender sobre cultivo. Seu Evanir foi encarregado de Roberto e Siegfried Burle Marx no Sítio[35], e foi um dos pioneiros na produção de plantas ornamentais em Guaratiba. Por ser um dos precursores, alguns produtores dizem ter aprendido os primeiros passos do ofício com ele. Este processo de transmissão de conhecimentos parece ter sido, a partir disso, bastante dinâmico, em que outros funcionários do Sítio e produtores foram montando suas produções próprias, contratando e ensinando o ofício, que passou a se consolidar na região.

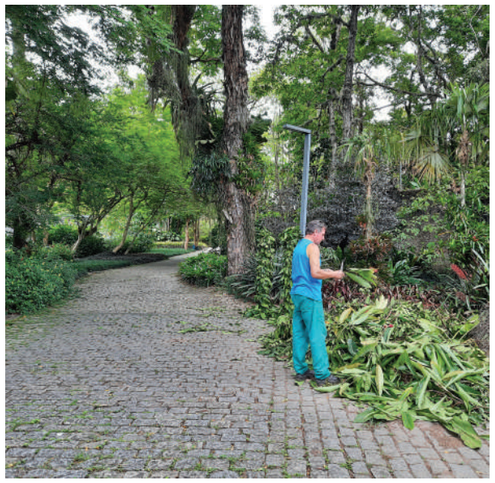
Esta transmissão da atividade, para Cláudia Leandro (2021), vem encontrando resistência entre as gerações mais novas. O desinteresse dos mais jovens, segundo a empresária, viria da falta de perspectiva do setor na região, que vem encontrando cada vez mais dificuldades de consolidação. Uma das razões se deve às ameaças das transformações urbanas que mostram uma tendência de mudanças na configuração espacial dos bairros que inviabilizam aos poucos a atividade. Nesse sentido, um fortalecimento do setor, com medidas institucionais que viabilizem a permanência da atividade agrícola local é fundamental para engajamento das novas gerações e continuidade desta prática cultural.

Uma das medidas conduzida pela Prefeitura do Rio de Janeiro é o projeto que setoriza um Polo de Plantas Ornamentais no bairro, vinculado ao Programa Polos Cariocas. A proposta envolve a criação de um Centro de Referência dos Produtores de Plantas Ornamentais, configurando um mercado público de plantas, que visa "fortalecer o comércio de plantas ornamentais na região conhecida como Ilha de Guaratiba" (SMU-Rio, 2019, p. 70). Para implantação deste mercado, utiliza-se um terreno com área de 25.000 m^2, remanescente da desapropriação

34 Em visita ao seu local de produção em 27 de julho de 2021.

35 Informação existente no documentário "Memória Amiga: Roberto Burle Marx e a comunidade de Guaratiba", 2009, de produção do IPHAN e direção de Guillermo Planel.







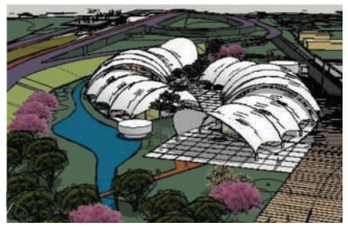


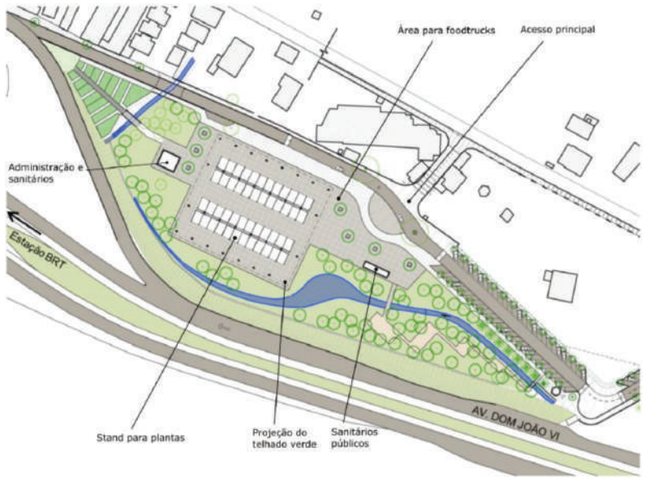


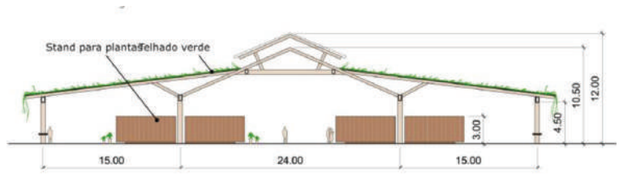
Figuras 96, 97 e 98: **Cultivo de plantas ornamentais do produtor Hermínio Simões.**
Fonte: A autora.

Figuras 99 e 100: **Fernando Pereira e Sinval Pereira, jardineiros do SRBM.**
Fonte: A autora.









Figuras 101 e 102: **Primeira versão do projeto do Mercado Público de Plantas Ornamentais**
Fonte: Carteira de Projetos, Planejamento Urbano, Prefeitura do Rio de Janeiro.

Figuras 103 e 104: **Versão mais recente do Centro de Referência dos Produtores de Plantas Ornamentais.**
Fonte: SMU-Rio, 2019..

na abertura do Túnel da Grota Funda e das obras do Corredor Viário Transoeste. O projeto pretende reunir produtores da região, visando cooperação, qualificação da atividade e visibilidade para a população da cidade (SMU-Rio, 2019). As imagens do projeto disponibilizadas pela Prefeitura mostra uma proposta preliminar do início de 2019, com uma construção em estrutura tensionada (Figuras 101-102), e uma posterior proposta mais detalhada, de novembro de 2019, com uma estrutura de perfis de madeira em treliça simples e cobertura em telhado verde (Figuras 103-104). Na versão mais recente, a implantação no terreno é semelhante a anterior, mantendo-se os acessos e a configuração externa inicialmente propostos. A cobertura que atualmente está se desenvolvendo abriga até 48 expositores e sugere um grande átrio central para eventos temporários, incluindo assim área para *foodtrucks* e sanitários públicos. O projeto prevê pontos para atividades de lazer, estacionamento, administração e áreas externas para aulas práticas sobre cultivo de ornamentais, junto a um pequeno bosque remanescente que existe no terreno. O espaço é cortado por dois trechos de rios, considerados com "potencial de intervenção paisagística" (SMU-RIO, 2019, p. 70).

Para Cláudia Leandro (2021), a consolidação de um polo para suporte aos produtores de plantas ornamentais não depende tanto da construção de um mercado de plantas, quanto da criação de instrumentos urbanísticos para permanência e consolidação do setor. Bruna Leandro (2021) menciona como fator relevante

para a discussão, a impossibilidade de abertura de crédito rural após a região ser enquadrada como território urbano, além da cobrança de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), que tornam o valor do solo um entrave para as propriedades produtivas. Nesse impasse, já existem casos que abrem antecedentes para a cobrança de ITR (Imposto sobre Propriedade Territorial Rural) em imóveis localizados em meio urbano que possuem papel agrário. O Recurso Especial no 1.112.646-SP julgado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) determina a incidência de ITR, e não IPTU, "sobre imóvel localizado na área urbana do Município, desde que comprovadamente utilizado em exploração extrativa, vegetal, agrícola, pecuária ou agroindustrial (art. 15 do DL 57/1966)[36]. Diante disso, percebe-se a possibilidade do uso de instrumentos legais num debate em conjunto a administração municipal do território.

As estratégias de fortalecimento do setor também podem usufruir de meios socioculturais de atuação. Uma valorização da produção local evidenciando a trajetória cultural singular das plantas ornamentais de Guaratiba ligadas historicamente a relação com Roberto Burle Marx pode conferir um reconhecimento simbólico aos produtos da região. Para Souza (2021), alguma forma de "selo" de produção local que caracterize esta particularidade da história do cultivo guaratibano pode cumprir imprtante papel nessa valorização. Menciona-se também a importância da realização de eventos sobre o cultivo de espécies ornamentais para conexão entre empresários, fornecedores e compradores do ramo, que trazem sensação de otimismo entre produtores e comerciantes de plantas (SOUZA, 2021). Como exemplo, são citadas duas edições ocorridas do evento 'Jardins do Rio', cuja primeira edição se deu em novembro de 2011. A coordenação do evento se deu pela direção do Programa Polos do Rio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico Solidário, buscando dar visibilidade a segmentos da economia local. Assim, o acontecimento mobilizou tanto empresários das plantas ornamentais quanto do setor gastronômico, com representantes dos restaurantes locais servindo porções de degustação aos participantes. O então coordenador do evento, afirmou em entrevista a importância do setor das plantas ornamentais que emprega diretamente quase duas mil pessoas em Ilha de Guaratiba, e forma um "cinturão de proteção em torno da Mata Atlântica do Parque Estadual da Pedra Branca"[37].

Esta demanda de funcionários que o setor produtivo traz a região se manifesta em um significativo número de habitantes locais que trabalham nos cuidados e manutenção de plantas. O saber da jardinagem, bastante presente na região, configura uma forma de trabalho que habitualmente tem apreensão lenta, por vezes passada em família, entre gerações, e em que a experiência é adquirida com o tempo. Em uma análise histórica do ofício do jardineiro, Wilson Barros (2017), apresenta a divisão dos trabalhadores dos jardins descrita em '*An Encyclopedia of Gardening* (1822)', em ordem de hierarquia: operário ou servente

36 Informações retiradas da matéria 'Imóvel Agrário localizado em área urbana e a inconstitucionalidade superveniente da legislação que cobrava IPTU', em: <https://direitoagrario.com/imovel-agrario-mesmo-localizado-em-area-urbana-e-devedor-de-itr-e-nao-de-iptu/>.

37 Informações retiradas da matéria 'Jardins do Rio: evento reúne produtores cariocas de plantas ornamentais' do jornal O Globo – Rio, em: <https://oglobo.globo.com/rio/jardins-do-rio-evento-reune-produtores-cariocas-de-plantas-ornamentais-2897582>.

de jardim; aprendiz de jardineiro; jardineiro oficial; jardineiro supervisor; mestre jardineiro; jardineiro chefe; jardineiro viajante; e curador botânico. Esta organização não é observada na prática de Guaratiba, mas marca o modelo usual de formação deste conhecimento. Na própria estrutura dos jardineiros que trabalhavam com Burle Marx, pode-se notar uma distinção gradual a partir da experiência entre os mais novos, os mais experientes, encarregados por algum setor, ou os que acompanhavam as expedições de coleta (Figuras 99-100, com atuais jardineiros do SRBM, e Figuras 105-106, com jardineiro da década de 1960 no SRBM). Ressalta-se a importância do trabalho da jardinagem e dos saberes de manutenção cotidiana na conservação dos jardins públicos, inclusive os históricos, em que os jardineiros são protagonistas na permanência dos espaços (SÁ CARNEIRO et al., 2015).

Acrescenta-se à esta discussão de um fortalecimento da 'cultura paisagística' local, a importância da inclusão das questões ambientais, entrelaçada na narrativa do paisagismo contemporâneo. Uma abordagem do desenho paisagístico ligada aos ecossistemas nativos é pauta cada vez mais presente na atuação do paisagista. Cláudia Leandro (2021) aponta sua percepção do quanto esta demanda do mercado vem interferindo nas produções de Guaratiba, que levam a uma adaptação dos cultivos por parte dos produtores. Segundo a entrevistada, há atualmente uma grande procura por espécies nativas da Mata Atlântica, em especial as de restinga, conduzindo a uma dedicação ao cultivo destas. O conhecimento local em torno da paisagem aborda também a perspectiva científica sobre os ecossistemas, mostrando uma potência de associação a produção estética e ornamental da paisagem. Souza (2021) expressa a forte presença de biólogos, especialmente da área da botânica, na região, pelo contexto espacial associado a uma extensa biodiversidade. Assim, ele próprio já percebia desde jovem que trilharia os caminhos da botânica, e, em sua trajetória acadêmica, pode aprofundar sua compreensão sobre as feições da paisagem que desde cedo conhecia, como o manguezal e as restingas. Essa intensa presença local dos conhecimentos ambientais em distintas escalas representa uma potencialidade de interação entre os saberes paisagísticos.

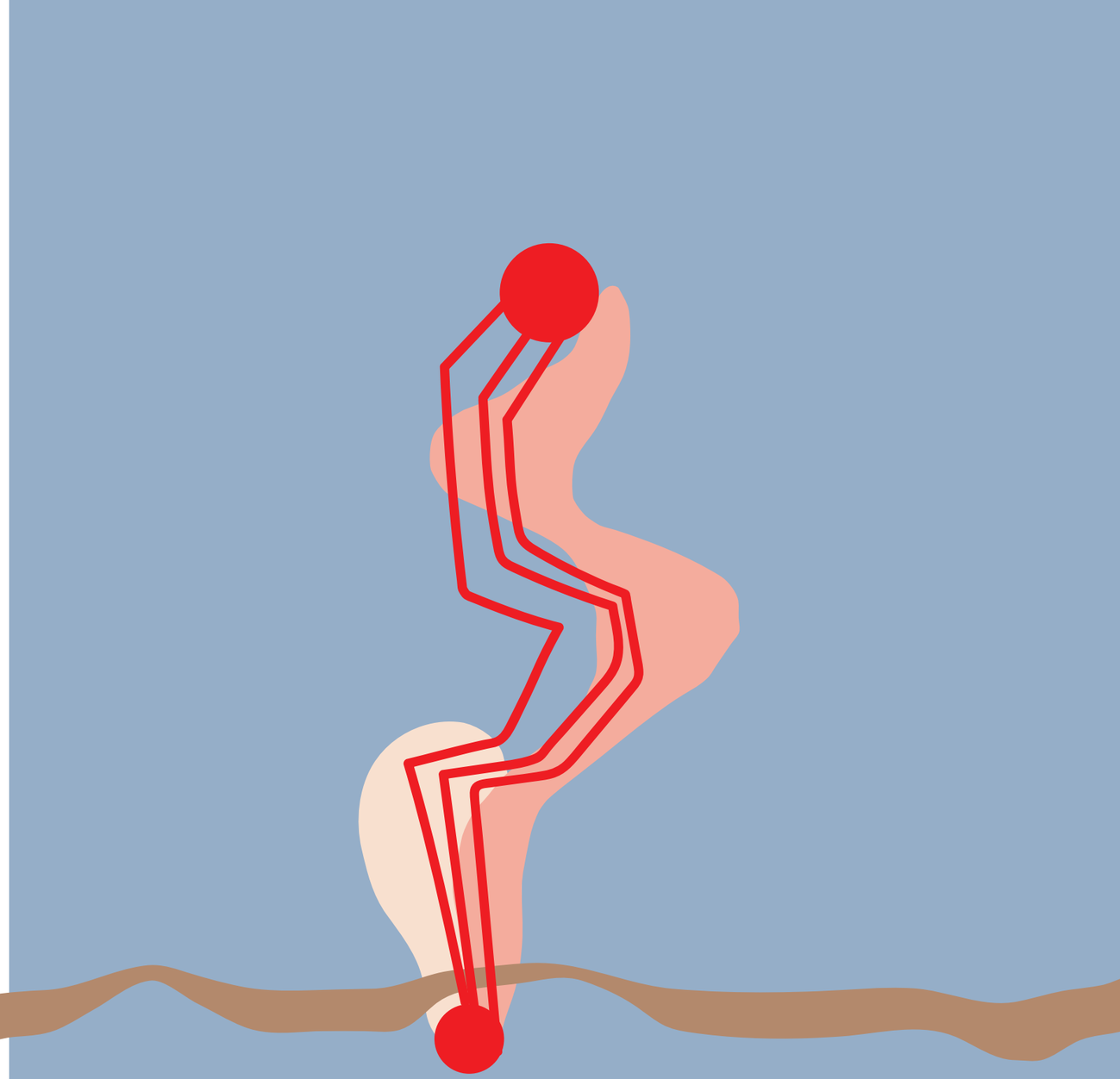
Desta forma, a relação simbólica local com as plantas, seja na sua produção e comercialização, em seus cuidados cotidianos pela jardinagem, ou no conhecimento científico são representativas de uma cultura local que se vinculam a história do Sítio Roberto Burle Marx. Este recorte mostra um valor intrínseco do bem cultural voltado à identidade local configurada a partir dele, bem como um valor extrínseco ligado a potencialidade econômica e sociocultural que traz para a região. Os bairros, que já despertam o interesse de visitantes interessados em atividades na natureza, além de serem frequentados por paisagistas e admiradores das plantas ornamentais, pode constituir assim uma influente centralidade da produção paisagística no contexto municipal e até mesmo nacional.





***Figuras 105 e 106*: Jardineiro trabalhando no Sítio Santo Antônio da Bica, 1961.**
Fonte: Foto de Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles.

4. Representações e análises do território



A partir das características apresentadas sobre a paisagem de entorno do Sítio Roberto Burle Marx, considera-se relevante ao processo projetual de intervenção paisagística, a elaboração de representações gráficas do território, que possibilitem a visualização sobreposta de suas informações. Para isso, as imagens concebidas que revelam uma leitura das condicionantes existentes, que são recursos para criação paisagística. Assim, a composição ilustrativa e cartográfica auxilia na identificação espacial das principais características e particularidades desta paisagem, destacando seus atributos e conflitos. Para isso, busca-se um olhar sobre aspectos diversos, ressaltando a multiplicidade de perspectivas.

As imagens apresentadas foram elaboradas a partir de materiais variados como cartografias históricas, mapeamentos provenientes de materiais documentais sobre a região, além de sobreposição em mapas satélites. Como estrutura para estas representações, leva-se em conta duas escalas condizentes com este trabalho: a do recorte da bacia hidrográfica dos rios Portinho e Piracão, que compreende os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba; e a da Zona de Amortecimento do Sítio Roberto Burle Marx (ZA-SRBM) (Figura 107).

A primeira escala busca uma perspectiva mais ampla sobre o território. Sua representação mostra as características gerais desta paisagem, em sua constituição natural, trajetória histórica e sua estrutura urbanística. Nesta escala adota-se, portanto, o método de análise espacial sistêmica proposto por Tardin (2008), de estruturação entre aspectos biofísicos, urbanos e socioculturais da paisagem. Estas informações em conjunto são interpretadas em suas relações entre si e em suas interfaces com o Sítio Roberto Burle Marx.

Na escala mais aproximada sobre a ZA-SRBM, a paisagem é analisada e ilustrada também a partir de aspectos ambientais, urbanísticos e socioculturais, porém de forma mais orientada a intervenção sobre os espaços. Assim, ressalta-se dados vinculados ao contexto de projeto adotado, como as relações culturais, especialmente as associadas ao SRBM; as conexões específicas entre ecossistemas nesta área; e a experiência perceptiva da paisagem.

Para estas análises, acrescenta-se porções territoriais ao sul e ao norte dos limites atuais da Zona de Amortecimento do Sítio. Este acréscimo se deve ao reconhecimento da necessidade de inclusão de elementos da paisagem de viés urbanísticos, culturais ou geográficos, considerados de interesse para o estudo aqui proposto.

A leitura sobreposta desta paisagem visa a identificação de condicionantes para planejamentos e intervenções paisagísticas. Com isso, busca-se uma indentificação de espaços livres que tenham potencialidade para ativação sociocultural e integração entre espaços urbanos e ecossistemas. A visualização sobre o recorte resulta em sínteses espaciais geradoras de diretrizes de projeto.

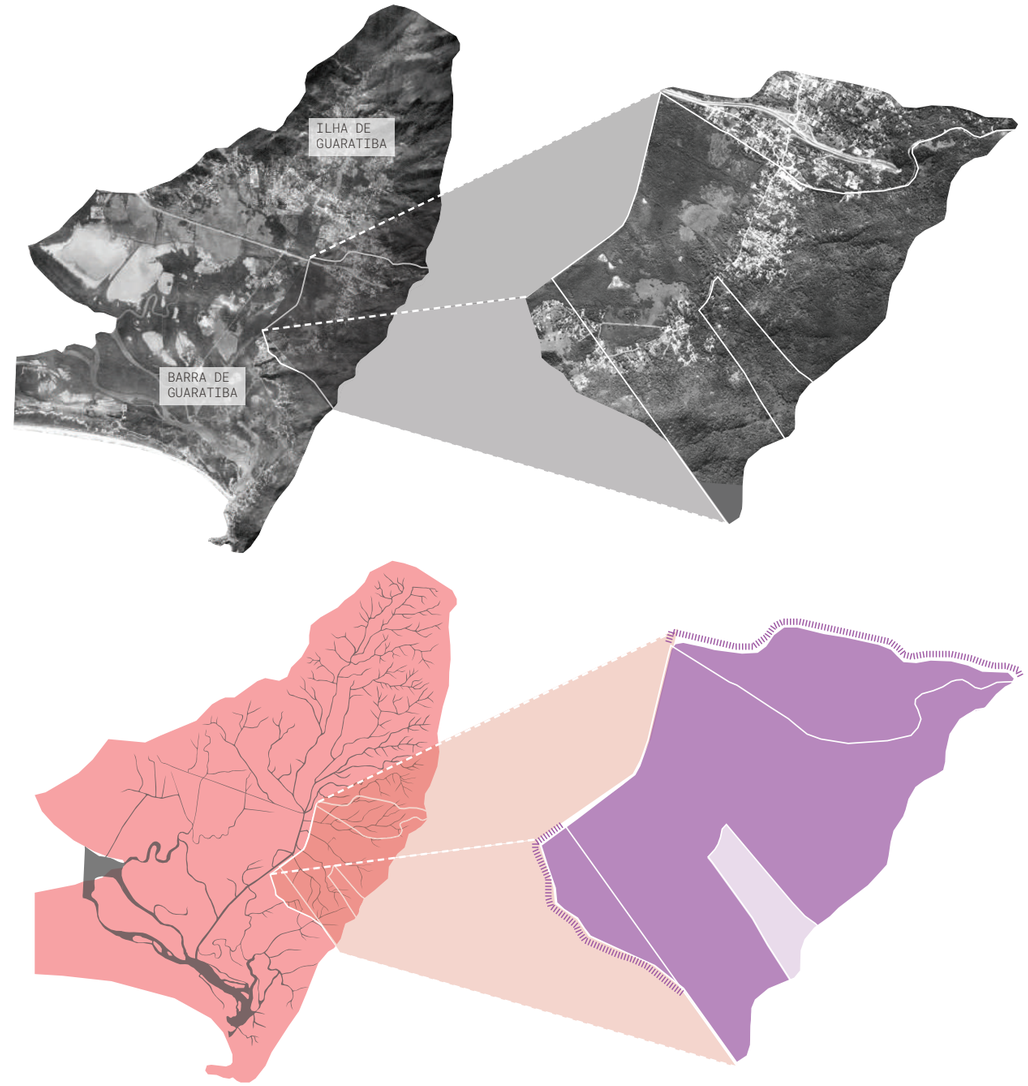


Figura 107: **Recortes das áreas analisadas: o território da bacia hidrográfica, compreedendo os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba (à esquerda); e a ZA-SRBM e áreas adjacentes incluídas no recorte (à direita).**
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Google Earth, 2020.

4.1. Território: a bacia hidrográfica

4.1.1. Aspectos Biofísicos

A cartografia dos aspectos biofísicos (Figuras 108-110) apresenta a composição morfológica espacial, relacionando a disposição geográfica, a rede hídrica e as coberturas do solo. Mostra-se neste recorte a transição dos fluxos das águas que nascem na região montanhosa, perpassam a faixa urbanizada, concentram-se nos brejos e manguezais, e direcionam-se ao mar. As montanhas são tomadas predominantemente por vegetação arbórea, contornando a margem direita da área de ocupação urbana. À esquerda se encontra as terras alagadiças, que formam o ecossistema de manguezal. Nele, há porções constituídas por brejos, com vegetação característica de ambientes pantanosos, e por florestas de mangues. Estas são permeadas pelas superfícies hipersalinas – os apicuns – que são ecótonos formados por vegetação herbácea-arbustiva, com baixa diversidade biológica – sendo ocupados por espécies adapatadas a hipersalinidade (INEA, 2013). Aponta-se ainda a faixa de restinga, que inicia no encontro do Canal da Barra de Guaratiba e se estende para além deste recorte territorial, dividindo a Baía de Sepetiba e o Oceano Atlântico. A constituição geográfica entre as montanhas e as terras baixas geram uma composição de solo local que transita entre as rochas graníticas na porção acidentada, e a concentração de sedimentos fluviais na planície alagada (INEA, 2013).

A categoria chamada de 'áreas antropizadas' é classificada entre as áreas construídas e não-construídas. As 'não-construídas' constituem-se de espaços de atividade agrícola, terrenos com grandes áreas externas ajardinadas – como os hotéis-fazenda – ou loteamentos ainda não consolidados. Nas áreas ocupadas, construídas ou não, nota-se uma disposição mais estreita em Barra de Guaratiba, na parte mais próxima ao mar, e uma ocupação mais dispersa, em Ilha de Guaratiba, onde as terras são mais propensas à urbanização (HERZOG, 2009).

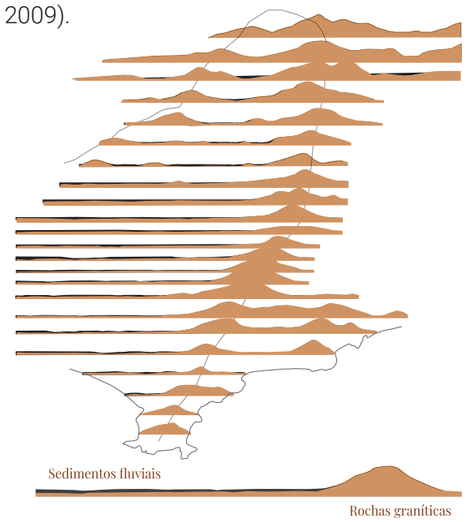
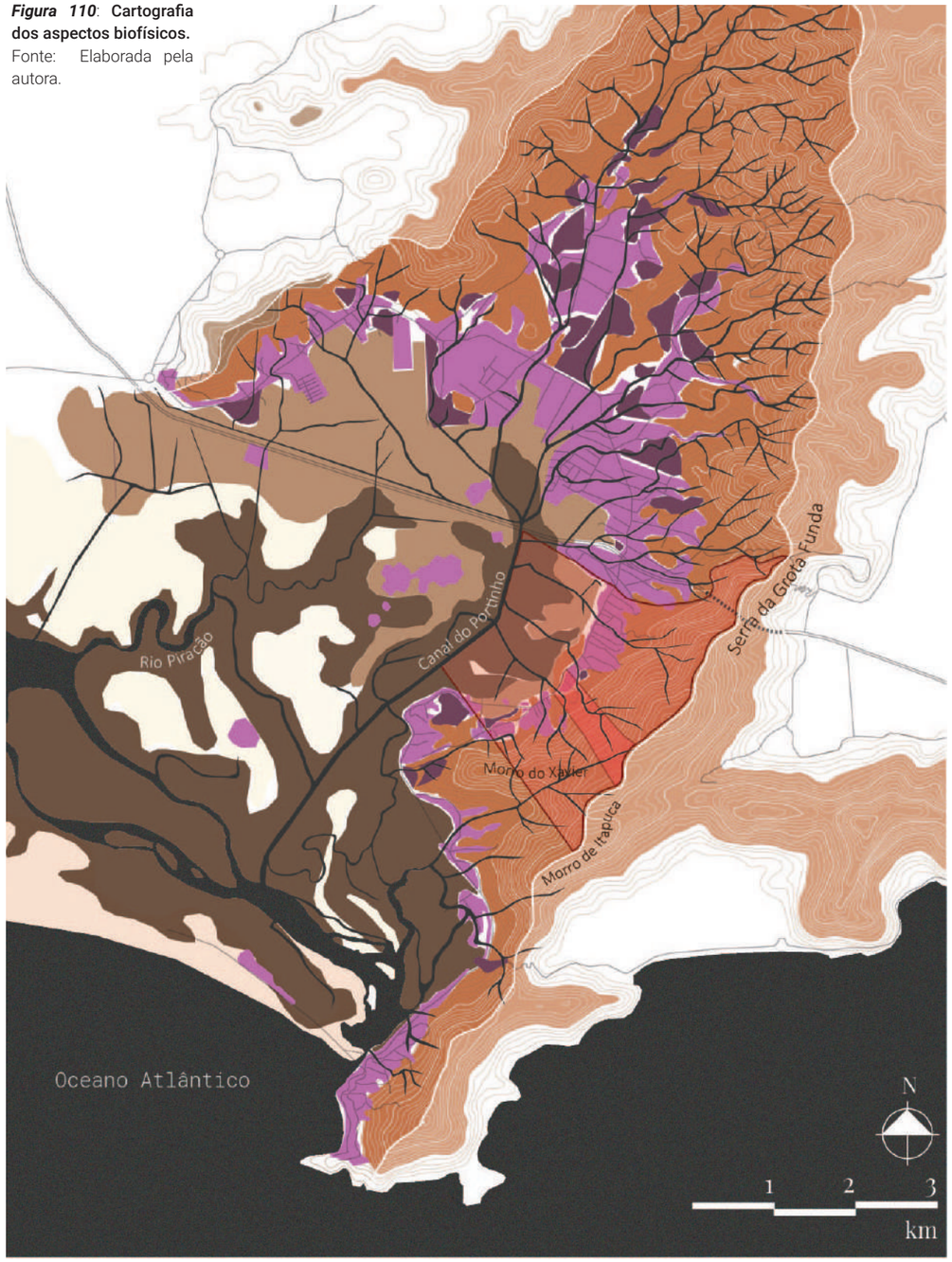


Figura 108: **Esquema com seções do mostrando topografia e tipos de solo.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 109: **Tipos de cobertura dos solos mapeados.**
Fonte: Elaborada pela autora.



Figura 110: **Cartografia dos aspectos biofísicos.**
Fonte: Elaborada pela autora.



4.1.2. Aspectos Urbanos

A configuração urbana deste trecho (Figuras 111-112) é marcada por uma estrada geral estruturadora que atravessa o bairro e conecta-se às vias locais, num tecido viário em 'espinha-de-peixe', típico de localidades com características rurais. A estrada geral percorre os dois bairros aqui abordados, Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba, e chega ao ponto sem saída no extremo sul, que acessa a orla marítima. Ao longo deste percurso, a estrada geral leva o nome de Estrada da Matriz, Estrada da Ilha, Estrada Roberto Burle Marx e Estrada da Barra de Guaratiba.

A região é atravessada perpendicularmente pela Av. D. João VI, que constitui uma divisão transversal do território, estabelecida pela separaçao espacial entre Ilha de Guaratiba, ao norte, e Barra de Guaratiba, ao sul (HERZOG, 2008). A avenida faz a conexão leste-oeste, levando em um sentido ao bairro de Santa Cruz e no outro ao Recreio dos Bandeirantes. No ponto de aproximação da Av. D. João VI com a estrada principal do bairro – no trecho em que ela se chama Estrada Roberto Burle Marx – há uma bifurcação que dá acesso à Av. das Américas, via que atravessa sobre a Serra da Grota Funda e continua seu caminho nos bairros do lado oposto à montanha, tornando-se uma avenida estruturadora central dos bairros do Recreio e da Barra da Tijuca.

Esta disposição viária do recorte territorial estruturada pela estrada geral que percorre os bairros e pela avenida que o atravessa, origina dois pontos nodais nos encontros entre estas vias principais. Nestes pontos estão duas das quatro estações de BRT que abastecem a região, a Estação Ilha de Guaratiba e a Estação Mato Alto, que são estruturadoras do transporte público local. Localmente as duas estações ligam-se a outros modais de transporte, como ônibus, vans ou bicicletas. As outras duas estações presentes no recorte, 'C-Tex' e 'Embrapa' são voltadas ao uso das entidades que originam seus nomes.

As Unidades de Conservação presentes nessa região (marcadas em cinza no mapa), bem como as áreas sob propriedade das Forças Armadas, o Exército Brasileiro e a Marinha do Brasil, são determinantes da morfologia dos bairros, sendo estes locais limitantes da expansão urbana formal. As UCs do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) e da Reserva Biológica de Guaratiba (RBG) possuem zonas de amortecimento determinadas em três quilômetros para além de suas bordas. Desse modo, toda a área urbanizada deste território está definida como amortecimento de ao menos uma dessas Unidades, ou, como é na sua maior parte, das duas.

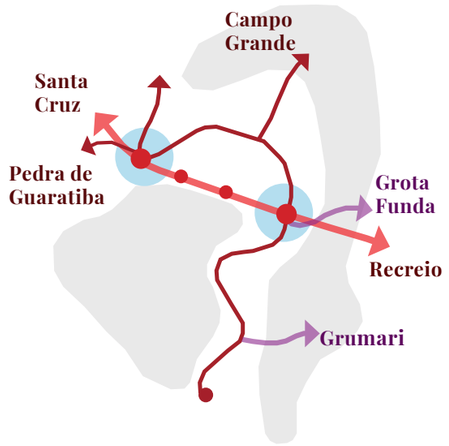
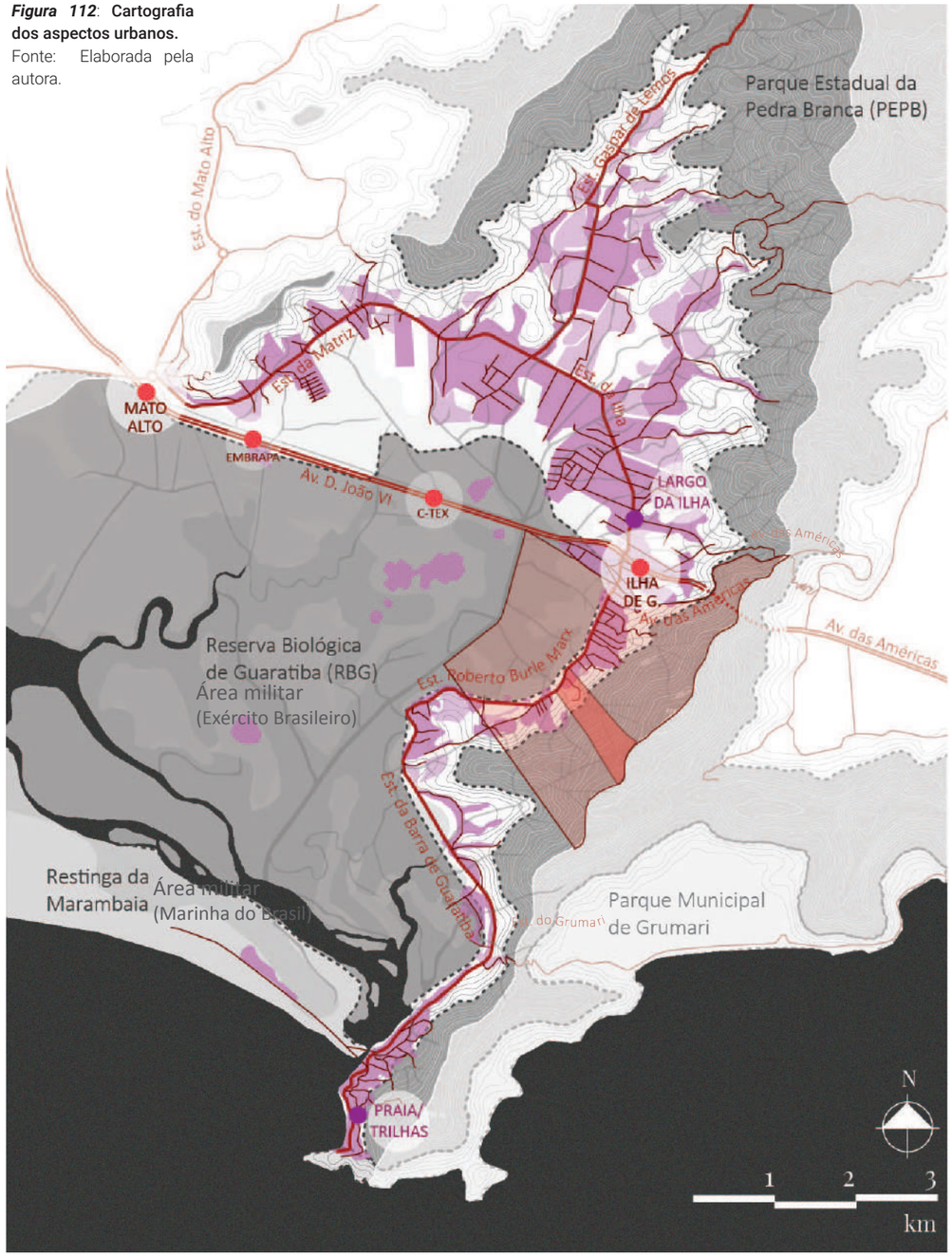


Figura 111: **Esquema da configuração viária e conexão com bairros próximos.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 112: **Cartografia dos aspectos urbanos.**
Fonte: Elaborada pela autora.



4.1.3. Aspectos Socioculturais: trajetória

A análise sociocultural da paisagem é feita a partir da sobreposição de períodos históricos, nos quais as atividades marcantes de outras épocas deixam reflexos nos dias atuais (Figura 113). A representação da trajetória sociocultural é então organizada numa cronologia esquemática, em quatro momentos significativos: o pré-colonial (antes de 1500); o colonial (aqui representado entre os séculos XVI e XIX); o século XX, em especial após a década de 1950; e os tempos atuais, com dados do final do século XX e início do XXI.

No primeiro momento, o período pré-colonial, remonta-se aos habitantes mais longíquos, sobre os quais os registros são mais imprecisos, dada a distância temporal, e menos localizados espacialmente, dado o comportamento nômade dessas populações. Os hábitos desses povos são identificados na região pela presença dos sambaquis, que concentram vestígios em montes de conchas, ossos ou cerâmicas (KNEIP apud. INEA, 2013). Esta relação entre ser humano e território, de certa forma está ainda hoje presente naspráticas tradicionais de atividade pesqueira e de coleta de crustáceos, tanto nas praias quanto nos manguezais.

Já o período colonial é representado pelas igrejas e capelas, simbólicos marcadores da presença dos conquistadores portugueses no território. Algumas toponímias atuais refletem os nomes de sedes de propriedades de engenho, como Morgado, Bica ou Itapuca, que no século XIX se tornaram áreas de cultivo cafeeiro.

O período seguinte, no século XX especialmente a partir dos anos 1950, é quando se tem registros do caráter agrícola da região, marcado

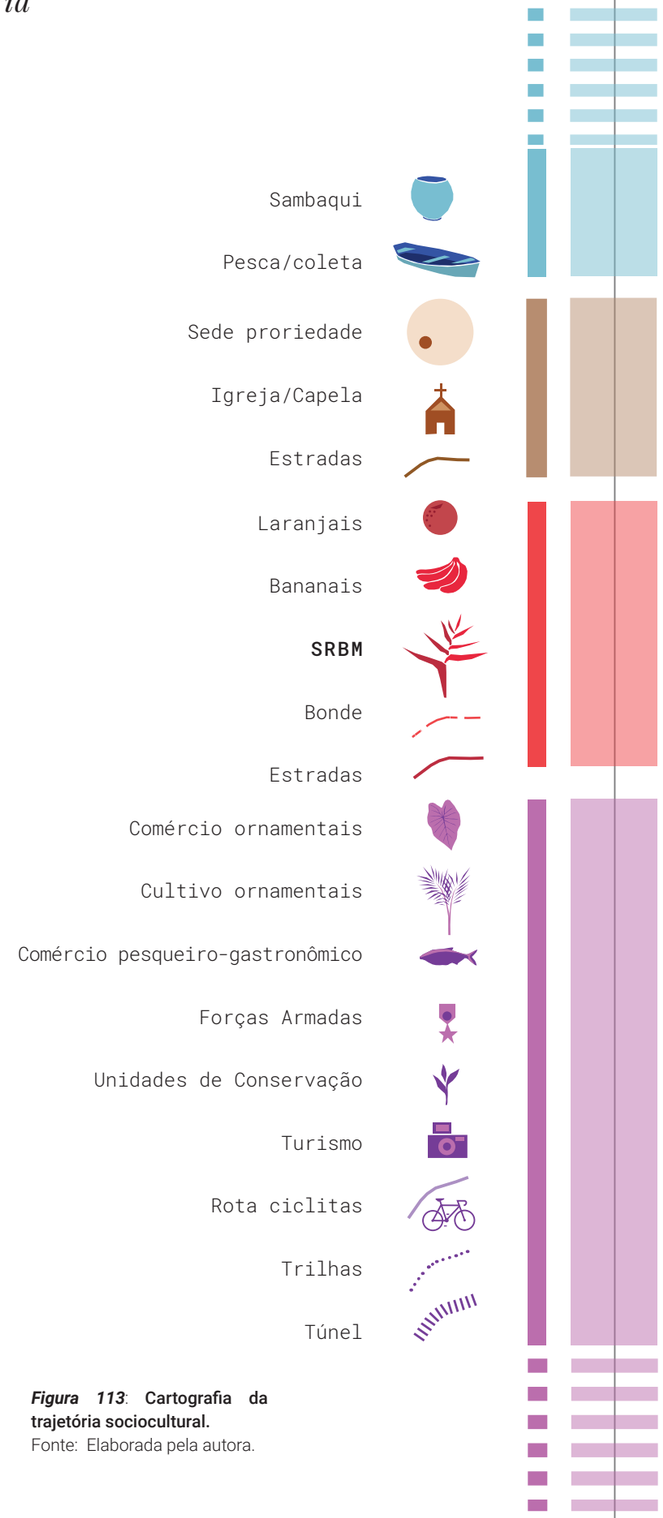
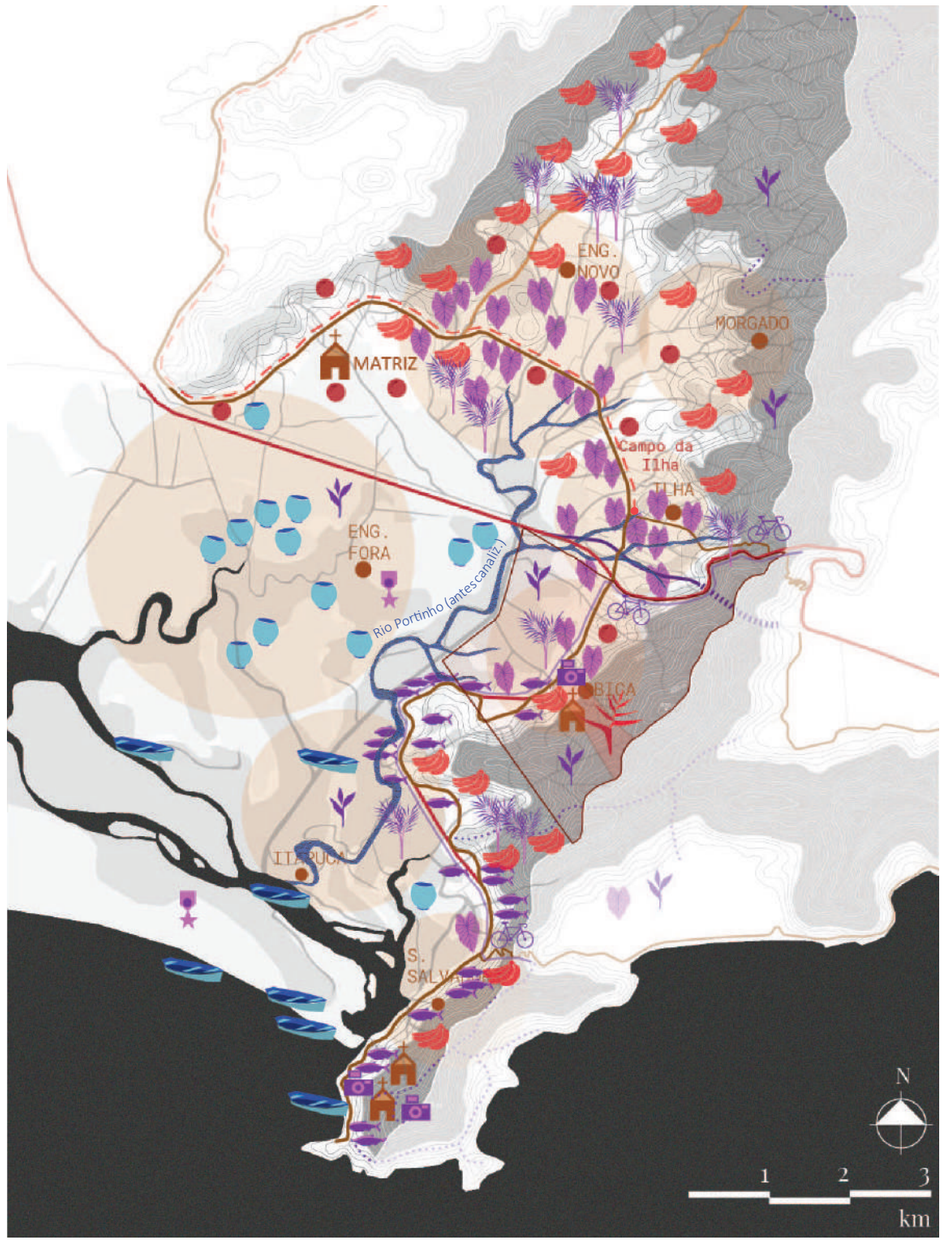


Figura 113: **Cartografia da trajetória sociocultural.**
Fonte: Elaborada pela autora.



Pré-colonial (antes 1500) **Colonial** (séc XVI-XIX) **Século XX** (década 1950) **Atual** (fim séc. XX/ início XXI)

pelas plantações de laranja e banana – as últimas ainda bastante cultivadas no local. Este é o momento que os irmãos Burle Marx se instalam no Sítio Santo Antônio da Bica, dando início a uma coleção de flora tropical para uso em paisagismo. Percebe-se nesse intervalo temporal algumas transformações viárias, como a retificação da Estrada da Barra de Guaratiba, além de uma nova estrada sobre a Serra da Grota Funda. A antiga estrada, mais estreita e sinuosa, dava acesso ao bairro pela Largo da Ilha, local que na década de 1960 era também o ponto final do bonde que trilhava a Zona Oeste vindo de Campo Grande. Pela observação de mapas históricos, este parece também ser o período da canalização do Rio Portinho.

O último período ilustrado no mapa é referente ao tempo recente, considerado a partir do final do século XX até o momento atual. Assim, registra-se nesse período as delimitações de grandes áreas como Unidades de Conservação e áreas militares, restringindo a dispersão da ocupação urbana. Dentre as atividades socioculturais registradas que se intensificaram nos anos mais recentes, e são consideradas significativas a este trabalho, estão: o cultivo e comércio de plantas ornamentais; o setor gastronômico de frutos do mar; os locais de uso turístico; as trilhas do Parque da Pedra Branca; e os circuitos utilizado por ciclistas.

Dentre elas, o cultivo e comercialização de plantas são as mais diretamente vinculadas simbolicamente ao Sítio Roberto Burle Marx. O mapeamento dos locais de cultivo de ornamentais, no entanto, é dificilmente delimitado com precisão, pela característica informal e diversificada das produções (Figura 114). Deste modo, sobre o mapa de áreas destinadas a atividade agrícola, se estima por suposição quais são voltadas ao cultivo de ornamentais.

Sabe-se que atualmente nesta região a maioria das produções são para este fim, ou para produção de bananas - usualmente nas encostas. Assim, a determinação do cultivo de espécies ornamentais é estimado, representando uma dimensão da atividade no local. A intenção é constatar a marcante presença da produção agrícola nos bairros, como reflexo histórico de outros tempos.

A sobreposição do levantamento espacial dos aspectos socioculturais, dos aspectos biofísicos e urbanos, traça uma perspectiva geral da composição desta paisagem (Figura 115). As representações nesta escala trazem um panorama do Sítio Roberto Burle Marx em seu território. assim dispõe-se de um olhar amplo sobre suas interseções espaciais e temporais.

Figura 114: **Localização esquemática das áreas agrícolas, de cultivo e comércio de plantas ornamentais e do SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Google Earth, 2020.

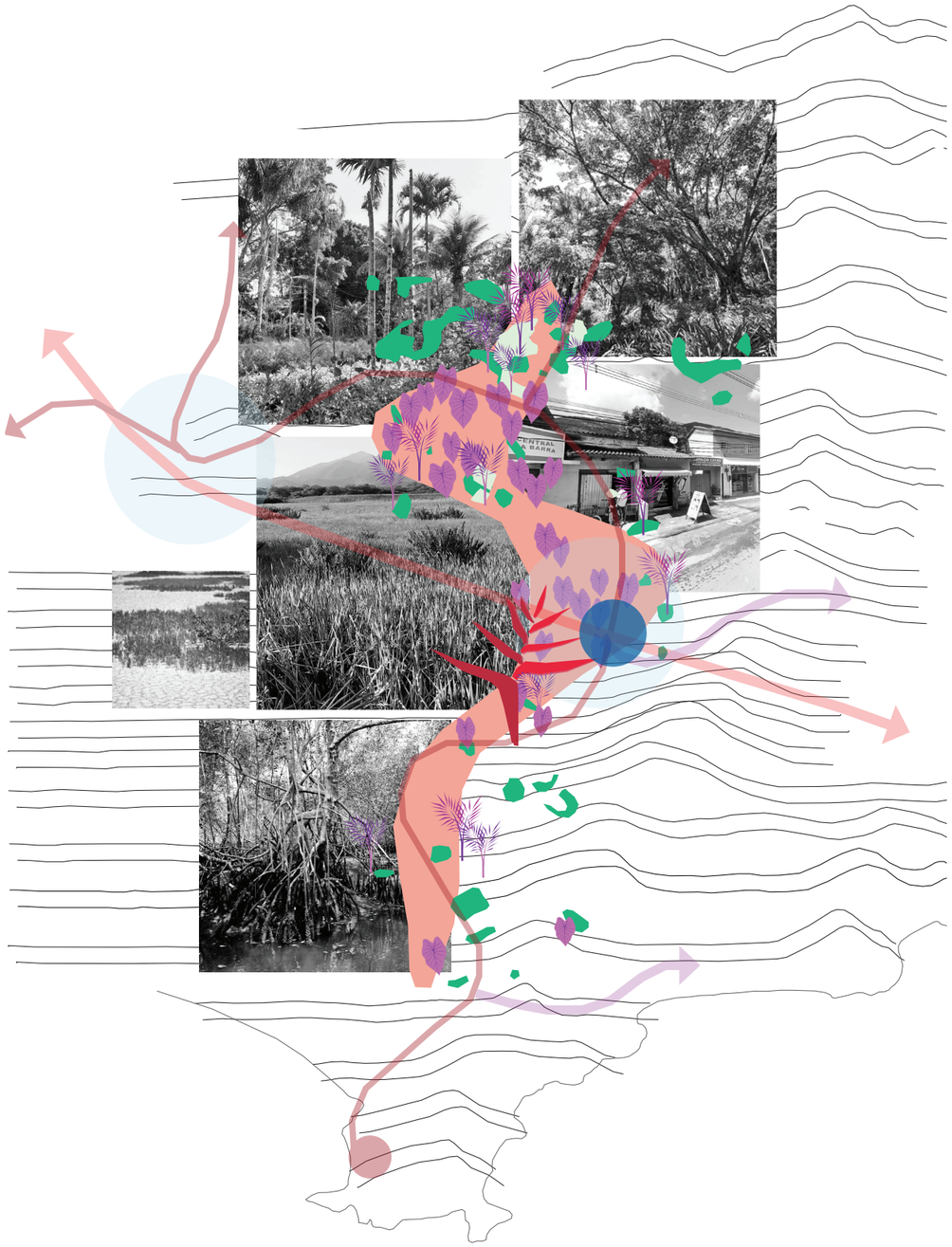


Figura 115: **Imagem ilustrativa das características identificadas no território.**
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Google Earth, 2020.

4.2. Recorte da Zona de Amortecimento do SRBM ampliada (ZA-SRBM)

Para análise do entorno imediato do Sítio Roberto Burle Marx, contempla-se a Zona de Amortecimento do SRBM estabelecida no Dossiê de Candidatura do SRBM para a Lista do Patrimônio Mundial (Figura 116), acrescida de alguns trechos espaciais pra além de seus limites. Esta ampliação se deve a inclusão de locais de importância cultural, urbanística, e elementos relevantes da paisagem (Figura 117).

Assim, para além da linha de fronteira na porção norte da ZA-SRBM, determinada pelo Caminho do Abreu e pela Av. das Américas, estende-se o recorte de análise até a Estrada da Grota Funda e seu encontro com o Largo da Ilha, trecho importante para a história da ocupação urbana local. Em meio ao tecido urbano incorporado, está a Estação de BRT Ilha de Guaratiba, que abastece o transporte público da região, e a área livre residual da obra de abertura do Túnel da Grota Funda, terreno em que se planeja a implantação de um Mercado Público de Plantas Ornamentais. Na porção entre a Av. das Américas e a Estrada da Grota Funda é também marcante a presença de alguns hortos comerciais e pequenas áreas de cultivo de plantas.

Já na porção sul, o atual limite da ZA-SRBM foi estabelecido pelos cumes do Morro do Xavier e do Morro de Itapuca ao fundo, conectados por uma linha reta entre estes pontos, que se estende até o Canal do Portinho. A ampliação aqui sugerida acompanha a linha de cume do Morro do Xavier até seu encontro com a Estrada Roberto Burle Marx e o canal. Inclui-se, dessa maneira, um trecho que a vista ainda é alcançável a partir do SRBM, até onde a curva da estrada modifica sua direção visual. O contorno estabelecido passa a incluir a ocupação urbana presente na Estrada Leônidas Carvalho, via que é bifurcada da estrada principal. A Estrada Leônidas Carvalho possui em seu percurso alguns restaurantes de frutos-do-mar, que depois deste trecho tornam-se frequentes na Estrada da Barra de Guaratiba, assim como hotéis fazendas, sítios para visitação e o Alambique MaxCana. A via marca, portanto, um ponto de início da Rota Gastronômica, que constitui uma notável atividade cultural chamariz de moradores e visitantes.

Diante disso, a análise deste recorte estabelecido visa um aprofundamento da compreensão de seus fatores paisagísticos. A ampliação proposta para representação visual contribui para uma percepção de como a ZA-SRBM está inserida na paisagem e como se dá sua interação em seus prolongamentos espaciais imediatos.

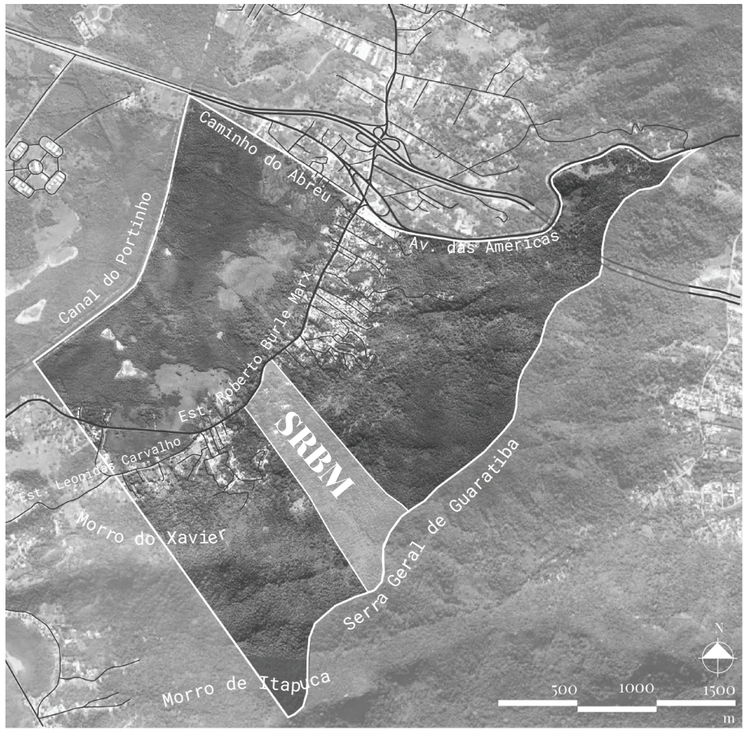


Figura 116: **Delimitação da ZA-SRBM definida no Dossiê de Candidatura.**
Fonte: Elaborada pela autora.
Imagem-base: Google Earth, 2020.

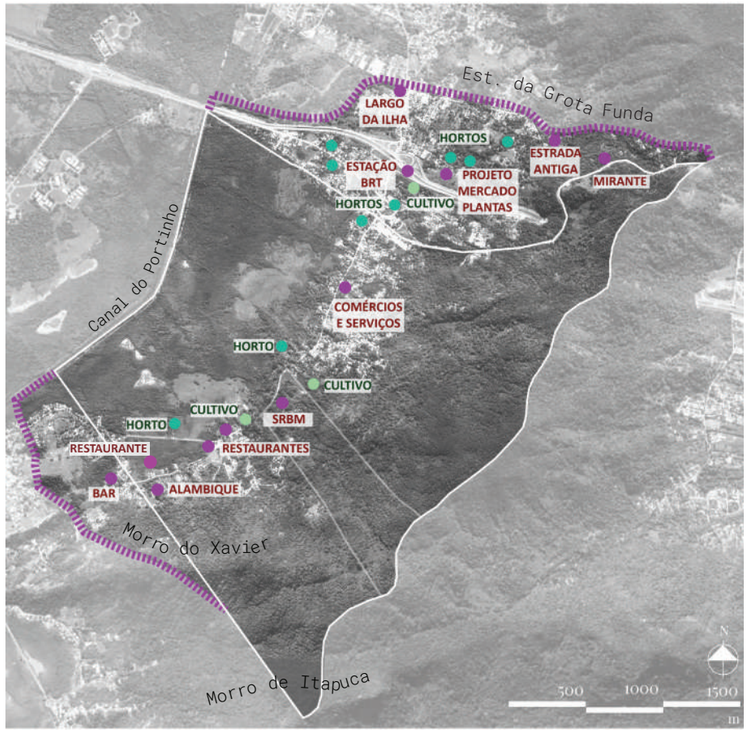


Figura 117: **Delimitação da ZA-SRBM sugerida, com acréscimo de áreas na porção norte e sul.**
Fonte: Elaborada pela autora.
Imagem-base: Google Earth, 2020.

4.2.1. Cobertura do solo e vegetação

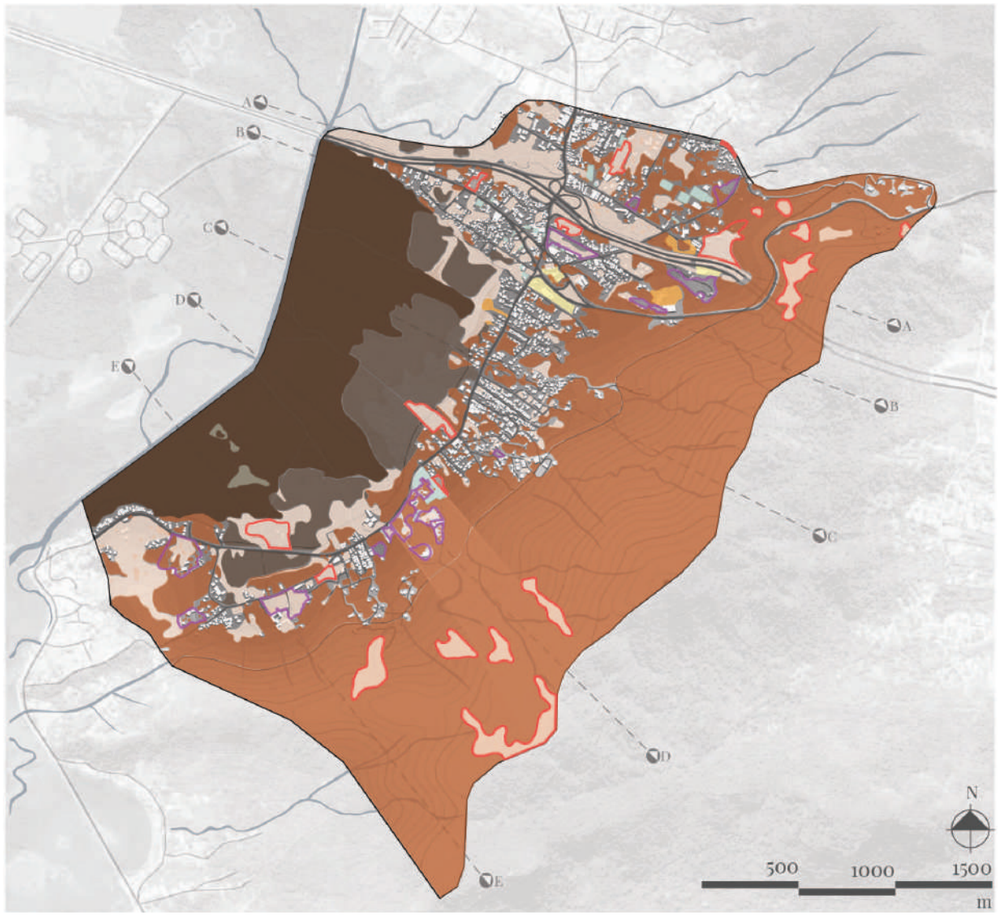


Figura 118: **Mapa de cobertura do solo e vegetação na ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora.

A análise da cobertura dos solos (Figura 118) é organizada pela visualização das características relevantes ao trabalho e passíveis de identificação a partir do método adotado. Assim, separa-se as categorias representadas sobretudo pela constituição física: os portes e características da vegetação, ou sua ausência. Destaca-se ainda as áreas de cultivo ou ajardinadas que são perceptíveis nesta escala.

Vegetação arbórea

As áreas tomadas pela vegetação arbórea (Figuras 119-120) estão concentradas especialmente na porção territorial acima da cota de 100 metros de altura, que compõe o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), e diluídas em meio as áreas urbanizadas, com massas mais expressivas nas cotas mais elevadas.

A vegetação do PEPB é caracterizada como Floresta Ombrófila Densa Montana e Submontana, sendo presente na região de Guaratiba, apenas a Submontana, localizada entre as altitudes 50 e 500 metros (VELOSO et al., 1991 apud. INEA, 2013). Em sua constituição, estão presentes neste trecho áreas de Florestas em estágio médio ou inicial de regeneração. Nas de estágio médio identifica-se em torno de 162 espécies, e nas de estágio inicial registram-se 72 espécies, sendo as mais frequentes a *Guarea guidonea* (carrapeta), a *Guapira opposita* (maria-mole), a *Apuleia leiocarpa* (garapa) e a *Alchornea triplinervia* (pau-óleo). São também presentes espécies como a *Nectandra membreanacea* (canela-branca), *Piptedenia gonoacantha* (pau-jacaré) e *Hyeronima alchorneoidesnas* (licurana) de estágio médio, assim como *Casearia sylvestris* (espinheira-santa) e a *Nectandra puberula* (canela-fedorenta) nos sub-bosques. Ou ainda, nas de estágio inicial, espécies pioneiras com *Tibouchina granulosa* (quaresmeira) e *Cecropia glaziouvi* (embaúba), e espécies secundárias como *Cupania oblongifolia* (camboatá) e *Astronioum graveolens* (pau-ferro) (INEA, 2013).

As florestas em estágio avançado de regeneração, onde encontra-se maior diversidade biológica, com maior presença de espécies raras, ameaçadas ou endêmicas estão em outros núcleos do Parque, ocupando 6% de sua área. Nesses pontos encontram-se espécies arbóreas como a *Copaifera lucens* (copaíba), *Dalbergia nigra* (jacarandá-da-bahia), ou espécies ameaçadas como *Caesalpinia echinata* (pau-brasil) (INEA, 2013).

Dentre as espécies exóticas mais presentes no Parque estão a *Artocarpus heterophyllus* (jaqueira), a *Mangifera indica* (mangueira), e a *Musa paradisiaca* (bananeira) (INEA, 2013). Na área urbanizada pode-se avistar outras espécies marcantes, como *Handroanthus heptaphyllus* (ipê-rosa), *Schizolobium parahypa* (guapuruvu), ou a *Ceiba speciosa* (paineira).

Junto as espécies arbóreas também estão presentes espécies arbustivas e herbáceas sob suas copas. Nas áreas de vegetação nativa no PEPB se destacam a *Alcantarea glaziouvii*, a *Heliconia angusta*, ou o *Anthurium luschnathianum*, sendo estas duas últimas ameaçadas de extinção (INEA, 2013).

Figura 119 e 120: **Imagem e espécies citadas nas áreas de vegetação arbórea.**
Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base: Fig. 119 , fotografia de Oscar Liberal, IPHAN, 2019.





Figuras 121, 122, 123, e 124: **Imagens representativas e espécie citada da área de brejo.**
Fonte: Fig. 121, a autora; figs 122, 123 e 124, MAGALHÃES CORREA, 1936.

Brejos

Os brejos ou áreas úmidas (termo adotado pelo Plano de Manejo da RBG) (Figuras 121-124), encontram-se nas áreas limítrofes da Reserva, sendo "zonas de transição entre ambiente salino e salobro, formadas especialmente onde o relevo tende a ser mais plano e a água doce pode se acumular" (INEA, 2013). Em descrição sobre as características do "Sertão Carioca"[38] (a Zona Oeste do RJ), de 1936, Magalhães Corrêa explica o sistema de águas em três compartimentos, referindo-se a região das Lagoas de Camorim-Tijuca: "(...) a primeira a água doce, a segunda salobra e a terceira salgada, com a sua respectiva flora: juncal, tabual e mangal" (1936, p. 27).

Pode-se perceber esta constituição nas áreas alagadas de Guaratiba, em que os brejos neste recorte parecem se associar a camada intermediária, de águas salobras e preenchida predominantemente pela taboa (*Typha latifolia*), conforme é observado no local e relatado por entrevistados.

Magalhães Corrêa discorre sobre o uso cultural das espécies presentes nos solos pantanosos, feitos na época pela população do 'sertão carioca', na feitura de esteiras de palha e na alimentação. Assim, as esteiras podiam ser feitas de taboa, junco (*Cyperus giganteus*), ou tiririca (*Scleria bracteata*), e o consumo na alimentação era do rizoma da taboa, usado em substituição ao palmito. A atividade de produção de esteiras de palha é ainda nos dias atuais praticada na região de Guaratiba (MOREIRA, 2021).

Veg. Arbustiva ou herbácea

Os locais identificados no mapa pela presença de vegetação arbustiva e/ou herbácea (Figura 127) são os de constituição mais variada dentre as categorias estabelecidas. Nestas áreas se identifica a predominância de vegetação de menor porte, podendo estar em ambientes naturais ou antropizados. Observa-se sua presença no entorno dos brejos, com constituição de vegetação de portes variados.

38 Sertão Carioca é o termo que se popularizou, após a publicação de "O Sertão Carioca", de Magalhães Corrêa (1936), e se refere a região que atualmente compreende a Zona Oeste do Rio de Janeiro. No período tratava-se das terras cariocas não-metropolitanas.

Nos locais ditos antropizados, em meio à ocupação urbana, nota-se vastas áreas com vegetação de porte intermediário, sejam estas produtivas, de pasto, gramados em sítios e jardins, ou vegetação ruderal em espaços com solo degradado.

Manguezal

As florestas de manguezal (Figuras 125-126) são formações arbustivo-arbóreas em substrato instável, com elevada salinidade, e composição de geralmente duas ou três espécies, sendo as da Reserva Biológica de Guaratiba (RBG) marcadas pelas *Rizophora mangle*, *Avicennia schaueriana* e *Laguncularia racemosa*. As duas primeiras são mais presentes na Unidade, e a última tem baixa representatividade no local, podendo ser este um indicador de bom estado de conservação dos mangues, já que a *L. racemosa* é típica de florestas em regeneração (ESTRADA, 2009 apud. INEA, 2013).

Poucas espécies são capazes de ocupar o sub-bosque dos mangues. Dentre estas estão a *Acrostichum aureum* (samambaia-do-brejo) e o *Hibuscus tiliaceus* (algodoeiro-da-praia) (INEA, 2013). Estão ainda presentes na área da RBG algumas espécies endêmicas da Mata Atlântica, como as bromélias *Quesnelia quesneliana* e *Vriesea neoglutinosa*, a orquídea *Cattleya forbesii*, e a *Miconia staminea* (Melastomataceae), e as endêmicas do Brasil como a *Tillandsia mallemontii* e a *T. stricta*. Dentre as espécies com algum grau de ameaça estão o *Anthurium luschnathianum* e a *Neoregelia cruenta*, também endêmicas, e a *Dorstenia arifolia*. Dentre as exóticas invasoras identificadas na RBG está a *Dracaena fragans* (INEA, 2013).

Figura 127: **Imagem representativa da área de vegetação herbácea.** Fonte: Google Street View 2011.





Figura 125 e 126: **Imagens representativas e espécies citadas da área de manguezal.** Fonte: Elaborada pela autora. Imagem-base fig. 126: INEA, 2013.



Figura 128: **Imagem representativa das áreas de cultivo agrícola.** Fonte: A autora.



Figura 129: **Imagem representativa das áreas ajardinadas.** Fonte: Fotografia de Oscar Liberal. IPHAN, 2019.

Áreas de Cultivo e Áreas Ajardinadas

São destacados no mapa os locais com função agrícola (Figura 128) e as grandes áreas que formam composições de jardins (Figura 129). Estas ênfases são marcadas pela distinção da configuração vegetal nesses pontos, que podem ser formados por combinações de variados portes de espécies, como arbóreas, arbustivas ou herbáceas, mas que se diferenciam de sua disposição no meio natural. Estes locais merecem particular atenção por sua notável presença neste recorte, que possui algumas representações destas formas de cobertura de solo.

No caso das áreas de cultivo, as localizadas na porção urbanizada são predominantemente de plantas ornamentais, e as inseridas nas encostas, de bananais. Dentro dos limites do PEPB, na porção de Guaratiba-Grumari, destaca-se as plantações de banana como um fator de grande impacto ao seu ecossistema (INEA, 2013).

Os locais de produção de espécies ornamentais são em geral bastante diversificados, com plantio de diferentes famílias e grupos botânicos. Dentro deste recorte espacial, a maioria das produções de plantas estão associadas a sua comercialização, constituindo hortos de diferentes tamanhos – que vão desde pequenos estabelecimentos até negócios mais consolidados.

As marcações que definem as áreas ajardinadas são formadas pelas áreas externas de residências, sítios, hotéis-fazenda, condomínios ou espaços institucionais. São áreas em que se nota uma disposição estética no uso da vegetação. Salienta-se que são marcados os locais em que esta configuração é visível da vista aérea ou que já se tenha conhecimento prévio, prevalecendo, portanto, as áreas mais vastas.

Espécies que ocorrem nas Unidades de Conservação

Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB)

Arbóreas:

Guarea guidonea (carrapeta)
Guapira opposita (maria-mole)
Apuleia leiocarpa (garapa)
Alchornea triplinervia (pau-óleo)
Nectandra membreanacea (canela-branca)
Piptedenia gonoacantha (pau-jacaré)
Hyeronima alchorneoidesnas (licurana)
Casearia sylvestris (espinheira-santa)
Nectandra puberula (canela-fedorenta)
Tibouchina granulosa (quaresmeira)
Cecropia glaziouvi (cecropia)
Cupania oblongifolia (camboatá)
Astronioum graveolens (pau-ferro)
Copaifera lucens (copaíba)
Dalbergia nigra (jacarandá-da-bahia)
Caesalpinia echinata (pau-brasil)

Arbustivas ou herbáceas:

- endêmicas do Brasil:
Aristolochia raja (jarrinha-arraia)
Alcanterea glaziouana (gravatá)
Allisthene dryadum
Cryptocarya jacarepaguensis (noz-moscada-silvestre)
Neoregelia camorimiana (endêmica PEPB)

- ameaçadas:
Anthurium luschnathianum
Heliconia angusta (bico-de-guará)
Melanopsidium nigrum (coroa-de-sapo)

Exóticas:

Artocarpus heterophyllus (jaqueira)
Mangifera indica (mangueira)
Musa paradisiaca (bananeira)
Casuarina equisetifolia
Dieffenbachia amoena
Impatiens walleriana

Reserva Biológica de Guaratiba (RBG)

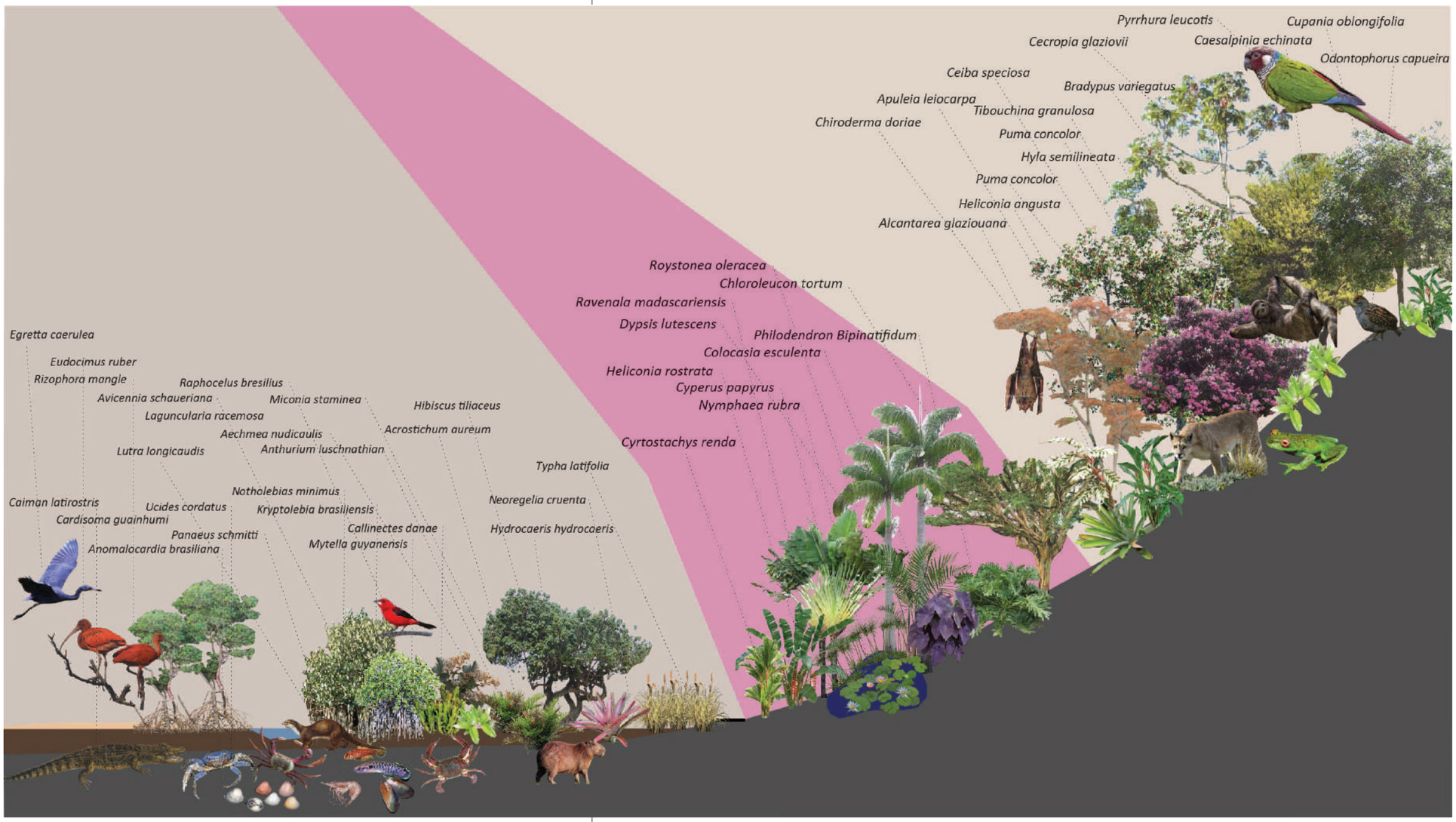
Rizophora mangle
Avicennia schaueriana
Laguncularia racemosa
Acrostichum aureum
Hibuscus tiliaceus
Quesnelia quesneliana
Vriesea neoglutinosa
Cattleya forbesii
Miconia staminea

- endêmicas do Brasil:
Tillandsia mallemontii
T. stricta

- ameaçadas:
Anthurium luschnathianum
Neoregelia cruenta
Dorstenia arifolia

- exóticas:
Dracaena fragans

Tabela 02: **Algumas espécies citadas nos Planos de Manejo das Unidades de Conservação existentes no recorte da ZA-SRBM**. Fonte: Elaborada pela autora.



Espécies relevantes da fauna e flora

A partir da representação da disposição da cobertura vegetal dos solos, a seção esquemática transversal (Figura 130) ao recorte perpassa os locais de floresta de mangue, áreas alagadas, locais antropizados de vegetação, e florestas de encosta. É possível desta forma um panorama sobre a disposição da vegetação na paisagem. Na seção são destacadas algumas espécies vegetais mencionadas, que possuem relevância aos ecossistemas locais – como espécies nativas, endêmicas ou ameaçadas, em escala local, municipal ou nacional.

Coloca-se, também, ênfase em algumas espécies de destaque na composição do Sítio Roberto Burle Marx ou na produção local de plantas ornamentais. Acrescenta-se nesta visualização espécies da fauna, também selecionadas por sua importância na conservação da biodiversidade, ou por seu valor simbólico local. Destaca-se nesse aspecto o Guará-vermelho (*Eudocimus ruber*), ave que dá nome à região e que encontra-se na lista estadual de espécies ameaçadas como "criticamente em perigo". Foi avistada pela última vez em Guaratiba em 1996, e acredita-se estar hoje extinta no Estado do Rio de Janeiro (INEA, 2013).

Figura 130: **Colagem de seção esquemática com espécies relevantes da fauna e flora local.**
Fonte: Elaborada pela autora.

4.2.2. Águas

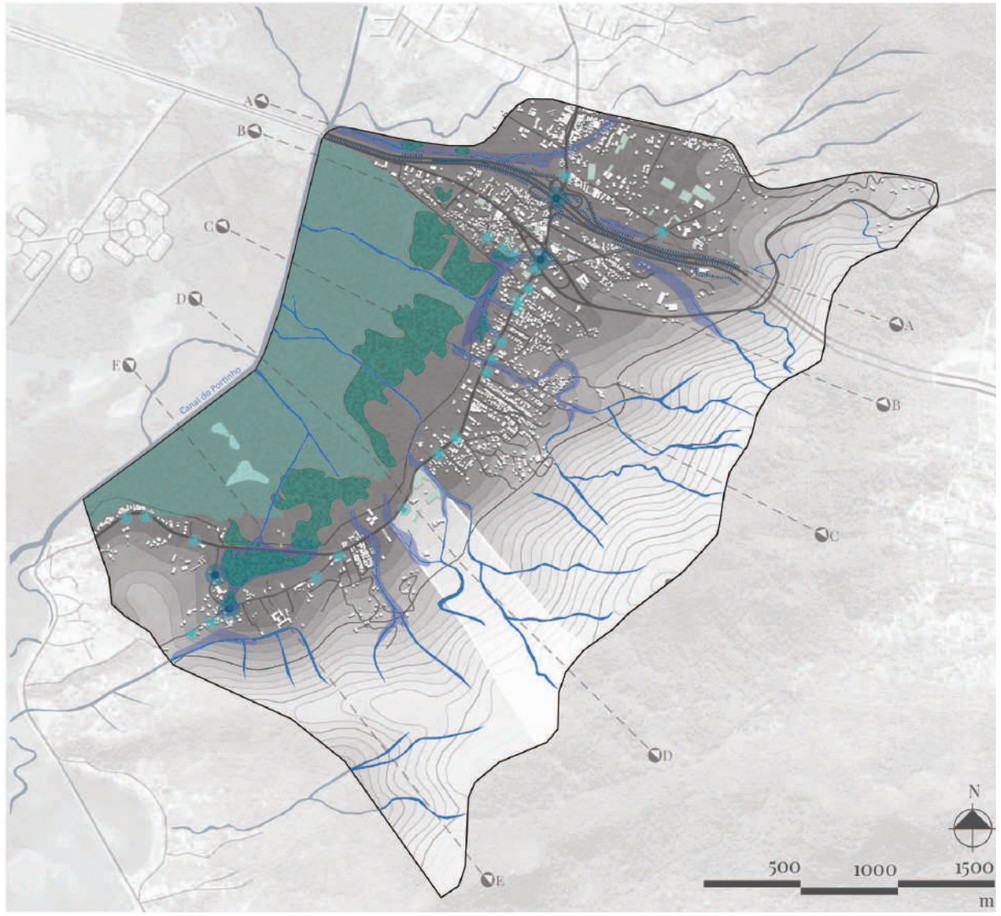


Figura 131: **Mapa da presença da água na ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora.

No mapeamento dos fluxos e concentrações das águas (Figura 131) ressalta-se a disposição natural dos cursos hídricos, áreas alagadas dos brejos e manguezais, além de suas relações com os espaços urbanizados. Para o último aspecto, identifica-se a localização das escassas redes de drenagem urbana, e dos pontos de alagamentos observados nas vias, com ênfase nos pontos mais críticos. Evidencia-se no mapa os trechos de cursos e corpos hídricos que estão em contato direto com os locais de ocupação urbana.

Para identificação dos locais de alagamento nas vias foram considerados relatos, notícias, observações no local, e visualização de registros do *Google Street View* em diferentes momentos temporais. Os pontos de acúmulo de água são comuns em diversas partes das estradas principais dos bairros após períodos de chuva (Figuras 132-135), especialmente nos locais próximos aos trechos de encontro dos cursos d'água com as áreas urbanizadas. Chama a atenção, contudo, alguns pontos mais críticos de acúmulo, inclusive nas centralidades urbanas. Como exemplo, há registros de alagamentos de grande impacto sobre alguns pontos das ruas locais em agosto de 2020, dentre eles o trecho na saída da estação de BRT Ilha de Guaratiba. A marcação no mapa destes pontos é, portanto, baseada em relatos que se tenha notícia ou observação visível em imagens registradas, e pode estar incompleta, com possíveis outros trechos críticos não identificados.

Os pontos de contato com as águas nas áreas urbanizadas permite traçar uma consideração sobre sua incorporação na intervenção sobre a paisagem (Figura 137). Os trechos em que os cursos atravessam as vias (Figura 136), ou seus locais de alagamentos na área urbana, podem ser consideradas no planejamento paisagístico do território.



Figura 132, 133, 134 e 135: **Locais de alagamento nas estradas.**
Fonte: Página "Amigos e Moradores da Ilha de Guaratiba" no Facebook, Google Street View.

Figura 136: **Saída de curso d'água em frente ao SRBM.**
Fonte: Google Street View.

Figura 137: **Imagem ilustrativa da presença das águas no recorte.**
Fonte: Google Street View.



4.2.3. Uso do solo e sistema viário

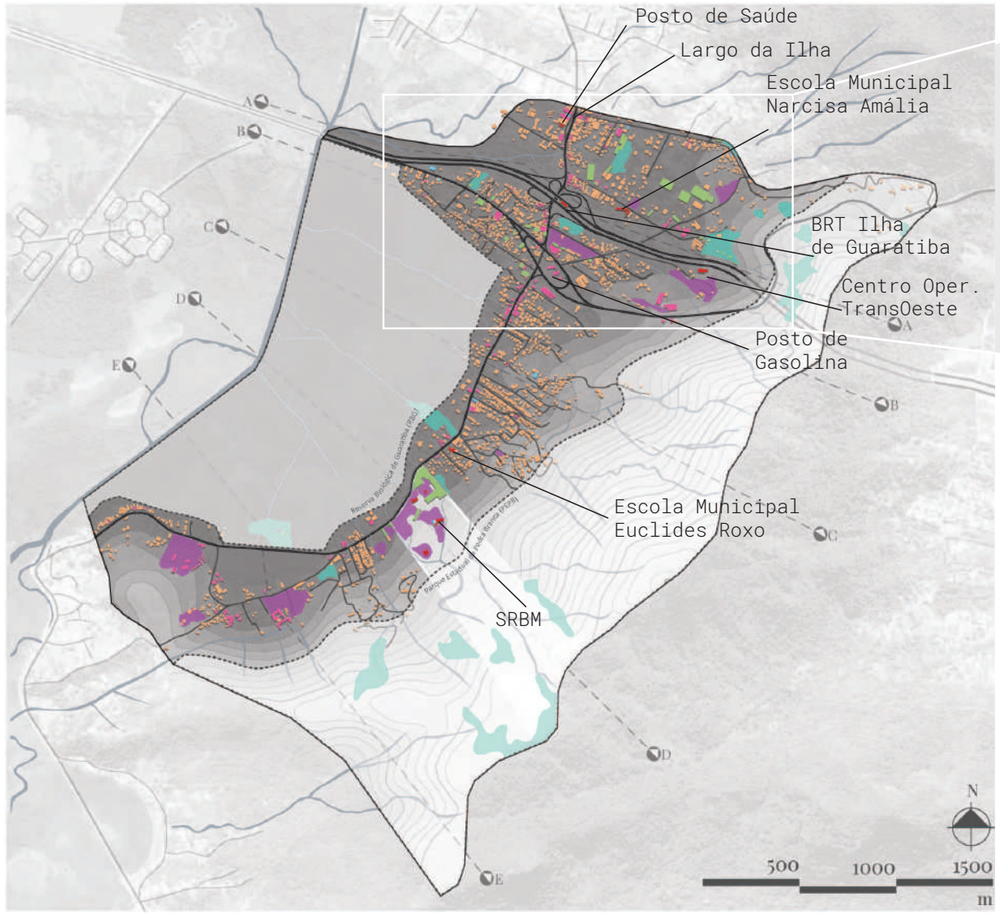


Figura 138: **Mapa de uso do solo e sistema viário na ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora.

O mapa de fatores urbanísticos (Figura 138) envolve o uso dos solos e edificações, e o sistema viário. A predominância no local é de uso residencial, com alguns pontos de concentração de comércio e serviços. Os locais institucionais, assim como alguns pontos de importância estrutural ao bairro, como o posto de gasolina central, a estação de BRT ou o Largo da Ilha, dentre outros, foram indicados no mapa por linhas de chamada.

Nota-se que a configuração viária, bastante linear no trecho que adentra Barra de Guaratiba, se distribui em um tecido urbano complexo no encontro da Estrada R. Burle Marx com a Av. das Américas e a Av. D. João VI. Este local, que

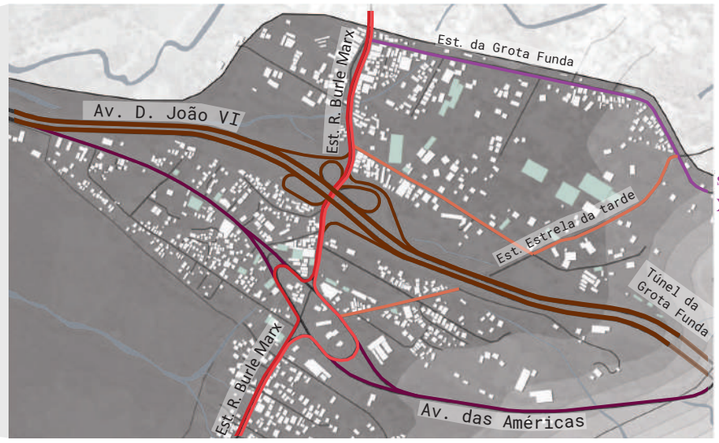




Figura 139: **Mapa com principais estradas do eixo de conexão central dos bairros, com períodos de implantação.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 140: **Antiga Estrada da Serra da Grota Funda, anterior a Av. das Américas.**
Fonte: Website Foi um Rio que passou, disponível em: < https://rioquepassou.com.br/2018/06/19/estrada-da-grota-funda-ultimos-dias-do-tracado-colonial/ >.

marca a chegada e saída ao bairro, configura um eixo viário estruturador. Suas transformações ao longo do tempo é um fator que acaba por interferir na organização do solo nesta porção e nos bairros como um todo. As mudanças de vias estruturadoras comumente afetam a organização do território e a hierarquia dos espaços, modificando a circulação de veículos e pessoas, bem como concentração de comércios e afins.

Assim, o acesso ao bairro, que até a década de 1960 se dava pela Estrada da Grota Funda conectando-se à altura do Largo da Ilha, passa mais tarde a se dar pela Av. das Américas (Figuras 139-140). Em seu encontro com a atualmente chamada Estrada Roberto Burle Marx, a Av. das Américas passa por uma bifurcação, se dividindo por um curto trecho e logo se unindo novamente. Nesta bifurcação a Estrada R. Burle Marx faz um "balão" em seus dois sentidos, contornando uma área central onde está uma pequena concentração de residências e o posto de gasolina.

Mais recentemente, em 2012, outra modificação viária altera esta configuração central do bairro, a partir da abertura do Túnel da Grota Funda. A conexão do túnel à região se dá pela Av. D. João VI que está elevada em relação ao nível da Estrada Roberto Burle Marx no ponto de encontro entre as duas. Deste modo, o modelo de cruzamento adotado se dá por um grande trevo, num modelo de entroncamento de estradas de trânsito rápido.

A nova configuração urbana vinda da obra de abertura do túnel afeta significativamente al-



Figura 141: **Imagens satélite do eixo central de cruzamento viário entre os bairros, antes e depois da abertura do túnel da Grota Funda.**
Fonte: Google Earth 2009 e Google Earth 2019.



Figura 142: **Imagens do eixo central de cruzamento viário entre os bairros, antes e depois da abertura do túnel da Grota Funda.**
Fonte: Google Street View 2010 e Google Street View 2019.

guns espaços deste contexto. Busca-se entender as transformações estruturais, espaciais e perceptivas a partir de análises comparativas entre imagens do *Google Earth* e *Google Street View* em diferentes períodos (Figuras 141-142).

Pela imagem aérea vista do satélite nota-se que no local hoje atravessado pela Av. D. João VI, na saída do túnel, havia anteriormente uma área de pasto, que era percorrida por alguns cursos d'água. Desta grande extensão de terrenos desapropriada, quase toda a área foi preenchida com a estrutura viária concebida. Um resquício de solo livre e cursos d'água permanece numa porção de desapropriação que permaneceu sem uso, ao norte da avenida.

No ponto de encontro com a via principal do bairro a diferença de nível existente dá espaço a um cruzamento no qual a avenida passa por um viaduto acima da Estrada Roberto Burle Marx (Figura 144). Este local mostra considerável diferença na experiência desta paisagem, antes e após a implantação da avenida. Este trecho da estrada antes percorria uma área de pasto delimitada por uma cerca baixa de madeira (Figura 145), passa a ser um ponto central de acesso à região, marcado visualmente pelas conexões com largas alças viárias.

Nesta conexão viária está a Estação de BRT Ilha de Guaratiba (Figura 143). Sua posição junto a Av. D. João VI, ou seja, elevada em relação ao nível do bairro, criou a necessidade de um sistema de rampas para acesso dos usuários do transporte público.



Figuras 143 e 144: **Estação de BRT Ilha de Guaratiba, vista para as rampas e vista para a Estrada Roberto Burle Marx.**
Fonte: A autora.



Figura 145: **Vista do local onde hoje passa a Av. D. João VI, em 2010, anteriormente à sua implantação.**
Fonte: Google Street View 2010.

Outra mudança estrutural observada na nova configuração urbana é o fechamento da Estrada Estrela da Tarde, que fazia conexão entre a Estrada da Grota Funda e o trevo das Américas. Esta estrada foi fechada para automóveis e no local foi mantido um pequeno túnel com dimensões extremamente modestas, para passagem de pedestres e ciclistas (Figuras 146-148).

A partir destas observações sobre as mudanças espaciais, constata-se seu efeito sobre o desenho da paisagem. O contexto atual dos bairros é o de transição de locais com características rurais de ocupação para locais em processo de urbanização. Esses momentos de transição na configuração urbana merecem atenção, pois podem contemplar um planejamento que precede a consolidação de um modelo ocupacional.

Os padrões de espaço gerados nas transformação em Guaratiba, se distingue do desenho urbano empregado nos bairros da Barra da



Figuras 146, 147 e 148: **Estrada Estrela da Tarde antes, durante e depois da construção do túnel da Grota Funda.**
Fonte: Fig. 147 e 148, Google Street View 2010 e 2011; Fig. 149, a autora.

Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes – que também passaram pela expanção das vias e implantação do BRT TransOeste. Nestes bairros, no entanto, os cruzamentos viários e as estações de BRT estão num mesmo nível, o que facilita as conexões do usuário do transporte com o tecido urbano. Nota-se também em seus desenhos urbanos, a presença de sinalização básica de trânsito, com semáforos e faixas de travessia; além de largos túneis subterrâneos para a passagem de pedestres nos trechos de trânsito mais acelerado (Figuras 149-151).

Fica evidente, portanto, a diferença no modelo de expansão urbana nos bairros com mais investimento em infraestruturas e nos mais carentes destas, geralmente estabelecida pelo recorte social da população que o habita. Considera-se neste trabalho, o modelo de estruturação viária e urbanística como definidor da configuração da paisagem, sendo sua discussão fundamental aos projetos paisagísticos integrados às redes de infraestruturas. Acredita-se que a definição de um modelo que considere a circulação dos diversos usuários, incluindo pedestres e ciclistas, seja crucial à qualidade dos espaços. Assim, a revisão do modelo viário e estruturação urbana em espaços não consolidados, como nesta porção territorial de Guaratiba, é uma oportunidade de antever as problemáticas da expansão urbana neste local.





Figuras 149 e 150: **Estação de BRT e túnel para travessia de pedestres na Av. das Américas da Barra da Tijuca.**
Fonte: Google Street View 2021.

Figura 151: **Túnel para travessia de pedestres na Av. D. João VI.**
Fonte: Google Street View 2021.



4.2.4. Locais socioculturais e espaços livres

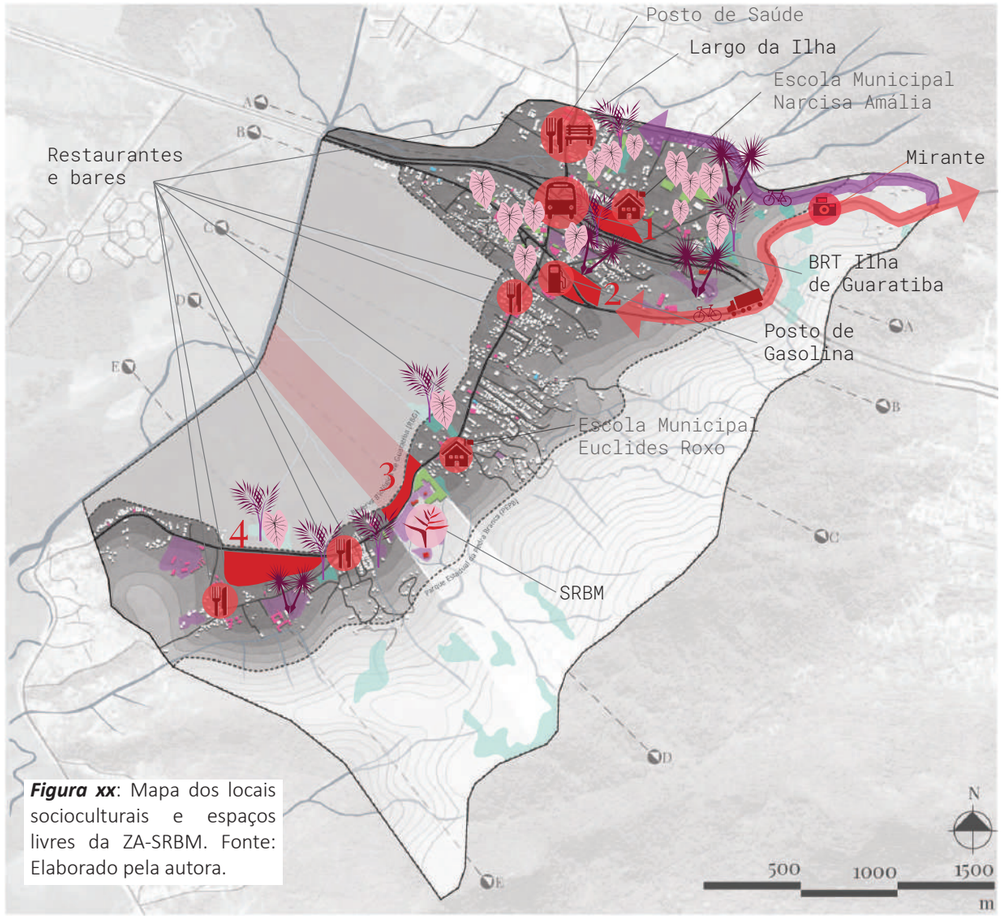


Figura xx: Mapa dos locais socioculturais e espaços livres da ZA-SRBM. Fonte: Elaborado pela autora.

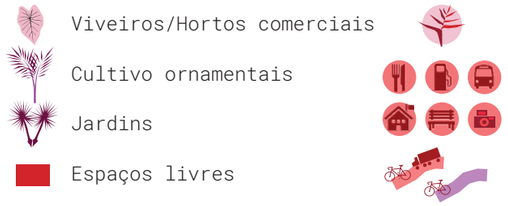


Figura 152: **Mapa dos locais socioculturais e espaços livres na ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora.

A partir das informações urbanísticas sobre o recorte, identificam-se os locais de uso e interesse sociocultural, além dos espaços livres com potencial de intervenção paisagística. Destaca-se no mapa (Figura 152) alguns equipamentos institucionais, como escolas, posto de saúde e o próprio Sítio Roberto Burle Marx; os estabelecimentos comerciais e de serviços que associam-se a atividades de lazer, como restaurantes e bares; a estação de BRT Ilha de Guaratiba, por ser concentradora de modais de transporte, tornando-se eixo de deslocamento no bairro; o posto de gasolina, também em posição central na estrutura espacial da região, com atividade constante, inclusive na loja de conveniências, e com circulação de pessoas e veículos; além do Largo da Ilha, única área pública de lazer do bairro de Ilha de Guaratiba (HERZOG, 2008).

Marca-se ainda como pontos de interesse a Estrada da Grota Funda, por seu valor histórico ao bairro, e o trecho da Av. das Américas que atravessa a serra. A primeira tem demanda de utilização bastante reduzida, sendo percorrida por moradores de seu entorno ou ciclistas, estando em condição precária de manutenção. A segunda teve redução na circulação de veículos após a abertura do túnel José de Alencar, sendo também frequentada por ciclistas e utilizada por caminhões – inclusive os associados à produção e venda de plantas ornamentais. Conforme explicado por Bruna Leandro (2021), o túnel não permite trânsito de veículos de carga de grande porte, e portanto, na incerteza da possibilidade ou não de acesso, quase todos preferem utilizar o caminho sobre a serra. Em um ponto na subida da estrada, observa-se um antigo mirante em desuso, com a vista coberta por vegetação (Figura 153).

Identifica-se ainda neste mapa alguns espaços livres (Figura 155), com possibilidade de incorporação ao planejamento paisagístico deste recorte. Os locais demarcados são quatro: 1) o terreno à direita da Av. D. João VI, na saída do túnel, resquício da desapropriação de sua obra, onde se prevê a implantação de um Mercado de Plantas Ornamentais; 2) uma área próxima ao posto de gasolina, com uma construção abandonada em estado de ruína, bem como as áreas de canteiro viário neste local (Figura 154); 3) o terreno em frente ao Sítio Roberto Burle Marx; e 4) uma vasta área de brejo que, pela condição alagadiça do solo, está num trecho em que a estrada principal não é ocupada por construções.

O primeiro espaço (1) é de propriedade pública do município, uma vez que foi desapropriado para as obras do túnel em 2011. O segundo (2) se trata de um terreno em estado de abandono. Segundo relatos locais, a ruína aí presente era um hotel que encerrou as suas atividades em torno de vinte anos atrás, após um assassinato ocorrido em suas dependências (MOREIRA, 2021). Já a terceira área (3) se constitui por um terreno que já foi propriedade do Sítio Roberto Burle Marx, mas foi perdida ao longo do processo de doação. Atualmente pertence à União e, com isso, é considerada a possibilidade de sua reincorporação ao SRBM/IPHAN. O quarto espaço (4) é um resquício de brejos na área urbanizada. O local está previsto no Plano Diretor Municipal como ZCA-1, uma Zona de Conservação Ambiental de caráter mais restritivo à ocupação que a ZCA-2, e portanto sem permissão para construção.





Figuras 153 e 154: **Mirante em desuso na Av. das Américas e ruína de hotel abandonado próximo ao posto de gasolina.**
Fonte: Google Street View, 2020.



Figura 155: **Imagem esquemática dos espaços livres 1, 2, 3 e 4.**
Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.5. Paisagens, percursos e ambiências

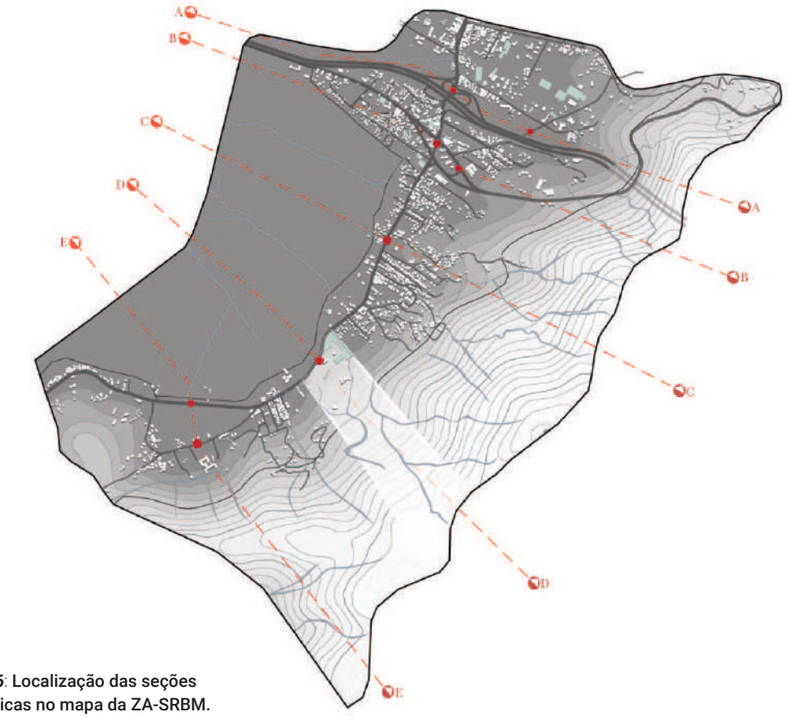


Figura 156: **Localização das seções esquemáticas no mapa da ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, as representações gráficas da ZA-SRBM e suas imediações exploram as percepções na forma de experienciar esta paisagem, buscando uma compreensão das ambiências e cenários que constituem o seu percurso. Considerando a formação geográfica característica deste território, o estabelecimento de seções atravessando este recorte espacial dão uma dimensão da relação existente entre os ambientes naturais e antropizados. Foram dispostas cinco seções transversais à cadeia montanhosa e à estrada principal (Figuras 156 e 157). A seção 'A' corta o trecho da estrada próximo a seu cruzamento com a Av. D. João VI; a 'B', o cruzamento com a Av. das Américas; a 'C' passa por um trecho de concentração de ocupação urbana; a 'D', pelo Sítio Roberto Burle Marx; e a 'E' atravessa a bifurcação em que a estrada geral corta o trecho de brejo sem ocupação urbana.

As seções esquemáticas representam a configuração do terreno com seus desníveis, o porte das vegetações, e os locais construídos. Para se ter uma dimensão das percepções ao longo do percurso nessa paisagem, a representação dos cortes se dispôs numa retificação figurativa da Estrada Roberto Burle Marx e das estradas transversais aos cortes.

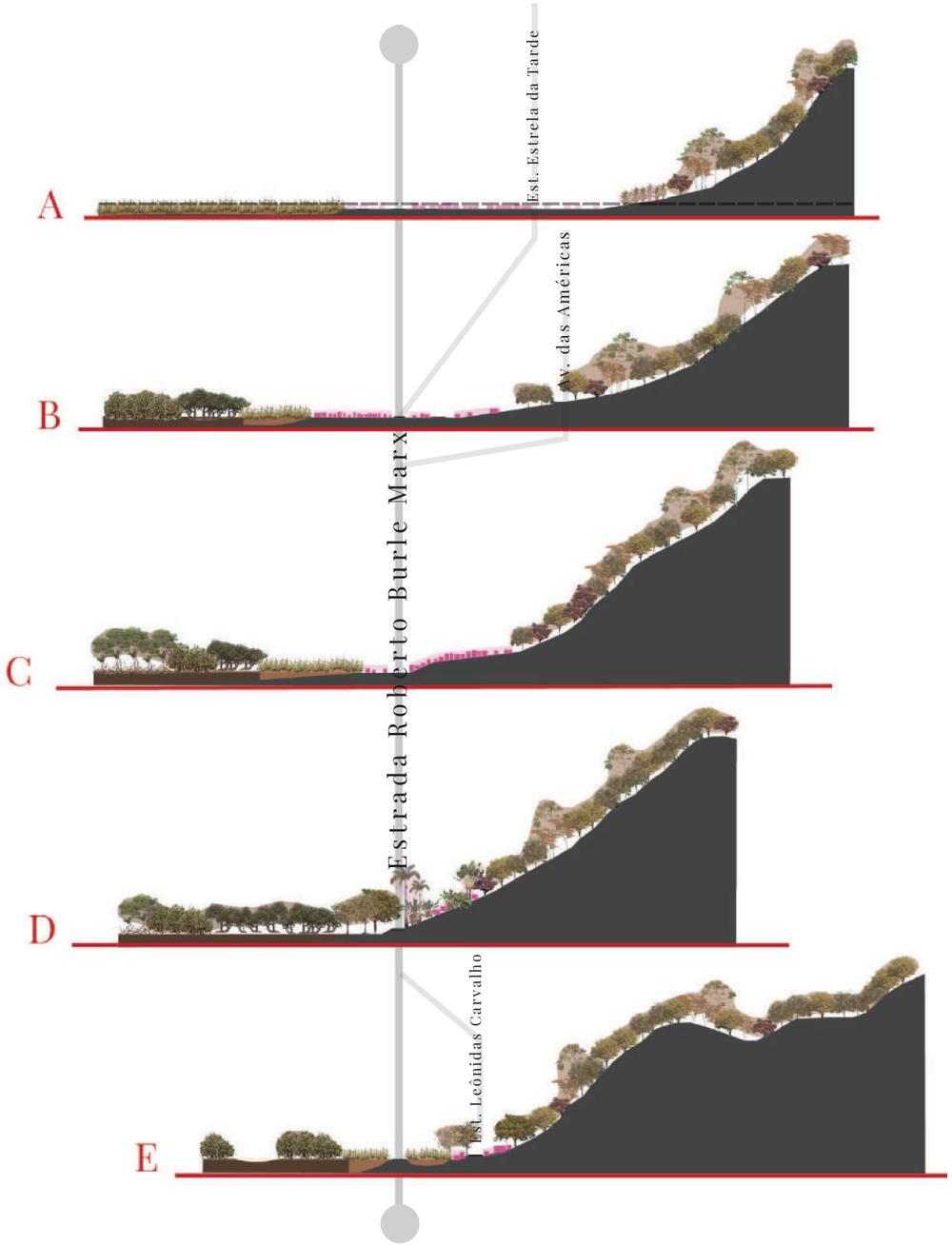
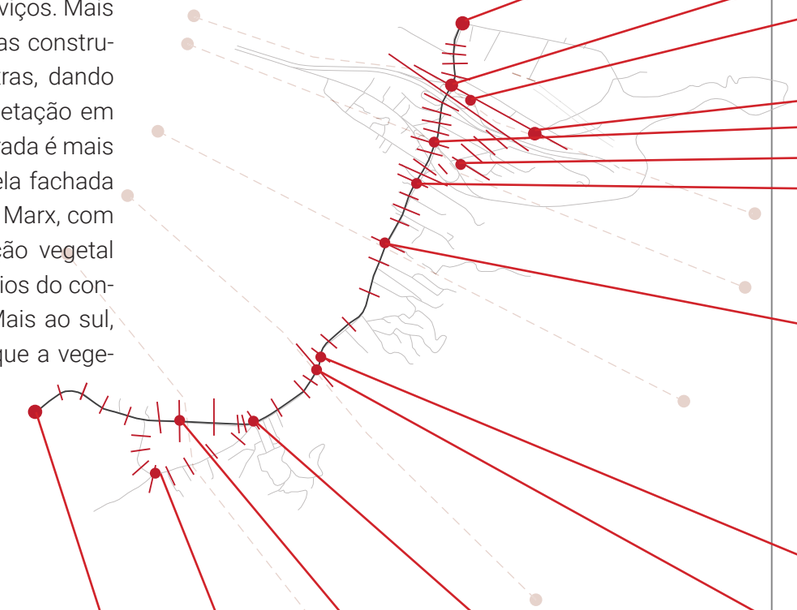


Figura 157: **Seções esquemáticas transversais ao percurso da ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborado pela autora.

Além das seções, uma seleção de imagens fotográficas em pontos considerados relevantes para esta análise contribuem para visualização das ambiências e atmosferas do local (Figura 158). Nota-se, de forma geral, uma diferença de "ritmos" no percorrer dessa paisagem, em que se inicia ao norte com um cenário em processo de urbanização (a, b, c, d, e, f, g) – com largas conexões viárias, equipamentos urbanos, maior presença de construções, e estabelecimentos comerciais e de serviços. Mais adiante, caminhando rumo ao sul, as construções se distanciam umas das outras, dando espaço a uma ambiência com vegetação em seu entorno. (h) Neste trecho, a estrada é mais arborizada e é quando se passa pela fachada proeminente do Sítio Roberto Burle Marx, com portões ornados e uma composição vegetal em frente ao seu muro que dá indícios do conjunto artístico que ali existe (i, j). Mais ao sul, a estrada passa por um intervalo que a vegetação arbórea dá lugar a espécies herbáceas num vasto solo alagadiço. Neste local a paisagem se amplia visualmente e é possível avistar a disposição entre as montanhas e o brejo (l, m, n). Ao fim deste trajeto, retornam as árvores e construções próximas à estrada, e o caminho segue rumo para a orla da praia – numa atmosfera litorânea que se torna perceptível pela gradual presença de restaurantes e placas de vendas de frutos do mar (o).




a)


b)


c)


d)


e)


g)


f)


h)


i)


j)


l)

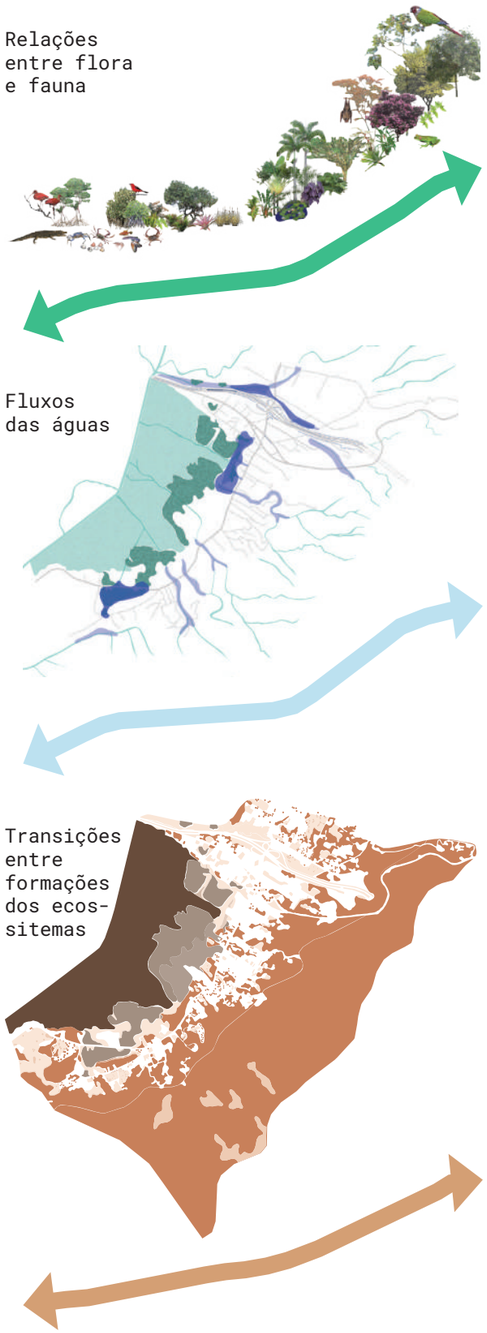

m)


n)


o)

Figura 158: **Imagens fotográficas nos trechos do percurso pela ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora.
Imagens-base: a, b, c, d, g, h, f, l, o: Google Street View, 2020; b, d, e, i, j, m, n: A autora.

4.2.6. Diretrizes de projeto



O conjunto concebido de ilustrações visuais sobre o recorte da ZA- SRBM e áreas acrescidas, permitem traçar diretrizes para intervenção nesta paisagem. A constituição urbana deste território, em que a faixa de ocupação construída está em meio a duas Unidades de Conservação, orienta a uma atuação de projeto voltada ao trecho urbanizado e seus pontos de encontro com as áreas protegidas. Nesta disposição linear das áreas construídas, conforma-se um percurso na forma de experienciar esta paisagem, com transições de cenários e diferentes associações culturais.

Assim, num panorama geral, as intenções da proposta se organizam em duas frentes: a de ***integração entre os ecossistemas locais*** (Figura 159) e a de ***concepção de uma narrativa cultural no percurso desta paisagem*** *(Figura 160)*.

Quanto a busca de integração entre os ecossistemas, pode-se entendê-las pelas trocas existentes entre suas composições como um todo, em sua topografia e fisionomias ecológicas; nas conexões através dos fluxos e concentrações das águas pelo território; e das trocas estabelecidas entre espécies da flora e da fauna. Os locais identificados como potenciais para intervenção espacial, localizados, na faixa de ocupação urbana, podem ser comparados a ecótonos das configurações naturais existentes. Desta maneira, a intervenção sobre este espaços pode configurar "corredores verdes" que facilitem a integração entre os espaços naturais, a partir do meio antropizado.

Figura 159: **Esquemas ilustrativos das diretrizes ambientais.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Na perspectiva da narrativa cultural, busca-se associar uma sobreposição de fatores determinantes dos usos dos espaços urbanos. Tem-se como condicionantes a estrutura urbanística da rede viária e das concentrações ocupacionais, gerando uma reflexão sobre a inserção de locais de lazer no tecido urbano, além das possibilidades de conexões entre equipamentos urbanos e socioculturais.

Com isso identificam-se dois pontos de interesse para realização da proposta, que englobam conjuntos de equipamentos de importância sociocultural e urbanística. Associado a estas questões, aborda-se o papel irradiador do SRBM aos espaços do bairro, e como este se associa aos locais de projeção cultural. A identificação desses pontos de prolongamento podem ser pensadas de forma conjunta para as decisões espaciais tomadas. Pela linearidade da disposição urbana, se conduz uma associação entre percurso e narrativa, de modo que o trajeto espacial da experiência desta paisagem possa contemplar uma percepção sobre sua trajetória temporal.

A mescla entre os fatores ressaltados como diretrizes de atuação serão, assim, ensaiados na proposta de intervenção sobre a paisagem, que será exposta na sequência.

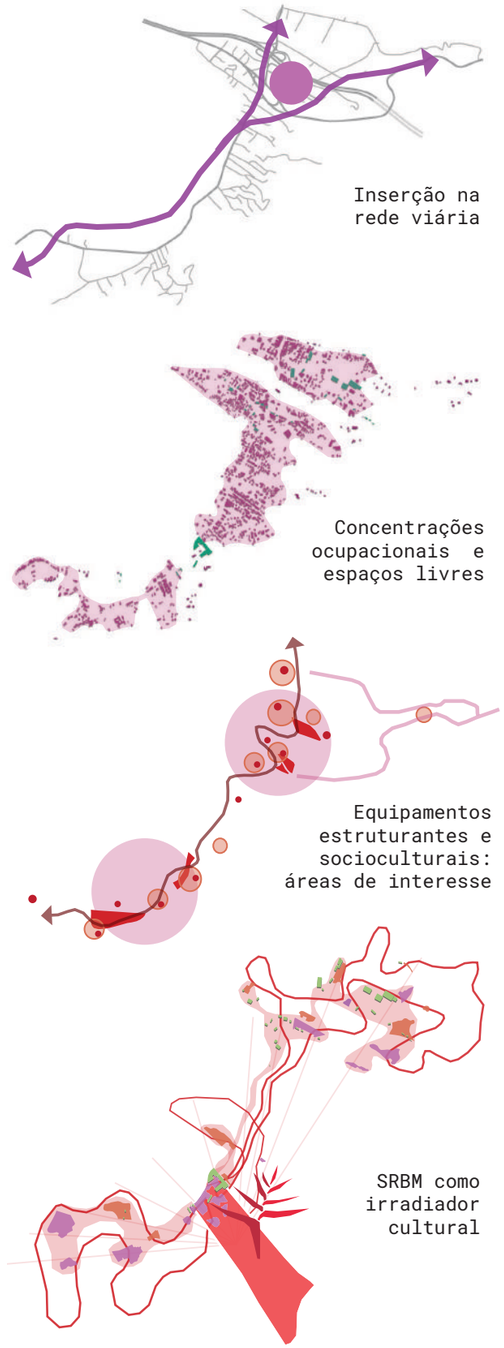
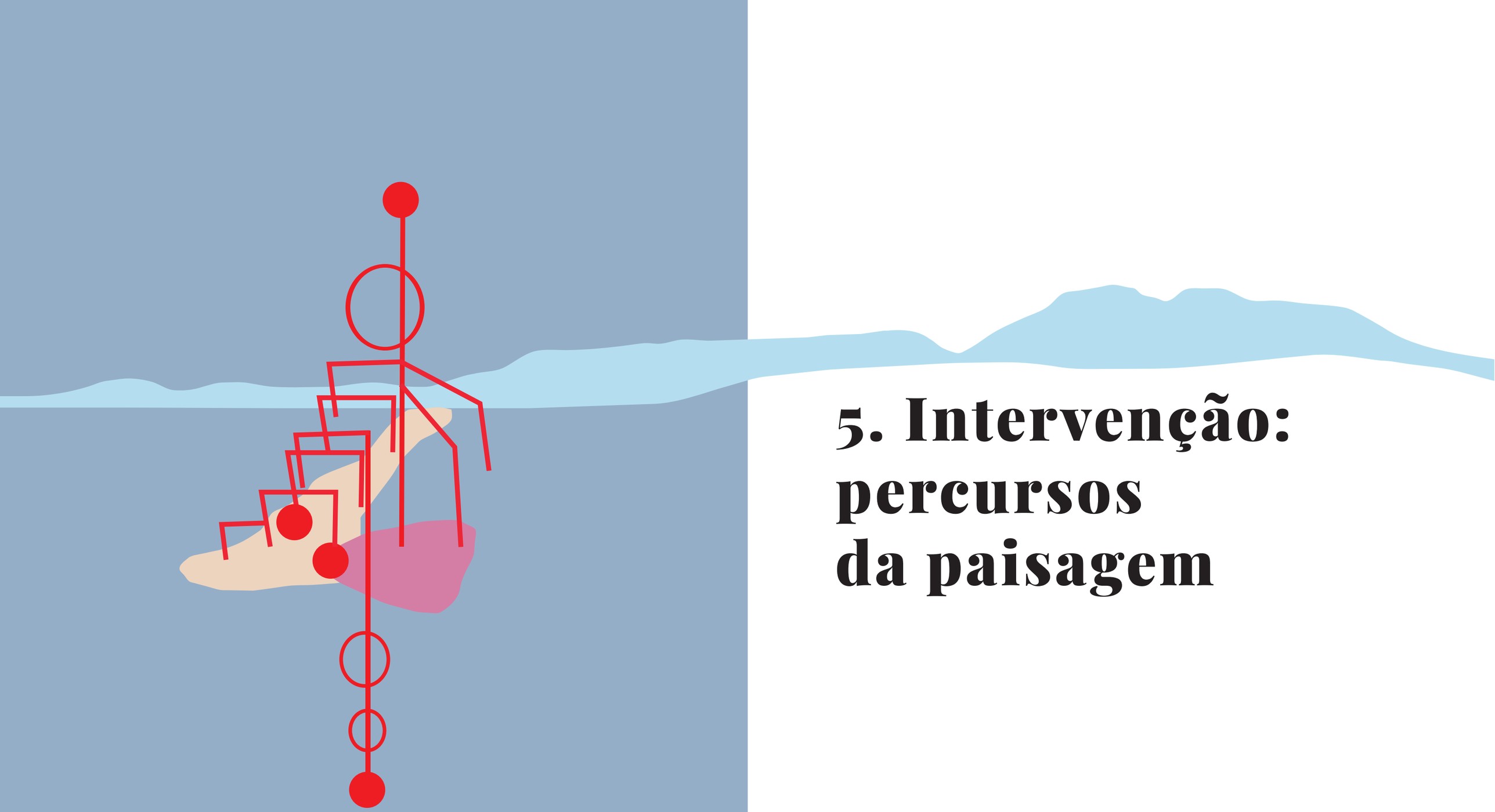


Figura 160: **Esquemas ilustrativos das diretrizes culturais.**
Fonte: Elaborada pela autora.



5. Intervenção: percursos da paisagem

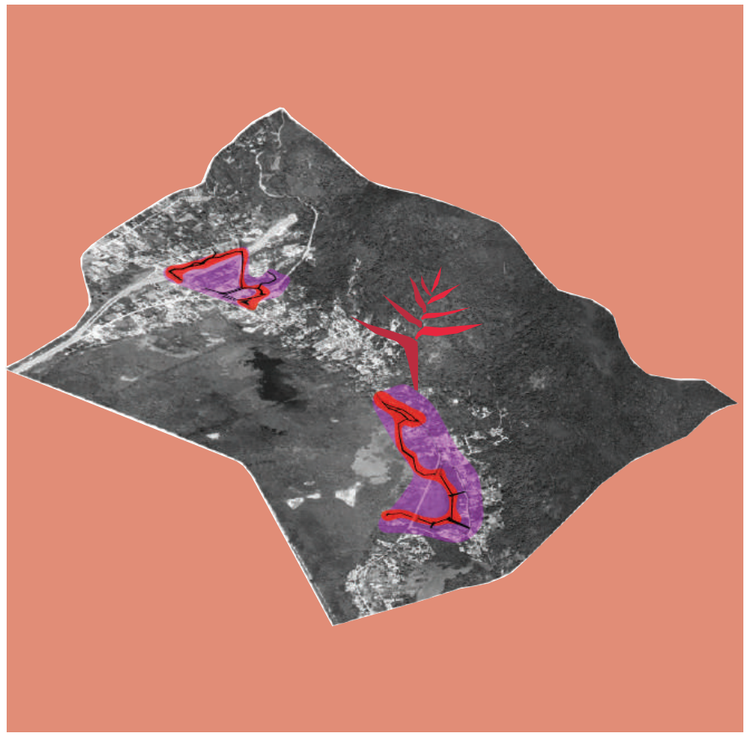


Figura 161: Recorte da paisagem de intervenção, a ZA-SRBM somada a áreas adjacentes. Destaque para os locais de intervenção propostos.
Fonte: Elaborada pela autora.

Com o estudo realizado sobre a Zona de Amortecimento do Sítio Roberto Burle Marx e suas áreas adjacentes incluídas, pode-se traçar proposições espaciais sobre esta paisagem, a fim de fomentar o seu potencial ambiental e cultural. A proposta aqui elaborada se dá por duas escalas: 1) envolvendo o planejamento da paisagem no recorte da ZA-SRBM ampliada, a partir de sobreposição estratégica sobre os planos urbanísticos atuais; e 2) pela concepção de "percursos" conectando espaços livres que conformem uma rede de locais de lazer no bairro. Este capítulo se organiza, então, em duas partes, que trazem explicações sobre as intervenções na paisagem nessas duas perspectivas.

Na escala do território, a contribuição se dá no levantamento das questões relevantes para o entendimento deste recorte como local cultural e de proteção patrimonial (Figura 161). São propostas delimitações de zoneamento urbanístico, numa estratégia de planejamento da paisagem e elencados desafios e potencialidades existentes na ZA-SRBM, que devem ser considerados nas medidas tomadas para a espacialidade e estrutura urbana do local. A partir da análise dos planos urbanísticos existentes, e reconhecendo a Zona de Amortecimento do SRBM como ativador sociocultural, propõe-se o estabelecimento de uma APAC (Área de Proteção do Ambiente Cultural). Esta delimitação subsidia um debate inicial sobre as medidas de planejamento voltadas a um viés cultural e ambiental do recorte entre os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba.

Num segundo momento a proposta se volta à concepção de dois percursos paisagísticos – o Percurso Ilha e o Percurso Barra - conectando espaços de lazer propostos dentro da APAC sugerida. Busca-se assim visualizar uma valorização cultural nos bairros a partir da espacialidade urbana. Os percursos são "desvios" no eixo principal do território, a Estrada Roberto Burle Marx, conduzindo a um olhar alternativo na experienciação desta paisagem. Cada percurso é composto por duas novas áreas de lazer, nas quais se elaboraram propostas preliminares de projeto de arquitetura paisagística, voltadas às distintas possiblidades socioculturais que cada espaço apresenta e salientando os aspectos da cultura paisagística local.

Nas próximas seções, apresenta-se estas duas dimensões da proposta, em que se esboça as principais estratégias e soluções de plano e projeto.

5.1. Planejamento paisagístico para ZA-SRBM ampliada

A paisagem do entorno do Sítio Roberto Burle Marx (Figura 163) é espacialmente gerida e monitorada por diferentes órgãos e esferas institucionais, tais como as de infraestrutura da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, de proteção ambiental vinculadas ao governo do Estado, ou as áreas militares de propriedade da União. A recente delimitação da Zona de Amortecimento do Sítio Roberto Burle Marx (ZA-SRBM) (Figura 162), em decorrência de sua inscrição na Lista do Patrimônio Mundial, inclui a perspectiva da proteção ao patrimônio cultural na articulação da gestão deste espaço, com agentes reguladores e orientadores como o IPHAN e a UNESCO.

Assim, como desdobramento inicial deste estudo, reflete-se sobre as possibilidades de associações do viés cultural na gestão da paisagem com os planos paisagísticos existentes no recorte. Aborda-se, então, nesta seção: uma análise sobre a ZA-SRBM com as questões que envolvem os meios para gestão e valorização cultural desta área em seu vínculo tanto com o Sítio, quanto com a extensão territorial de inserção; uma observação das disposições do planejamento urbanístico existente no recorte estabelecido; e uma sugestão de medida urbanística a ser articulada entre o SRBM/IPHAN e a gestão municipal, de forma a dar subsídios para uma estruturação da paisagem que dê destaque a presença do Sítio Roberto Burle Marx e a cultura paisagística existente no local.

5.1.1. ZA-SRBM

Para uma abordagem sobre as questões relevantes à Zona de Amortecimento do SRBM há que se reconhecer sua condição de área de suporte para a conservação e valorização deste bem cultural. O Manual de Intervenção de Jardins Históricos, organizado por Carlos Delphim (1999) – um dos materiais brasileiros de maior relevância na orientação para proteção das paisagens patrimoniais intencionalmente concebidas – apresenta a importância fundamental da identificação dos valores culturais que se pretendem preservar. O valor como conceito básico no estudo do patrimônio cultural é estruturado por Delphim em valores intrínsecos e extrínsecos ao bem. Os valores intrínsecos referem-se ao ponto de vista físico, como entorno, materialidade, desenho ou localização; os extrínsecos seriam os valores associados, tais como o histórico, de identidade, socioeconômico, social, funcional, educativo, político. Essa consideração dá uma dimensão da multiplicidade de perspectivas existentes sobre um bem patrimonial, que possui valores diversos, cuja estruturação das prioridades colocadas determina as ações de salvaguarda subsequentes. A conservação busca então salvaguardar os valores culturais e materiais essenciais do patrimônio (DELPHIM, 1999).

No caso do Sítio Roberto Burle Marx e sua ligação com a paisagem do entorno, pode-se entender como valores intrínsecos a sua coleção viva de espécies vegetais, os eixos visuais do entorno, e a ambiência do Sítio frente ao bairro. Neste ponto, ligado a sua integridade física, são especialmente relevantes os impac-

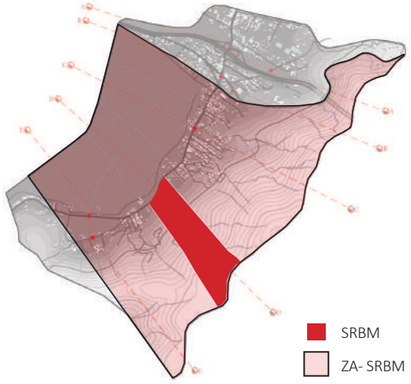


Figura 162: **ZA-SRBM e áreas adjacentes propostas para inclusão.**
Fonte: Elaborada pela autora.

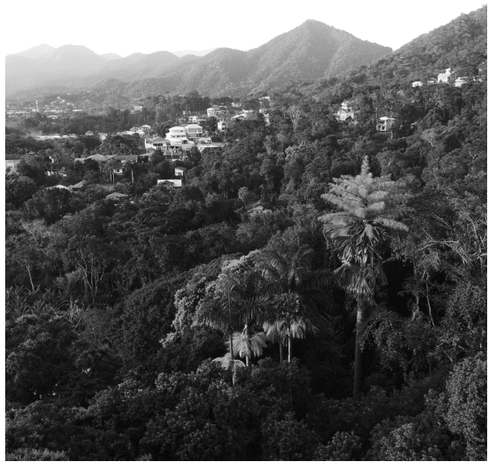


Figura 163: **Vista aérea da paisagem a partir do SRBM.**
Fonte: Acervo SRBM.

tos devidos às pressões urbanas e ambientais presentes na região.

A expansão urbana e especulação imobiliária são identificadas no Relatório de Avaliação do ICOMOS (2021) e no Dossiê de Candidatura (IPHAN, 2019) como fatores significativos de impacto sobre o bem. A urbanização do entorno do SRBM afeta as vistas da paisagem a partir da propriedade, que teve historicamente uma inserção conectada à perspectiva de um entorno de aspecto rural e de natureza abundante. Além deste fator, os aumentos populacional e de construções nos bairros afetam a dinâmica dos cursos d'água locais e, juntamente às mudanças climáticas, põem em risco o abastecimento natural de água, fundamental para a integridade do acervo vegetal (IPHAN, 2019). A floresta nativa do Parque Estadual da Pedra Branca sofre também influência de queimadas, tanto por fatores ambientais, estruturais, ou por incêndios provocados, ligados a invasões sobre as áreas de proteção (INEA, 2013; IPHAN, 2019). Nestes aspectos, a legislação urbanística pode orientar um crescimento controlado nos bairros de inserção da ZA-SRBM. Além disso, o trabalho de monitoramento das UCs, realizado pelas entidades competentes, visa assegurar a proteção dos ecossistemas locais.

Outro ponto relevante ligado ao valor material do SRBM frente ao seu entorno está na própria ambiência do local no seu contato com o bairro – ou seja, o muro de sua fachada. A espacialidade conformada em frente ao terreno do Sítio configura a percepção exterior do bem, sendo o olhar inicial de quem o vai visitar e o ponto de interação com os passantes (Figura 164 e 165). Medidas de valorização dos pontos de entrada vem aos poucos despertando maior atenção para o local, que pode passar despercebido por quem passa. Segundo Carlos Moreira (2021), o espaço em frente à fachada – que possui aproximadamente 350 metros de extensão e 7 metros de largura - foi



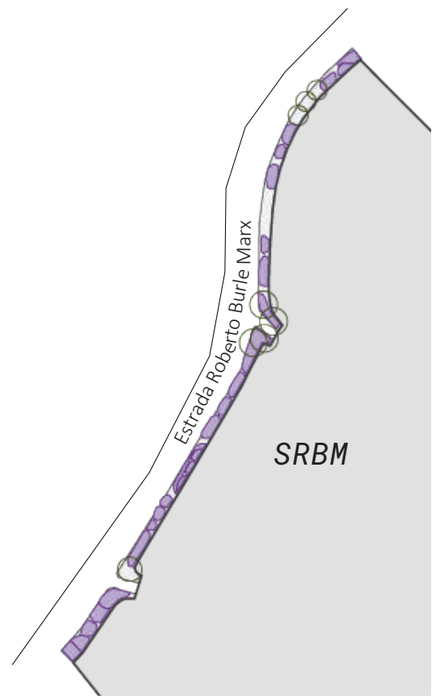
Figura 164: **Colagem fotográfica do jardim da fachada do SRBM**.
Fonte: Elaborada pela autora.

sendo ajardinado a partir do início dos anos 2000. O jardim em frente não foi idealizado por Burle Marx – com exceção da colocação de algumas espécies, como os paus-mulatos (*Calycophyllum spruceanum*) laterais ao antigo portão de acesso, as touceiras de dracena verde (*Dracaena sp.*) e possivelmente alguns filodendros (*Philodendron sp.*) ou monsteras (*Monstera sp.*) nos muros (MOREIRA, 2021). Desta forma, o manejo e plantio deste espaço não tem atualmente critérios rígidos de manutenção, e sim um dinamismo nos seus cuidados. Percebe-se, no entanto, uma configuração de jardim que acabou por despertar um olhar para as instalações do Sítio por quem passa, com espécies como a *Congea tomentosa*, ou a justicia vermelha (*Megaskepasma erythochlamys*). Outra medida de valorização foi a colocação de totens indicativos, marcando os pontos do início da fachada, e dos portões de acesso (o antigo, não mais utilizado, e o mais recente, de uso atual) no ano de 2019. O jardim da fachada marca, portanto, o contato deste bem cultural com o meio externo, e deve ter seus ângulos visuais resguardados e valorizados.

Nos valores extrínsecos, associados ao SRBM e à sua Zona de Amortecimento, observa-se os aspectos ligados à cultura paisagística, que geram relações socioeconômicas, de identidade e de saberes locais. Torna-se relevante pensar a configuração externa ao Sítio em diálogo com a atividade de produção e comercialização de plantas ornamentais, buscando entender como fortalecer as trocas com o setor. Uma das formas que vem se consolidado é a associação com o turismo, através de um entrelace nas formas de visitação à região ligadas ao viés ecológico, gastronômico, rural, artístico e paisagístico. A designação destes trechos como pólos de plantas ornamentais e e pólo gastronômico, como veremos na próxima seção, faz parte dessa articulação. Estes pólos estão sobrepostos espacialmente no trecho em que se encontra a ZA-SRBM. Estas medidas podem impulsionar um plano turístico local. Uma inspiração existente em bairros próximos, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, são os Ecomuseus – um conceito da museologia que compreende um contexto territorial como local de memória e os membros da comunidade como atores no processo de organização e manutenção do mesmo. Assim, os Ecomuseus de Santa Cruz e de Sepetiba, mostram exemplos interessantes de valorização, preservação, documentação e comunicação de patrimônios, com participação comunitária e gestão compartilhada[39].

A necessidade de uma estruturação espacial do entorno do SRBM que dê suporte a valorização cultural desta paisagem desperta a atenção para a carência de áreas de lazer, infraestruturas e equipamentos urbanos dos bairros do recorte. Uma intervenção nos espaços urbanos visando novas formas de apropriação e apreensão desta paisagem pode ser de grande contribuição para sua ativação cultural e qualidade espacial. Uma preocupação demonstrada por Marlon Souza (2021) e Marisa Valente (2021) é a de como despertar o sentimento de identidade, existente nos antigos moradores dos bairros, nos recém chegados para habitá-los. Por ser uma região em expansão, com um número expressivo de novos moradores, esta é uma questão relevante para a permanência de sua cultura e memória. Neste ponto, acredita-se que uma difusão, que estenda os valores culturais dos patrimônios locais aos espaços urbanos, seja meio de sensibilização da população de entorno, exercendo função educacional e informativa.

Figura 165: **Planta baixa do jardim da fachada do SRBM**.
Fonte: Elaborada pela autora.



39 Informações retiradas da página do Instagram do Ecomuseu de Santa Cruz, @ecomuseusantacruz.

Dessa forma, com os pontos debatidos, elaborou-se duas tabelas que organizam estas reflexões (Tabelas 03 e 04). Em uma delas estão expostas considerações sobre a ZA-SRBM, inspiradas na estrutura de informações elaboradas por Mônica Schlee (2017) para análise das *buffer zones* de diferentes bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial. Na outra pontua-se os valores intrínsecos e extrínsecos do SRBM associados ao seu entorno territorial, e diretrizes que possam orientar medidas de gestão da área de forma a proteger e valorizar este bem cultural. A identificação dos valores como base para designar estratégias de salvaguarda associa-se a perspectiva da proteção dos bens caracterizados como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, que é a de garantir sobretudo a manutenção de seu Valor Universal Excepcional.

categoria	escala	aplicação legal	impactos	desafios	potencialidades
paisagem cultural	local, municipal	Somente nas UCs. *Buffer zone* somente proposta no Dossiê de Candidatura	Pressão da expansão urbana; pressão sobre o ecossistema; pressões sociais	Integridade visual do entorno; abastecimento de água; proteção contra incêndios. Relação com a comunidade e com o tecido urbano.	Região em transição urbana; áreas livres; polos de plantas ornamentais e gastronômico; vastas áreas de proteção ambiental.

valores		*diretrizes*
intrínsecos	coleção botânica; eixos visuais; ambiência SRBM/fachada.	- controle da expansão urbana através de planejamento (junto a PMRJ); - fiscalização e monitoramento UCs (junto a INEA-RJ); - valorização da fachada e entradas do SRBM.
extrínsecos	cultura paisagística; polo de plantas; saberes paisasgísticos/ identidade.	- incentivo aos produtores de plantas ornamentais - ITR em solo urbano; - estruturação da visitação turística - Ecomuseu; - infraestrutura de valorização paisagística - espaços de lazer.

Tabela 03: **Fatores determinantes ao planejamento da ZA-SRBM**.
Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 04: **Valores intrínsecos e extrínsecos referentes a relação do SRBM com a paisagem de entorno**.
Fonte: Elaborada pela autora.

5.1.2. Planos atuais

Uma breve análise dos planos urbanísticos existentes atualmente para o recorte da ZA-SRBM e as adjacências incluídas foram importantes para entender como a tendência de ocupação desta área se associa às projeções desejáveis que contribuam na proteção do SRBM. Para isso, ressalta-se aqui os planos de urbanização conduzidos nos últimos anos pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Os Planos Diretores (P.D), que são os instrumentos legais que determinam os parâmetros construtivos e projetos de infraestrutura municipais, são usualmente revistos de dez em dez anos nas cidades brasileiras, conforme determina o Estatuto da Cidade (Lei Nacional 10.257/2001). O Plano em vigência atual na cidade do Rio de Janeiro é o de 2011, que está atualmente em processo de revisão. Ressalta-se, porém, que não foi encontrado um mapeamento detalhado do zoneamento do P.D. 2011, somente a Lei Complementar (111, de 1º de fevereiro de 2011) com as definições para as Áreas de Planejamento e as Regiões Administrativas, bem como mapas de macrozoneamento. Assim, os mapas de zoneamento analisados são os de propostas que vem sendo debatidas nos últimos anos, visando uma compreensão das intenções já empreendidas sobre este recorte territorial. Destes, o Plano de Ocupação proposto nas discussões para o PEU (Plano de Expansão Urbana) em 2019 está sendo usado como base no processo de revisão do P.D. em 2021 (VALENTE, 2021).

O que pode se observar numa comparação entre a proposta discutida pela Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU) de 2013, a Lei de Uso e Ocupação do Solo disposta no Projeto de Lei Complementar (PLC) 57, de 2018 e o Plano de Ocupação sugerido em 2019 é que há uma definição cada vez mais restritiva para a ocupação urbana dos bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba. Em 2013 a proposta ocupacional sugere um aumento significativo da urbanização (Figura 167), es-

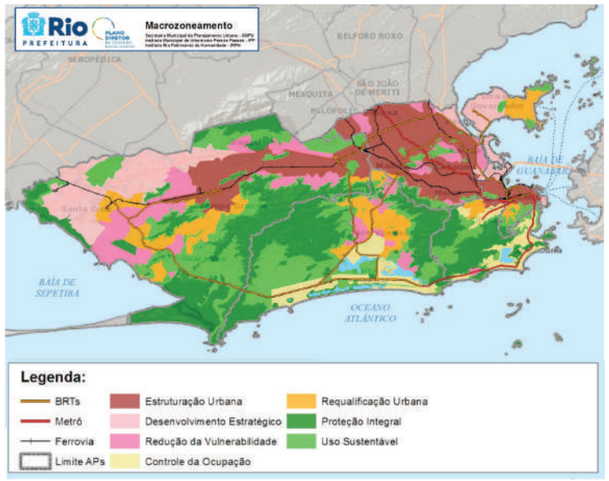


Figura 166: **Macrozoneamanto da PLC 44/2021, em discussão para o Plano Diretor do Rio de Janeiro.**
Fonte: SMU-Rio, 2021. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/web/compur/reunioes

pecialmente em Ilha de Guaratiba, com grande área designada para ZRM-3 (Zona Residencial Multifamiliar, em roxo no mapa); observa-se que a área de encontro viário do bairro está definida como ZCS-1 (Zona de Comércio e de Serviços, em vermelho no mapa), e grande porção ao longo da estrada principal como ZRU-1 e ZRU-2 (Zona Residencial Unifamiliar, em amarelo e marrom no mapa).

Já a PLC 57, de Uso do Solo de 2018 (Figura 168), inclui a ZA (Zona Agrícola, em verde azulado no mapa) ocupando uma expressiva área de Ilha de Guaratiba. Nesta proposta a ZCS (em vermelho) é reduzida apenas para a extensão da Av. D. João VI; as ZRM (em amarelo) e ZRU (em bege) tem área reduzida, dando mais espaço às ZCA-2 (Zona de Conservação Ambiental 2) – que permite ocupação de baixa densidade, diferenciando-se da ZCA-1, que permite ocupação apenas de instalações voltadas à proteção ambiental. O Zoneamento proposto no Plano de Ocupação em 2019 (Figura 169), é bastante semelhante a PLC 57/2018, apenas alterando a ZCS ao longo da Av. D. João VI para ZRM (em laranja no mapa).

Esta perspectiva mostra um encaminhamento de zoneamento urbanístico para o recorte analisado aqui considerado condizente com as características espaciais do local, e que pode dar garantias de uma expansão controlada, que preserve as características visuais e sociais vinculadas ao Sítio Roberto Burle Marx. Evidentemente, a forma de ocupação urbana vai além das determinações previstas no Plano, podendo haver irregularidades construtivas. Além disso, a revisão do Plano Diretor não foi encerrada, e emendas legais ainda devem ser acrescentadas ao zoneamento em discussão. No entanto, essa medidas mostram intenções gerais da urbanização destes bairros que, ao menos institucionalmente, podem demostrar uma condução política a uma urbanização condicionada desta porção territorial. A PLC44/2021 mostra um macrozoneamento em discussão na revisão do P.D., em que as áreas de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba estão definidas como 'Uso Sustentável', reforçando esta visão (Figura 166).

Além do Plano Diretor, considera-se relevante uma compreensão do Programa Polos Cariocas, que tem três determinações neste recorte (Figura 170), e afeta interesses culturais e socioeconômicos. São estes: o Polo Gastronômico e Cultural de Barra de Guaratiba (Lei nº 5017 de 6 de maio de 2009), o Polo Gastronômico e Cultural de Ilha de Guaratiba (Lei nº 5083 de 22 de setembro de 2009), e o Polo de Plantas Ornamentais da Grota Funda (Decreto nº 29.683 de 11 de agosto de 2008). O primeiro compreende "toda a Estrada da Barra de Guaratiba" – que na marcação em mapa compreende também a Estrada Roberto Burle Marx, a partir do trevo das Américas); e o segundo abrange a "toda a Estrada da Ilha de Guaratiba". Os projetos determinam o incentivo e ordenamento local e a "preservação dos valores urbanísticos, arquitetônicos, paisagísticos e ambiental" (Lei 5017/2009 e Lei 5083/2009). Já o Decreto que cria o Polo de Plantas Ornamentais é estabelecido dentro do "raio de um quilômetro do encontro da Estrada Roberto Burle Marx com a Av. D. João VI" e manifesta a perspectiva de maior atratividade pra região e interesse da Prefeitura em "promover ações articuladas" e estabelecer parcerias para "otimizar os investimentos e o ritmo dos melhoramentos" do setor produtivo de plantas (Decreto 29683/2008).

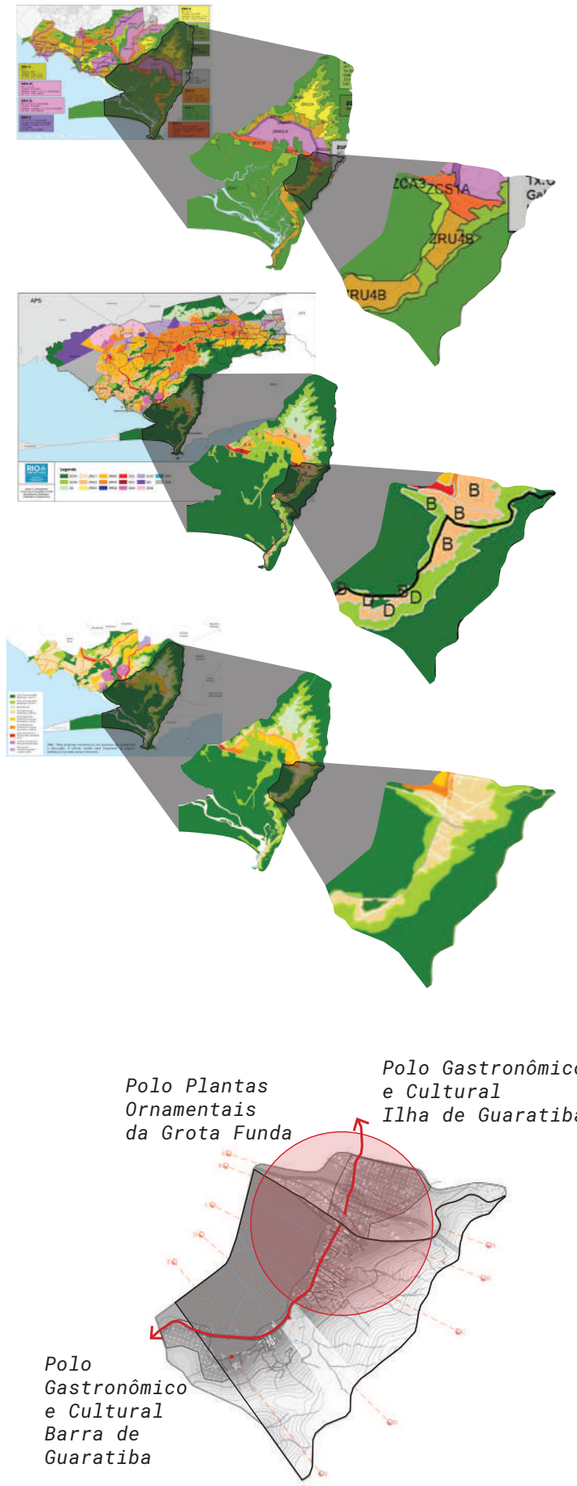
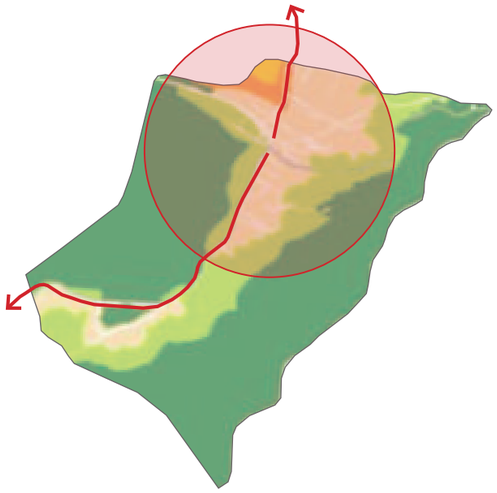


Figura 167, 168 e 169: Propostas de Legislação Urbanística do recorte da bacia hidrográfica e da ZA-SRBM.
Fonte: Elaboradas pela autora.
Imagens-base: Fig xx.: SMU-Rio, 2013; Fig. xx.: Lei de uso e ocupação do solo. SMU-Rio, 2018. Projeto de Lei Complementar 57/2018; Fig. xx.: Plano de Ocupação. SMU-Rio, 2019.

Figura 170: **Polos cariocas presentes na ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora.

5.1.3. Sobreposições; APAC Ilha-Barra Guaratiba



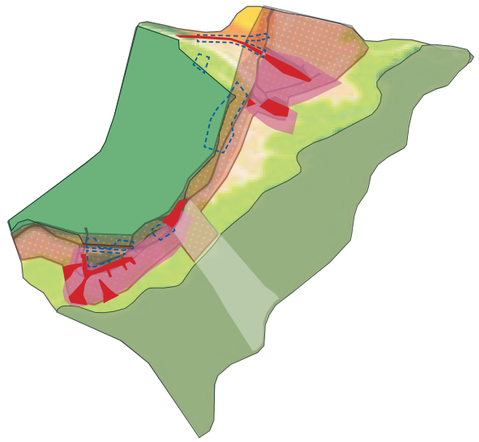


Figura 171: **Sobreposição do zoneamento urbano em discussão no P.D. 2021 e dos Polos Cariocas definidos no recorte.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 172: **Proposta de setorização da APAC Ilha-Barra Guaratiba.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Como desdobramento da análise sobre os instrumentos citados para o planejamento da paisagem do recorte da ZA-SRBM e a ampliação sugerida, entende-se que seria relevante a implantação de uma categoria de zoneamento sobreposta que aborde a proteção das características culturais da mesma - tendo em vista a importância e vulnerabilidade do patrimônio paisagístico que esta abriga, que contém, dentre outros aspectos, caráter intangível. Como exposto no primeiro capítulo, a determinação das APAC (Área de Proteção do Ambiente Cultural) configura uma medida utilizada em alguns sítios culturais da cidade do Rio de Janeiro, que explora a articulação entre instituições de proteção do patrimônio cultural e planejamento urbano. Assim, uma designação da "APAC Ilha-Barra de Guaratiba" no local de encontro entre os dois bairros (Figuras 171 e 172), e compreendendo a ZA-SRBM e as áreas aqui acrescentadas, pode gerar uma forma de articulação entre entidades de gestão no que se refere a decisões espaciais sobre esta paisagem.

Este recorte está predominantemente ocupado pelas duas Unidades de Conservação, a Reserva Biológica de Guaratiba (RBG) e o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB). A área que se permite ocupação urbana é marcada pela Zona de Conservação Ambiental 2 (ZCA-2), e pela Zona Residencial Unifamiliar 2 (ZRU-2). O ponto do cruzamento viário entre a Estrada Roberto Burle Marx e a Av. D. João VI configura o eixo de encontro dos três polos delimitados nesta área (ver imagem XX). Assim, a configuração entre áreas de ocupação urbana e de proteção ambiental conduz a uma atenção

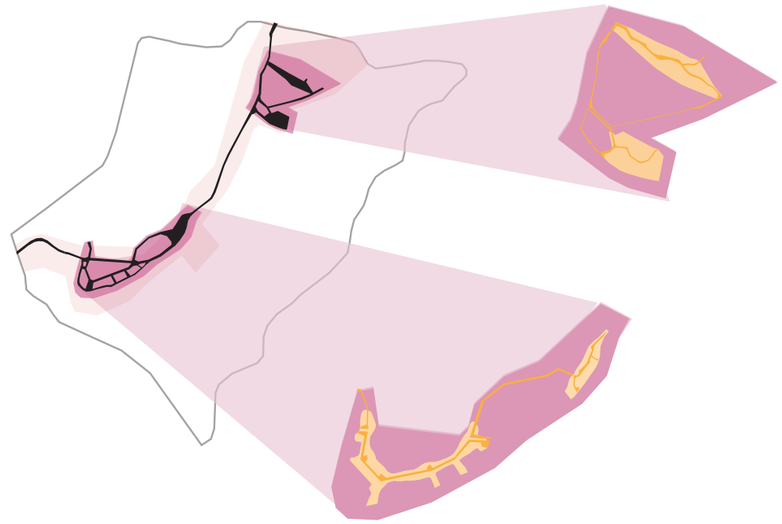


Figura 173: **Destaque para os Percursos da Paisagem propostos no Eixo cultural.**
Fonte: Elaborada pela autora.

aos pontos de encontros entre estas, havendo locais identificados como de maior conflito, especialmente nas bordas de RBG, que apresentam pontos alagadiços, e com a expansão urbana avançando sobre eles – ocasionando uma pressão, perceptível nos alagamentos que se estendem para as vias do bairro.

No aspecto cultural, sugere-se neste estudo a criação de um Eixo Cultural unindo os locais de interesse do bairro, podendo ser uma base para o aproveitamento socioeconômico e turístico da localidade, como no caso de uma articulação de Ecomuseu. São identificados ao longo deste eixo quatro espaços livres potenciais para implantação de áreas de lazer. Propõe-se então a utilização destes espaços para execução de projetos paisagísticos que contribuam a qualidade da estrutura urbana. Os quatro pontos se organizam em dois conjuntos, que configuram percursos entre os espaços de lazer, e podem ser entendidos como passeios para valorização da cultura paisagística local (Figura 173). Assim, designa-se aqui esses conjuntos como "Percursos da Paisagem", sendo estes o "Percurso Ilha" e o "Percurso Barra", que serão melhor explicados na próxima sessão. Nestes conjuntos, estabeleceu-se propostas de diferentes configurações de inserção no tecido urbano, para um aproveitamento do solo que vise a qualificação cultural desta paisagem. Estes pontos, entendidos como desvios ao percurso da estrada principal do bairro se mostram como caminhos para pausas e desacelerações na forma de percorrer e experienciar os espaços dos bairros.

5.2. Percursos da paisagem: Ilha e Barra

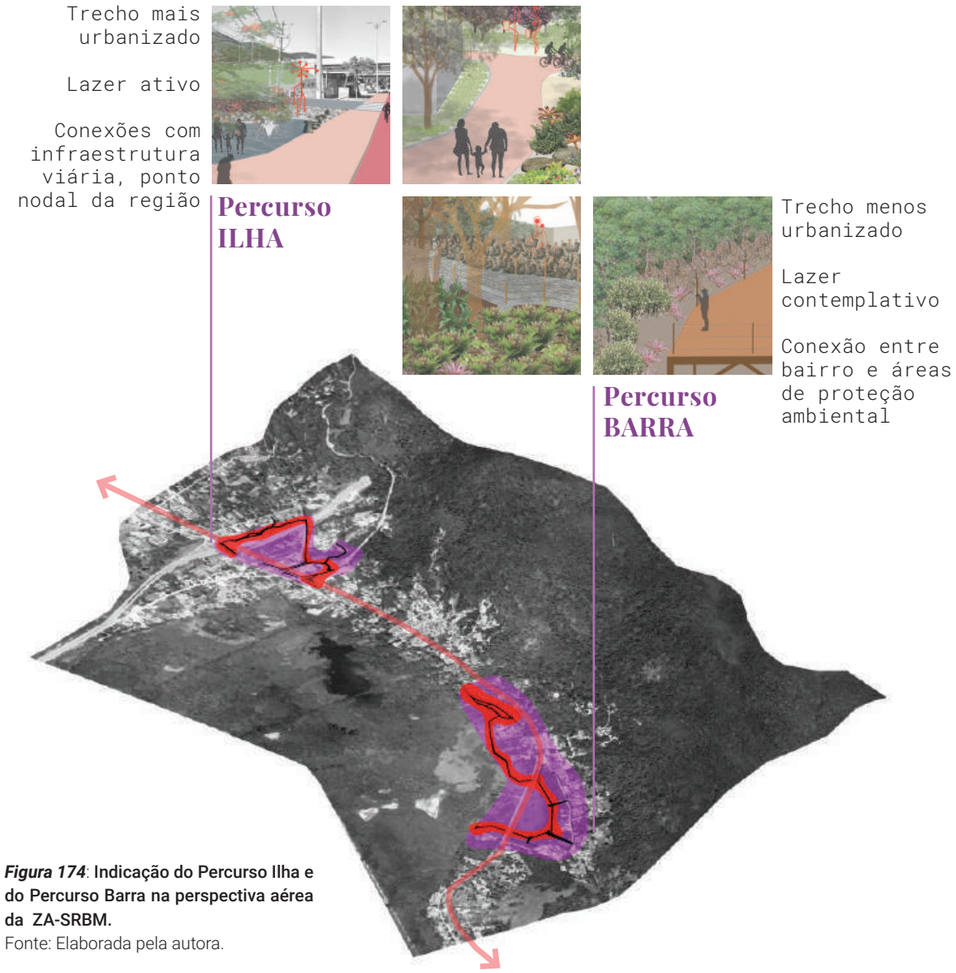


Figura 174: **Indicação do Percurso Ilha e do Percurso Barra na perspectiva aérea da ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora.

A proposta de instaurar 'percursos da paisagem' vem do intuito de consolidar um olhar sobre a cultura paisagística presente nesse recorte territorial. Estes percursos seriam, dessa forma, locais destinados a proposição de desenhos paisagísticos, que sejam pensados para dar visibilidade aos traços culturais da região, e estimular a continuidade das atividades sociais ligadas a concepção da paisagem. Os percursos estão dispostos ao longo da Estrada Roberto Burle Marx, estabelecendo "desvios" na experiência perceptiva do território, ampliando suas possiblidades de uso cultural e paisagístico. Por suas distintas formas de inserção no contexto urbano, cada percurso encaminha diferentes soluções de projetos (Figuras 174 e 175).

O percurso Ilha está no ponto de divisa entre os bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de

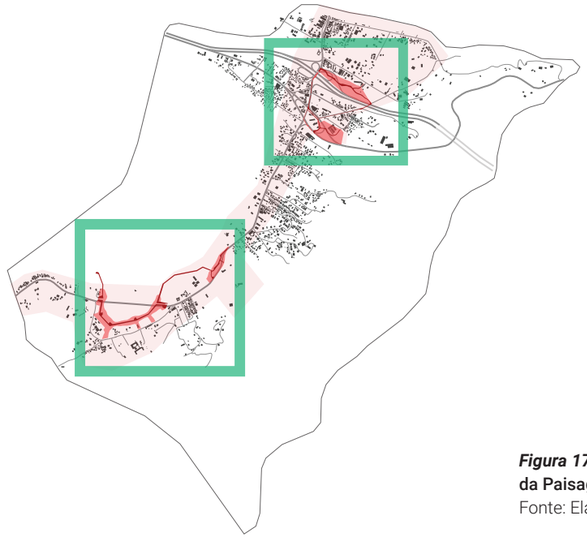


Figura 175: **Localização dos Percursos da Paisagem no mapa da ZA-SRBM**.
Fonte: Elaborada pela autora.

Guaratiba, no local de cruzamento das vias estruturantes. O desafio de elaborar uma proposta de desenho para este conjunto está especialmente na complexa disposição do seu tecido urbano, em decorrência das transformações viárias recentes. No entanto, a disposição com áreas livres amplas, tipicamente presente nos locais de trasição de um modelo rural para um urbanizado, auxilia nas possibilidades de reconfigurações espaciais. Por ser um ponto de conexão, onde a passagem é inevitável para chegada e saída do bairro, é um local de intensa transição de veículos e pedestres, configurando uma pequena centralidade urbana local. Esta inserção num contexto de grande circulação, sugere uma proposta de lazer ativo, com equipamentos urbanos de estímulo a atividades sociais. Os locais de intervenção, por serem resíduos viários e áreas geradas de uma reconfiguração do traçado das vias, possuem o solo já degradado, exposto ou coberto por matagais de vegetação espontânea. Assim, a proposta pra esses espaços conta com amplas áreas pavimentadas e sugestão de plantio de espécies vegetais de diferentes portes, com uso combinado entre nativas e exóticas.

O percurso Barra está completamente inserido no bairro de Barra de Guaratiba, sendo o trecho que se direciona rumo a orla da praia. A ocupação urbana neste ponto é menos densa e disposta linearmente, de forma que possui contato mais próximo com as Unidades de Conservação. No início do percurso é que se encontra a entrada para o Sítio Roberto Burle Marx, o que traz uma importância na valorização paisagística do seu entorno imediato. Este trecho é também onde primeiro se aproxima visualmente da Reserva Biológica de Guaratiba (RBG), para quem percorre a estrada, já que possui menos construções no lado direito da via. Representa, portanto, o contato direto mais próximo entre espaço público urbano e a RBG dentro do recorte da ZA-SRBM. Assim, a forma que aqui se conduziu a proposta para os espaços no percurso Barra tem viés mais contemplativo, de contato com os cenários da paisagem de entorno e com os ecossistemas. Buscou-se o desenvolvimento de intervenções de menor impacto, e com uma premissa de introdução de espécies nativas dos ecossistemas locais.

5.2.1. Percurso ILHA

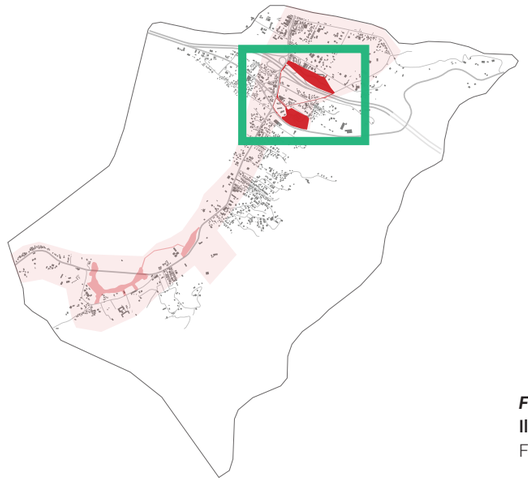


Figura 176: **Localização do Percurso Ilha na ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Este percurso (Figura 176), como mencionado, tem como questão base sua condição de centralidade urbana na escala dos bairros, que gera tanto o desafio de projetar espaços de lazer em sua complexa malha viária, como sua potencialidade de abrigar locais de sociabilização. Reflete-se inicialmente uma proposta de reconfiguração de seu tecido urbano, buscando uma organização espacial e um aproveitamento dos espaços livres existentes para utilização como locais de lazer. A intervenção se dá nos dois cruzamentos da Estrada Roberto Burle Marx com as vias que a atravessam perpendicularmente no eixo central, a Av. D. João VI e a Av. das Américas (Figuras 177 e 178).

No primeiro cruzamento, com a Av. D. João VI, o contexto colocado é o da obra de saída do túnel da Grota Funda e implantação da estação de BRT Ilha de Guaratiba, inaugurados em 2012. O projeto previu uma elevação da Avenida, de forma que o encontro entre as estradas possui um desnível de sete metros, vencidos por um viaduto de passagem e alças de acesso entre uma via e outra. O modelo de conexão adotado ocupa grandes áreas, além de estimular uma velocidade constante dos automóveis na entrada dos bairros, ao invés de uma desaceleração. O desenho "em forma de trevo" (*cloverleaf*) conecta tipicamente estradas de distribuição, usado frequentemente em áreas rurais, gerando um sistema de transição de vias de alto volume de tráfico. Sugere-se uma alteração para um modelo de conexão "diamante convencional" (*conventional diamond*), adequado para transição entre vias de distintas hierarquias (AUSTROADS, 2017). Esta nova configuração de conexão viária simplifica o acesso ao bairro e prevê desaceleração para acesso na estrada geral. O ponto de conexão entre as vias de acesso da avenida rápida para a via arterial local possui grande circulação de pedestres e ciclistas, já que é onde se acessa a estação de BRT. Para a segurança desses passantes e melhor relação entre os distintos modais, sugere-se a aplicação de um *traffic calming* neste trecho, ou seja, um modelo em que a via está elevada e a pavimentação e desenho da pista conduz a um movimento lento dos automóveis. Na conexão da Av. D. João VI



Figura 177: **Configuração atual das vias no cruzamento central.**
Fonte: Elaborada pela autora.



Figura 178: **Configuração proposta para as vias no cruzamento central.**
Fonte: Elaborada pela autora.

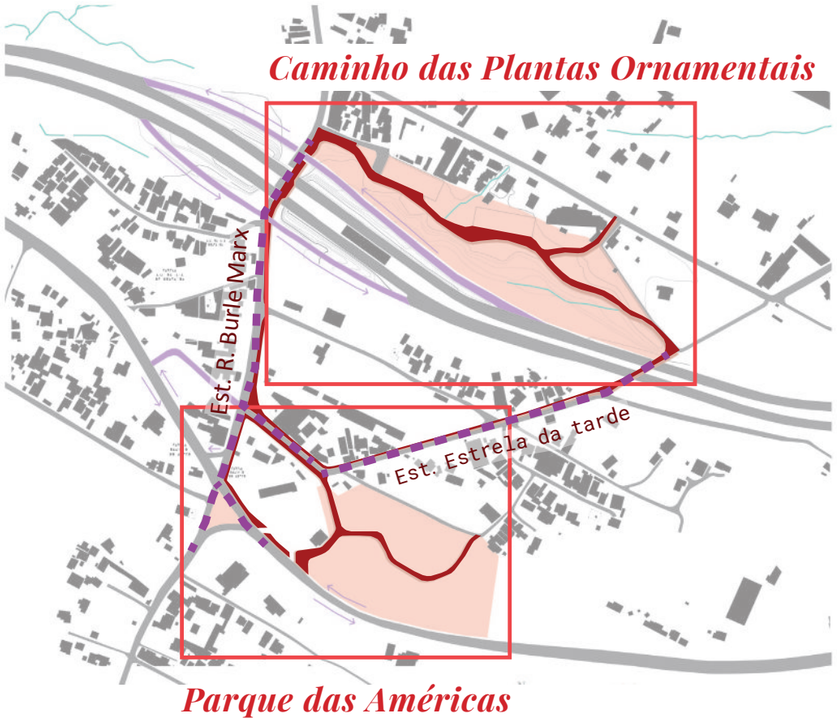


Figura 179: **Indicação dos espaços livres no Percurso Ilha.**
Fonte: Elaborada pela autora.

com a Estrada Estrela da Tarde, que foi fechada após a abertura da avenida e substituída por um estreito túnel de pedestres, propõe-se um alargamento deste, ainda para uso de pedestres, mas com dimensões mais generosas.

Já o ponto de conexão da estrada principal dos bairros com a Av. das Américas é marcado por uma bifurcação da avenida neste trecho. A avenida, que é mão dupla na sua extensão se divide em duas vias de mão única, conectadas por alças de retorno. A Est. Roberto Burle Marx fica mais estreita no ponto entre as vias bifurcadas, e volta-se principalmente ao acesso aos terrenos que ali estão. A conexão do fluxo de trânsito da estrada principal nesse ponto se dá, então, pelas alças de retorno. Propõe-se aqui, para a simplificação deste cruzamento, o fechamento de uma das vias bifurcadas da Av. da Américas. Isso implicaria numa transformação da via que permanece, de duas pistas em mão única para uma em mão dupla. Acredita-se que esta troca não afetaria o trânsito local, já que a Av. das Américas tinha papel mais estrutural antes da abertura do túnel, mas atualmente tem menor demanda de uso – sendo usada principalmente por caminhões e pelos moradores da Grota Funda. Sugere-se a supressão da via superior da bifurcação, o que possibilita a junção do terreno na sua face norte com as áreas de resíduo viário próximas ao posto de gasolina, conformando um espaço potencial para aproveitamento paisagístico e uso de lazer.

Assim, os dois espaços livres que aqui se formam para o ensaio de projetos de parques urbanos são as áreas ao norte da Av. D. João VI e ao norte da Av. das Américas (Figura 179). O primeiro deles une um terreno de propriedade da prefeitura, que foi adquirido nas obras de abertura do túnel da Grota Funda, com o espaço liberado pela diminuição das alças de retorno do cruzamento da Est. Roberto Burle Marx com a Av. D. João VI. A elaboração de uma intervenção paisagística para este espaço parte do projeto existente para o local de implantação de um Mercado Público de Plantas Ornamentais para fomentar a atividade econômica do cultivo e comércio de plantas na região. É aqui sugerido, no entanto, uma ampliação de possibilidades para este uso, se acrescentando a utilização do espaço para eventos culturais e educativos, envoltos por um parque com plantio que sirva como uma verdadeira exposição ao ar livre da produção local de plantas. Esta área é aqui chamado de ***Caminho das Plantas Ornamentais***. O segundo espaço é composto da junção de um terreno que abriga um antigo hotel em estado de ruínas, que está abandonado, segundo relatos, há mais de vinte anos - considerando-se assim ser negociável sua aquisição pela prefeitura - com o espaço de resíduo viário acoplado pela supressão proposta da via superior da Av. das Américas. Sua localização e disposição espacial influenciou na decisão de ali consolidar um parque para lazer esportivo e recreativo. Assim, o ***Parque das Américas***, visa ser um local de encontro de moradores do bairro e visitantes. Os dois parques conectam-se tanto pela Estrada Roberto Burle Marx quanto pela Estrada Estrela da Tarde.

Serão apresentados nas próximas sessões os projetos elaborados para concepção espacial destes dois pontos que compõem o Percurso Ilha.

Caminho das plantas ornamentais

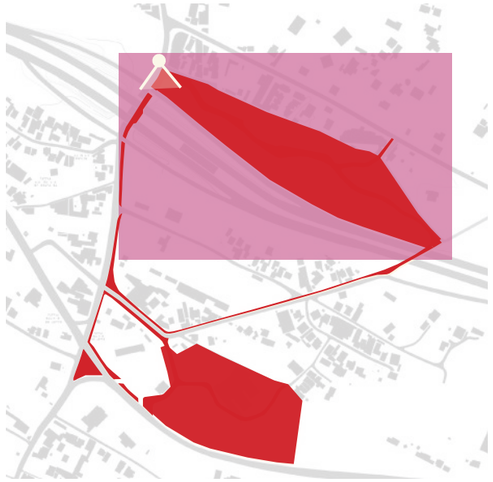


Figura 180: **Localização do Caminho das Plantas Ornamentais no Percurso Ilha. Indicação do ângulo da imagem em perspectiva.**
Fonte: Elaborada pela autora.

O Caminho das Plantas Ornamentais (Figuras 180-187) busca ser um parque que ofereça um passeio de apreciação da paisagem, que ressalte os valores culturais da localidade, ligados ao cultivo e a comercialização de plantas para uso em paisagismo. Esta importante vocação local ligada a produção estética da paisagem está historicamente associada a implantação do Sítio Roberto Burle Marx na região. Por ser o ponto de chegada ao bairro para quem vem de fora, cumpre também papel de recepção. Assim, se espera que possa compor um espaço que desperte a atenção para seus elementos culturais e que dê informações locais aos visitantes.

Figura 181: **Encontro da alça de acesso com a Est. Roberto Burle Marx. Imagem base da perspectiva do Caminho das Plantas Ornamentais.**
Fonte: Google Street View, 2020.



Figura 182: **Perspectiva do Caminho das Plantas Ornamentais.**
Fonte: Elaborada pela autora.



Caminho das plantas ornamentais

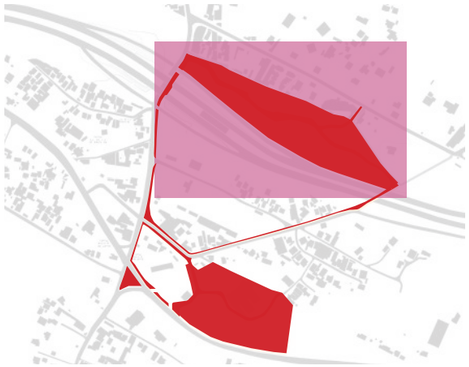
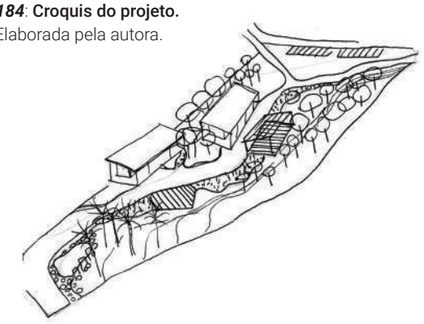


Figura 183: **Localização do Caminho das Plantas Ornamentais no Percurso Ilha.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 184: **Croquis do projeto.**
Fonte: Elaborada pela autora.



O espaço foi estruturado a partir de um caminho principal longitudinal ao terreno, que leva a todos os seus pontos, que vai da Est. Roberto Burle Marx, à esquerda, a Est. Estrela da Tarde, à direita. Abriga em seu percurso dois pavilhões do Mercado de Plantas, sendo estes cobertos com teto verde e abertos nas laterais, concentrando estandes de vendas de plantas. O mercado teria uso eventual – aos finais de semanas, por exemplo – para atividade comercial, e poderia abrigar outras atividades nos outros dias, como eventos culturais e educacionais. Assim, como apoio ao espaço do mercado, estrutura-se ao longo do percurso, pequenos locais com pavimentação em *decks* de madeira – um aberto para concentração de *foodtrucks* ou outros tipos de comércio ambulante, e outro com uma cobertura para uso variado, como palestras, oficinas e encontros comunitários.

A vegetação sugerida neste espaço é especialmente de espécies de grande porte, arbóreas e palmeiras - que são pouco presentes no terreno e condizentes com o seu tamanho, possibilidade de uso e manutenção. Prevê-se assim, uma composição de efeito marcante com as palmeiras nos locais de acesso, especialmente no que dá frente a Est. Roberto Burle Marx. Neste ponto, se sugere uma composição estética simbólica com espelho d'água revestido com pedras, envolto por seixos e rochas maiores, sendo uma reverência aos cenários projetados por Roberto Burle Marx. As palmeiras são também simbólicas de seu trabalho, bem como marcantes da produção de plantas de Guaratiba. Nos outros pontos da extensão do terreno o plantio de espécies arbóreas é diversificado gerando diferentes ambiências. A ideia é que, a medida que se caminhe para a porção direita, as espécies se mesclem mais às nativas.

O terreno é atravessado por cursos d'água que formam banhados no seu trajeto, onde sugere-se o plantio de espécies de locais alagadiços. A drenagem do terreno busca concentrar as águas que o percorrem no espelho d'água e conduzí-las ao terreno do lado oposto, que mais se aproxima da área da RBG. Pretende-se assim modificar o sentido do desnível que atualmente possibilita grandes alagamentos neste trecho da estrada principal.

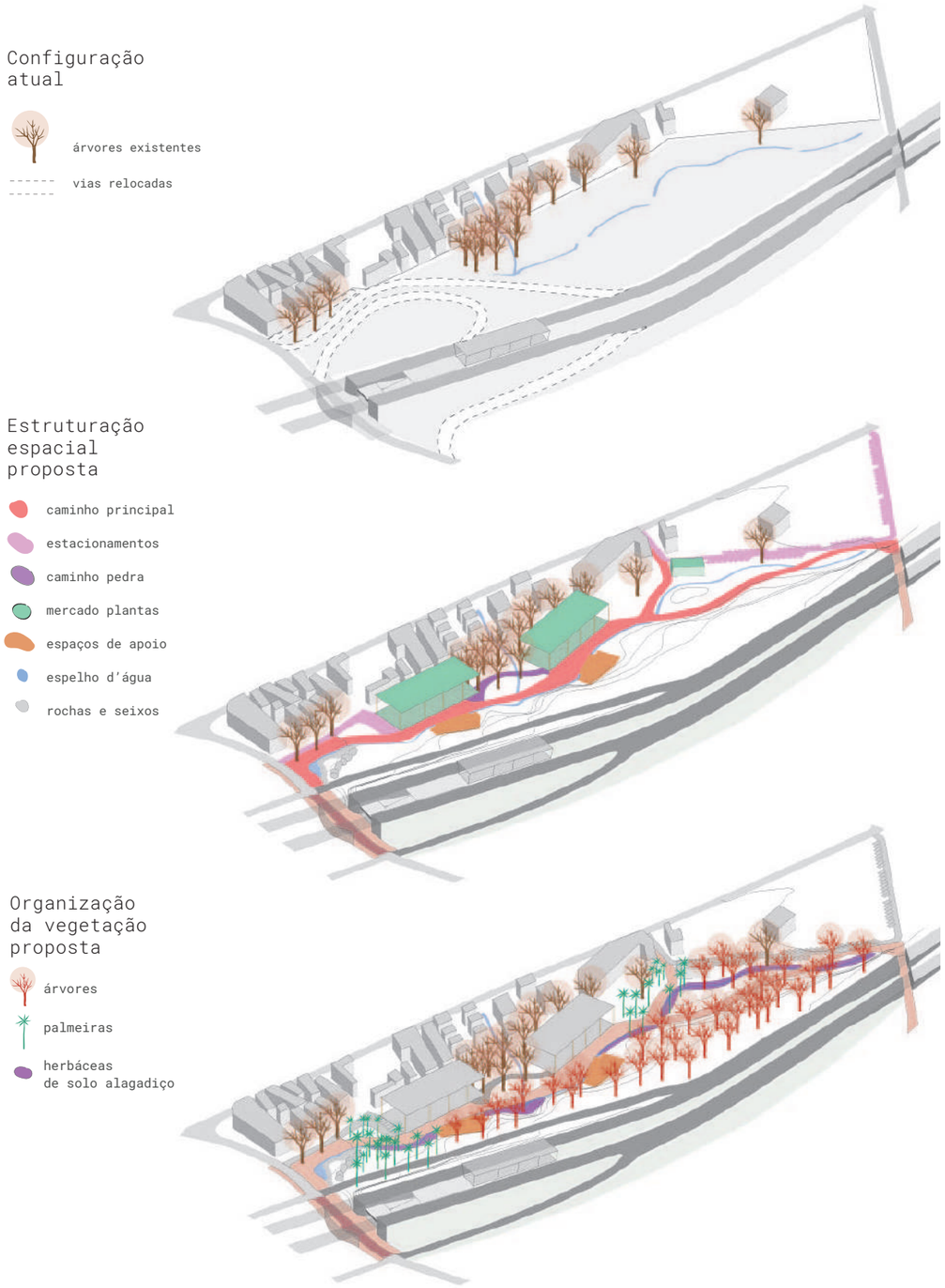


Figura 185: **Ilustrações esquemáticas da proposta espacial para o Caminho das Plantas Ornamentais.**
Fonte: Elaborada pela autora.



- A Espelho d'água
- B Aluguel de bicicletas
- C Totens com placas informativas
- D Estacionamento/ carga e descarga mercado
- E Pavilhões Mercado de plantas
- F Espaço *foodtrucks*
- G Espaço multiuso
- H Cultivo educacional
- I Administração e sanitários públicos
- J Estacionamento
- L *Traffic calming* | saída BRT

Aluguel de bicicleta

Totens

Pavimentação

- *Bloco intertravado terracota*
- *Calçamento pedra rústica*
- *Bloco intertravado cinza*
- *Rochas graníticas*
- *Seixos rolados*
- *Deck de madeira*
- *Área construída*

Árvores existentes

Palmeiras

1. *Roystonea oleraceae*
2. *Dypsis lutescens*
3. *Bismarckia nobilis*
4. *Cyrtostachys renda*
13. *Copernicia prunifera*
14. *Lytocaryum weddellianum*

Árvores

5. *Mussaenda alicia*
6. *Plumeria rubra*
7. *Schizolobium parahyba*
8. *Tibouchina grandiflora*
9. *Handroanthus chrysotrichus*
10. *Cecropia glaziovii*
11. *Guarea guidonia*
12. *Tabebuia cassinoides*

Forrações

- *Hemigraphys alternata*
- *Colocasia esculenta*
- *Pontederia cordata*
- *Cyperus giganteus*

Figura 186: **Planta baixa do Caminho das Plantas Ornamentais.**
Fonte: Elaborada pela autora.

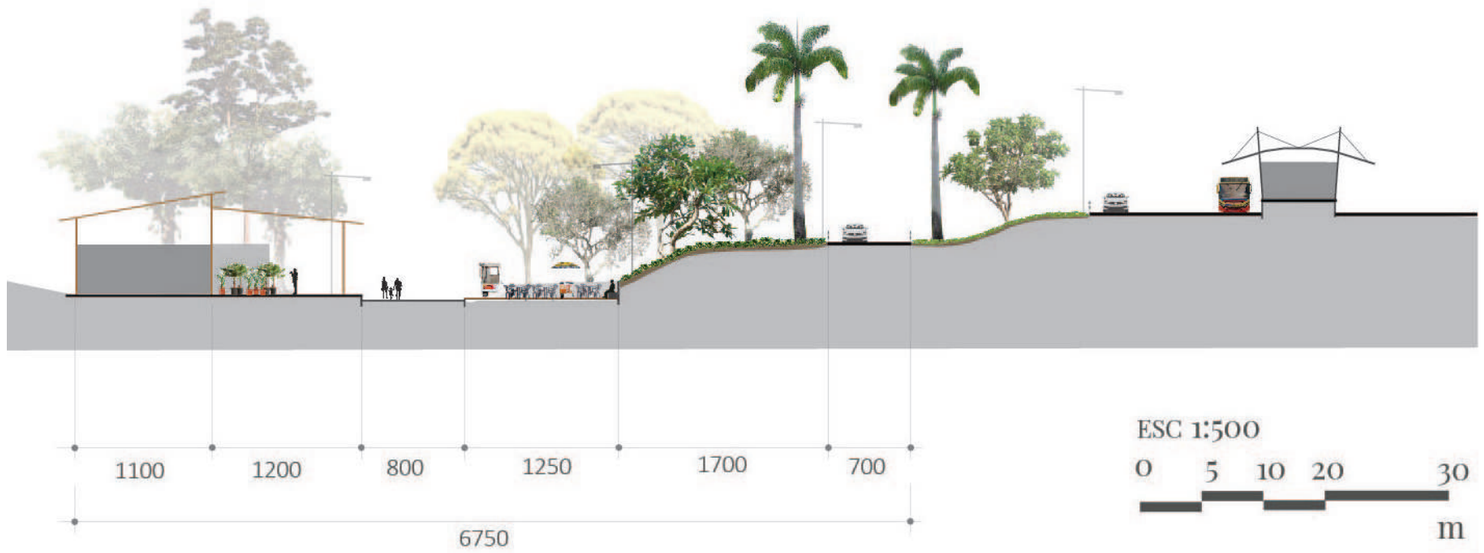


Figura 187: **Corte AA' do Caminho das Plantas Ornamentais.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Parque das Américas

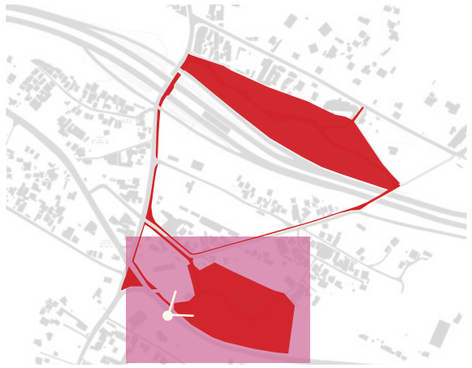


Figura 188: **Localização do Parque das Américas no Percurso Ilha. Indicação do ângulo da imagem em perspectiva.**
Fonte: Elaborada pela autora.

O desenho pensado para o Parque das Américas (Figuras 188-195) tem como intuito conceder um espaço com atividades de esporte e recreação, utilizando equipamentos de lazer, que são pouco presentes no bairro e bastante solicitados pelos habitantes. O lugar atualmente possui um terreno com uma construção em ruína, rodeada por vegetação espontânea, arbustiva e arbórea e um significativo afloramento rochoso, onde está uma estátua de leão colocada pela ONG Lions Clube

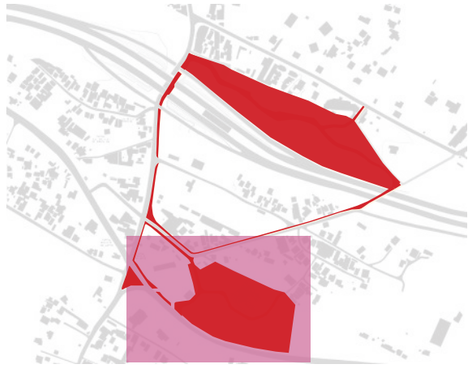


Figura 189: **Alça de retorno da bifurcação da Av. das Américas. Imagem base da perspectiva do Parque das Américas**.
Fonte: Google Street View, 2020.

Figura 190: **Perspectiva do Parque das Américas**.
Fonte: Elaborada pela autora.



Parque das Américas



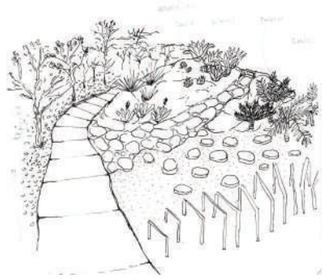


Figura 191: **Localização do Parque das Américas no Percurso Ilha.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 192: **Croquis de trecho da proposta.**
Fonte: Elaborada pela autora.

RJ Guaratiba. Prevê-se para organização do espaço, a utilização do local onde se demoliria a edificação em ruína para implantação de quadras poliesportivas; a apropriação do afloramento rochoso como um local de lazer, através de um caminho lúdico sobre as pedras, com vegetação saxícola e estátuas de outros animais de espécies locais; e uma grande área com areia atravessando o espaço, onde se prevê a implantação de equipamentos infantis.

Com as modificações viárias sugeridas, o posto tem acesso somente pelo lado remanescente da Av. das Américas. Assim, o acesso ao parque se dá tanto pela Av. das Américas, lateral à entrada do posto, quanto pela sua parte de trás, acessada pela Est. Estrela da Tarde, ou por uma rua que o conecta a Est. Roberto Burle Marx. O caminho principal do parque percorre os espaços da praça infantil, das quadras e das rochas, e cria um atalho para a Rua Martins, onde está um agrupamento de residências. Alguns caminhos secundários são sugeridos, como o passeio que atravessa um pequeno bosque na entrada do parque pela parte de trás do posto, o caminho lúdico sobre o afloramento rochoso, e um caminho no bosque ao fundo do terreno, onde pode se abrigar um espaço com mesas para *picnic*.

A disposição da vegetação sugerida é principalmente de plantio de árvores compondo com as existentes na porção norte do terreno, e uso de arboretas, espécies arbustivas e herbáceas, em especial as de restinga, na porção do espaço coberta com areia e pedra. O trevo das Américas, que dá acesso à Barra de Guaratiba é um ponto de "entrada" no caminho que leva ao Sítio, e pode ser marcado com espécies arbóreas de visual icônico.

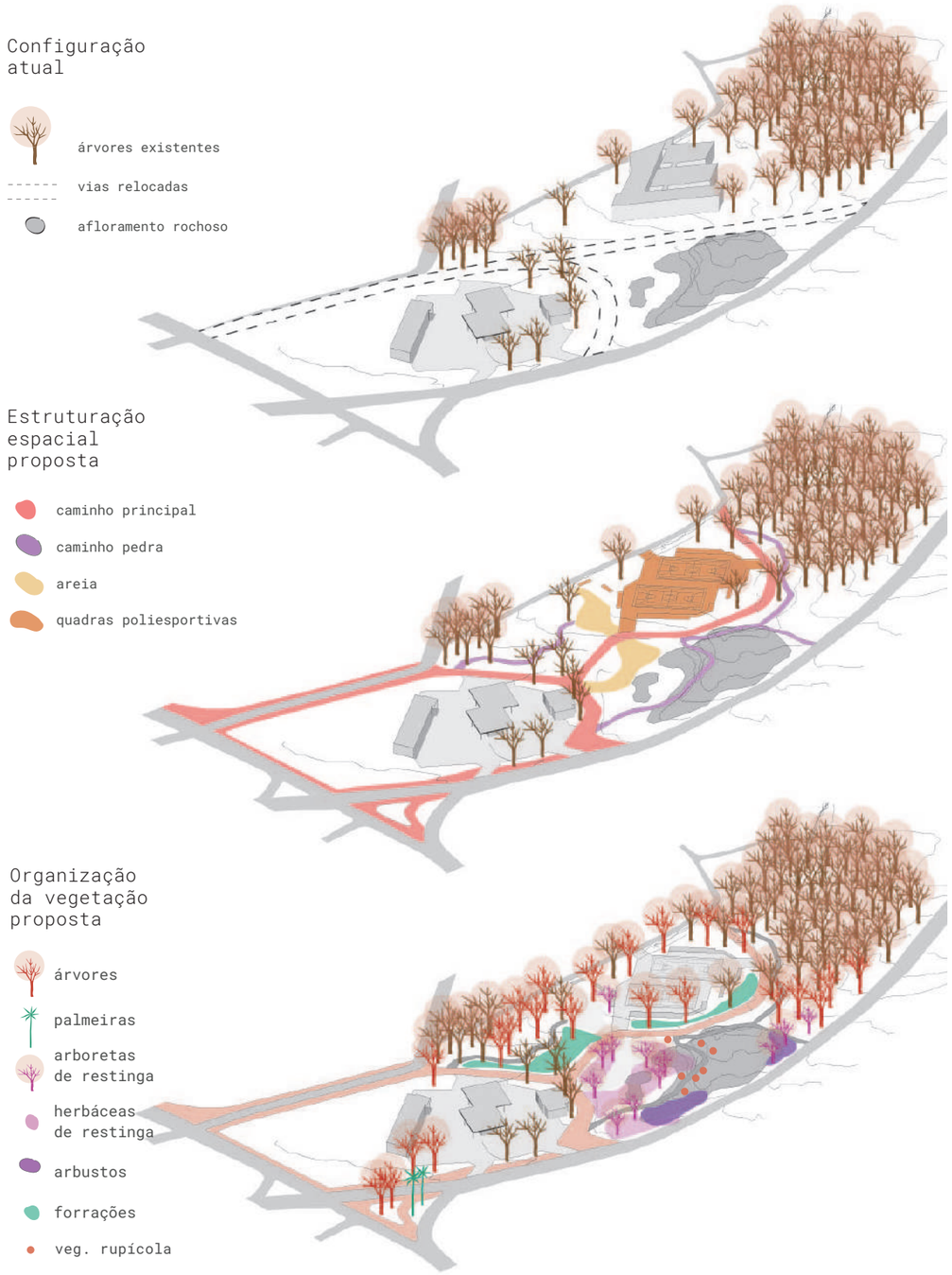


Figura 193: **Ilustrações esquemáticas da proposta espacial para o Parque das Américas.**
Fonte: Elaborada pela autora.

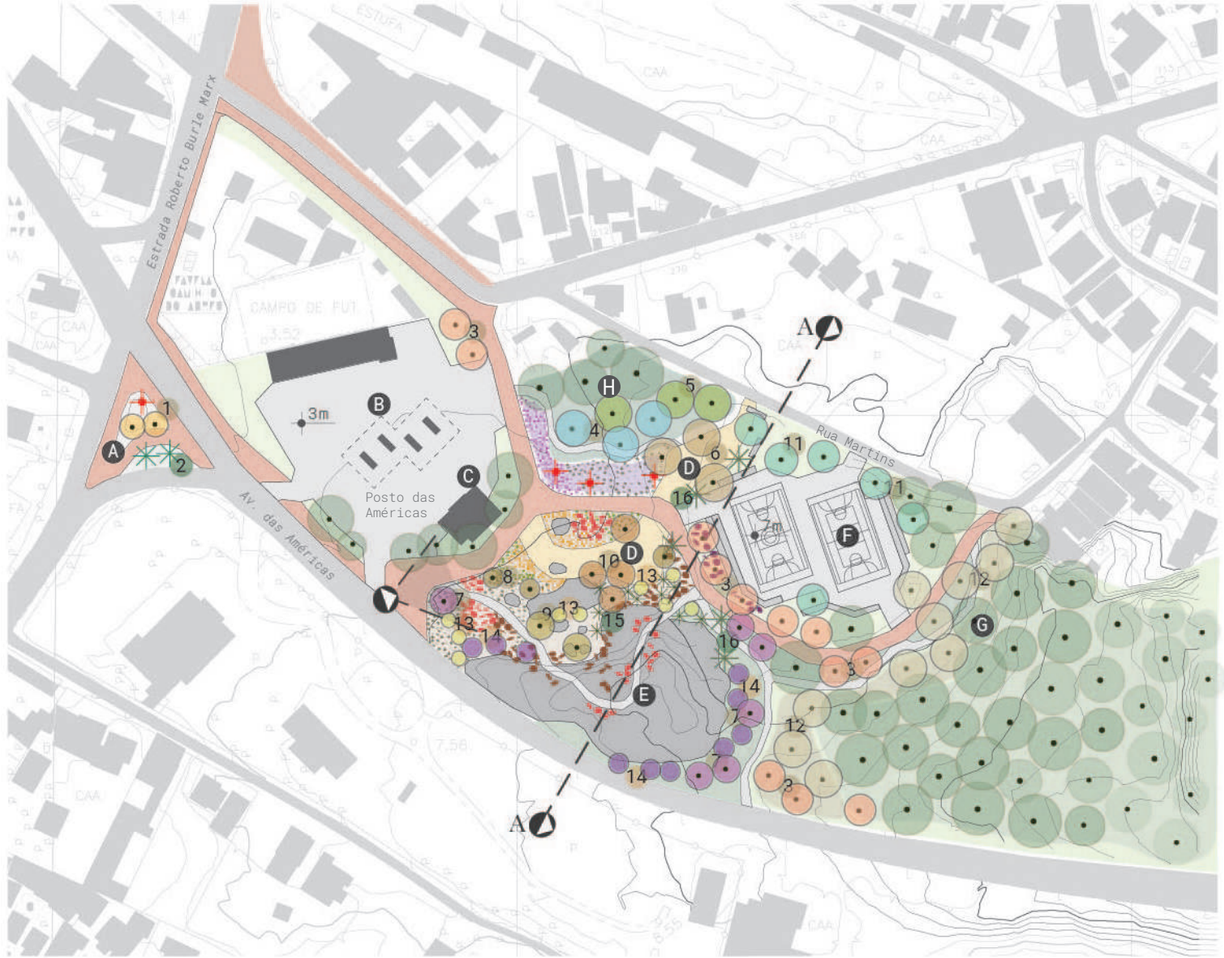


Figura 194: **Planta baixa do Parque das Américas**
Fonte: Elaborada pela autora.

- A Trevo das Américas
- B Posto de Gasolina
- C Loja de conveniências
- D Área de lazer infantil
- E Afloramento rochoso
- F Quadras poliesportivas
- G Mesas *picnic*
- H Bosque

Totens

Pavimentação

- *Bloco intertravado terracota*
- *Calçamento pedra rústica*
- *Areia*

Árvores existentes

Palmeiras

- 2 *Corypha umbraculifera*
- 15 *Allagoptera arenaria*
- 16 *Syagrus romanzoffiana*

Árvores

- 1 *Acacia seyal*
- 3 *Handroanthus chrysotrichus*
- 4 *Chloroleucon tortum*
- 5 *Psidium guava*
- 6 *Pouteria caimito*
- 7 *Tibouchina granulosa*
- 8 *Clusia lanceolata*
- 9 *Eugenia uniflora*
- 10 *Eugenia copacabanensis*
- 11 *Sysygium jambos*
- 12 *Schinus terebinthifolia*

Arbustos

- 13 *Schwartzia brasiliensis*
- 14 *Tibouchina heteromalla*

Forrações

- *Aechmea nudicaulis*
- *Hohenbergia sp.*
- *Dichorisandra thyrsiflora*
- *Hydrocotyle bonariensis*
- *Esenbeckia grandiflora*
- *Pilea cadierei*

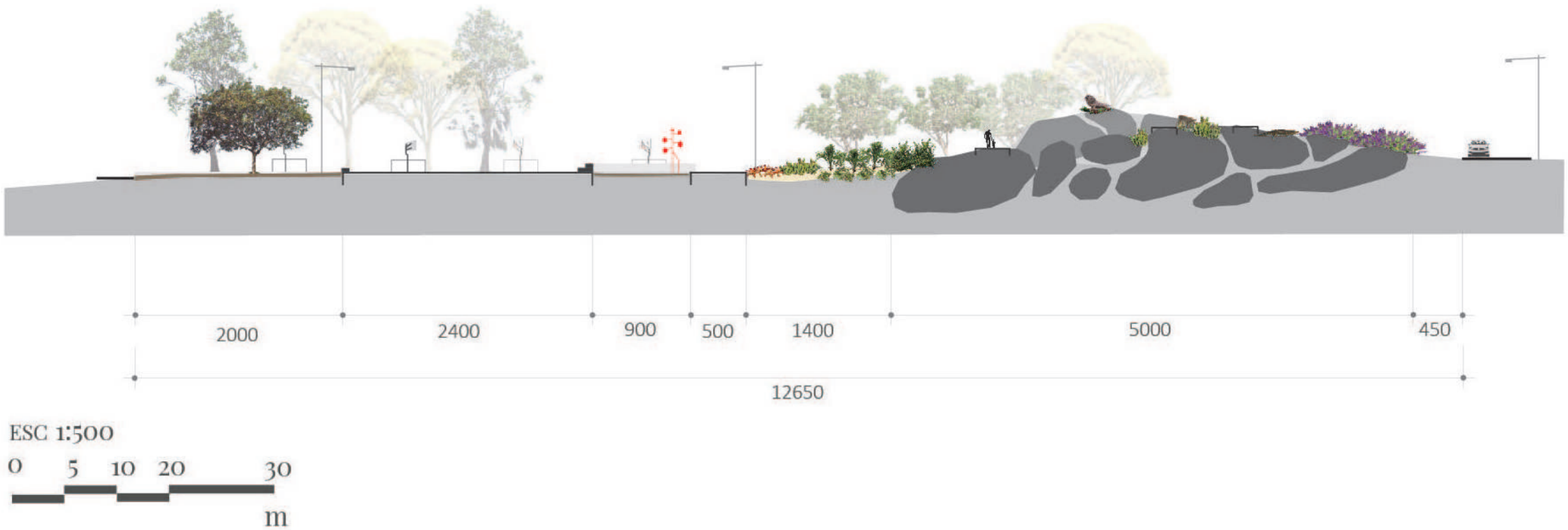


Figura 195: **Corte AA' do Parque das Américas.**
Fonte: Elaborada pela autora.

5.2.2. Percurso BARRA

O Percurso Barra (Figura 196) tem configuração mais linear que o Percurso Ilha, e possui acesso restrito em alguns de seus trechos. Ele é formado pela junção do terreno em frente ao Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) e de um espaço de solo pantanoso que corta a Est. Roberto Burle Marx, sendo este um ponto de contato mais direto da estrada com a Reserva Biológica de Guaratiba (RBG) (Figura 197). Toda a área do percurso que está dentro da RBG tem acesso limitado, sendo permitidas visitas somente junto à monitores do INEA (Instituto Estadual do Ambiente).

O terreno em frente ao SRBM, em que se sugere implantar o ***Passeio Burle Marx***, já foi de propriedade do Sítio nos tempos em que Roberto Burle Marx era proprietário, porém esta área

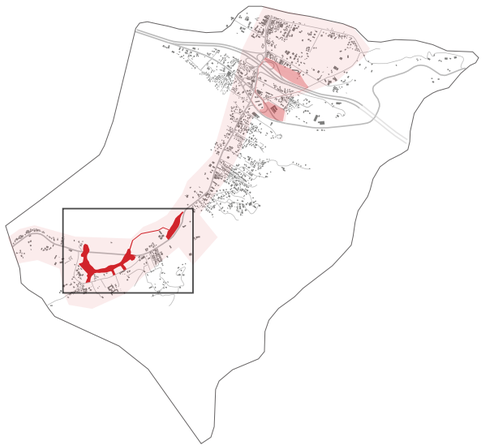


Figura 196: **Localização do Percurso Barra na ZA-SRBM.**
Fonte: Elaborada pela autora.

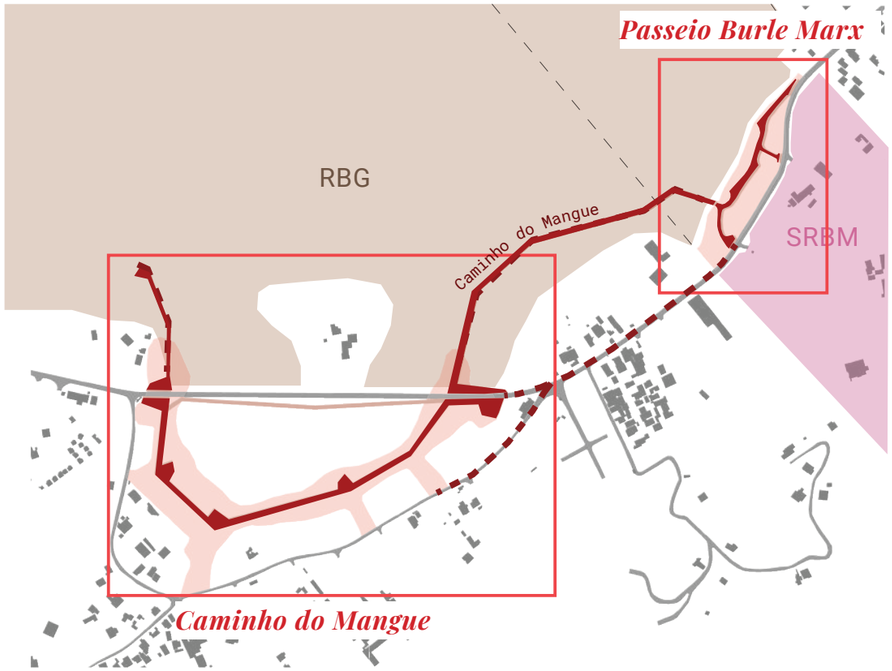


Figura 197: **Percurso Barra e espaços da proposta.**
Fonte: Elaborada pela autora.

foi perdida na época dos trâmites de doação para o governo federal. A área é pública, sendo patrimônio da União, e ainda pode ser reavista para compor novamente o domínio do SRBM/IPHAN. O lote tem a mesma largura que o SRBM, e se estende até o Canal do Portinho, dentro da RBG. Como sua maior porção está inserida dentro dos limites da Reserva, esta área deve ter sua maior parte voltada para a preservação do manguezal, podendo prever equipamentos que auxiliem na sua proteção, para monitoramento e educação ambiental. Na faixa mais próxima à estrada, prevê-se, nesta proposta, usos que dêem suporte tanto à gestão do Sítio, com espaços de compostagem de resíduos de poda e estacionamentos, quanto à gestão da RBG, com um ponto de acesso à Reserva e um espaço de recepção. Por esta inserção entre o SRBM e a RBG, ou seja, entre uma unidade de conservação e um patrimônio cultural, o Passeio Burle Marx, foi estruturado para ser uma conexão entre arte e meio ambiente, relacionando um cenário de ecossistema preservado e outro com uma estética pitoresca. Assim, a intervenção no espaço busca a combinação de espécies presentes na Reserva, como as de manguezal, junto a espécies que marquem sua relação com o Sítio Roberto Burle Marx.

Já a área de solo alagadiço presente neste percurso, onde se propõe uma extensão do ***Caminho do Mangue***, é a que mais se distingue dos espaços aqui abordados. A maior porção deste local é classificada como Zona de Conservação Ambiental 1 (ZCA-1) no Plano Diretor (PD) atualmente em discussão, sendo esta definição a com maior restrição de uso, voltada quase que estritamente para preservação do ecossistema. As áreas com formações de brejo no entorno da RBG são consideradas de grande importância para amortecimento dos manguezais, tendo função de acolher as variações destes, que tendem a expandir em função da elevação do nível do mar. Aponta-se, assim, que o mangue deve se acomodar sobre às áreas disponíveis que antes abrigavam sistemas de água doce (INEA, 2013). Salienta-se, portanto, a necessidade de uma intervenção mínima sobre este espaço, visando mantê-lo preservado para que cumpra sua importância natural. A proposta aqui elaborada se dá no sentido de associar a expansão urbana em andamento no bairro à proteção dos locais alagados, desestimulando sua ocupação. Esta área, ainda pouco ocupada nas margens das estradas que a contornam, tem estas bordas previstas no PD em discussão como Zonas Residenciais Unifamiliares 2 (ZRU-2). É visível pelo avançar do tempo no mapa satélite do *Google Earth* a crescente construção de casas nos terrenos a sua volta. Assim, a intervenção aqui trabalhada sugere a implementação de um caminho elevado de *decks*, sendo um prolongamento da trilha sugerida para percorrer um trecho da RBG, no outro lado da Est. Roberto Burle Marx. O Caminho do Mangue teria, desse modo, um trecho em área de acesso público e com contato mais direto com a ocupação urbana, aproximando a população deste ecossistema, a partir da conformação de espaços de lazer e contemplação ao longo do percurso. O uso da vegetação neste trecho é, com isso, majoritariamente de espécies nativas dos manguezais e restingas de Barra de Guaratiba.

Passeio Burle Marx



Figura 198: **Localização do Passeio Burle Marx no Percurso Barra. Indicação do ângulo da imagem em perspectiva.**
Fonte: Elaborada pela autora.

O Passeio Burle Marx (Figuras 198-209) é o espaço que ocupa a parte mais próxima a estrada do terreno em frente ao SRBM, em que se configura um passeio disposto paralelamente a estrada. Este local é atualmente preenchido por um denso volume de vegetação arbórea de grande porte, configurando um bosque, que a medida que se adentra no terreno dá espaço a vegetação de fisionomia de manguezal, de menor porte. Por ser um terreno já completamente arborizado, a intervenção sobre ele se dá sob as copas dessas árvores. Seria para isso necessário uma limpeza das espécies arbustivas, abrindo espaço para uma composição no sub-bosque.

Existe hoje no local uma estrada de terra que o adentra, usada pela equipe de manutenção do SRBM para depositar resíduos de poda para compostagem. Há atualmente por parte da gestão um interesse em formalizar a atividade de compostagem neste terreno, através implantação de um espaço para a função e aquisição de triturador dos rejeitos para aceleração do processo (MOREIRA, 2021). Sugere-se aqui que, junto ao local de compostagem, se implante uma edificação para compor uma escola de jardinagem, afim de estimular a ca-



Figura 199: **Portão de acesso do SRBM. Imagem base da perspectiva do Passeio Burle Marx.**
Fonte: Google Street View, 2020.

Figura 200: **Perspectiva 1 do Passeio Burle Marx.**
Fonte: Elaborada pela autora.



Passeio Burle Marx



Figura 202: **Localização do Passeio Burle Marx no Percurso Barra. Indicação do ângulo da imagem em perspectiva.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 201: **Estrada em frente ao SRBM (à esquerda). Imagem base da perspectiva do Passeio Burle Marx.**
Fonte: A autora.



Figura 203: **Perspectiva 2 do Passeio Burle Marx.**
Fonte: Elaborada pela autora.



pacitação deste ofício, que carece de mão-de-obra especializada. A atividade educacional complementaria, assim, a consolidação do Sítio como "centro de estudos e pesquisa", conforme desejado por Roberto Burle Marx. Estas construções teriam viés mais ligados ao uso interno da equipe do SRBM e estariam dentro da área cercada do terreno – é previsto aqui o recuo da posição atual da cerca, afastando-a da estrada e ampliando a área de acesso público do terreno. Na porção a frente do cercamento, onde se permite acesso irrestrito, está disposto um passeio com estrutura de pedra, elevado do nível do solo, paralelo a Est. Roberto Burle Marx. Deseja-se conduzir um cenário envolvente a quem adentra o local, dialogando a perspectiva de dentro do bosque, com a inclusão de elementos artísticos que conecte-se ao olhar sobre à fachada do SRBM. O percurso conduz a um ponto que se aproxima da atual entrada do Sítio, onde o caminho se alarga e uma pequena praça é formada. Neste trecho final do passeio sugere-se a inclusão de um ponto de acesso à RBG por uma trilha elevada de madeira, e uma pequena edificação de recepção para utilização da gestão da unidade. Mais a frente, aproximando-se da entrada do Sítio, se propõe a construção de uma

Passeio Burle Marx





Figura 204: **Localização do Passeio Burle Marx no Percurso Barra.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 205: **Ordem das Zingiberales, representantes do cultivo de plantas de corte no SRBM.**
Fonte: BERRY, 1991.

cafeteria-lanchonete, que possa ser acessível ao público em geral e aos visitantes do SRBM. Além dos equipamentos construídos, propõe-se a implantação de estacionamentos públicos ao longo do limite frontal do terreno com a estrada, com uso estimado especialmente pelo Sítio, que enfrenta atualmente o problema da falta de vagas - contando com apenas oito vagas formais nas suas instalações. Esse é um problema para a gestão, já que a demanda para visitação é cada vez maior e o espaço para este fim dentro do SRBM é escasso. Estão previstas, então, trinta e cinco vagas para automóveis e três para ônibus de turismo no espaço aqui projetado. Os locais de estacionamento estão dispostos com certo afastamento da estrada, de forma descontínua e com traçado tortuoso, de maneira que possa ser implantado adaptando-se aos troncos das árvores.

A vegetação adotada combina alguns grupos de espécies de sub-bosque que ocorrem na RBG com espécies notoriamente associadas a obra de Burle Marx. As espécies de mangue - especialmente as de particular relevância, como endêmicas locais, regionais ou nacionais, ou que estejam em situação de ameaça - podem ter sua reprodução e propagação melhor estudadas no SRBM. Para as espécies que fazem referência a Burle Marx, investigou-se sua intenção para este local – chamado de "brejo" pela equipe – na época em que ainda era de sua propriedade. Segundo Moreira (2021) ele buscava ampliar sua coleção de "plantas de corte"[40] neste local. Estas já vinham sendo organizadas em partes do Sítio com condições semelhantes, como os pontos alagadiços próximos ao muro de entrada (a exemplo do espaço que formou o Jardim dos Lagos). Essas coleções estão ainda presentes no terreno do brejo de forma bastante espontânea, e servem até hoje para a produção de arranjos decorativos por parte da equipe. Assim buscou-se aqui compor com a vegetação dessa característica, em continuidade a conformação iniciada por Burle Marx.

40 As flores e folhagens ornamentais para corte são as destinadas para uso na produção de arranjos e ornamentações (SENAR, 2016). As cultivadas no Sítio são especialmente as da ordem Zingiberales, como helicônias, alpíneas, etc.

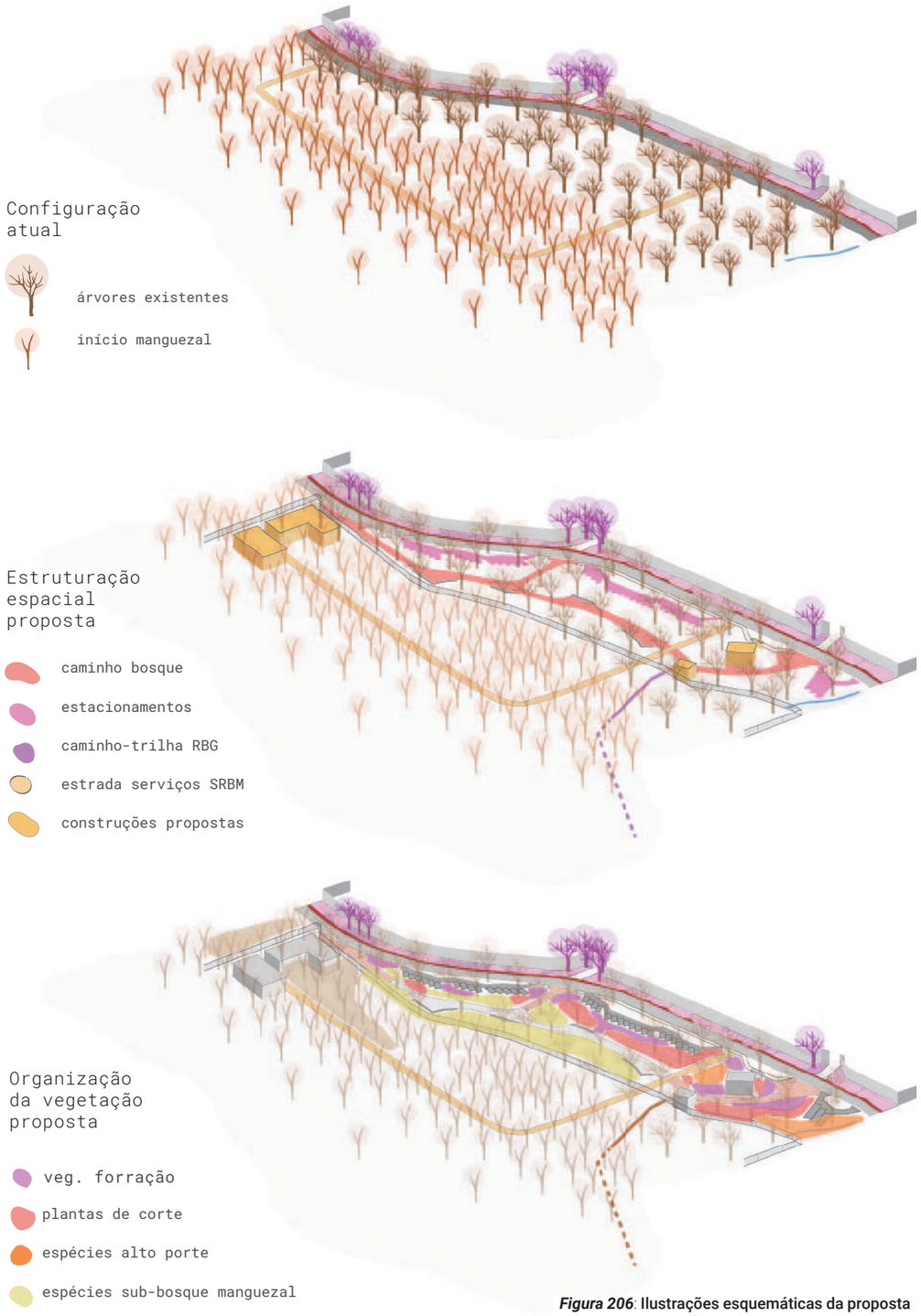


Figura 206: **Ilustrações esquemáticas da proposta espacial para o Passeio Burle Marx.**
Fonte: Elaborada pela autora.



- A Compostagem resíduos SRBM
- B Escola jardinagem
- C Estacionamentos
- D Estrada
- E Passarela trilha RBG
- F Recepção RBG
- G Café/ Lanchonete
- H Ponto ônibus e estação bicicleta
- I Estacionamento ônibus
- J Acesso SRBM
- L Antigo acesso SRBM

Aluguel de bicicleta

Totens

Cerca RBG

Jardim da fachada SRBM

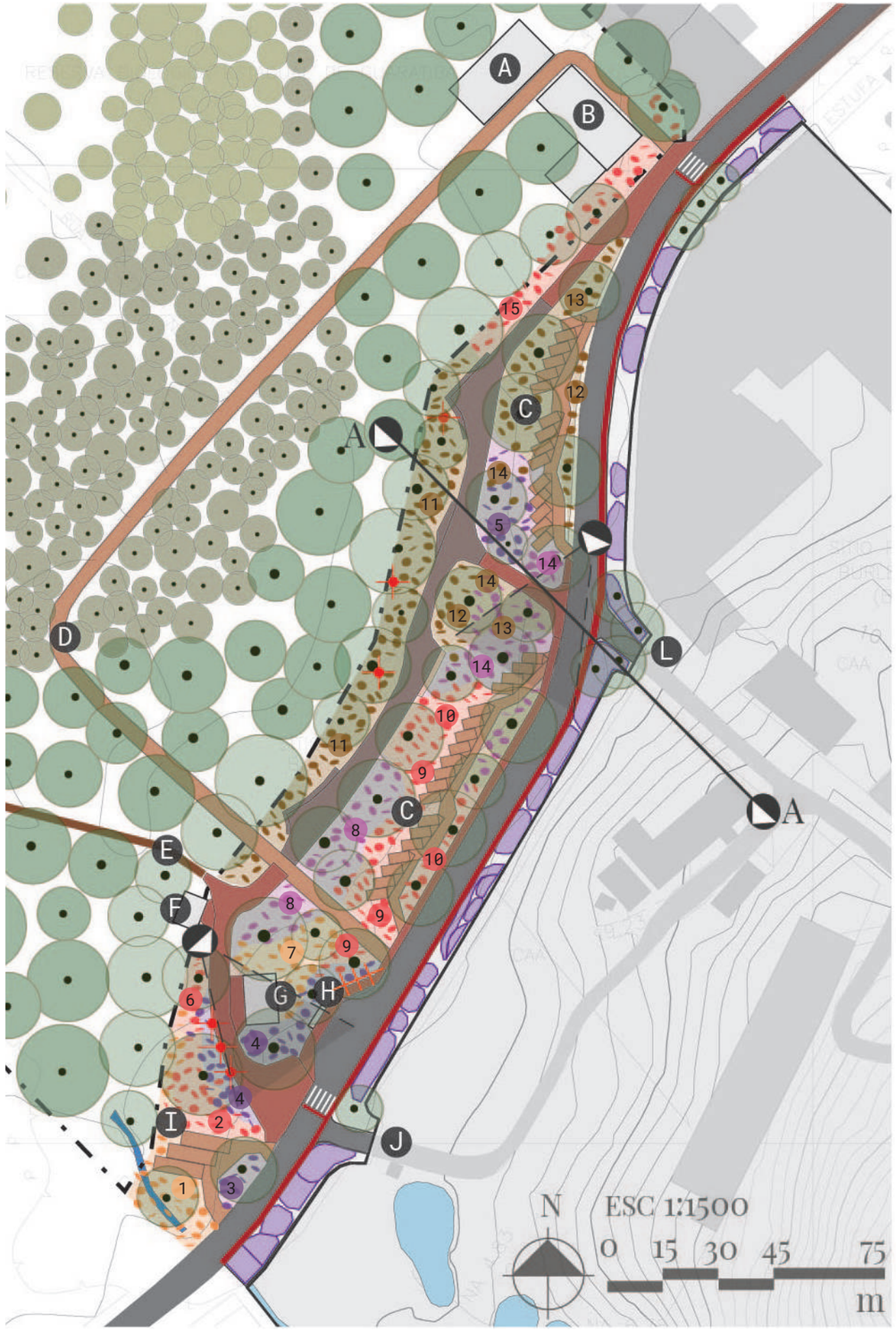
Pavimentação

- *Bloco intertravado terracota*
- *Bloco de pedra granito*
- *Terra batida*
- *Deck de madeira*
- *Área construída*

Árvores existentes

Mangue

Figura 207: **Planta baixa 1 do Passeio Burle Marx.**
Fonte: Elaborada pela autora.



Arbustos | Forrações

3 *Crinum sp.*
4 *Ctenanthe setosa*
5 *Maranta arundinaceae*
8 *Heliconia hirsuta*
14 *Heliconia psittacorum*

Porte médio | plantas de corte

1 *Pandanus sp.*
2 *Strelitzia reginae*
6 *Heliconia rauliniana*
7 *Costus speciosus*
9 *Heliconia pogonantha*
10 *Alpinea purpurata*
15 *Alpinia zerumbet*

Espécies sub-bosque de mangue

11 *Miconia staminea*
12 *Acrostichum aureum*
13 *Neoregelia cruenta*
14 *Anthurium luschnathianum*

Figura 208: **Planta baixa 2 do Passeio Burle Marx.**
Fonte: Elaborada pela autora.

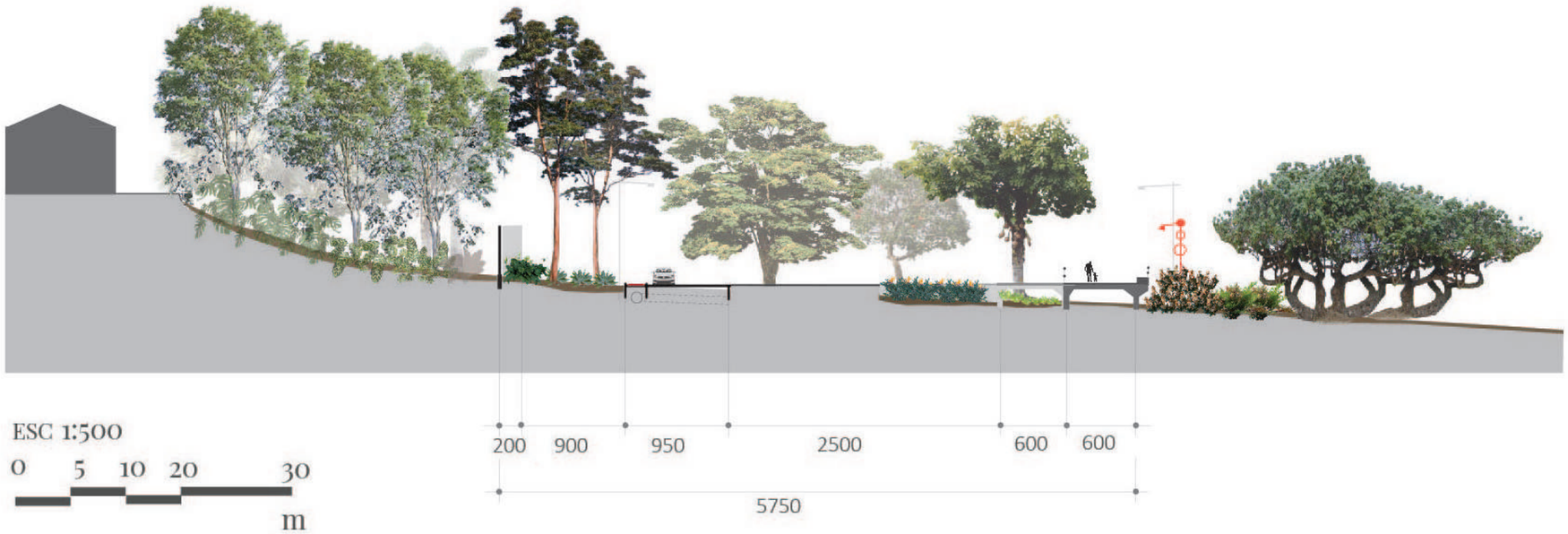


Figura 209: **Corte AA' do Passeio Burle Marx.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Caminho do mangue



Figura 210: **Localização do Caminho do Mangue no Percurso Barra. Indicação do ângulo da imagem em perspectiva.**
Fonte: Elaborada pela autora.

Por fim, o último espaço projetado a ser apresentado é o Caminho do Mangue (Figuras 210-216). O caminho é formado por passarelas de madeira elevadas, que ora adentram a área da Reserva e ora se dispõem como espaço público de livre acesso. A proposta aqui elaborada se volta especialmente a seu trecho no espaço público, que se conforma junto a uma área em processo de ocupação por construções. O passeio formado serve de limite entre as áreas dos lotes e o grande espaço alagadiço, criando um vínculo espacial e visual com a paisagem, e gerando um espaço de lazer mais intimista.

O percurso é conectado em sua extensão por passagens pavimentadas. No ponto de encontro do caminho elevado com estas passagens, formam-se pequenas praças ou áreas de estar. As duas praças que estão nas extremidades da proposta, no encontro com a Est. Roberto Burle Marx, tem maior visibilidade aos não-moradores do bairro, e podem assumir função de parada a quem esteja passando pela rua. Assim, se sugere para estes locais a implantação de pontos de comércio de alimentos, como lanchonetes ou afins. Existe atualmente na praça que está à esquerda, pontos de ônibus de ambos os lados da rua, que podem ser associados à estação de aluguel de bicicletas.

Figura 211: Vista da Serra Geral da Barra de Guaratiba. Imagem base da perspectiva do Caminho do Mangue.
Fonte: Google Street View, 2020.



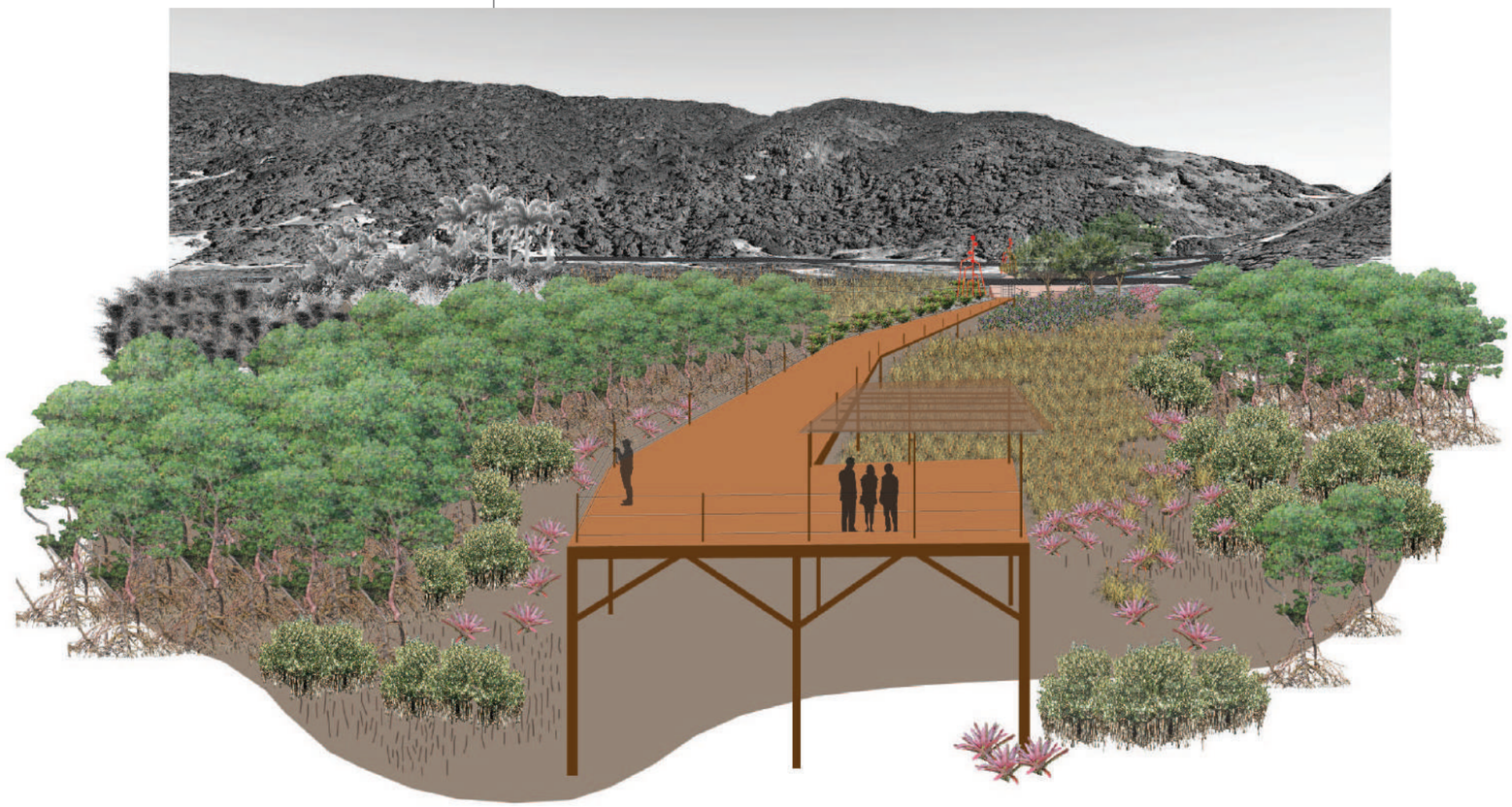


Figura 212: **Perspectiva do Caminho do Mangue.**
Fonte: Elaborada pela autora.



Figura 213: **Localização do Caminho do Mangue no Percurso Barra.**
Fonte: Elaborada pela autora.

As outras plataformas de estar tem suas passagens ligadas com a estrada secundária, a Est. Leônidas Carvalho. Esta via contém em sua extensão lotes com construções residenciais, alguns bares e restaurantes, sítios para eventos, hotéis fazenda e o alambique MaxCana, possuindo, portanto alguns pontos de atração de visitantes. Além disso, a posição da estrada permite avistar em seu eixo, para quem olha na direção à leste, algumas espécies de grande porte do Sítio Roberto Burle Marx, como as copas de árvores e palmeiras, sendo significativa a manutenção deste alcance visual.

Busca-se incorporar nesse espaço alguns conceitos presentes olhar paisagístico de Fernando Chacel[41], que adotava a chamada "Ecogênese"[42] em projetos de urbanização, prevendo a reintrodução de sistemas ecológicos nativos. Essa intenção se dá em parte pelo fato de haver uma estrada no bairro, que está disposta de forma semelhante a Estrada Leônidas Carvalho – o antigo Caminho da Itapuca, um pouco a frente na estrada principal – que foi recentemente renomeada como Rua Fernando Chacel. Esta homenagem gera alguns questionamentos por seus admiradores, pela razão de Chacel ter tido pouca relação em vida com a região de Guaratiba, e haver outros locais na cidade que o reconhecimento seria mais adequado. No entanto, a situação trouxe a vontade de se trazer também alusões a este outro grande paisagista carioca, reforçando o desejo de explorar a vocação local para a "cultura paisagística". O trabalho de Chacel, volta-se a urbanização de grandes áreas associando-as a seus ecossistemas locais, trazendo assim uma abordagem cada vez mais presente na perspectiva do paisagismo contemporâneo. Com isso, a utilização de uma combinação estética de espécies vegetais nativas dos mangues e restingas locais, buscando sua reintrodução no espaço urbano, estimula o debate local das diferentes formas de uso das plantas nas intervenções paisagísticas.

O percurso finaliza num observatório, com nível mais elevado que o da rua, que serve de mirante para a paisagem da região e que pode auxiliar no monitoramento da RBG.

41 Fernando Magalhães Chacel (1931-2011), arquiteto-paisagista na cidade do Rio de Janeiro, onde fundou o escritório CAP- Consultoria Ambiental Paisagística Ltda.

42 Conceito criado pelo Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, e consolidado no paisagismo por Fernando Chacel, que busca a reconstituição de ecossistemas parcialmente ou totalmente degradados, valendo-se de uma re-interpretação do ecossistema.

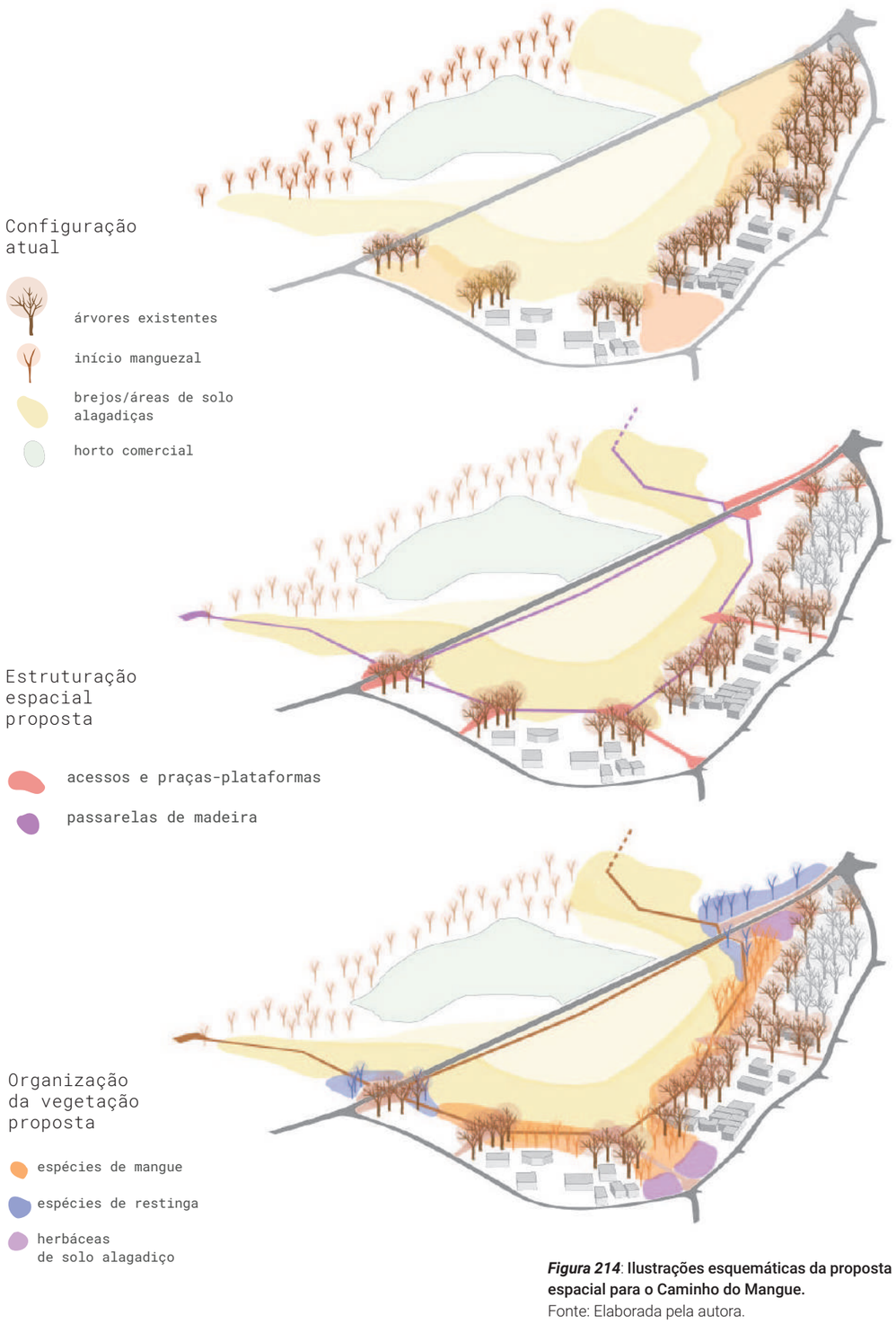


Figura 214: **Ilustrações esquemáticas da proposta espacial para o Caminho do Mangue.**
Fonte: Elaborada pela autora.



Figura 215: **Planta baixa do Caminho do Mangue.**
Fonte: Elaborada pela autora.

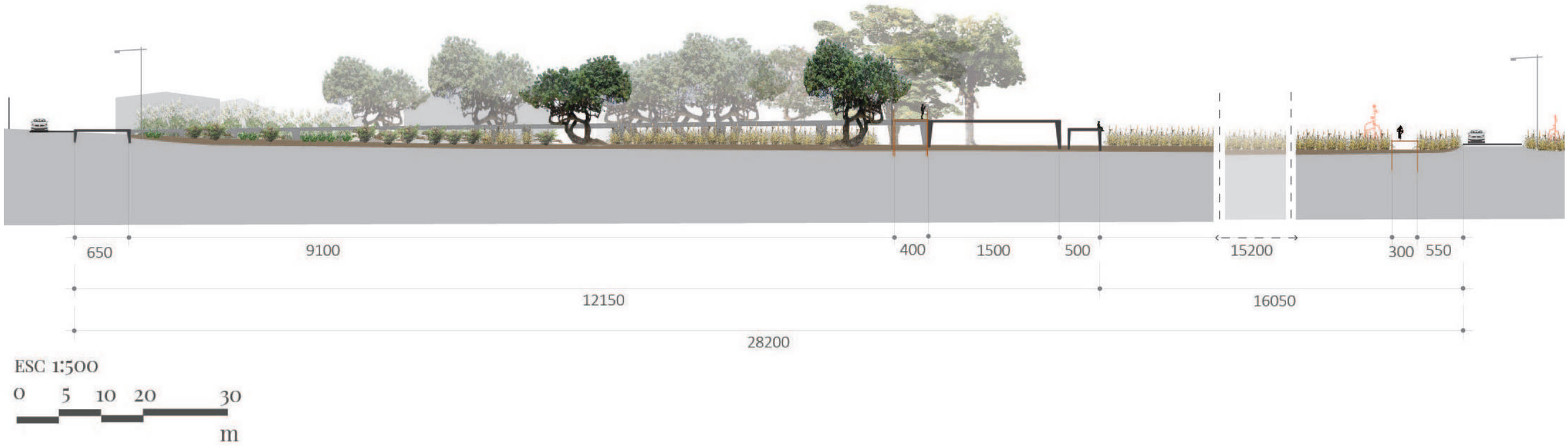
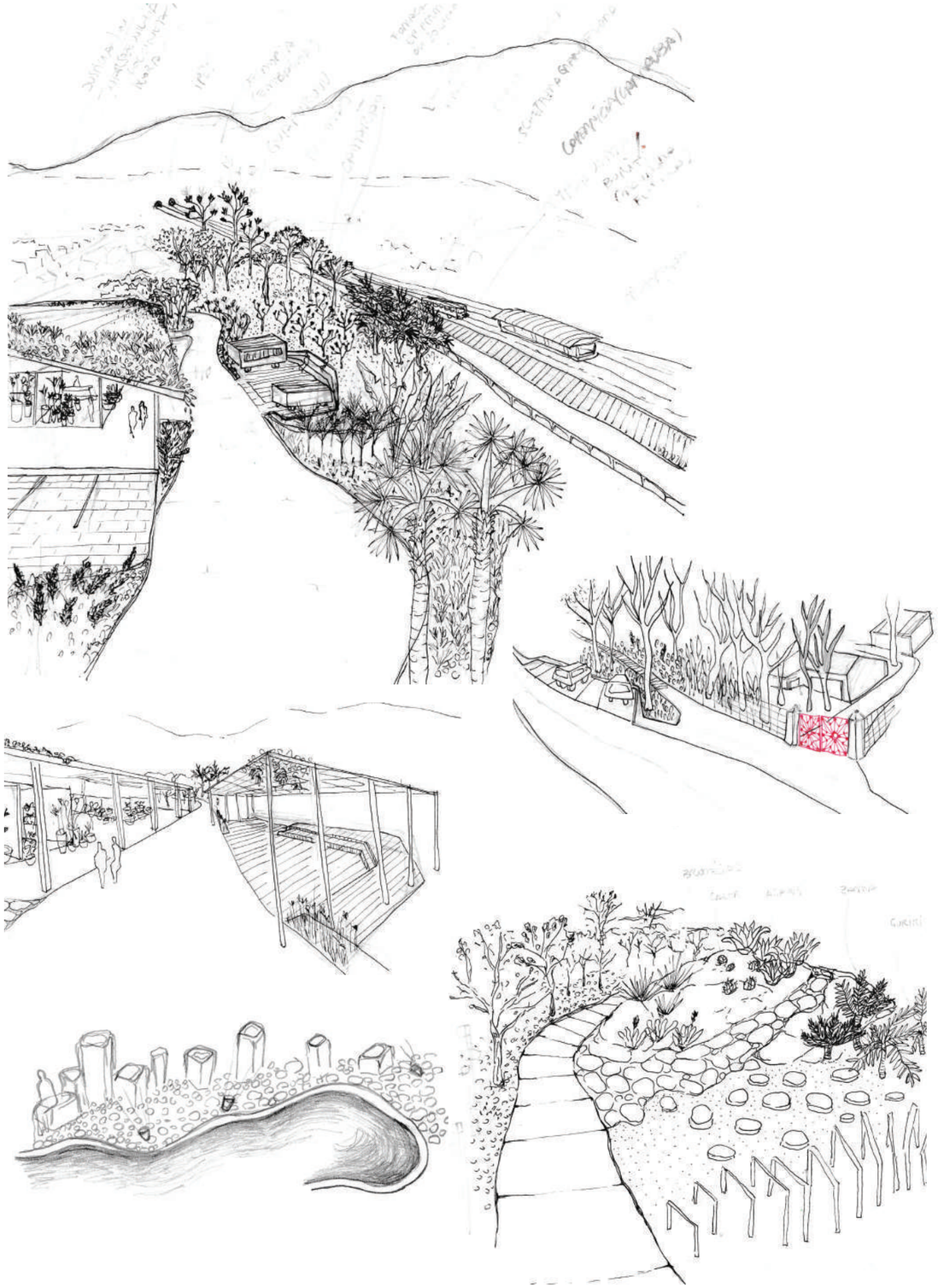
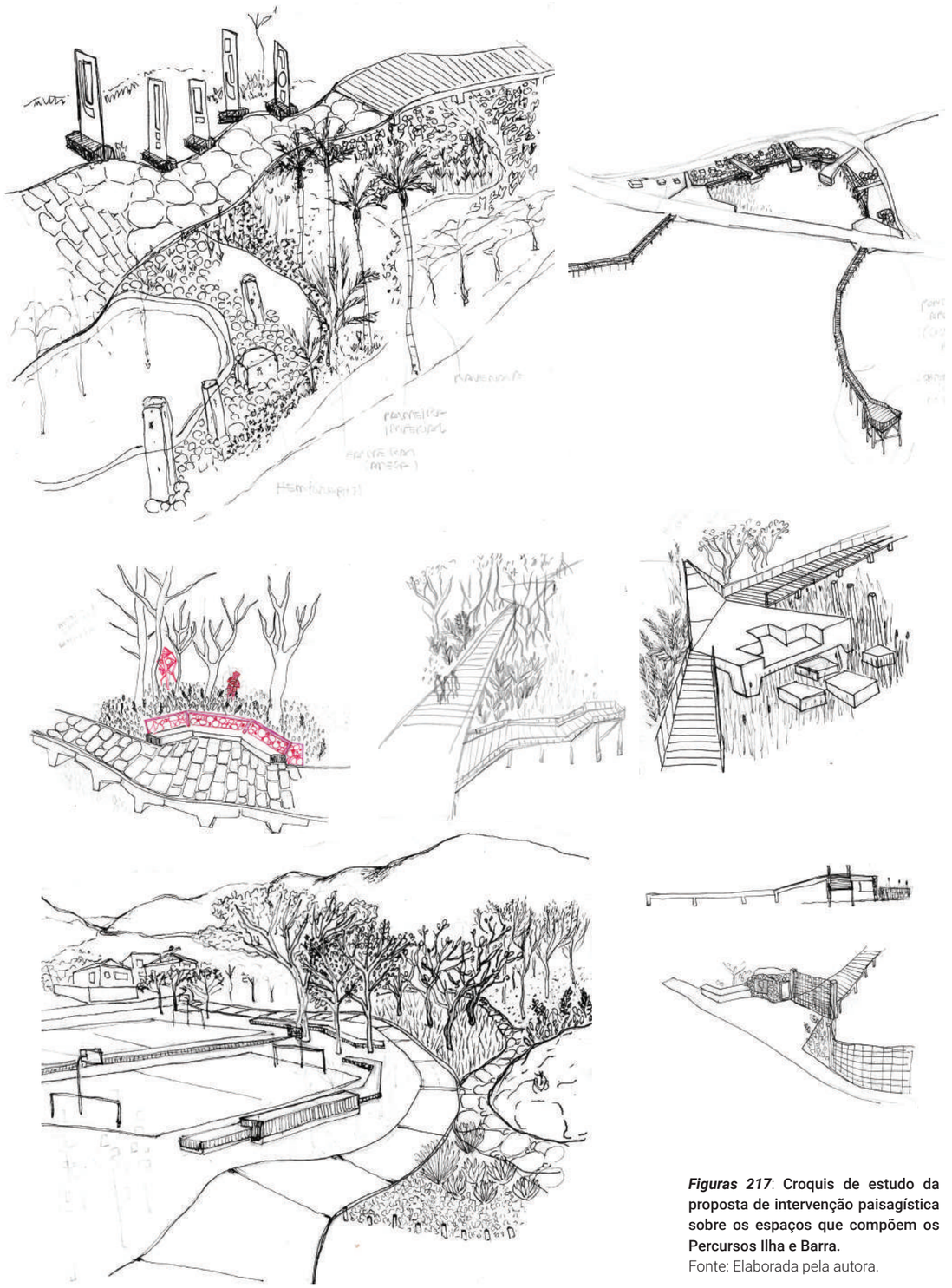


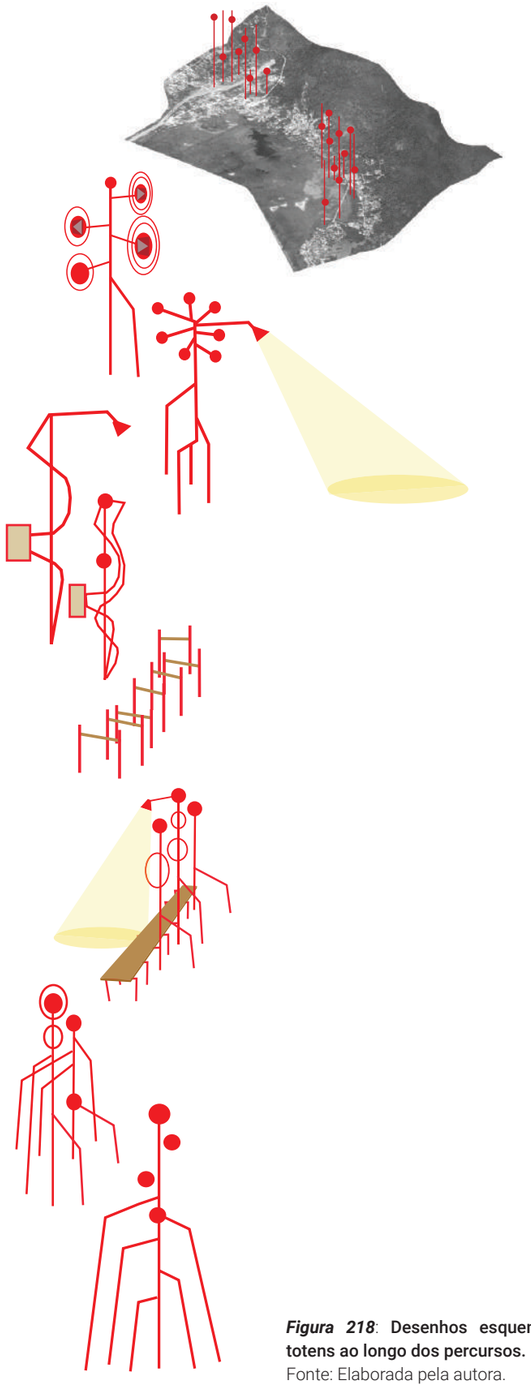
Figura 216: **Corte AA' do Caminho do Mangue.**
Fonte: Elaborada pela autora.





Figuras 217: **Croquis de estudo da proposta de intervenção paisagística sobre os espaços que compõem os Percursos Ilha e Barra.**
Fonte: Elaborada pela autora.

5.2.3. Totens temporais



Concluo a narrativa sobre as intervenções espaciais nos Percursos da Paisagem com a explicação sobre elementos simbólicos incluídos para gerar uma associação perceptiva entre os locais que os compõem (Figura 217). O uso de totens escultóricos distribuídos ao longo dos caminhos cria uma marcação visual contínua para quem o percorre (Figura 218). Ao mesmo tempo que se assemelham na sua estrutura – sugere-se que sejam todos de ferro e pintados de vermelho -, se diferenciam em suas formas, contando diferentes histórias através de sua leitura imagética. Representam, assim, o passar do tempo progressivo, mas os constantes retornos dos ciclos temporais.

Os totens fazem alusão à obra de Roberto Burle Marx, que muito utilizou do artifício da inserção de elementos escultóricos para gerar contrastes de sensações aos que percorriam os espaços criados por ele. Esses elementos contribuíam para a analogia que ele frequentemente fazia entre a composição na paisagem com a composição musical: o movimento do passeio em um jardim passa por uma sucessão de momentos que despertam um ritmo de sensações. Eles são, portanto, como marcações que constituem o movimento, tal qual os pulsos sonoros.

A utilização dos totens em intervalos espaciais continuados associa-se também à reflexão sobre a sucessão do tempo nessa paisagem. O movimento de quem atravessa estes percursos pode relacionar uma narrativa da trajetória cultural desta localidade. Manifesta-se, assim, figurativamente, a relação existente entre sua história, acontecimentos marcantes, ecossistemas, e permanências socioculturais, interpretados pelo olhar da formação da cultura

Figura 218: **Desenhos esquemáticos dos totens ao longo dos percursos.**
Fonte: Elaborada pela autora.

paisagística da região.

As marcações temporais por meio de elementos escultóricos intermitentemente espaçados teve como inspiração a representação da coreografia "*The seasons march*" (A marcha das estações), de Pina Bausch, no filme "Pina", dirigido por Wim Wenders. Nesta cena, os bailarinos caminham em marcha, com movimentos que sucessivamente se repetem, simbolizando as estações do ano (Figura 219). Eles estão num cenário desértico, e sua caminhada está marcada por estacas de madeira dispostas linearmente, conformando um elemento visual que destaca a sequência dos movimentos. Essa simbolização do tempo linear – que dialoga com a narrativa da memória e das transformações sucessivas presenciadas na paisagem – e do tempo cíclico – que se manifesta nos movimentos da natureza e da vida, despertaram portanto, o desejo por compor elementos que associem os dois percursos aqui projetados.



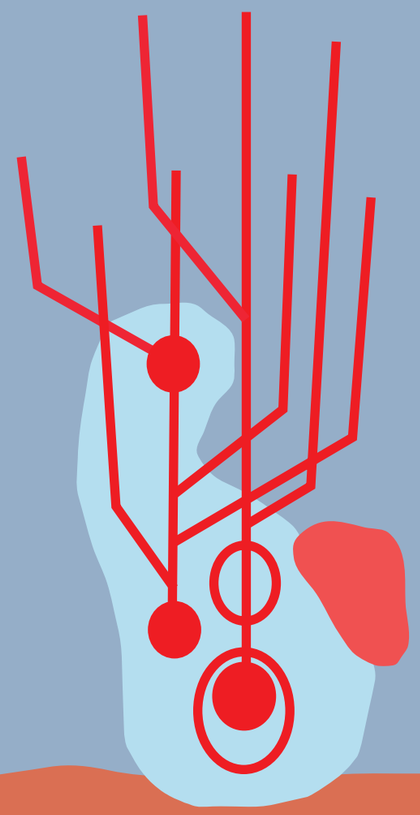
Figura 219: **Frames da coreografia "The Season March", de Pina Bausch.** Fonte: Filme "Pina", direção Wim Wenders, 2011.

Sua concepção busca materializá-los como objetos artísticos que formem imagens representativas da paisagem local. Assim, suas formas foram pensadas para associarem o traçado geométrico e sinuoso de Burle Marx, com representações abstratas de espécies botânicas simbólicas da região, tanto cultivadas quanto nativas (Figura 220). Esta perspectiva traz para estes elementos, além de seu aspecto artístico e recreativo, um viés educacional. Com isso, conecta-se uma rede de características que se pretende valorizar na criação destes percursos espaciais, concebendo uma trajetória que representem os elos contínuos desta paisagem, através do vínculo entre sua disposição natural e composição artística.



Figura 220: **Croquis dos totens.**
Fonte: Elaborada pela autora.

6. Considerações finais



O trabalho exposto teve como tema central a elaboração de uma proposta de intervenção paisagística sobre a Zona de Amortecimento do Sítio Roberto Burle Marx (ZA-SRBM), pensando-a como local instrumental para a valorização deste bem cultural e para o fortalecimento de sua relação com a paisagem do entorno. Para isso, realizaram-se estudos para o planejamento de uma ZA-SRBM ampliada e para projetos preliminares de paisagismo dentro deste recorte. Como reflexões finais desta dissertação, apontam-se as questões mais relevantes que perpassaram seu processo de elaboração. Destacam-se:
a) a **representação gráfica como recurso no estudo das paisagens**;
b) a **cultura paisagística no entorno do SRBM**;
c) o **papel educacional do projeto paisagístico**;
d) os **tempos na paisagem**.

a) Representação gráfica como recurso no estudo da paisagem:

Seu desenvolvimento esteve associado à visualização de possibilidades para a atuação sobre os caminhos futuros dessa paisagem. Diante disso, dedicou-se especial atenção ao trabalho gráfico, elaborado tanto no processo de análise territorial quanto na proposta, com a perspectiva de que o resultado obtido possa conduzir a uma comunicação ampla com agentes diversos. A atenção dedicada à representação visual do trabalho também associou-se ao contexto de seu desenvolvimento, inteiramente concebido no período da pandemia do Covid-19. Com as medidas de isolamento social recomendadas pela comunidade científica global e pela OMS (Organização Mundial de Saúde), a produção do trabalho se adaptou ao contexto, sendo elaborado num momento de afastamento do território e dos agentes locais. O entendimento da representação paisagística como instrumento de diálogo foi então reforçado. Buscou-se propiciar uma visualização clara e objetiva das leituras elaboradas e das medidas paisagísticas propostas, explorando o exercício de criação paisagística também como recurso de comunicação.

b) Cultura paisagística no entorno do SRBM:

O aporte teórico do trabalho envolveu dimensões amplas da temática do patrimônio cultural e paisagístico, e do processo de intervenção e salvaguarda para além da proteção das materialidades da memória. Buscou-se compreender como manter os bens culturais vivos numa sociedade, como partes não apenas do passado, mas do presente e do futuro; como locais de vivência, fontes de informação e de inspiração. Assim, pôde-se dar subsídios para as reflexões feitas sobre o recorte territorial e temático estudado, apontando vertentes para se pensar a relação entre a arquitetura paisagística e a salvaguarda cultural das paisagens.

O atual momento da recente inscrição do SRBM na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, traz a delimitação da Zona de Amortecimento como uma primeira medida formal de atuação de salvaguarda sobre seu entorno espacial. Com isso, um campo de discussão se abre sobre esta temática, que ainda terá um longo percurso pela frente. O trabalho aqui desenvolvido buscou pontuar debates iniciais, e aliá-los a um exercício de projeto paisagístico, visando espacializar cenários potenciais. A discussão iniciada, contudo, pode ir além, com inúmeros desdobramentos possíveis. Isto porque a espacialidade física é apenas uma das facetas da relação do Sítio com sua paisagem de entorno. O que aqui se chamou de *cultura paisagística* trata de um aspecto simbólico marcante do entorno do SRBM que se incorpora à temática da salvaguarda do patrimônio cultural para além da materialidade. No campo do patrimônio,

se dissolve cada vez mais a dicotomia entre o que é material e imaterial, e se reforça a noção de que estes aspectos estão atrelados um ao outro; os elementos físicos e as atividades humanas complementam o valor associado aos bens culturais.

Esta cultura, como um conjunto amplo de atividades, de formas de saber-fazer, de dinâmicas socioculturais ligadas à produção do paisagismo carioca, nacional e global, se configurou no recorte dos bairros de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba a partir do Sítio, e foi estabelecida pelo impulsionar artístico, horticultor, paisagístico de Burle Marx, criando um elo condutor até os dias atuais. São aspectos desta cultura desde a memória das trocas socioculturais da população local com Burle Marx e o Sítio; a relação atual a partir de atividades como a celebração da procissão de Santo Antônio; a produção existente nos bairros locais de plantas ornamentais e sua comercialização como atividades socioeconômicas; os saberes sobre botânica ou sobre os cuidados com a terra e com as plantas; até o turismo local existente em torno dos atrativos naturais e paisagísticos. São fatores combinados que resultam numa forma singular de troca humana com a paisagem. Esta singularidade consolida a compreensão do SRBM como um bem inscrito na categoria paisagem cultural, que sobrepõe fatores socioculturais e biofísicos.

A incorporação da temática das manifestações intangíveis do SRBM nos estudos desta paisagem foi desafiadora. Pesquisas sobre os valores associados ao SRBM no território se mostram escassas e pouco exploradas no meio acadêmico, embora esta relação simbólica existente seja bastante perceptível e consolidada entre frequentadores do Sítio e moradores dos bairros citados. O conteúdo aqui abordado sobre o tema coloca esta discussão como um impulso inicial ao seu desenvolvimento. O próprio termo "cultura paisagística" foi adotado pela ausência de uma forma concisa para se referir a este conjunto de dinâmicas associadas ao fazer paisagístico, e teve como referência a definição dos "saberes e práticas paisagísticas" expressada por Alda Ferreira (2018). Assim, um esboço desta discussão sobre as práticas locais ligadas à produção paisagística foi desenvolvido especialmente a partir de entrevistas e observações de uso no lugar. Mesmo com as restrições sanitárias existentes no período de sua execução, foi possível identificar alguns dados relevantes que marcam uma estruturação deste conteúdo. Se melhor explorados no futuro, estes dados podem contribuir ao estudo da relação entre o SRBM e a paisagem de entorno, bem como dar indicativos de como associá-los à salvaguarda deste patrimônio.

Falar de aspectos imateriais nos estudos sobre o patrimônio cultural, usualmente associa-se à ferramentas tais quais o registro, os incentivos, a valorização e a transmissão educacional. Cabe, então, valer-se cada vez mais de sistemáticas para uma melhor compreensão de como essa cultura se manifesta. Que saberes as consolidam? Quem são os agentes que os detém? Qual é sua estrutura social? Como se organiza no espaço? Tais questões se complementam com a noção de que a forma que a cultura se estabelece continuamente em uma sociedade é pela transmissão entre gerações. As práticas e os saberes se renovam mas seguem suas narrativas a partir dos ciclos de comunicação entre os agentes socioculturais. Cabe entender como se mantém essa comunicação viva, tendo a paisagem como elemento didático. Pode-se, então, perceber a questão educacional como aspecto que une pontos diversos do trabalho, integrando os debates do patrimônio cultural, da criação paisagística, da

inspiração nos conceitos de Burle Marx e da percepção sobre o valor cultural do SRBM.

O Sítio, entendido como marco do "jardim modernista tropical", está ligado historicamente ao desenvolvimento de uma transformação de perspectiva na concepção dos espaços humanos junto aos elementos naturais. O discurso utilizado por Burle Marx em sua busca por experimentar com espécies tropicais e nativas brasileiras e utilizá-las em seus projetos de jardins esteve muitas vezes pautado na vontade de conectar a população com seus ecossistemas. Ele ressaltou assim sua visão dos jardins como espaços didáticos, que poderiam estreitar as relações afetivas e o conhecimento da população urbana com a vegetação. Este discurso estaria adaptado ao contexto de seu tempo, associado à valorização de uma estética voltada à concepção de uma identidade nacional, que marcou o modernismo brasileiro. A coleção de plantas tropicais presentes no Sítio é então símbolo de uma composição formal experimental que buscou desenvolver uma transformação na forma de se projetar com as plantas. O local tem caráter de laboratório, onde se realiza experimentações com a vegetação a partir da troca de conhecimento entre agentes diversos, culminando na construção de uma dinâmica própria no saber e no fazer paisagens.

c) Papel educacional do projeto paisagístico:

A elaboração de um projeto de paisagismo para espaços da Zona de Amortecimento do SRBM teve como premissa o fortalecimento dos elos com este entorno espacial, evidenciando os valores marcantes do bem. Assim, seu viés experimental e educacional foram chaves para a concepção dos dois percursos propostos. A ideia seria a de prolongar a visão da paisagem como escola para além dos muros do Sítio, buscando uma didática ampla sobre esta paisagem, suas características ambientais e sua memória. O trabalho trouxe esforços para não se estagnar numa ideia rígida de conservação patrimonial nem na associação com paisagismo modernista e com a obra de Burle Marx. Buscou-se cuidado em não fazer associações demasiado literais nas decisões de projeto, mas em dialogar fatores diversos em referência aos valores culturais considerados marcantes, associando-os a novas demandas existentes.

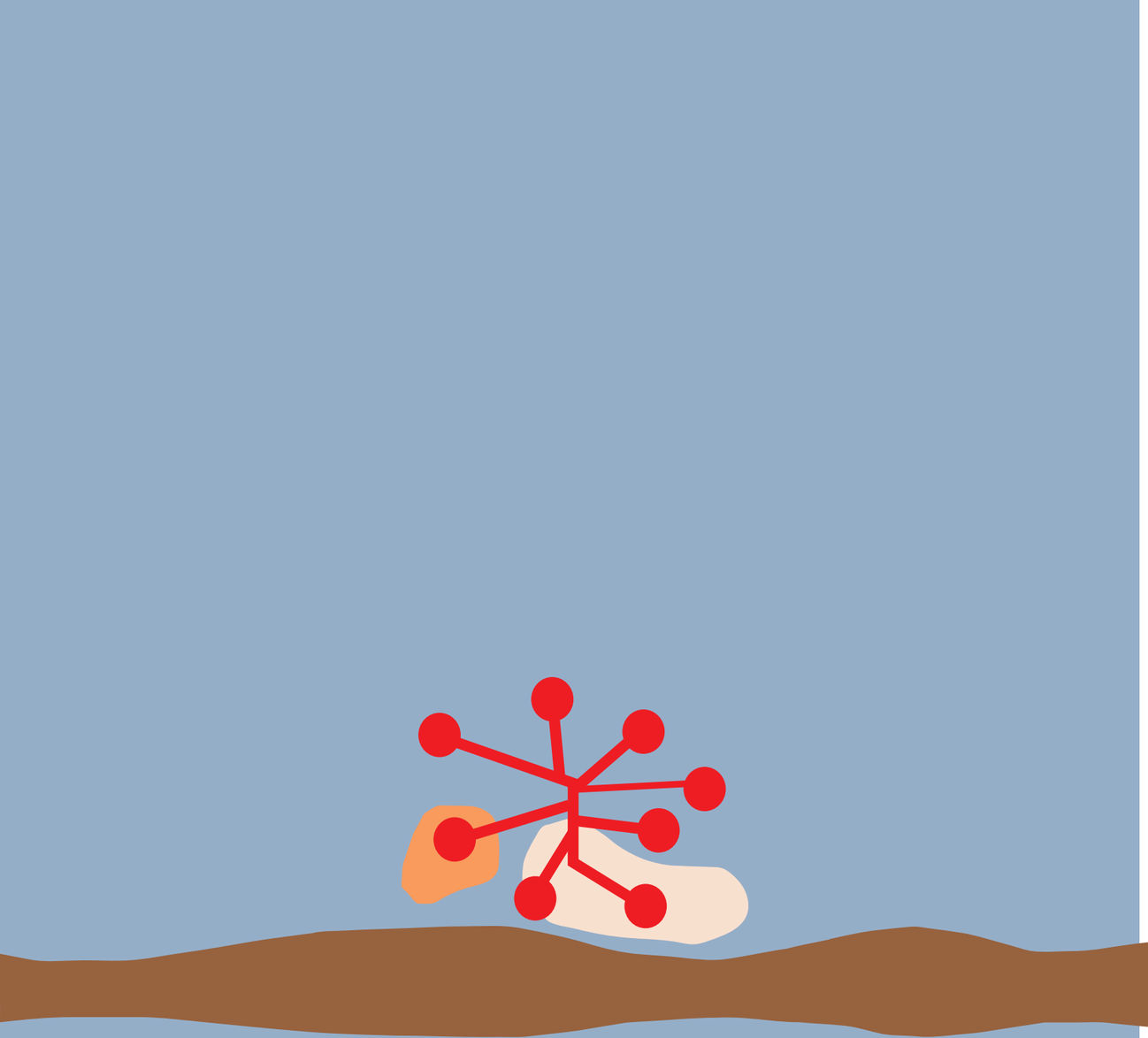
Foi determinante para isto entender o papel dos entornos espaciais dos bens culturais como locais de projeção para uma difusão cultural, ou seja, instrumentos de conexão e comunicação com a população e o espaço circundante. Pensar num desenho para a paisagem que fosse comunicador de seus atributos levou ao exercício de síntese de suas características biofísicas, socioculturais e urbanas. A partir dessa leitura, a proposta traduziu-se em dois percursos conectados entre si que possam configurar espaços de lazer reveladores dos valores singulares da paisagem, da cultura local, do Sítio e do legado de Roberto Burle Marx. Os percursos foram então desenhados com a intenção de explorar uma experiência sensorial ligada à composição desta paisagem, explorando sua configuração urbana linear, acomodada entre montanhas e terras alagadiças. Ao percorrer este caminho, poderia-se assim perpassar as narrativas de sua trajetória histórica, seus ecossistemas, suas atividades socioeconômicas e culturais. Como destaque desta narrativa estaria o Sítio Roberto Burle Marx, definidor do recorte espacial.

d) Os tempos na paisagem:

Para exploração de um desenho paisagístico que simbolize este bem cultural se adotou a narrativa do tempo na paisagem como recurso poético e inspiracional. Esta perspectiva associa-se às discussões sobre memória, ciclos da natureza, e se entrelaça ao processo de criação de Burle Marx, que diversas vezes proferiu que adotava o tempo como instrumento estético. Ele fazia analogia entre a experiência de percorrer jardins e a experiência musical, já que ambas são sentidas através dos intervalos de tempo. Os percursos propostos buscaram marcar uma experiência espacial e temporal que envolva uma diversidade de narrativas e características da paisagem a partir das decisões estéticas tomadas. As reflexões feitas tratam da passagem linear do tempo, seus retornos e sobreposições a partir das formas como os evocamos e interagimos com seus diferentes cenários. Nesse sentido, a intervenção paisagística se revela por essência como um olhar aos vislumbres futuros, em novas possibilidades na forma de lidar com a percepção do que incessantemente se modifica.

Por isso, pensou-se nesses vislumbres como em "continuidades"; uma proposta voltada a um prolongamento de elos com características que se escolheu ressaltar e dar visibilidade; uma conversa entre os tempos da paisagem. A narrativa não se completa, mas é uma constante conversa, que aqui se traduziu numa fala sugestiva e condutora de outros olhares. Espera-se que a continuidade tome caminhos proveitosos e possa ser construída de novas falas e diálogos, ampliando as visões desta narrativa histórica. Diz-se que Burle Marx costumava proferir que "o tempo completa", em referência a condução orgânica da natureza sobre suas obras[43]. O debate aqui conduzido também coloca o tempo como princípio, num ensaio sobre as continuidades possíveis para as narrativas culturais dessa paisagem.

43 Descrição de Lauro Cavalcanti para a exposição "O tempo completa", organizada pelo Instituto Burle Marx e Casa Roberto Marinho, em 2021.



Referências bibliográficas

BERQUE, Augustin; ***Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural.*** In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny; Paisagem, tempo e cultura. EdUERJ. Rio de Janeiro, 1998.

BESSE, Jean-Marc; ***Las Cinco Puertas del Paisaje: ensayo de una cartografia de las problemáticas paisajeras contemporâneas***. In: MADERUELO, Javier; Paisaje y Pensamiento. P 145-171. Abada Editores. Madrid, 2006.

BURLE MARX, Roberto; DOHERTY, Gareth; ***Roberto Burle Marx Lectures: Landscape as Art and Urbanism***. Lars Müller Publishers. Zürich, Switzerland, 2018.

BURLE MARX, Roberto; TABACOW, José W.; ***Arte e Paisagem: conferências escolhidas***. Livraria Nobel. São Paulo, 1987.

CARLOS, Cláudio A. S. L.; ***Áreas de Proteção do Ambiente Cultural (APAC): da idealização à banalização do patrimônio cultural – RJ***. Tese (doutorado) em Urbanismo – PROURB/UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

COSGROVE, Denis; ***Liminal Geometry and Elemental Scape: Construction and Reprentation***. In CORNER, James; Recovering Landscapes: Essays in Contemporary Landscape Architecture. Princeton Architectural Press. New York, 1999.

CORNER, James; ***Recovering Landscape as a Critical Cultural Practice***. In CORNER, James; Recovering Landscapes: Essays in Contemporary Landscape Architecture. Princeton Architectural Press. New York, 1999.

DELPHIN, Carlos F. de M.; ***Manual de Intervenção em Jardins Históricos***. IPHAN/Minc. 1999.

DIAS, Robério; ***O patrimônio paisagístico do Sítio Roberto Burle Marx: uma visão geográfica***. Tese (doutorado). Departamento de Geografia UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

FARAH, Ivete M. C.; ***Arborização Pública e Desenho Urbano na Cidade do Rio de Janeiro: a contribuição de Roberto Burle Marx***. Dissertação (mestrado). PROURB/UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.

FEITOSA JR, Wilson de B.; ***O Jardineiro na Conservação dos Jardins Públicos do Recife.*** Trabalho Conclusão de Curso, Arquitetura e Urbanismo UFPE. Recife, 2017.

FERREIRA, Alda A.; ***Os saberes e as práticas paisagísticas na construção da Paisagem Cultural Carioca***. Tese (doutorado). PROARQ/FAU/UFRJ. Rio de Janeiro, 2018.

FLORIANO, César. ***Roberto Burle Marx: Jardins do Brasil, a sua mais pura tradução***. Revista Esboços N 15, UFSC. Florianópolis, 2007.

HERZOG, Cecilia Polacow; ***Guaratiba Verde: Subsídios para o projeto de infra-estrutura verde em área de expansão urbana na cidade do Rio de Janeiro***. Dissertação (Mestrado). PROURB - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.

IFLA - International Federation of Landscape Architetcs – Américas; ***Carta da Paisagem das Américas. Descobrir as Paisagens das Américas: desenhar, planejar, conservar e gerir***. 47o Congresso Internacional da Paisagem. Cidade do México, 2018.

INEA – Instituto Estadual do Ambiente; ***Plano de Manejo Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB)***. Resolução Inea no 74, de 2 de julho de 2013.

INEA – Instituto Estadual do Ambiente; ***Plano de Manejo da Reserva Biológica Estadual de Guaratiba (RBG)***. Resolução Inea no 75, de 20 de agosto de 2013.

IPHAN. ***Cartas patrimoniais***. 3. ed. rev. aum. IPHAN. Rio de Janeiro, 2004.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; ***Inventário Nacional de referencias culturais: manual de aplicação***. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília, 2000.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; ***Nomination of Sítio Roberto Burle Marx for Inscription on the World Heritage List (Dossiê de Candidatura)***. Iphan, Rio de janeiro, 2019.

LOWENTHAL, David; ***Past time, present place: landscape and memory***. The geographical review, vol. 65, no. 1, p. 1 a p. 36. American Geographical Society. New York, 1975.

MAGALHÃES CORRÊA; ***O Sertão Carioca***. Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1936.

MAROT, Sébastien; ***The reclaiming of sites***. In CORNER, James; Recovering Landscapes: Essays in Contemporary Landscape Architecture. Princeton Architectural Press. New York, 1999.

MARQUES DA SILVA, Joelmir; CARNEIRO, Ana Rita S.; FEITOSA JÚNIOR, Wilson de B; ROLIM, Maria Eduarda D. de O.; ***A praça da Casa Forte: um jardim histórico, um patrimônio cultural do Brasil***. In.: Anais do Museu Paulista. Nova Série, vol. 27, p. 1-30. São Paulo, 2019.

MOTTA, Lia; THOMPSON, Analucia; ***Entorno de bens tombados***. IPHAN/DAF/Copedoc. Rio de Janeiro, 2010.

MONTEIRO, Júlia; MELLO, Fernanda V.; ***Práticas Paisagísticas do Sítio Roberto Burle Marx: um inventário a partir das experiências vivenciadas***. In: 14o Seminário Docomomo Brasil. Belém, 2021.

NORDENSON, Catherine S.; ***Depositions: Roberto Burle Marx and public landscapes under dictartorship***. University of Texas Press. Austin, 2018.

OLIVEIRA, Ana Rosa de; ***Paisagens particulares: Jardins de Roberto Burle Marx (1940 – 1970)***. FAPERJ, Ed. Dantes. Rio de Janeiro, 2015.

PDMAP - ***Plano Diretor de Manejo das Águas Pluviais da Cidade do Rio de Janeiro***; Secretaria de Obras/Rio-Águas. Rio de Janeiro, 2014.

RIBEIRO, Rafael Winter; ***Paisagem Cultural e Patrimônio***. IPHAN/COPEDOC. Rio de Janeiro, 2007.

RIBEIRO, Rafael Winter; ***Gestão da Paisagem, Gestão da Cidade: Quais os legados do Rio de Janeiro para o patrimônio mundial?*** In Revista CPC, n. 27, p.144-166. São Paulo, 2019.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; FEITOSA JR.; Wilson de B.; SILVA; Joelmir M.; VERAS; Lucia M. de S. C.; ***O jardineiro e a gestão dos jardins tombados de Burle Marx no Recife***. In: PESSOA,

Ana; FASOLATO, Douglas (Orgs); Jardins históricos: intervenção e valorização do patrimônio paisagístico. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 2018.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; FIGUEIRÔA, Aline; GIRÃO, Pricylla; ***O jardim moderno de Burle Marx: um patrimônio na paisagem do Recife.*** In 5o Seminário Docomomo, Arquitetura e urbanismo modernos: projeto e preservação. São Carlos, 2003.

SMAC-RIO – Secretaria do Meio Ambiente - Prefeitura do Rio de Janeiro; ***Manual de produção de mudas de espécies nativas do bioma Mata Atlântica do Horto Municipal Carlos Toledo Rizzini***. Rio de Janeiro, 2020.

SMU-RIO – Secretaria Municipal de Urbanismo – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Proposta de Legislação Urbanística – ***Área dos Polos Gastronômicos, Culturais e de Plantas Ornamentais da Região Administrativa de Guaratiba***; Rio de Janeiro, 2013.

SMU-RIO – Secretaria Municipal de Urbanismo – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; ***Guaratiba: Plano de Ocupação***. Rio de Janeiro, 2019.

SMU-RIO – Secretaria Municipal de Urbanismo – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; PEU – ***Plano de Estruturação Urbana/ Gerência de Planejamento Local – AP-5***. Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Milton; ***O território e o saber local: algumas categorias de análise***. Cadernos IPPUR, Ano XIII, no 2, p. 15-26. Rio de janeiro, 1999.

SCHLEE, Mônica Bahia; ***The role of buffer zones in Rio de Janeiro urban landscape protection***. In.: Journal of Cultural Heritage Management and Sustainable Development. Vol. 7 No. 4, p. 381-406. Emerald Publishing Limited, UK, 2017.

TARDIN, Raquel; ***Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial***. Editora 7Letras. Rio de Janeiro, 2008.

TITO ROJO, J.; CASARES PORCEL, M. ***Especificidad y dificultades de la restauración en jardinería***. Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico. Sevilla: Consejería de Cultura Junta de Andalucia, año VII, n. 27, p. 138 a 145. Sevilla, 1999.

WALL, Alex; Programming the Urban Surface. In CORNER, James; ***Recovering Landscapes: Essays in Contemporary Landscape Architecture***. Princeton Architectural Press. New York, 1999.

Documentos:

Processo 1131-T-84, vols. I, II e III. (Processo de tombamento SRBM)

ICOMOS – International Council os Monuments and Sites; ***Evaluations of Nominations of Cultural and Mixed Properties***. Icomos report for the World Heritage Comittee – 44th extended session, Fuzhou (China). 2021.

AUSTROADS (Association os Australasian road and transport agencies); ***Guide to traffic Management Part 6: Intersections, Interchanges and Crossings***. Austroads Ltd. Sydney, 2017.

Convenção para a proteção do Patrimônio Mundial, cultural e natural - Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, Paris, 1972.

Entrevistas:

SOUZA, Marlon C. Entrevista concedida a Fernanda V. Mello. Rio de Janeiro, 14 de abril e 16 de setembro de 2021.

REIS, Maurício. Entrevista concedida a Fernanda V. Mello. Rio de Janeiro, 14 de abril e 16 de setembro de 2021.

SOARES, Cláudia; SOARES Bruna. Entrevista concedida a Fernanda V. Mello. Rio de Janeiro, 14 de abril e 16 de setembro de 2021.

STORINO, Cláudia M. Entrevista concedida a Fernanda V. Mello. Rio de Janeiro, 14 de abril e 16 de setembro de 2021.

VALENTE, Marisa. Entrevista concedida a Fernanda V. Mello. Rio de Janeiro, 14 de abril e 16 de setembro de 2021.

MOREIRA; Carlos. Entrevista concedida a Fernanda V. Mello. Rio de Janeiro, 14 de abril e 16 de setembro de 2021.

UFRJ

FAU

